

ANTONIO D'ÁVILA
PRÁTICAS ESCOLARES

1.^o VOLUME

PRÁTICAS ESCOLARES

73
i

PUBLICAÇÕES DO AUTOR:

- 1 — AS MODERNAS DIRETRIZES DA DIDÁTICA (tese de concurso) — 1935.
- 2 — DIDÁTICA DA ESCOLA NOVA (Aguayo) co-tradução — 1934.
- 3 — GUIA DO ESTUDANTE (Português) 2.^a edição — 1940.
- 4 — PRÁTICAS ESCOLARES — 2.^o volume.
- 5 — PRÁTICAS ESCOLARES — 3.^o volume.
- 6 — PEDAGOGIA — teoria e prática (2 volumes).
- 7 — O TESOURO DA CRIANÇA — Leituras — 4 graus primários.
- 8 — ALVORADA — Leituras — 4 graus primários.
- 9 — LITERATURA INFANTO-JUVENIL.
- 10 — D. BOSCO — BIOGRAFIA — IN "GRANDES EDUCADORES".
- 11 — OS INTERESSES DA ADOLESCÊNCIA — Palestra.
- 12 — EDMUNDO DE AMICIS — Palestra.
- 13 — SANTA TERESA DE JESUS E O MAGISTÉRIO — Palestra.
- 14 — SABER E SABER ENSINAR — Palestra.
- 15 — QUE FAZER COM OS MENORES DE 12 a 14 ANOS — Palestra.
- 16 — A MULHER NO MAGISTÉRIO DE SÃO PAULO — Palestra.
- 17 — OS SEGREDOS DA PERSONALIDADE — Palestra.
- 18 — POESIA E GLÓRIA DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA — Conferência.
- 19 — A MULTIPLICIDADE DAS TAREFAS DO PROFESSOR — Palestra.
- 20 — O PROFESSOR EM FACE DO LIVRO — Palestra.
- 21 — GRANDES FIGURAS DO MAGISTÉRIO FEMININO — Conferência.
- 22 — O ADULTO EM FACE DA CRIANÇA — Palestra.
- 23 — D. BOSCO E A CRIANÇA — Conferência.
- 24 — POESIA E EDUCAÇÃO — Conferência.
- 25 — CASTIGO E EDUCAÇÃO — Conferência.
- 26 — SAUDAÇÃO AOS PROFESSORES DE 1907 — Discurso.
- 27 — DISCURSO DE POSSE — INST. HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE S. PAULO.

Saraiva  LIVREiros EDITóRES

Departamento Editorial: Rua Fortaleza, 53 — Fone, 32-1149
Officinas Gráficas: Rua Sampson, 265 — Fone, 93-3244
Varejo: LIVRARIA ACADÊMICA — Praça Ouvidor Pacheco e
Silva, 28 — Fones: 32-1296 e 32-0619 — Caixa Postal, 2362
End. Teleg.: Acadêmica — SÃO PAULO

ANTÔNIO D'ÁVILA

Ex-Diretor do Serviço de Orientação Pedagógica do Departamento
de Educação — Assessor Técnico da Divisão de Ensino no
SENAI em São Paulo

PRÁTICAS ESCOLARES

DE ACÓRDO COM O PROGRAMA DE PRÁTICA DO ENSINO DO
CURSO NORMAL E COM A ORIENTAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO

1.^o VOLUME

10.^a edição

revista, atualizada e com as últimas iniciativas do
Departamento de Educação.

EDIÇÃO SARAIVA
SÃO PAULO

1965

PREFÁCIO DA 10.^a EDIÇÃO

O aparecimento da 10.^a edição do 1.^o volume de Práticas Escolares demonstra, por si só, a integral aceitação de um livro, único no gênero e pioneiro de publicações congêneres, a que êle deu norma e feitio.

Consagraram o volume o professorado em geral e os estudiosos dos problemas de educação e didática, como consagraram a série de três volumes, que Saraiva S. A. — Livreiros Editôres publicaram em conjunto.

A obra completa Práticas Escolares compreende o essencial do assunto que normalistas e professores primários devem conhecer, publicado juntamente com copiosa bibliografia, modelos de exercícios, de testes e de trabalhos práticos.

Estruturada assim e alicerçada no que há de melhor no terreno da metodologia, nesta edição, embora revista e atualizada, o livro conserva as características com que apareceu, na 1.^a edição. Mas vem hoje enriquecido de novas referências e dados bibliográficos.

São Paulo, janeiro de 1965

OS EDITÔRES



I

A ESCOLA. O MOBILIÁRIO. O MATERIAL.

Leitura. — "Fazem-se luxuosos edifícios, verdadeiros palácios escolares que custam fortunas. Entretanto, as crianças que nêles devem educar-se precisam estar rígidas durante horas e horas em bancos-carteiras, construídos segundo tôda espécie de requisitos antropométricos, mas que não deixam de ser instrumentos de tortura, com os quais se condenam à imobilidade. Fazem-se classes denominadas higiênicas, cubicadas e iluminadas de acôrdo com as recomendações científicas, porém, não podem as crianças respirar o ar livre, receber a luz direta, permanecendo sumidas em ambiente inadequado, privadas das atividades verdadeiramente formadoras."

A escola em seu aspecto material. — Muito embora não caiba ao professor senão em casos excepcionais, opinar a respeito de construções escolares, necessita êle, mais do que nunca, de conhecimentos relativos ao assunto, de notícias sôbre exigências elementares da higiene e da pedagogia, no tocante a essas construções. Talvez munido dêsses conhecimentos possa o mestre, levado a uma escola qualquer, concorrer para melhorar o ambiente em que vai desenvolver a obra de educação.

Das exigências fundamentais a que aludimos podemos apresentar as seguintes:

Terreno. — Cuidados especiais requer a escolha do terreno para a construção escolar. A sua salubridade, a sua situação, a sua finalidade devem ser bem consideradas, para que sirva realmente à população escolar. Só mesmo quem precisou de lecionar em classes úmidas e excessivamente frias, pode avaliar os danos que êsse fato produz no ânimo e na saúde dos alunos. Aquêle que lecionou em classes chegadas a ruas barulhentas, e sofreu tôdas as conseqüências dessa circunstância, obrigado a gritar para lecionar, pode avaliar a desvantagem de classes mal colocadas, junto a vias movimentadas, a fábricas, e a oficinas ruidosas.

Além do barulho, é preciso evitar que a escola se localize em lugares sujeitos a poeira e a resíduos trazidos pelas chaminés de fábricas.

O terreno deve ser de preferência sólido, "em cuja composição entre uma proporção suficiente de areia, pedregulho ou calcáreos, favoráveis à conservação da permeabilidade, à água e ao ar, pois os terrenos em que predominam húmus e argila impedem a circulação do ar e retêm a água, estabelecendo assim a estagnação de ambos, o que não só é desfavorável à saúde das crianças, como à conservação das paredes e dos móveis". (DR. VIEIRA DE MELLO).

Vizinhanças há que não convêm à escola: mercados, feiras permanentes, depósitos de materiais de desagradável emanção.

Não fiquem esquecidas áreas para recreios num terreno escolhido com os cuidados acima lembrados. Quanto mais acessíveis forem os preços dos terrenos, tanto maiores devem ser os espaços destinados às construções escolares. Nêles, terão as crianças a desejada largueza para a sua movimentação.

A escola e suas dependências. — Em obediência às modernas exigências da educação, a escola não deve esquecer a necessidade de diversas dependências que a completem. O edifício escolar, não pode ser apenas o conjunto de salas de aula e da sala da diretoria. Precisa ter, além disso, salas para biblioteca, para leitura, para auditório, chuveiros, salas de jogos, de cantos e de trabalhos manuais, de festas, de cinema educativo, gabinetes dentários, consultórios médicos, etc. Para tanto seria conveniente que as edificações se erguessem em áreas espaçosas, a fim de que nelas as exigências da moderna educação tivessem acolhida.

O recreio da escola. — Cuidado especial merece também o espaço destinado à recreação dos alunos. Nos grandes agrupamentos escolares, em que não é possível fiscalizar rigorosamente a atividade das crianças, os recreios devem oferecer as melhores condições de garantia contra perigos de qualquer espécie. Em seu arranjo os responsáveis pelo bem-estar da criança precisam observar a melhor colocação dos galpões, dos bebedouros e das dependências sanitárias, evitando lugares em que a água se acumule e espaços muito castigados pela luz do sol.

A sala de aula. — A sala de aula não é hoje, geralmente, qualquer lugar improvisado para a educação da criança. Sobre a sua construção e arranjo firmou-se nos últimos tempos um conjunto de vistas concordes mercê das quais a sala de aula pode atualmente constituir lugar aprazível, higiênico e desejado, em que a educação da criança é feita sem dificuldade.

BURGERSTEIN, que sobre higiene escolar tem estudos interessantíssimos, dizia de um dos modernos característicos do edifício escolar: "O edifício escolar bem construído se reconhece de longe pela disposição das janelas", expressão que, sem exagero, lembra um ponto ao qual os higienistas dão a maior importância — as janelas.

E sobra-lhes razão. Salas escuras e mal ventiladas, excessivamente quentes no verão, demasiadamente frias no inverno, não são lugares para a aprendizagem. E as janelas representam na sala de aula as aberturas por onde entram o ar, a luz, e a vida para as crianças.

Pela janela da sala de aula entra a luz, de tão conhecida importância para a boa marcha dos trabalhos escolares.

Salas parcialmente escuras com alunos na claridade e alunos na penumbra, salas que em determinadas horas do dia se enchem de sombras não são lugares para a permanência de alunos. A penumbra, a sombra, predispõem a criança ao aborrecimento e ao desânimo, além de oferecerem perigos consideráveis à visão, perigo tanto maior quanto maior o número de horas que a criança permanecer em espaços escuros.

Pela janela da sala entra o calor indispensável ao organismo que trabalha. Os raios ultravioletas, que vêm pelas janelas, desempenham no físico infantil papel de conhecida importância. "A atividade destes raios sobre o organismo da criança, diz ALMEIDA JÚNIOR, embora ainda pontilhada de dúvidas — é certamente vantajosa para estimular a circulação, reforçar o tônus muscular, aumentar a energia física e nervosa. A ação da luz, na transformação de ergosterol da pele em vitamina D, anti-raquítica, é uma das maiores virtudes dos raios ultravioletas e uma das razões que depõem em favor da helioterapia." (1)

É ainda pela janela que se obtém o arejamento da sala, indispensável às trocas de gases. E neste arejamento, o ponto de vista moderno é o que justifica a importância que se dá à janela. Já não se acredita hoje na virtude exclusiva das grandes cubagens de ar, mas especialmente na possibilidade de sua renovação. Basta, segundo os higienistas, um pé-direito de 3m,60 a 4m. (2) O necessário é que haja constante refrescamento da atmosfera, condição indispensável ao bom andamento do trabalho escolar.

A luz da sala e sua direção. — Não é indiferente à sala de aula que a luz venha pela frente, de ambos os lados, de um deles ou pelos fundos. Vindo de frente a luz ofusca e incomoda, embora venha de janelas altas. Vindo do fundo, a sombra produzida pelo corpo constitui indesejável condição de iluminação. A luz lateral direita, de fácil observação, produz sombra prejudicial ao trabalho gráfico. A luz lateral esquerda é preferida e a bilateral não oferece vantagens em salas estreitas.

As janelas e suas dimensões. — Velha regra de COHN estabelecia a respeito do assunto: "Para determinar a dimensão das janelas, é preciso multiplicar a altura pela largura, depois este produto pelo número de janelas da sala, e dividir o novo produto pelo número de alunos. O quociente, para ser satisfatório, deve dar, no mínimo, 300 polegadas quadradas de janelas, por aluno".

(1) Notas tomadas à publicação — *Novos prédios para grupo escolar*, estudos da Diretoria de Obras Públicas, 1936 — São Paulo.

(2) Chama-se pé-direito a altura do compartimento contada do soalho ao teto.

As dimensões das janelas devem estar em relação à luz e ao calor que desejamos na sala de aula. E "quanto à luz necessária, mensurável em lux, os autores fixam um mínimo abaixo do qual não se deve descer, mínimo que para Cohn, Javal, Goriel e Truc, seria de 10 luxes; para a American Engineering Standard Committee, de 50 luxes. Admitamos, prudentemente, como aclaramento mínimo, essa última cifra: 50 luxes, e façamos mesmo o possível a fim de conservar a iluminação em qualquer parte da sala acima de 100 luxes". (3)

Praticamente, porém, calcula-se a dimensão total da superfície iluminante da janela, em função da superfície do pavimento da sala. COHN pedia 1m² de abertura para cada 5m² de pavimento; a escola prussiana, em 1869 reclamava 1m² para dois de sala; a escola americana dos fins do século passado, 1m² de janela por 1m² de assoalho. Modernamente aceita-se a relação de 1/4 ou 1/5 da área do chão para a abertura das janelas. O Código Sanitário paulista fixa a relação de 1/6. Em uma sala de 8m de comprimento por 6 de largura, as janelas devem ter mais ou menos 8m² de abertura.

Disposição das janelas. — Na sala de aula a existência de janelas muito separadas umas das outras provoca sombras prejudiciais ao trabalho escolar. O ideal seria que não houvesse qualquer intervalo entre as aberturas, o que quer dizer, que a parede fosse toda tomada por janelas, reservado apenas um espaço de 1m,8 entre a janela e a parede da frente da sala. Com isto se evitará o reflexo de luz, no quadro negro, prejudicial à percepção visual do aluno.

A parte superior das janelas, conhecida por vèrga, tem merecido, quanto à sua altura, a maior atenção dos higienistas. A opinião geral é a de que seja o mais alto possível essa vèrga, junto mesmo à linha do fôrro, para permitir que haja maior e mais livre entrada de luz. Vindo assim bem do alto, a luz alcança os alunos mais afastados da parede de janelas; e-lhes dado fitar os olhos num pedaço de céu, o que descansa a vista e diverte a atenção.

ROSENAU dizia: "Quanto mais altas as janelas, maior a intensidade da iluminação, mais uniforme a sua distribuição, mais completa a iluminação, mais completa a eliminação de reflexos".

A altura do peitoril da janela também é assunto estudado pelos pedagogos e higienistas. Os raios que penetram pela parte superior das janelas são os melhores iluminantes; os que vêm por baixo, prejudicam a visão sensivelmente, o mesmo acontecendo com os horizontais. Na prática, o peitoril deve ser de 1m,2 a 1m,5 acima do pavimento.

A côr das paredes da sala de aula. — A pintura da sala de aula merece por sua vez cuidados especiais. É sabido que certas superfícies coloridas produzem forte reflexão da luz motivo por que devem ser evitadas. De outro lado, os estudos de psicologia experimental têm mostrado, no capítulo da emotividade, o papel excitante de certas côres sobre o sistema nervoso do indivíduo. As côres indicadas para a pintura da sala são o creme, o verde claro, etc.

Dimensões da sala de aula. — As dimensões da sala de aula estão em função dos alunos que ela comporta. O que se tem como pacífico é a relação de 2/3 entre o comprimento e a largura.

Leitura. — "A escola tradicional, construída para instruir mais do que para educar, contentava-se, no mais otimista dos casos, com propor ideais. A escola progressiva não só estabelece, como oferece oportunidade para a prática real desses ideais. E o faz movida pelo senso da necessidade de que os alunos sintam as limitações que o meio impõe aos nossos fins, e para que compreendam que os ideais devem ser modificados, a fim de que possam servir de fato. A escola conhece a urgência de integrar o aluno em ambiente social complexo, e oferecer-lhe oportunidade para assembléias, onde os planos comuns das classes sejam resolvidos em conjunto. Compreende o valor da iniciação do aluno em organizações, cujos membros visem um alvo comum e lutem por êle.

(3) Da publicação — *Novos prédios para grupo escolar*, já citada. Contribuição do DR. ALMEIDA JÚNIOR.

Permite-lhes, pois, instituir clubes. Não desconhece o alto valor da dramatização ou da expressão rítmica com fatores educativos e provê os meios, para que todos os alunos deles se beneficiem.

Dotadas destes pontos de vista, a escola progressista determinou a necessidade de incluir, entre as salas do prédio escolar, o auditório, sede de todas essas atividades. Cabe-lhe assim a função de centro da vida social, artística e recreativa da escola." (NOEMI DA SILVEIRA RUDOLFER).

Um novo tipo de janelas e suas vantagens (4). — De acordo com um estudo do Dr. ALMEIDA JÚNIOR.

O tipo de janela projetado caracteriza-se pelo seguinte:

- duas janelas de 1m,80 x 2m,70, com superfície iluminante igual a 1/5 da área da sala;
- intervalo entre uma e outra janela, 0m,30;
- intervalo entre a janela e a parede posterior da sala, 0m,60;
- intervalo entre a janela e a parede anterior, 1m,70;
- borda superior a 3,30 e 3m,60 de altura;
- peitoril a 1m,40 acima do pavimento.

As vantagens desse novo tipo são as seguintes:

- fornece luz em quantidade suficiente;
- impede o excesso de calor;
- aproveita sobretudo os raios luminosos altos;
- evita os raios horizontais ou os em ângulo muito reduzido com a horizontal;
- evita os cones de sombra projetada pelos intervalos entre as janelas;
- permite distribuição de luz mais uniforme;
- não faz sombras acentuadas, quando se escreve com luz pela direita;
- impede ou atenua os reflexos no quadro negro;
- evita a distração com os ruídos e cenas da rua ou do pátio.

Questões para estudo.

- Quais as condições higiênico-pedagógicas da sala de aula?
- Como deve ser feita a escolha do terreno para a edificação da escola?
- Qual o papel das janelas na sala de aula?
- Quais as relações entre a superfície da sala e a abertura das janelas?
- Como deve ser a iluminação da sala de aula?
- Quais os novos tipos de janelas para as salas de aula e vantagens de seu uso?
- Quais as cores mais indicadas para a pintura da sala de aula?
- Quais as dimensões aconselháveis da sala de aula?
- Qual o papel da sala de leitura na escola?
- Quais as vantagens do recreio escolar?
- Qual a função do Auditório na escola?

Trabalhos práticos.

- Observar uma sala da escola e apresentar relatório do que observou.
- Apontar as retificações que deveria sofrer a sala de aula em que está.
- Visitar um grupo escolar para conhecer as condições de suas salas de aula.
- Estudar praticamente, o problema da distribuição diária de luz, numa sala de aula.
- Estudar os efeitos da modificação de lugares do mobiliário escolar numa sala de aula.
- Observar numa sala de aula a disposição do quadro negro e examinar a reflexão da luz, nele.
- Visitar uma escola rural para conhecer as condições de seu prédio.
- Organizar uma ficha completa sobre a sala de aula.
- Colecionar vistas de prédios escolares e de salas de aula.
- Colecionar vistas de novas construções escolares.
- Observar as condições do recreio da escola e apontar as falhas observadas.
- Visitar uma sala de aula para fazer os seguintes cálculos:
 - cubagem de ar;
 - número de alunos para o espaço existente;
 - área que na sala cabe a cada aluno;
 - litros de ar que correspondem a cada aluno;
- Observar as condições das janelas da sala:
 - abertura das janelas;
 - os lugares mal iluminados;
 - a área de colocação e número de janelas;
 - a relação entre a superfície do soalho e a da abertura das janelas;
 - a relação entre a superfície do soalho e a da abertura das janelas;
 - a posição do quadro negro em relação às janelas.

Mobiliário escolar. Leitura. — "Preocupação constante de pedagogos, médicos e higienistas tem sido a reforma, o aperfeiçoamento do banco e da carteira destinados ao conforto e ao trabalho escolar da criança. Não se alegue que o moderno conceito educativo, ao deixar mais livre a criança, torne inúteis estas preocupações; de maneira contínua ou alternada, para trabalho passivo ou atividade interessante, a criança há de ter, sem dúvida, na classe, mesa e assento, quaisquer que sejam a forma, a condição e a finalidade da escola. O problema que hoje armamos e até aqui completamente sem

(4) Ver *Novos prédios para grupo escolar* — 1936.

solução, diz respeito a todas as escolas, mesmo àquelas de ideologias as mais opostas. Temos, pois, todos o dever de cooperar lealmente para a sua imediata solução." (JUAN COMAS).

O banco escolar. — Uma das preocupações do professor, ao assumir a direção de sua classe, deve ser a de ajustar o banco e a carteira escolar ao uso de seus alunos. Praticamente, inspecionando as crianças, poderá o mestre ajustar essas peças ao tamanho delas, entregando a cada criança o banco que lhe convenha. (5)

Nesse trabalho o professor observará que a carteira escolar deve servir ao corpo do aluno que a usa, permitindo-lhe liberdade de movimento ao levantar-se, ao escrever ou desenhar. Especialmente não deve o banco escolar causar prejuízos ao aluno. (6)

A limpeza da sala não deve ser prejudicada pela colocação das carteiras e a movimentação necessária dos alunos e do professor.

Preço, durabilidade, beleza, tamanho do mobiliário são outras tantas questões que devem preocupar os organizadores escolares.

Recomendável é que o professor intercale nas horas de trabalhos escolares, alguns minutos para que o aluno ande, passeie pela sala, use o quadro negro, a fim de neutralizar os longos períodos de imobilidade.

Em escolas de grande número de salas mobiliadas não é difícil o arranjo de carteiras para classes de alunos menores, médios e maiores. Em muitas há bancos graduáveis, mesas ou espaldares. É conveniente que tais graduações se façam sem mecanismos complicados e perigosos.

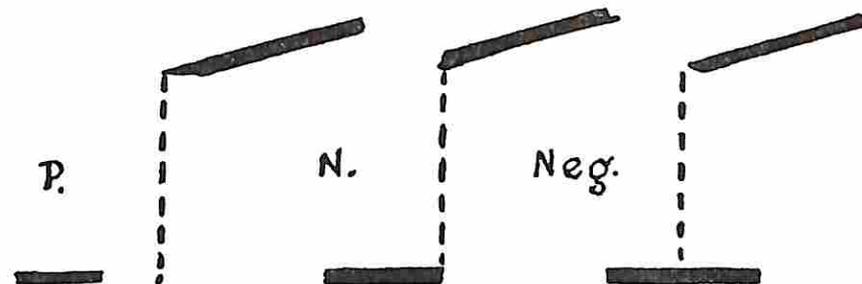
Das diversas partes da carteira escolar. — Observe o professor o banco de seus alunos e veja se estes têm, quando sentados, a perna caída verticalmente, plantas dos pés assentados no chão. É a altura recomendável do banco. Observe casos em que o aluno, sentado, tem as pernas esticadas para a frente, postas para o lado, ou curvadas sob o banco. Veja se não é devido à pouca altura do banco essa posição da criança. E finalmente observe alunos sentados em bancos muito altos.

O assento do banco deve ter dimensões e posições adequadas à criança; assentos pequenos, assentos inclinados para a frente, assentos curvos, etc., tudo isso se relaciona com a higiene da posição. A relação entre a altura do banco e a da mesa é comumente assim regulada: quando a pessoa está sentada e com os braços caídos, a borda da mesa, que faz frente ao corpo, deve corresponder à altura do cotovelo.

O professor precisa, praticamente, observar a validade dessa recomendação.

Mesas muito baixas, muito altas, inclinadas para o aluno, horizontais, são faces do problema que dentro da sala de aula devem ser estudadas.

Problema de importância é o que se refere à distância de separação entre o banco e a mesa escolar. Três distâncias podem aparecer, no caso: positiva, negativa e nula. As linhas abaixo esclarecem o assunto.



(5) Tipos de bancos: banco do sistema Lickroth (assento móvel); banco do sistema Kunze e Lickroth com as mesas de cobertura móvel; mesa-banco de Zahn; mesa-banco Pompée; mesa-banco Sandberg, de mesa móvel; mesa Feret — de elevação facultativa, permitindo ao aluno escrever de pé.

(6) São especialmente lembrados neste ponto as deformações da coluna vertebral e os casos de miopia.

Do índice eskélico. — A idéia do índice eskélico é do antropólogo francês MANO-VRIER. Consiste na proporção existente entre dois segmentos em que se pode considerar dividida a estatura de um indivíduo. Acha-se o índice eskélico da seguinte forma:

Estatura do aluno sentado, que compreende tronco, pescoço e cabeça = B (busto).

Estatura total — estatura do aluno sentado = comprimento das extremidades inferiores = P (pernas).

$$\text{Índice eskélico} = \frac{P}{B} \times 100$$

De acordo com a determinação usada, nestas medições, os tipos morfológicos são chamados *macroshkeles* e *hypermacroshkeles*, quando os indivíduos têm excessivo comprimento de extremidades e busto relativamente curto. *Brachyshkeles* e *hyperbrachyshkeles*, quando têm excessivo o comprimento do busto e curtas as extremidades inferiores. O tipo médio é o *mesatysshkeles*. (7)

Com relação ao assunto que vimos versando, são curiosas as seguintes medidas que BURGERSTEIN fixou para a mesa-banco das escolas vienenses:

Idade do aluno	6-8	8-8	9-10	10-11	11-12	12-13	13-14
Estatura em cm	102	118	126	135	145	155	165
Altura da mesa em cm ..	117	125	134	144	154	164	174
Altura do assento em cm	54	56,5	61	63	67	71	75
Profundidade do assento em cm	31	32	34	36	40	42	45
	25	25,5	26,5	28,5	29,5	31	31

Problemas para estudo.

- 1 — Que importância atribuir ao mobiliário escolar?
- 2 — Qual o ponto de vista da escola nova com relação ao mobiliário?
- 3 — Que direções poderia dar para a construção da mesa-banco?
- 4 — Quais os preceitos da higiene e da pedagogia que regulam a construção de carteiras escolares?
- 5 — Que importância atribuir ao índice eskélico?
- 6 — Quais as idéias de Burgerstein a respeito do mobiliário escolar?
- 7 — Em uma escola rural como poderá melhorar as condições do mobiliário escolar?
- 8 — Quais as lesões do aluno comumente atribuídas à imperfeição do mobiliário escolar?
- 9 — Em que consiste, propriamente, a higiene da atitude vertical?
- 10 — Como estabelecer, praticamente, a graduação da carteira escolar?

Trabalhos práticos.

- 1 — Coleccionar gravuras de bancos e mesas escolares.
- 2 — Estudar as condições do mobiliário escolar do curso primário e relatar o que observou.
- 3 — Estudar as condições do mobiliário da sala em que assiste às aulas.
- 4 — Redigir uma monografia sobre o assunto — mobiliário escolar.
- 5 — Conhecer, estudar e fotografar a posição dos alunos de uma classe primária, quando escrevem ou desenham.
- 6 — Graduar, se possível, numa classe do curso primário, as carteiras dos alunos.
- 7 — Organizar um álbum de desenhos com modelos variados de carteiras modernas para o curso primário.
- 8 — Com o concurso dos alunos reformar o verniz das carteiras da escola (curso primário).
- 9 — Organizar numa dependência da escola, uma sala de aula, improvisando mobiliário para dramatização.
- 10 — Organizar desenhos, palestras, gráficos, cartazes e tudo quanto possa interessar a criança com relação à posição correta, de pé ou sentada.

O professor e o mobiliário escolar. — O professor que recebe material escolar, que o tem sob sua guarda, que o ocupa durante o ano letivo, deve ser o seu depositário zeloso. Permitir que ele se quebre, que fique sob a ação destruidora dos alunos, que se apresenta, aos olhos das visitas e das autoridades escolares, cortado a canivete, cheio de dizeres, manchado de tinta, mal disposto nos lugares, é dar da formação profissional do mestre péssima impressão.

(7) Conservamos a ortografia etimológica desses nomes.

Por outro lado nada impede que, em benefício coletivo, os alunos sejam levados à restauração do mobiliário e do material escolar: a colocação de chaves, de vidros, de dobradiças, de parafusos; o envernizamento e a pintura, etc., são atividades que só darão à classe prova de zelo, de economia e de bom gosto.

A constância de recomendações sobre a conservação do mobiliário e do material escolar, cria hábitos invejáveis de ordem e de respeito, no aluno. Tal o zelo que êle demonstrar na escola primária, pela mobília e pelo material, tal será o cuidado que, posteriormente, terá pelo que fôr seu ou estiver confiado à sua guarda.

Sugestões para educar o aluno da escola primária no uso e conservação do material — Cartazes ou conselhos orais. Dizeres para exercícios de redação, caligráficos ou de desenho.

- 1 — A mobília que uso na escola não é minha. Cabe-me conservá-la para outros que virão depois.
- 2 — Todo o estrago que eu fizer na mobília escolar, revelará somente a minha péssima educação.
- 3 — Mobília riscada, borrada, empoeirada: sinal de gente pouco asseada.
- 4 — A boa conservação do mobiliário escolar reflete uma parte da educação que tenho.
- 5 — Com a economia que faço de material escolar auxilio a educação de outras crianças como eu.
- 6 — Gaste pouco material. O que fôr economizado reverterá em benefício de outras crianças na escola.
- 7 — Mais vale o pouco aproveitado que o muito desperdiçado.
- 8 — Nossa classe tem o seu mobiliário limpo e asseado.
- 9 — Chego sempre no horário. E conservo o mobiliário.
- 10 — Não risco a minha carteira. Não estrago o mobiliário. Não deito tinta no chão. Não sujo o lugar em que trabalho.
- 11 — Com um giz economizado posso aprender muita coisa.

Trabalhos práticos.

- 1 — Realizar com os alunos da escola primária um trabalho de grande utilidade: calcular o preço do material escolar bem como o do mobiliário.
- 2 — Dar-lhes problemas assim, uma caixa de giz custa Qual o preço de caixas?
- 3 — Fazer o mesmo cálculo com relação ao preço de carteiras, régua, verniz, tinta, lápis, borracha, etc.
- 4 — Organizar com a criança o inventário do material escolar, para que conheça o valor das coisas.
- 5 — Calcular o valor das coisas que estão na classe e pertencentes ao Estado.
- 6 — Calcular com as crianças o seguinte: Quanto custa uma alfabetização ao Estado? Quanto custa um aluno reprovado? Quanto custa por mês, por dia, durante o curso primário?
- 7 — Dar problemas da vida real, sobre mobiliário escolar, para conhecer o seu custo.

Mobiliário renovado. — O próprio mobiliário da escola tradicional, dizem os escolanovistas, concorre para isolar prejudicialmente o aluno dos demais colegas, roubando-lhes preciosa oportunidade de treino social, de cooperação e de entendimento afetivo. Daí o novo mobiliário — mesas e cadeiras, para grupos de alunos, transportáveis para o recreio, para o jardim, para o canto da sala onde, agrupados, servem de palcos improvisados.

Mobiliário de renovação escolar, que permite a conservação, o auxilio mútuo, a co-educação, a vida social e escolar enfim.

Ler e comentar a respeito do assunto o seguinte trecho:

"Está passado, felizmente o tempo da idolatria pelo mobiliário escolar, graças ao espírito da nova educação. Em lugar de estudar a altura do banco, do espaldar e da carteira, o moderno educador volta suas vistas para o trabalho do aluno, procurando fazê-lo aprender em atitude de permanente interesse e de satisfação."

Material escolar. — Não exprime, evidentemente, a qualidade de seu ensino, a riqueza do material escolar de um educandário. Material pode haver e abundante, caro e de boa qualidade e o ensino padecer da falta de método e de organização. Não quer dizer, porém que o material que ao professor é dado confeccionar em suas classes, e sem dizer da riqueza de outros que os alunos mesmos podem preparar para a aprendizagem nada represente como expressão de trabalho, tudo dependendo da boa vontade e da iniciativa de docentes e discentes. Aqui apenas consideramos outros aspectos do assunto, fornecendo informações de utilidade para praticantes de escola normal e professores novatos na carreira.

O equipamento de uma escola. — Além do mobiliário, sobre cuja construção já oferecemos algumas linhas, a escola deve ser equipada de material escolar indispensável ao bom andamento de seus trabalhos. (*) Que material deve ter uma escola, quanto, como usá-lo, são questões que muito de perto devem interessar os administradores escolares. O pedido de material escolar é feito pelo professor ou diretor do estabelecimento e encaminhado à Delegacia de Ensino. É de toda conveniência que nesse pedido o professor discrimine com clareza o tipo de material que pretende e a quantidade necessária.

É ainda digno de lembrança que o material escolar deve ficar sob a guarda do professor ou diretor, que evitarão perda de peças ou estragos que o inutilizem.

Móveis, utensílios e material didático. — A presente relação não tem caráter oficial, nem alimenta a pretensão de ser completa. Organizamo-la apenas para servir de ponto de referência a alunos da escola normal, a professores que iniciam o magistério e a todos quantos desejam equipar uma escola.

A

Abecedários
Alfinetes
Alinhavos em cartão
Anatomia (atlas anatômico)
Anel de Gravesandi
Animais (quadros e modelos de)
Apagador
Aparelho para lavatório
Aparelho de projeção cinematográfica
Aparelhos de antropometria
Aparelhos ginásticos
Apontadores de lápis
Aquarela (caixa de)
Argolas para cortinas
Armário desdobrado
Armário de uma porta
Armário tresdobrado
Arte (quadro de)
Árvore do cálculo
Atlas geográfico
Azulejos (para desenho)

B

Balança de Roberval
Balde de ágata
Balde de zinco
Banco para recreio
Banco traseiro duplo
Banco traseiro individual
Bandeira nacional (4 panos)
Bandeira nacional pequena
Banqueta para talha
Baralhos educativos
Barbante
Barômetro
Bastões para ginástica
Berço para carimbo
Berço para mata-borrão
Blocos de cálculo
Blocos de cartas
Bola
Boletins do aluno
Boletins mensais
Borracha dupla
Borracha de lápis
Borracha de tinta
Brinquedos
Bule (almotolia)
Bússola

C

Cabides
Cadeira giratória

Cadeira simples
Caderno de cálculo
Caderno de caligrafia
Caderno de cartografia
Caderno de desenho
Caderno de linguagem
Caderno de música
Caderno de quadriculados
Caixa de sólidos geométricos
Caixas de letras
Caixas de medidas
Caixas de tipos de borracha
Campa de sinais
Caneca
Canivete
Cantoneiras
Capacho
Carimbo
Carta de Parker
Cartão de promoção
Cartazes
Carteira dupla
Carteira individual
Carteira graduável
Cartolina
Catálogos
Cavaletes
"Celotex"
Cesta para papéis
Chave inglesa
Chave de parafuso
"Clips"
Coleções de códigos
Coleções de gravuras
Coleções de postais
Coleções de retratos
Coleções de selos
Coleções de sólidos geométricos
Compasso
Congóleum
Construções (jogos de)
Contadores
Copos
Corda
Cortadores de papel
Cortina
"Crayon"
Cronômetro
Cronoscópio

E

Envelope de boletins
Envelope de escritório
Envelope simples
Epidioscópio
Escabêlo

Escada
Escala de altura
Escala de letras
Escala de peso
Espanador
Esquadro
Estadia
Estante
Estôjo

F

Farmácia escolar
Fauna brasileira (quadros de)
Ferramentas
Fichário
Fichas em branco
Figuras
Filmes
Filtro
Fio de prumo
Fita métrica
Flora brasileira (quadros de)
Polhinha
Furador
Fusos horários (quadro de)

G

Gabinete de física
Gabinete de química
Giz comum branco
Giz comum de cores
Giz especial para desenho
Globo geográfico armilar
Globo geográfico em relevo
Gnômon
Goma-arábica
Grade de limpar os pés
Gráficos diversos
Gravuras diversas
Guia de canto
Guia de estradas de ferro
Guia de ruas

H

Herbário
Higiene (quadros de)
Hinário
História do Brasil
História da Civilização (quadros de)
História natural (quadros de)
História sagrada (quadros de)
Horário

I

Imã

J

Jogos de Decroly e Monchamp
Jogos educativos diversos

L

Lâmpada
Lanterna-mágica
Lápis bicolor
Lápis de cópia
Lápis de cor
Lápis preto
Leitura (quadros de)
Lente
Letras
Limpa-penas
Linguagem (quadros de)
Livro em branco

Livro de chamada
Livro de contas-correntes
Livro de endereços
Livro de leitura
Livro de matrícula
Livro de texto
Lousa

M

Madeiras (coleção de)
Mapa da África
Mapa da América
Mapa da Ásia
Mapa do Brasil
Mapa de clima
Mapa comercial
Mapa de comunicações
Mapa econômico
Mapa etnográfico
Mapa da Europa
Mapa-múndi
Mapa da Oceania
Mapa político
Mapa de produção mineral
Mapa de produções agrícolas
Mapa das regiões da Terra
Mapa em relevo
Mapa de S. Paulo
Máquina de apontar lápis
Máquina de costura
Máquina de escrever
Máquina de furar
Máquina de grampear
Massa para modelagem
Mata-borrão
Material Decroly
Material de escolas para débeis
Material de Jardim da Infância
Material Montessori
Material de testes
Mesa para alunos
Mesa para cálculo
Mesa para professor
Mesa para trabalhos manuais
Metro
Microscópio
Mimeógrafo
Minerais (coleções de)
Mobília
Modelos para desenhos
Modelos para trabalhos
Mosaico (desenho ornamental)
Mostruário de semente
Mostruários de fazendas
Mostruários de madeiras
Mostruários de óleos
Museu Deyrolle

P

Panos diversos
Papel de caligrafia
Papel-carbono
Papel de desenho
Papel de linguagem
Papel de música
Papel quadriculado
Pasta para aluno
Pasta para arquivo
Pasta para mesa
Passadeira
Pena
Pesos
Pinça
Pincéis
Pintura (material de)

(*) O material das escolas paulistas é fornecido pela Diretoria do Material, repartição subordinada diretamente à Secretaria da Educação.

Pirômetro de quadrante
Plastilina
Ponteiro
Porta-canetas
Porta-chapéus
Porta-toalha
Prendedor de livro
Prendedor de papel
Prensa
Programas
Projeção (aparelhos de)
Publicações diversas

Q

Quadro negro
Quadros de ensino intuitivo
Quadros de flora e fauna
Quadros de história
Quadros murais
Quadro de raças
Química (gabinete de)

R

Recortes (jogos de)
Régua
Regulamento
Relêvo (mapa em)
Relógio
Retratos
Rosa-dos-ventos

Sabão
Serrote
Serviço de café
Serviço de lavatório
Sistema métrico
Sólidos geométricos
Suporte

T

Tabuleiro
Talha
Tecelagem (material de)
Termômetro
Tesoura
Tinta de carimbo
Tinta de escrever
Tinta nanquim
Tinta vermelha
Tinteiros para carteiras
Tinteiros duplos
Toalha
Tornos
Transferidor
Trena

V

Vasos
Vassoura
Vela para filtro
Verniz

Do material construído pelos alunos. — Grande parte do material de que necessita a escola pode ser construído pelos alunos e pelo professor. As crianças, quando bem orientadas, constroem muita coisa útil para o ensino. Os normalistas, quando bem animados e guiados, podem organizar peças de mobiliário, utensílios e riquíssimo material didático.

Trabalhos práticos.

Ler a respeito do material escolar os seguintes livros:

- 1 — *La méthode Decroly* — A. Hamaide
- 2 — *Pedagogia científica* — M. Montessori
- 3 — *Higiene escolar* — Burgerstein
- 4 — *La educación ativa* — Mallart y Cutó
- 5 — *Organização de Museus escolares* — Leontina Silva Busch
- 6 — *A educação e seu aparelhamento moderno* — Francisco Venâncio Filho.

NOTA: Ao professor de prática incumbe estudar com os alunos a relação anterior, discutindo bem o que seja propriamente material didático, e a utilidade de cada coisa.

II

ORNAMENTAÇÃO ESCOLAR

Leitura. — “A decoração mural das classes é fator muito importante no que se refere à educação estética. A decoração deve ser diferente nas diversas classes, variando em motivos e em disposição. Indispensável é ainda que a ornamentação não seja permanente. Convém mudar, substituir de quando em quando os objetos bonitos que adornam a sala.” (MEDINA BRAVO e LUÍS C. RAMOS).

O sentido visual da educação. — Não só como via aquisitiva de conhecimentos deve a vista ser considerada na educação. Ela é também o sentido artístico por excelência, o caminho por onde o espírito recebe do mundo exterior as impressões que lhe permitem conhecer a cor, a forma, a proporção, a medida, o belo, e com as quais a sensibilidade é dado o gozo estético.

As cores são para a criança o que há de mais sensível na natureza, disse Mme. PAPE-CARPENTIER, e a escola por isso mesmo, dizemos nós, deve apropriar-se dessa lição, proporcionando à criança ambientes decorados, artísticos, jogos de cores vivas, ensino veiculado pelo desenho matizado e oportunidades de sentir o colorido.

Além dessa verificação da ilustre educadora, outra há relativa à influência das cores nos estados emotivos: cores de efeito exaltativo, de efeito depressivo.

Pode, pois, a educação formar o senso artístico da criança em grande parte pelo sentido visual: a boa disposição do mobiliário de cores sóbrias, a harmonia do ambiente escolar, o equilíbrio de atividade que exigem trabalho dos olhos a ornamentação das paredes da sala com barras decorativas e quadros, o contato da criança com figuras artísticas, tudo isso é alimento para a sensibilidade e para o gosto.

Restrições que devem ser feitas. — Todo esse plano educativo, porém, poderá converter-se em instrumento de deseducação da criança, se ela não for levada a sentir intimamente a beleza, através dos sentimentos do mestre, e da própria vida escolar. Paredes repletas de quadros mal escolhidos, postos diante dos olhos da criança do começo ao fim do ano letivo, cores berrantes em figuras, e em desenhos, arte pelas paredes, mas cadernos em confusão, roupas mal arranjadas, etc., são contradições que prejudicam a obra educativa.

Educação, no verdadeiro sentido da palavra, é conceito integral, válido em tôdas as atividades da escola.

A ornamentação escolar considerada na prática. — Há um só gosto para decorar a sala, manifestado por ocasião das festas que nela são realizadas. Festões, escudos, bandeirolas... são os elementos comuns que a arte descobre para tornar diverso o ambiente escolar. Entretanto, quantos outros elementos ficam esquecidos na escola e que aproveitados dariam às salas feições novas, agradáveis!

Quadros escolhidos, dispostos com gosto, desenhos sugestivos distribuídos pelas lousas, letreiros educativos sugerindo atitudes, lembrando ações elevadas, coleções de gravuras, aproveitamento de motivos de nossa flora, nas alegorias e nas simbolizações, arranjo de móveis, carteiras ornamentadas, tudo são motivos de beleza e estímulo ao gozo espiritual.

Dos trabalhos escolares ornamentados. — A prática de ornamentar trabalhos gráficos é sempre educativa, e constitui uma oportunidade para desenvolver-se o gosto artístico do aluno, ao mesmo tempo que lhe enseja repousar o espírito em atividades interessantes.

A escolha de motivos, a adequação das cores, o jôgo harmonioso de linhas que o professor vai sugerindo e guiando, dão ao trabalho do aluno margem a criações e combinações diversas, agradáveis ao observador.

Condenável, porém, é que a atividade artística consuma do aluno atenção e tempo, em detrimento do trabalho gráfico. Fora desse desvio, é vantajoso que a criança ornamente e ilustre os seus problemas, as canções que canta, a composição que redige.

Campo variado de motivos. — Parece estranho, que, campo enorme de sugestões, de motivos, de assuntos para o aproveitamento do mestre, não tenha a decoração escolar sabido explorá-lo. O jôgo de cores, os estilos de colunas, as barras decorativas, os frisos ornamentais, a flora e a fauna brasileira, a estilização, o folclore, o conteúdo das histórias, que enchem a imaginação da criança, tudo isso e particularidades como fôlhas, linhas, paisagens, oferecem ao giz, à pena, ao pincel, ao carvão, elementos para encher a escola de beleza.

O fato, o ambiente, a classe, o meio, a estação. — Se é histórico o acontecimento comemorado, os assuntos ornamentais podem aproveitar motivos a êle articulados: retratos, frases, expressões, costumes do tempo etc. Quando outro, a ornamentação pode acompanhar a sua significação.

Por outro lado há uma ornamentação que convém a um Jardim da Infância, com motivos que se ajustam a essa escola, outras há que não convém a um meio rural ou na comemoração de uma vindima, na entrada de uma estação, etc.

A ornamentação escolar não é trabalho que o professor realize às escondidas do aluno. Pelo contrário, é na escolha de motivos da distribuição de ornamentos, no arranjo dos quadros negros, do mobiliário e da sala, em geral, que se realiza, verdadeiramente, a educação da criança. Deve esta, por isso, ter liberdade de sugerir, de criar, e de fazer bela a sua escola.

Algumas sugestões. — A decoração da escola pode constituir assunto de um interessante projeto escolar. Para realizá-lo a biblioteca deveria estar aberta para consulta de motivos; os pais teriam ensejo de colaborar nesse trabalho, as matérias do programa teriam nêle oportunidade de aplicação.

Estas decorações podem servir para escolas rurais ou urbanas de acôrdo com os assuntos escolhidos.

a) A escola virou taba indígena; b) Flores brasileiras; c) Chegou a Primavera; d) A volta das andorinhas; e) Abriram-se os lírios; f) A colheita do café; g) Laranjas; h) Beijaflores; i) A flor do maracujá; j) Brinquedos da moda; l) A festa da uva; m) Lendas brasileiras; n) Aves brasileiras; o) Sabiá; p) História de crianças, etc.

Trabalhos práticos.

- 1 — Guiar a ornamentação de uma classe.
- 2 — Orientar a criança na feitura de barras decorativas.
- 3 — Guiar uma classe de 4.º ano no desenho estilizado.
- 4 — Fazer uma barra decorativa — borboletas.
- 5 — Ornamentar um quadro negro.
- 6 — Preparar o ambiente de uma classe para uma festa escolar. Ex.: O descobrimento do Brasil.
- 7 — Orientar a criança na ornamentação dos cadernos.

Problemas para estudo.

- 1 — Qual a importância da ornamentação escolar na moderna educação?
- 2 — Como realizar no aluno a educação artística?
- 3 — Qual o papel das cores na vida infantil?
- 4 — Como desenvolver o gosto da criança através do desenho?
- 5 — Qual o papel do professor na formação estética do aluno?
- 6 — Como nacionalizar a criança através da ornamentação escolar?
- 7 — Como interpretar esta expressão de Roger Marx: "... todos os pedagogistas reconhecem a necessidade de "convidar a arte a acolher a infância desde o limiar da vida?"
- 8 — Como educar a criança através da gravura?
- 9 — Como ornamentar uma escola?
- 10 — Como ornamentar os trabalhos gráficos?

Bibliografia.

Ler: ARIOSTO ESPINHEIRA, *A arte popular e educação* — Editora Nacional.

III

DOS ALUNOS. SUA SELEÇÃO. EXAMES DIVERSOS. FICHA ESCOLAR

Leitura. — "Dadas as diferenças individuais das crianças, o ideal da escola sob medida (como pede Claparède) seria o ensino individual à moda de Rousseau. Sem procurar atingir essa utopia, tem-se procurado obter a classificação homogênea dos escolares, que podem ser submetidos, assim, aos processos educativos que mais convenham aos indivíduos de um mesmo tipo mental. Esses grupos de alunos não devem ser constituídos ao acaso, segundo os caprichos ou o gosto aparente das crianças, mas de acôrdo com os "perfis" mentais, obtidos experimentalmente, o que permitirá favorecer as disposições e aptidões naturais, com o fim de obter o maior rendimento social possível, por parte de cada indivíduo." (H. PIÉRON).

Histórico do trabalho de seleção de alunos. — Embora não incorporada à legislação do ensino paulista a obrigatoriedade de selecionar alunos nas classes do ensino primário, é de interesse lembrar que, desde 1931, êsse trabalho vem sendo realizado em maior ou menor proporção em São Paulo.

Não se praticava a seleção de alunos, em São Paulo, antes de 1931. Ao assumir em outubro de 1930, o cargo de diretor do Ensino, DR. LOURENÇO FILHO voltou suas vistas para o gravíssimo problema dos repetentes na escola primária, e procurou dar remédio adequado ao mal, com a organização das classes seletivas. (1)

A aplicação dos testes A B C foi realizada em 1931, em 54 grupos escolares da Capital, num total de 15.605 alunos. Os testes foram aferidos em 814 crianças de 5 a 11 anos, analfabetos (1927-1929). Ocuparam-se com a aplicação 375 professores.

Com a saída do professor LOURENÇO FILHO do cargo de Diretor do Ensino deixou de ser feita a seleção de alunos por êstes testes, a não ser por professores entusiastas da nova medida ou no Instituto de Educação.

Em 1934, a circular n.º 2, de 16 de janeiro, da Diretoria do Ensino, punha novamente em foco a questão das classes homogêneas. Permitiu-se então aos diretores de grupos escolares, dentro de algumas restrições, a classificação dos alunos por meio de testes, com auxílio de pessoal habilitado do Serviço de Psicologia do Instituto "Caetano de Campos", ou por processos empíricos de seleção dentro do 1.º mês letivo. Nos 2.º, 3.º e 4.º anos a seleção e classificação poderiam ser feitas pelas notas de promoção do ano anterior.

Em 1935 continuou a vigorar a circular já citada, acrescida da recomendação do emprego dos testes A B C na seleção dos alunos de 1.º ano.

Em 1936 vigorou ainda a prática facultativa dessa seleção, bem como nos anos de 1937 e 1938. Em 1939 a Diretoria do Serviço de Orientação Pedagógica do Departamento de Educação, auxiliada pelo Laboratório de Psicologia do extinto Instituto de Educação, promoveu a seleção de alunos dos 1.ºs anos de grupos escolares da Capital, num total de 4.595 crianças, com o emprego dos testes coletivos KUHLMANN-ANDERSON.

(1) Ver a respeito o folheto *Um ensaio de organização de classes seletivas do 1º grau, com o emprego dos testes A B C.* — Diretoria-Geral do Ensino do Estado de São Paulo — outubro de 1931.

A seleção empírica dos alunos. — A circular n.º 5, de 21 de janeiro de 1934, da Diretoria do Ensino, recomendava a seleção empírica dos alunos de 1.º anos pelo seguinte processo:

"a) Nas classes de 1.º ano, distribuindo-se após a matrícula os alunos pelo critério inicial da idade cronológica, computada em meses, serão eles redistribuídos em classes de fortes, médios e fracos a 15 de fevereiro, pela observação que a seu respeito hajam feito os professores.

"b) Nas classes de 2.º, 3.º e 4.º anos, distribuindo-se os alunos de acordo com a média de promoção do ano anterior e nos casos de falta desta, por exame de verificação de adiantamento, sendo eles reclassificados, também a 15 de fevereiro, em classes de fortes, médios e fracos, ainda segundo o critério de observação dos professores.

"c) Durante os restantes dias do citado mês serão feitos em todas as classes os reajustamentos dos alunos acaso mal classificados".

A seleção pelos testes A B C. (*) — "Se a correlação entre a idade mental e a maturidade para o aprendizado da leitura fôsse sempre positiva, ou melhor, *fortemente positiva*, fácil seria resolver o problema a seleção dos alunos do primeiro grau: escalonava-se uma escala de testes de inteligência individuais, Binet-Simon, por ex., ou uma escala de testes de grupos, Dearbon. Mas essa correlação é fraca. Daí a necessidade de medida específica.

Levado pelas condições do meio, a que aludimos, e pela importância do problema, foi que o Dr. LOURENÇO FILHO se propôs a investigações que a habilitassem a organizar uma série de testes, que determinassem a maturidade necessária à leitura e à escrita.

O Dr. Lourenço Filho teve a preocupação de servir-se de provas, tanto quanto possível, já conhecidas e estalonadas. Mas fazia-se necessária a padronagem do conjunto.

A aplicação foi feita, primeiramente, sobre 412 crianças de 5 a 11 anos, do Jardim da Infância e da Escola Modelo, anexa à antiga Escola Normal da Capital. De 16 que eram as provas ficaram reduzidas a 12 e por fim a 8.

Ensaio certo melhoramento de técnica, nova aplicação foi levada a cabo sobre 814 crianças de 5 a 11 anos, das escolas acima referidas e do grupo escolar da Barra Funda. Feitos os cálculos estatísticos, tabulagem de frequência, traçado de curvas e ogivas, avaliação das medidas de tendência central e variabilidade, coeficientes de variação e correlação, a escala se provou medida de valor, uma vez que apresentava todos os característicos da curva normal de probabilidades. Estava terminada a aferição.

Restava, porém, saber se a medida realmente media o que se pretendia com ela. Realizadas diversas pesquisas, fêz-se, mercê delas, a aferição (**).

Quadro de funções e de testes.

1. Coordenação visual-motora	teste 1 (cópia de figuras): teste 3 (reprodução de movimento): teste 7 (recorte em papel).
2. Resistência à inversão na cópia de figuras	teste 3 (reprodução motora e gráfica de movimentos).
3. Memorização visual	teste 2 (denominação de 7 figuras apresentadas em conjunto, por 30").
4. Coordenação auditivo-motora	teste 6 (reprodução de polissílabos não usuais).
5. Capacidade de prolação	teste 4 e 6 (reprodução de palavras usuais e não usuais).
6. Resistência à ecolalia	teste 4 (reprodução de palavras de uso corrente).

(*) Do folheto já citado.

(**) Aos alunos de escola normal recomendamos a leitura do livro *Testes A B C*, do Prof. LOURENÇO FILHO, pelo qual ficarão orientados a respeito de todas as pesquisas sobre os referidos testes.

7. Memorização auditiva	teste 8 (pontilhão em papel quadriculado).
8. Índice de fatigabilidade	teste 7 (recorte em papel).
9. Índice de atenção dirigida	teste 2 (denominação de figuras).
10. Vocabulário e compreensão geral ..	teste 5 (reprodução de narrativa).
	teste 7 (recorte); teste 8 (pontilhão).
	teste 2 (determinação de figuras); teste 5 (reprodução de uma narrativa; todas as provas pelo que envolvem de execução a uma ordem dada).

As provas dos testes A B C

Testes A B C (Formulário)

TESTE I

FÓRMULA VERBAL — Tome este lápis. Faça, neste papel, uma figura igual a esta (Tempo máximo de espera, para reprodução à vista do modelo, um minuto). *Muito bem! Agora, faça outra, igual a esta. (Tempo máximo, um minuto). Agora, esta última. (Tempo máximo, um minuto). Muito bem!*

TESTE II

FÓRMULA VERBAL — (Apresentando o cartão, pelo verso): *Do outro lado deste cartão, estão umas figuras muito bonitas. Eu vou virar o cartão e você vai olhar as figuras, sem dizer nada. Depois que eu esconder as figuras, você vai dizer os nomes das coisas que você viu. (Depois de expor o cartão por trinta segundos, e de haver voltado de novo, escondendo as figuras): Que foi que você viu? (se a criança for tímida, acrescente): Que mais?... (se a criança inicia a enumeração à vista do cartão): Espere. Só diga quando eu mandar.*

TESTE III

FÓRMULA VERBAL — (O examinador ao lado direito da criança, aponta com o dedo indicador, para a frente, tendo o braço um pouco dobrado): *Olhe bem o que meu dedo vai fazer aqui. (Reproduzir no ar o movimento 1). Faça agora, com o seu dedinho, o que eu fiz com o meu dedo. Agora faça isto. (Reproduz no ar o movimento 2). Agora isto. (Movimen-*

to 3). Muito bem! Agora pegue este lápis, e faça no papel as figuras que você fêz no ar, com o seu dedinho. Faça uma de cada vez. (Quando a criança fizer longa pausa, ou mostrar-se tímida): Muito bem. Agora faça a outra... Agora, a última.

TESTE IV

FÓRMULA VERBAL — *Vou dizer sete palavras. Você preste muita atenção, porque depois vai dizê-las também. Escute: árvore — cadeira — pedra — cachorro — flor — casa — peteca. Repita agora o que eu disse. (Se a criança parar na enumeração): Muito bem! Que mais? (As palavras devem ser pronunciadas em voz natural, sem cadência ou sublinhação de qualquer delas).*

TESTE V

FÓRMULA VERBAL — *Você gosta de histórias? Vou contar uma. Preste atenção porque depois você vai me contar esta mesma história: (Pausa) Maria comprou uma boneca. Era uma linda boneca de louça. A boneca tinha os olhos azuis e um vestido amarelo. Mas, no mesmo dia em que a Maria a comprou, a boneca caiu e partiu-se. Maria chorou muito (Pausa). Agora V. me conte esta história. (Se a criança iniciar a narração e hesitar): Que mais?*

TESTE VI

FÓRMULA VERBAL — *Diga alto: Cavalheiro! (pronuncie devagar mas sem escandir as sílabas). Muito bem. Agora eu vou dizer outras palavras e você as vai repetindo: Tombadouro — Pindamonhan-*

gaba — Nabucodonosor — Desengonçado — Sardanápalo — Constantinopla — Ingrediente — Cosmopolitismo — Familiaridade — Itapetininga (Depois de cada palavra, o examinador aguarda a repetição da criança, anotando as palavras que forem mal reproduzidas. Se a criança falar em voz baixa deve-se dizer: *Mais alto!* Se atropeladamente, deve-se aconselhar: *Mais devagar!*).

TESTE VII

FÓRMULA VERBAL — *Você vai cortar este desenho, o mais depressa que você puder, passando a tesoura bem pelo meio do risco. Assim!* (indica-se a operação, dando um ligeiro corte no início do traço sinuoso: coloca-se a tesoura sobre a mesa). *Pode começar.* (Marca-se um minuto). *Pare!* Muito bem. Agora corte no outro risco.

Testes A B C (Avaliação)

TESTE I

AVALIAÇÃO — Quando a reprodução do quadrado estiver perfeita, ou com dois lados apenas sensivelmente maiores conservando todos os ângulos bem observados, e a terceira figura reconhecível — 3 pontos;

— quando a cópia do quadrado tiver dois ângulos retos e as demais figuras forem reconhecíveis — 2 pontos.

— Quando as três figuras forem imperfeitas, mais dissemelhantes — 1 ponto;

— quando as três figuras forem iguais entre si (três tentativas de quadrado, três células, três simples rabiscos) ou apresentarem desenhos quaisquer de invenção (uma casa, um balão, por ex.) — zero.

TESTE II

AVALIAÇÃO — Toma-se nota dos nomes ditos pela criança. Isso nos informará, muitas vezes sobre a deficiência de vocabulário, repetição automática de séries, ou pequeno controle de imaginação.

— Se a criança disser o nome de sete figuras — 2 pontos;

Pode começar. (Marca-se um minuto). *Pare! Muito bem.* (Se acaso, de início a criança não compreendeu a ordem devemos repetir a fórmula verbal, sem alterá-la).

TESTE VIII

FÓRMULA VERBAL — *Você vai fazer um pontinho bem forte, em cada quadrinho destes, o mais depressa que você puder. Assim.* (Fazem-se três pontinhos, nas três quadriculas da linha superior. Põe-se o papel, na posição conveniente para a criança, e entrega-se o lápis). *Comece.* (Marcam-se 30 segundos). *Pare.*

OBSERVAÇÃO — Se a criança fizer tracinhos, ou cruzinhas, ao invés de pontos, deve-se observar, sem interromper o trabalho: *Não quero risquinhos, quero um pontinho em cada casinha, como eu ensinei.*

— se disser os nomes de 4 a 6 figuras — 2 pontos;

— se disser de 2 a 3 — 1 ponto;

— se disser apenas 1 ou não disser nada — zero.

Não importa o nome exato, mas a evocação exata da coisa.

TESTE III

AVALIAÇÃO — A avaliação se fará apenas pelas figuras desenhadas, e da seguinte forma:

— boa reprodução das três figuras — 3 pontos;

— boa reprodução de duas figuras, reprodução regular de uma, ou reprodução regular de três — 2 pontos;

— má reprodução de todas as figuras, mas de modo a diferenciá-las; ou reprodução regular de duas e invertida de uma — 1 ponto;

— inversão de duas figuras ou das três; ou reprodução idêntica para as três — zero.

TESTE IV

AVALIAÇÃO — Anotar as palavras que forem ditas pela criança, com os erros de pronúncia em que, por acaso, venha a incidir. Será subsídio para o estudo individual do aluno. A avaliação é apenas numérica:

— reprodução das sete palavras — 3 pontos;

— reprodução de 4 a 6 palavras — 2 pontos;

— reprodução de 2 a 3 palavras — 1 ponto;

— reprodução de uma só palavra, ausência de reprodução, ou enumeração de série completamente diversa — zero.

TESTE V

AVALIAÇÃO — Anotar a narração da criança.

— Se a reprodução indicar as três ações capitais (comprou, partiu e chorou) e, bem assim, as três minúcias (de louça, olhos azuis, vestido amarelo) — 3 pontos;

— se as três ações e uma minúcia — 2 pontos;

— se tão-somente as três ações, ou duas ações e minúcias — 1 ponto;

— se duas ações apenas, ou uma ação e minúcias — zero.

TESTE VI

AVALIAÇÃO — Pelas palavras reproduzidas acertadamente:

— nove ou dez palavras — 3 pontos;

— de cinco a oito — 2 pontos;

— de duas a quatro — 1 ponto;

— uma ou nenhuma — zero.

AVALIAÇÃO GERAL — O resultado total é obtido pela simples soma dos pontos obtidos em cada prova. O número de pontos indica o nível de maturidade (N. M.). A aferição estatística estabelece a seguinte avaliação geral:

- até 11 pontos — Quartilio inferior;
- de 12 a 16 pontos — Quartílios médios;
- 17 pontos ou mais — Quartilio superior.

Registro dos resultados do exame. — Os resultados de cada exame são afixados no Psicograma do aluno, cujo modelo reproduzimos. (Quadro n.º 1):

Testes A B C

Perfil do aluno	Nacionalidade
Idade em meses	Côr
Filiação	
Profissão do pai	
Resultado	

TESTE VII

AVALIAÇÃO — A avaliação terá em vista a quantidade e a qualidade do trabalho. Assim:

— cortado mais de metade de cada desenho, no tempo marcado de um minuto, para cada, sem que tenha saído do traço — 3 pontos;

— cortado mais de metade, saindo do traço; ou, embora respeitando o traço, menos da metade — 2 pontos;

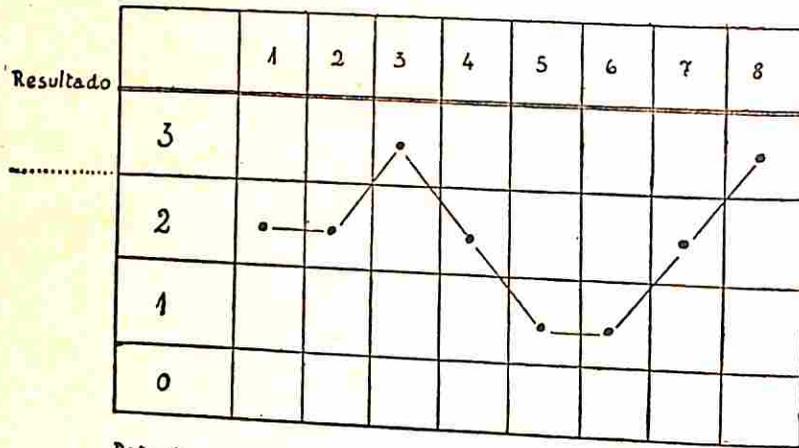
— cortado com regularidade relativa, até metade, num dos desenhos e parte do outro — 1 ponto;

— não respeitando de modo algum o desenho — zero.

TESTE VIII

AVALIAÇÃO — Contam-se os pontinhos, exceto aqueles que tiverem sido feitos pelo examinador, para demonstração inicial da técnica. Todos os pontinhos serão contados, mesmo quando mais de um tenha caído na mesma quadricula. Os tracinhos serão desprezados. A notação é a seguinte:

- mais de 50 pontinhos — 3 pontos;
- de 26 a 50 — 2 pontos;
- de 10 a 25 — 1 ponto;
- menos de 10 — zero.



Data do exame..... Examinado por.....

Quadro n.º 1

Da construção do perfil da classe. — O perfil da classe pode ser um histograma em que representamos o valor do grupo em cada uma das funções mentais examinadas pelos testes.

O preparo do perfil da classe é comumente feito pelo levantamento de quadros de frequência. Pode ser usado o quadro do modelo n.º 2; as divisões transversais correspondem às 4 notas que se podem conferir em cada teste: 3 (+), 2 (M), 1 (—), 0 (nada); as longitudinais correspondem aos oito testes.

	1	2	3	4	5	6	7	8
3								
2								
1								
0								

Quadro n.º 2

Observando os psicogramas de cada aluno, anota-se a frequência, com um traço para cada nota. Assim, em face do psicograma do quadro n.º 2, teríamos a frequência marcada desta forma. (Quadro n.º 3).

	1	2	3	4	5	6	7	8
3			/					/
2	/	/		/			/	
1					/	/		
0								

Quadro n.º 3

Prosseguindo-se no trabalho vai-se marcando em cada quadro de pontos o resultado obtido por cada aluno da classe, podendo agrupar-se os casos de cinco, assim: -|-|-|-|-|, o que facilita a leitura dos pontos.

A frequência e o valor médio. — “Somando-se os valores obtidos na 1.ª prova, por todos os alunos da classe, e dividindo-se o resultado pelo número de alunos, obtém-se o valor médio da prova considerada”. (LOURENÇO FILHO).

Ou “Multiplicando-se a frequência de cada nota em cada teste pelo valor da nota e somando-se os resultados tem-se o total dos pontos obtidos pela classe no teste. Divide-se esse total pelo número de examinandos (número de casos) e tem-se o valor médio por examinando, em cada teste”. (DAMASCO PENNA).

Neste caso a fórmula para valor médio é $\frac{\Sigma (f. v.)}{N}$ em que:

- Σ = soma
- f = frequência
- v = valor obtido no teste
- N = número de casos.

A construção do histograma. — “Para a apresentação dos resultados em histograma devem os valores médios ser transportados para a escala centesimal. Bastará multiplicar cada um desses valores por 100 e dividir o produto por quatro, que é o número de graus de notação parcial de cada prova.”

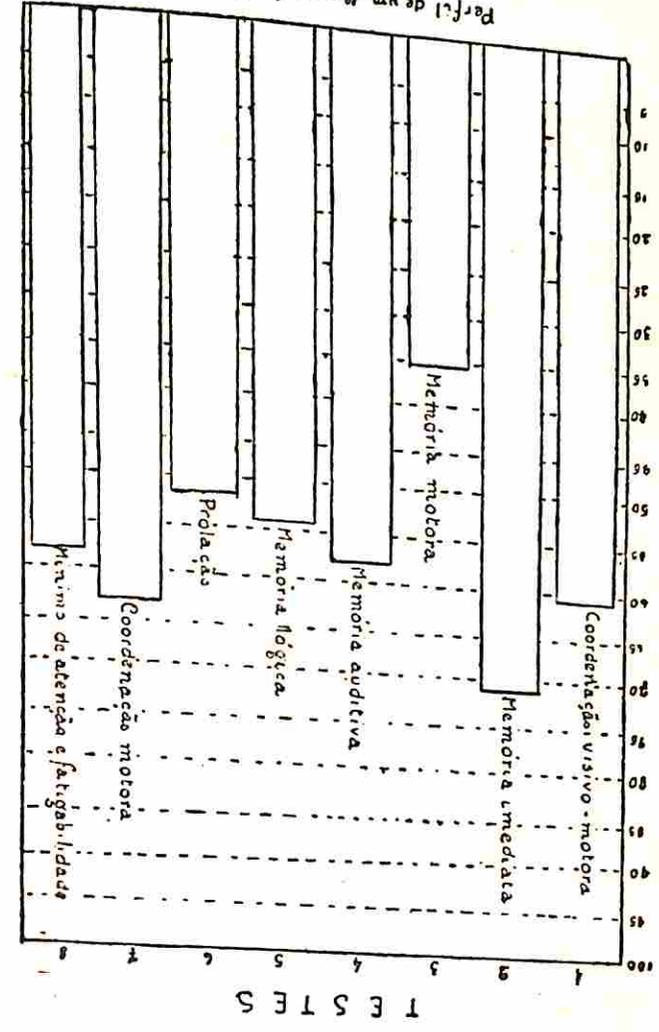
No histograma encontram-se a linha ordenada (vertical) e a abscissa (horizontal). Na primeira figura a escala centesimal e na segunda figuram os testes (Ver quadro n.º 4).

Alunos	Provas e números de pontos																									
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	X	Y	Z	
I	2	3	2	1	3	2	1	1	3	2	2	2	2	3	3	2	2	3	3	3	2	2	2	3	1	
II	1	2	2	1	3	2	2	3	3	2	2	2	3	3	2	2	3	3	3	3	2	2	2	1	2	
III	3	2	2	2	3	2	3	3	3	2	2	2	2	3	3	3	3	3	3	3	2	2	2	3	1	
IV	1	2	2	1	3	2	2	3	3	2	2	2	2	3	3	2	2	3	3	3	2	2	2	2	1	
V	1	2	1	1	3	3	2	3	3	2	2	2	2	3	3	2	2	3	3	3	2	2	2	1	2	
VI	2	3	2	1	3	2	2	3	3	2	2	2	2	3	3	2	2	3	3	3	2	2	2	1	2	
VII	3	3	2	1	3	2	2	3	3	2	2	2	2	3	3	2	2	3	3	3	2	2	2	1	2	
VIII	3	2	2	1	3	2	2	3	3	2	2	2	2	3	3	2	2	3	3	3	2	2	2	1	2	

Quadro n.º 5

Organizado o quadro de frequência teríamos: (Quadro n.º 6).

0	1								2								3																	
	9	8	7	6	5	4	3	2	10	9	8	7	6	5	4	3	2	9	8	7	6	5	4	3	2	10	9	8	7	6	5	4	3	2
	### I	### II	### III	### IV																														
	8	5	6	8	5	4	6	8	9	6	9	7	6	12	7	12	10	14	11	14	11	14	11	14	11	14	11	14	11	14	11	14	11	14



A interpretação do perfil da classe. — A simples observação das colunas que cons-tituem o perfil da classe habilita o professor a conhecer os índices da maturidade de seus alunos, com relação às funções examinadas pelos testes. Só com isto estaria provada a vantagem das provas. É preciso considerar, porém, que estão apenas indi-cadas as falhas do perfil geral da classe e é necessário remediá-las.

Um exemplo concreto. — Suponhamos uma classe de 25 alunos que passaram pelo exame de maturidade dos testes A B C. Os pontos conferidos a esses alunos foram, respectivamente, os seguintes nas oito provas:

De acôrdo com as indicações anteriores, teríamos o valor médio assim:

Provas:

$$I \frac{27 + 20 + 6}{25} = 2,12$$

$$II \frac{21 + 24 + 6}{25} = 2,04$$

$$III \frac{42 + 14 + 4}{25} = 2,4$$

$$IV \frac{24 + 24 + 5}{25} = 2,12$$

$$V \frac{33 + 12 + 8}{25} = 2,12$$

$$VI \frac{24 + 22 + 6}{25} = 2,08$$

$$VII \frac{33 + 18 + 5}{25} = 2,24$$

$$VIII \frac{33 + 12 + 8}{25} = 2,12$$

Os valores médios passados para a escala centesimal, dariam:

Provas:

$$I \frac{2,12 \times 100}{4} = 53$$

$$II \frac{2,08 \times 100}{4} = 52$$

$$III \frac{2,4 \times 100}{4} = 60$$

$$IV \frac{2,12 \times 100}{4} = 53$$

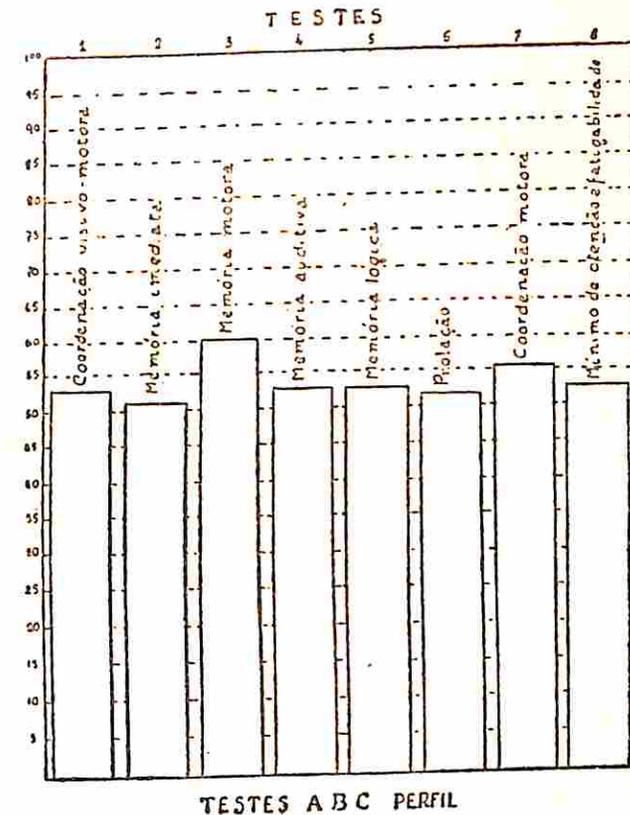
$$V \frac{2,04 \times 100}{4} = 51$$

$$VI \frac{2,12 \times 100}{4} = 53$$

$$VII \frac{2,24 \times 100}{4} = 56$$

$$VIII \frac{2,12 \times 100}{4} = 53$$

E finalmente construiríamos o histograma da classe, de acôrdo com o modelo do quadro n.º 4.



NOTA — A *Revista de Educação*, de setembro e dezembro de 1939 publicou excelente estudo sobre os testes A B C, realizado pela Comissão de Estudos do S. I. A. E., do Departamento de Educação.

Testes Binet-Simon. Notícia histórica. — A primeira escala métrica de inteligência, organizada por BINET e SIMON, apareceu em 1905; em 1908 apareceu nova escala com alterações da primitiva e em 1911 foi ela novamente publicada.

A escala métrica de BINET-SIMON foi pouco apreciada na França. Em compensação, porém, mereceu na Bélgica a maior atenção do Dr. DECROLY e Mlle. DÉGAND, que a consideravam bom instrumento para distinguir as diversas categorias de anormais; na Suíça foi usada por Mlle. ALICE DESCOEUDRES; na Inglaterra por Miss YOHNSTON; na Alemanha por BOBERTAG; na Itália por TREVES e SAFFIOTI.

Especialmente nos Estados Unidos é que se multiplicaram as tentativas com a escala de BINET-SIMON. GODDARD ali a aplicou em crianças anormais.

A escala sofreu no estrangeiro certo número de revisões, citando-se entre elas as de BOBERTAG, na Alemanha; de C. BURT, na Inglaterra; de GODDARD, de KUHLMANN e Terman, nos Estados Unidos.

Na revisão de Terman, aparece a seguinte classificação dos indivíduos, de acôrdo com o seu quociente de inteligência.

- Q. I. acima de 1,40 = gênio ou quase gênio;
entre 1,20 e 1,40 = inteligência muito superior;
" 1,10 e 1,20 = " superior;
" 0,90 e 1,10 = " normal ou média;
" 0,70 e 0,80 = " rude ou limitrofe;
abaixo de 0,70 = " debilidade mental.

As relações abaixo de 0,70 permitem uma subclassificação: cretinos (entre 0,50 e 0,70); imbecis (entre 0,25 e 0,50) e idiotas (abaixo de 0,25).

A escala na opinião de seus criadores. Leitura. — "... elaboramos com auxílio de nosso dedicado colaborador, o Dr. Simon, um método de medida da inteligência a que demos o nome de *escala métrica*. A idéia diretriz dessa medida foi a seguinte: inventar um grande número de provas, a um tempo rápidas e precisas a que apresentassem uma dificuldade crescente; experimentá-las em grande número de crianças de idades diversas; guardar os resultados; procurar quais as provas que satisfizeram em determinada idade e que crianças mais novas, não ultrapassando a diferença de um ano, fossem incapazes de realizar, constituir uma escala métrica da inteligência, que permitisse determinar se dado indivíduo tem a inteligência de sua idade, ou se está em atraso, ou avançado e a quantos meses ou anos atinge esse atraso ou esse avanço" (BINET).

Observações gerais sobre as experiências com os testes de Binet-Simon.

- 1 — a) Todo o material dos testes deve ser preparado com antecedência;
- b) A experiência deve ser realizada em lugar isolado e silencioso;
- c) O examinador precisa estar a sós com a criança. No caso de haver assistentes, é conveniente preveni-los de que não devem perturbar o trabalho;
- d) O examinador deve ser paciente e atável e tranquilizar a criança.
- 2 — a) Não é preciso observar a ordem das questões;
- b) Não é conveniente iniciar o exame com perguntas difíceis. Isso desencorajaria a criança. Também as questões muito fáceis podem prejudicar o trabalho, no início.
- 3 — a) Não se deve absolutamente, modificar a forma em que estão propostos as questões.
- b) É necessário, porém, esforçar-se para a obtenção de uma resposta;
- c) É preciso esperar pacientemente que a criança responda à questão proposta. Às vezes um olhar, um movimento podem cortar o fio da resposta que o examinador está elaborando;
- d) É conveniente evitar expressões desanimadoras: "Então, não sabe?" É prudente animar sempre: "Muito bem!" "Bravo!"
- 4 — a) Deve-se ter à mão caderno e ficha (escala de testes). No caderno anotam-se as respostas textuais, com todas as minúcias. Este trabalho pode ser feito por auxiliar de confiança;
- b) As fichas podem ser individuais ou coletivas. A marcação das respostas é feita na própria ficha, + quer dizer que a prova foi satisfatoriamente resolvida; — indica que o examinando fracassou; ? quando o resultado nos parece dividido, mais francamente negativo.
- 5 — a) *Uma criança possui o nível de inteligência de cuja idade ela resolve todas as provas. Imaginemos uma criança de 9 anos que execute todos os testes da idade de sete. Terá pelo menos a idade mental de 7 anos;*
- b) *Depois de se ter determinado a idade de que a criança executa todas as provas, ajustaremos a idade mental respectiva, um ano mais, se vencer cinco testes, quatro das idades superiores; dois anos se vencer dez; três, se quinze. E assim por diante (*).*

Trabalhos práticos.

- 1 — Praticar a escala Binet-Simon em classe do curso primário.
- 2 — Organizar um cartaz com as questões dessa escala.
- 3 — Preparar o material necessário aos exames da escala.
- 4 — Fazer uma palestra sobre a escala métrica da inteligência, de Binet-Simon.
- 5 — Estudar no livro de Binet — *Les idées modernes sur les enfants*, a gênese dessa escala.

Testes de vocabulário e inteligência (Dr. SIMON). Observações. — As perguntas do teste não podem ser alteradas; deve-se observar rigorosamente a sua formulação. Pode-se repetir a pergunta se a criança não compreender a primeira vez, mas a formulação deve ser exatamente a mesma.

É necessário que se empenhe o examinador em não facilitar as questões, comparando-as com gestos ou com o olhar. (Observar, principalmente, as questões n.º 2, 3, 12 e 27).

(*) Estas duas regras práticas tomamos ao livro *Testes para a medida do desenvolvimento da inteligência* — de A. BINET e Th. SIMON — trad. do Prof. LOUENÇO FILHO — Cia. Melhoramentos de São Paulo — A esse excelente livro remetemos com empunho os alunos da escola normal, que desejem esclarecimentos a respeito do assunto.

As provas da escala Binet-Simon.

Nome
 Filiação
 Profissão paterna
 Nasceu a
 Data do exame

Côr
 Escolaridade

	+	-		+	-
3 anos	+	-		+	-
Mostrar olhos, nariz e boca. Repetir 2 números. Enumeração numa gravura. Dar o nome e sobrenome. Repetir frase de 6 sílabas.	?			?	
4 anos			7 anos		
Dizer o sexo. Nomear objetos usuais. Repetir 3 números. Comparar 2 linhas.			Mão direita, orelha esquerda. Descrever uma gravura. Ordem triplíce. Contar Cr\$ 0,90. Nomear 4 côres.		
5 anos			8 anos		
Comparar 2 pesos. Copiar um quadrado. Repetir frase de 10 sílabas. Contar 4 tostões. Jogo de paciência.			2 objetos de memória. De 20 a 0. Lacunas de figuras. Dar a data do dia. Repetir 5 números.		12 anos
6 anos			9 anos		+
Distinguir manhã e tarde. Definir pelo uso. Copiar um losango. Contar 13 tostões. Comparações estéticas.			Dar troco em Cr\$ 2,00. Definir melhor que pelo uso. Reconhecer a moeda. Enumerar os meses. Perguntas fáceis.	?	-
			10 anos		
			Ordenar 5 pesos. 2 desenhos de memória. Frases absurdas. Perguntas difíceis. 3 palavras em 2 sentenças.		?
					15 anos
					Resistir à sugestão de linhas. 3 palavras em 1 sentença. Mais de 60 palavras em 3 minutos. Explicar conceitos. Reconstruir frases em desordem.
					Adultos
					Repetir 7 números. Achar 3 rimas. Repetir frases de 26 sílabas. Interpretar uma gravura. Fatos diversos.
					Teste do recorte. Reconstruir triângulo. Dif. entre idéias abstratas. Rei, Presidente. Pensamento de Hervey.

Observações
 Idade real }
 Idade mental } Q. I.

Examinado por

Em seguida a cada pergunta deve-se escrever a resposta completa da criança, acompanhada do sinal + se for errada.

Se a própria criança se corrige imediatamente, sem a intervenção do professor, considera-se boa a resposta.

Questões.

- 1 — Estenda os braços para a frente. (Se estender os dois é certo. É falso se estender um só).
- 2 — Mostre o teto.
- 3 — Mostre seus ombros. (Os dois).
- 4 — De que cor é o leite?
- 5 — De que cor é o sangue?
- 6 — Que é isto? (papagaio).
- 7 — Que é isto? (besouro).
- 8 — Que é isto? (sapo).
- 9 — Quem é que vende a carne? (açougueiro).
- 10 — Quem é que vende os remédios? (farmácia ou farmacêutico).
- 11 — Quem é que faz os ternos de homens? (alfaiate).
- 12 — Vá até a porta.
- 13 — Volte.
- 14 — Aqui está uma pena velha, esta é...? (nova).
- 15 — Aqui está uma fazenda fina, esta é...? (grossa).
- 16 — Aqui está uma linha reta, esta é...? (curva).
- 17 — Quando um objeto não está quente diz-se que ele está...? (frio).
- 18 — Quando uma calça não é comprida, diz-se que ela é...? (curta).
- 19 — Quando uma pessoa não está alegre, diz-se que ela está...? (triste).
- 20 — De que é este tinteiro? (vidro).
- 21 — De que é esta agulha? (aço).
- 22 — Que é isto? (um sapato, um cinto).
- 23 — Que é que se compra no correio? (selos).
- 24 — Que é que se compra na livraria? (livros).
- 25 — Que é que se compra no folheiro? (canecas, vasilhas, baldes de zinco).
- 26 — Que cor é esta? (cinzenta).
- 27 — Mostre a orelha esquerda.
- 28 — Este lápis é pequeno e este é...? (menor).
- 29 — Conte estas bolinhas (11).
- 30 — Repita direitinho o que eu vou dizer: "O gato preto correu atrás da bolinha e caiu no chão" (Repetir exatamente).

Material para estudo ou aplicação do teste — Vocabulário e inteligência.

- 1 — 3 desenhos: papagaio, besouro e sapo.
- 2 — Um retângulo de cartolina e pregadas nele uma pena nova e outra velha.
- 3 — Um retângulo de cartolina com um retalho de fazenda fina e outro de fazenda grossa.
- 4 — Um retângulo de cartolina e riscada com pena rinde uma linha reta e uma semicircunferência.
- 5 — Um tinteiro (de nanquim).
- 6 — Uma agulha pregada na cartolina.
- 7 — Uma bolsinha de couro.
- 8 — Colado na cartolina um pedaço de fazenda cinzenta.
- 9 — Em cartolina. Dois pedaços de lápis; um pequeno e outro menor.
- 10 — 10 — Em cartolina — círculos a nanquim, cheios. 1 cm de diâmetro e a 1 cm de distância (11 círculos).

Apreciação das respostas.

- 1 — Dois braços estendidos — exata — um, inexacta.
- 2 — Apontar ou olhar para o teto — exata.
- 3 — Levantar ou mostrar os dois ombros — exata.
- 4 — Branca.
- 5 — Vermelha.
- 6 — Papagaio.
- 7 — Besouro.
- 8 — Sapo.
- 9 — Açougueiro ou carnicheiro.

- 10 — Farmácia ou farmacêutico.
- 11 — Alfaiate.
- 12 — Se a criança se dirige para a porta, exata. Se a criança não executa a ordem, considera-se errada a resposta, porém, explica-se em seguida o que devia fazer para que se possa dar a ordem seguinte.
- 13 — Inexacta se a criança volta imediatamente. Nota: A ordem deve ser dada antes de a criança chegar à porta.
- 14 — Nova.
- 15 — Grossa.
- 16 — Curva.
- 17 — Frio.
- 18 — Curta.
- 19 — Triste.
- 20 — de vidro.
- 21 — de aço.
- 22 — de couro.
- 23 — Selos.
- 24 — Livros.
- 25 — Nota: A resposta "fólia" apenas não é suficiente. Devemos perguntar: "Que mais?"
- 26 — Cinzenta ou cinza.
- 27 — Mostrar a orelha esquerda.
- 28 — Menor.
- 29 — Contar até 11 bolinhas (contar apontando com o dedo).
- 30 — Repetir direito o que foi visto.



PONTOS	IDADE MENTAL	PONTOS	IDADE MENTAL
1	3:3	6	4:6
2	3:6	7	4:9
3	3:9	8	5 anos
4	4 anos	9	5:3
5	4:3	10	5:6
11	6:9	16	7 anos
12	6 anos	17	7:3
13	6:3	18	7:6
14	6:6	19	7:10
15	6:0	20	8:2
21	8:6	26	10:2
22	8:10	27	10:6
23	9:2	28	10:10
24	9:6	29	11:12
25	9:10	30	11:6

Trabalhos práticos.

- 1 — Realizar a prova de vocabulário num 1.º ano primário.
- 2 — Organizar um cartaz com as questões desse teste.
- 3 — Preparar o material de teste e doá-lo ao Museu Didático.

Teste de Ballard. Instruções gerais. (*) — "Vou fazer umas perguntas muito fáceis a que vocês devem responder. Muitas são tão fáceis que vocês até vão ficar admirados. Prestem muita atenção, porém, para não responderem uma tolice. Vou dar uns exemplos para vocês verem como é fácil: "Se eu perguntar, quantos rabos têm cinco gatos, que é que vocês respondem". (Espera-se a resposta: cinco). Muito bem! Qual é a cor de um tomate maduro que eu mergulhasse na água? Espera-se a resposta: (vermelho). Muito bem! As perguntas que eu vou fazer são tão fáceis como estas. Esta folha de papel que vocês tem aí na carteira está numerada de 1 a 100. Cada número é o da pergunta que eu vou fazer; portanto, em cada linha escrevam uma resposta. Vocês devem escrever só a resposta. A resposta é sempre uma ou duas palavras. Quando vocês não souberem responder ou porque não entenderam ou mesmo porque não ouviram bem, passem um traço diante do n.º da pergunta. Não deixem nunca nenhuma linha em branco e não perguntem nada a ninguém. Não sabendo responder

(*) *Técnica do Serviço de Psicologia Aplicada da Diretoria-Geral do Ensino* — Organizamo-la após estudo acurado das técnicas de DEGRÖLY, ANTIOPE, PERNAMBUCANO e BUENO DE ANDRADE. Aproveitamos as sugestões que nos pareceram melhores. É inteiramente experimental. Usamos inúmeros cartazes, em substituição à escrita ao quadro negro, que nos parecia condicionada a variáveis muito grandes. As fórmulas incluídas indicam o processo do emprego de cartazes. Contávamos com afeição a iniciada no ano anterior, e a continuar-se em 1932, para dar-lhe caráter definitivo (Palavras deste Serviço).

passem um traço adiante do número da pergunta. Só escrevam quando eu mandar. Não escrevam antes de eu dizer: "Escrevam". Esperem esta ordem. Quando acabarem de responder, levantem os lápis assim: (Indica-se com o cotovelo apoiado na carteira).

ATENÇÃO! — Vou repetir!

- 1.º — Não perguntem nada a ninguém.
 - 2.º — Não conversem.
 - 3.º — Leiam o que eu mostrar só para si, sem falar.
 - 4.º — Quando não souberem passem um traço adiante do n.º da pergunta. Só escrevam quando eu mandar.
 - 5.º — Levantem o lápis toda a vez que terminarem.
- 1 — Escrevam quantos pés tem uma mesa de três pés. (Três).
 - 2 — Os carneiros pretos dão lã preta. Qual é a cor do leite de uma vaca preta? Escrevam na linha n.º 2. (Branco).
 - 3 — Para fazer um presente a sua mãe que escolherá você: (apresentando o cartaz — corda de pular, boneca, luvas, bola — e abrindo o cronômetro) uma corda de pular, uma boneca, um par de luvas ou uma bola? (No fim de 15" virar o cartaz). Escrevam na linha n.º 3, apenas uma das palavras do quadro que eu mostrei. (Luvas).
 - 4 — Mole é o contrário de duro. Escrevam qual é o contrário de molhado. (Enxuto).
 - 5 — (Apresentando o cartaz — cravo, violeta, rosa, leão, margarida — iniciando a marcação do tempo — 15"). Quatro dessas palavras querem dizer a mesma coisa e uma delas quer dizer coisa diferente. (Ao terminar o tempo). Escrevam aí a palavra que significa essa coisa diferente. (Leão).
 - 6 — (Levantando o braço, ordenará o professor que o aluno faça o mesmo com o lápis). "Vou dizer alguns números e vocês só escreverão quando eu tiver acabado e abaixar o braço. Vocês deverão escrever os números na mesma ordem que forem ditos e todos na mesma linha: (O professor dirá com a velocidade de 1 por segundo) 2, 7, 4, 5.
 - 7 — (Apresentando o cartaz — gato, cão, livro, cavalo, carneiro — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Quatro dessas palavras querem dizer a mesma coisa, uma delas coisa diferente. (Ao terminar o tempo). Escrevam aí a palavra que quer dizer coisa diferente. (Livro).
 - 8 — (Apresentando o cartaz) — Paulo, João, Luís — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Diz-se: Num jantar, Paulo comeu mais do que João e Luís, mais do que Paulo. (Ao terminar o tempo). Escrevam aí quem comeu menos. (João).
 - 9 — Escrevam somente as duas primeiras letras que indicam que dia vem antes do domingo. (Sábado).
 - 10 — (Apresentando o cartaz — pombo, canário, galinha, pato, lobo — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Quatro dessas palavras querem dizer a mesma coisa e uma delas, coisa diferente. (Ao terminar o tempo). Escrevam aí a palavra que quer dizer essa coisa diferente. (Lobo).
 - 11 — (Apresentando o cartaz — Maria, Elza, Ana — iniciando a marcação do tempo — 15"). Diz-se: Maria é mais velha do que Elza e Ana é mais moça do que Elza. (Ao terminar o tempo). Escrevam aí, qual é a mais moça das três. (Ana).
 - 12 — Um menino olha pela janela do seu quarto um campo que ele está vendo inteirinho e vê 6 carneiros. Sua irmã olha pela mesma janela e vê também 6 carneiros. Escrevam aí quantos carneiros há no campo. (6).
 - 13 — Escrevam qual é o contrário de adormecido. (Acordado).
 - 14 — (Apresentando o cartaz — falso, verdadeiro — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Diz-se: Num túmulo estava escrito o seguinte — "aqui jaz o corpo de Luís Silva que se perdeu no mar e nunca foi achado". Escrevam aí uma das 2 coisas. (Falso).
 - 15 — Dois viajantes estão a 12 quilômetros de São Paulo. Escrevam quantos quilômetros cada um deverá percorrer para chegar a São Paulo. (12 quilômetros).
 - 16 — Escrevam aqui qual é o menor número de fósforos necessários para formar um quadrado, sem quebrar nem um fósforo. (4).
 - 17 — Escrevam qual é o contrário de barato. (Caro).
 - 18 — Escrevam qual é o contrário de em cima. (Em baixo).

19 — Escrevam qual é o contrário de estreito. (Largo).

20 — Por que alguns homens usam relógio-pulseira? (Mostrando o cartaz — não têm bolsos, são tolos, mais fácil — e começando a marcar o tempo). Será por que não têm bolsos? Por serem tolos? Ou por que é mais fácil? (Ao terminar o tempo — 15"). Escrevam aí a resposta em uma palavra só. (Fácil).

21 — (Apresentando o cartaz — 5 passos, 50 passos, 500 passos, 1.000 passos — e começando a notar o tempo — 15"). Quantos passos um homem pode dar andando durante 10 minutos? (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (1.000 passos).

22 — O examinador diz — agosto. A seguir soletrará a palavra: a-g-ô-s-t-o. Depois dirá: Escrevam aí as duas letras do meio da palavra agosto. (ôs).

23 — (Apresentando o cartaz — cachimbo, bicicleta, cigarros, bracelete — iniciando a marcação do tempo — 15"). Seu pai não fuma. Qual desses objetos você escolheria para fazer um presente a seu pai? (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (Bicicleta).

24 — (Apresentado o 1.º cartaz — maçã, come, uma, Luís — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Aqui está uma sentença em desordem. Vamos experimentar colocar as suas palavras em ordem. — Luís come uma maçã — Muito bem! Agora faça o mesmo com estas palavras. (Apresentando o cartaz — relógio, marca, horas, duas — e sentença feita agora). (Horas).

25 — (Apresentando o cartaz — escorrer, ver, desastres, mais bonito — iniciando a marcação do tempo — 15"). Por que será que as estradas são mais altas no centro do que dos lados? Será que é para que a água possa escorrer? Ou será para que os condutores de veículos possam ver bem ou será ainda por que é para impedir desastres? Ou por que é mais bonito? (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (Escorrer).

26 — (O professor deve seguir a mesma técnica do n.º 6). Escrevam aí os números: 4-8-1-9-2.

27 — (Apresentando o 1.º cartaz diz: — Aqui está uma série de números 4-5-6-7... Falta um número para completar esta série. Que número que falta nesta outra série (apresentando o cartaz: 9, 8, 7, 6... e iniciando a marcação do tempo — 15"). Escrevam qual é o número seguinte nesta série. (5).

28 — (Mostrando o cartaz — cabeça, pés, mãos — e dizendo ao iniciar a marcação do tempo — 15"). Do outro lado da terra os homens andam com a cabeça, com os pés ou com as mãos? (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (Pés).

29 — Quando na venda lhe derem trôco demais, o que vocês devem fazer: (Iniciando a marcação e mostrando o cartaz — comprar, dizer, trazer — 15") comprar chocolate, dizer ao caixeiro que se enganou ou trazer o dinheiro para casa? (Ao terminar o tempo). Escrevam a resposta aí com uma palavra só. (Dizer).

30 — Escrevam a palavra do meio da sentença seguinte: o Pedrinho ganhou um presente. (Ganhou).

31 — Por que é que o capim é bom alimento para as vacas? (Mostrando o cartaz — verde, barato, natural e começando a cronometragem — 15"). Por que é verde, por que é barato ou por que é o alimento natural delas? (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (Natural).

32 — (Mostrando o cartaz — feliz, divertido, alegre, triste, sorridente — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Quatro dessas palavras — lêem-se as palavras — significam a mesma espécie de coisas e uma delas coisa diferente. (Ao terminar o tempo). Escrevam a palavra que significa a coisa diferente. (Triste).

33 — Escrevam quantos pés tem um avestruz. (Dois).

34 — (Apresentando o cartaz — instrumento, rapaz, pedra, planta — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Diz-se: "instrumento, rapaz, pedra, planta". (Ao terminar a marcação do tempo). Escrevam aí a palavra que melhor indique o que é uma erva. (Planta).

35 — (Levantando-se o braço). Prestem atenção às letras que eu vou ditar. Só escrevam quando eu abaixar o braço. Atenção! F, H, P, T, R. (Abaixa-se o braço). Escrevam aí.

36 — (Apresentando o cartaz — pão, carne, batatinhas, água, queijo — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Quatro dessas palavras querem dizer a mesma coisa, mas uma delas quer dizer coisa diferente. (Ao terminar o tempo). Escrevam aí a palavra que quer dizer essa coisa diferente. (Água).

- 37 — (Apresentando o cartaz — mãe, pai, tia, irmã, sobrinha — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Quatro dessas palavras significam a mesma coisa e uma delas coisa diferente. (Ao terminar o tempo, escondendo o cartaz). Escrevam aí a palavra que quer dizer essa coisa diferente. (Pai).
- 38 — (Apresentando o cartaz e iniciando a marcação do tempo — Os galos os ratos pegam — 15"). Façam com estas palavras uma sentença correta. (Ao terminar o tempo). Escrevam agora a última palavra da sentença que vocês fizeram. (Ratos).
- 39 — (Apresentando o cartaz — pequena, uma, João, irmã, tem — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Façam com estas palavras uma sentença correta. Ao terminar o tempo). Escrevam a última palavra da sentença que vocês fizeram. (Irmã).
- 40 — (Apresentando o cartaz — carroças, automóvel, cavalos, casa, fumaça — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Procurem qual é a palavra que indique uma coisa que há em todas as cidades. (Ao terminar o tempo). Escrevam aí essa palavra. (Casa).
- 41 — (Apresentando o cartaz — verde, vermelho, preto, amarelo, azul — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Quatro dessas palavras querem dizer a mesma coisa e uma quer dizer coisa diferente. (Ao terminar o tempo). Escrevam a que indica essa coisa diferente. (Preto).
- 42 — A mesma técnica do número 6. O professor, levantando o braço, ordenará que o aluno faça o mesmo com o lápis). Vocês deverão escrever os números na mesma ordem que eu disser e todos na mesma linha. Escrevam: 6-3-5-0-7-2.
- 43 — Escrevam qual é o segundo número depois de 15. (17).
- 44 — Diz-se: qual é o dia que fica mais perto do domingo? Quinta-feira ou sexta-feira? (Apresentando o cartaz — quinta-feira, sexta-feira — e marca-se o tempo — 15"). Escrevam aí. (Sexta-feira).
- 45 — (Apresentando o cartaz — abelhas, do néctar, colmeias, flores — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Diz-se: De onde vem primeiro o mel (lendo-se o cartaz) das abelhas, do néctar, das colmeias ou das flores? (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (Néctar).
- 46 — (Apresentando o cartaz para exemplo). Aqui vocês têm uma série de números: 1-3-5-6-7-9. Qual é o número que não devia estar aí? 6 — muito bem!... (Apresentando novo cartaz — 10, 8, 6, 5, 4, 2 — e iniciando a marcação do tempo — 20"). Qual é o número que não devia estar aqui? (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (5).
- 47 — (Apresentando o cartaz — 3, 6, 7, 9, 12, 15 — e iniciando a marcação do tempo — 20"). Qual é o número que não devia figurar nesta série? (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (7).
- 48 — Escrevam estas letras aí: O, M, I, R, N (uma por segundo).
- 49 — Diz-se: "maçã, pêra, cereja". (Apresentando o cartaz — erva, ameixa, fôlha, árvore, noz — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Essas três coisas se parecem. Vejam destas quatro a palavra que mais se parece com as que acabei de dizer. (Ao terminar o tempo). Escrevam estas palavras aí. (Ameixa).
- 50 — (Apresentando o cartaz — Estavam, uma, três, árvore, corvos, sobre, pretos — iniciando a marcação do tempo — 25"). Façam uma sentença correta. (Ao terminar o tempo). Escrevam a primeira e a última palavra da sentença. (Três, árvore).
- 51 — (Apresentando o cartaz — Pode, uma, João, barco, fazer, de — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Façam uma sentença correta com estas palavras. (Ao terminar o tempo). Escrevam a primeira e a última palavra da sentença que vocês fizeram. (João, barco).
- 52 — (Apresentando o cartaz — 5, 10, 15, 20 — e iniciando a marcação do tempo — 20"). Pensem qual é o número que continua esta série. (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (25).
- 53 — Se uma vela pode ficar acesa duas horas, quanto tempo podem ficar duas velas acesas ao mesmo tempo? Escrevam. (2).
- 54 — (Apresentando o cartaz — 2, 4, 5, 6, 8, 10 — e iniciando a marcação do tempo — 20"). Nessa série há um número que não está bem. (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (5).
- 55 — (Apresentando o cartaz — 8, 9, 7, 5, 4 — e iniciando a marcação do tempo — 20"). Nesta série há um número que não está bem. (Ao terminar o tempo). Escrevam-no. (9).

- 56 — (Apresentando o cartaz — 81, 64, 15, 39, 42 — e iniciando a marcação do tempo — 30"). Aqui estão estes números. Imaginem que nós os arranjamos do menor para o maior. (Ao terminar o tempo). Escrevam o número do meio. (42).
- 57 — (Apresentando o cartaz — 1, 2, 3 — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Um rapazinho teve que experimentar 2 vezes (apontando o cartaz) para acender um foguete no dia de São João. (Ao terminar o tempo). Escrevam quando o foguete subiu, se na 1.^a, na 2.^a ou na 3.^a vez. (3.^a).
- 58 — (Apresentando o cartaz — Possível, impossível — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Luís Viana morou em 4 cidades, uma depois da outra, ficando 10 anos em cada uma delas. Pensem se é possível ou impossível. (Apontando o cartaz; ao terminar o tempo): Escrevam aí. (Possível).
- 59 — Levantando o braço o professor ordenará que o aluno faça o mesmo com o lápis — Vou dizer alguns números e vocês só escreverão quando eu tiver acabado e abaixar o braço. Vocês deverão escrever os números na mesma ordem em que eu disser e todos na mesma linha. Escrevam os números: 1-4-7-3-9-6-0.
- 60 — (Apresentando o cartaz — fita, campainha, pêlo, rato, leite — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Vejam qual é a palavra que indica uma coisa que o gato tem sempre. (Ao terminar o tempo). Escrevam aí esta palavra. (Pêlo).
- 61 — (Apresentando o cartaz — 1, 3, 5, 7, 8, 9 — e iniciando a marcação do tempo — 20"). Diz-se: Nesta série há um número que não devia estar aí e que deveríamos tirar. (Ao terminar o tempo). Escrevam aí este número. (8).
- 62 — Tempo 30". Numa rua as casas todas têm a mesma largura, os números ímpares estão de um lado e os pares de outro lado e as duas séries de números começam no mesmo ponto da rua. Escrevam qual é o número que fica em frente ao número seis. (5).
- 63 — (Apresentando o cartaz — Do primeira alfabeto a escreva letra — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Façam com estas palavras uma sentença correta. (Ao terminar o tempo). Façam aí no papel o que a sentença manda. (A).
- 64 — (Apresentando o cartaz — 2, 4, 6, 8 — e iniciando a marcação do tempo — 20"). Vejam qual é o número seguinte nesta série. (Ao terminar o tempo). Escrevam esse n.^o aí. (10).
- 65 — (Apresentando o cartaz — couro, madeira, assento, escultura — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Qual é a palavra aqui que indica uma coisa que todas as cadeiras têm? (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (Assento).
- 66 — (Apresentando o cartaz — Papel, cruz, no, uma, seu, faça — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Façam uma sentença correta com estas palavras. (Ao terminar o tempo). Façam agora o que a sentença mandou fazer. (+).
- 67 — (Apresentando o cartaz — As crianças... se comportam mal devem ser castigadas — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Falta uma palavra aqui. (Ao terminar o tempo). Escrevam essa palavra que falta. (que).
- 68 — (Apresentando o cartaz — 1, 2, 3, 4, 8, 5 — e iniciando a marcação do tempo — 20"). Há nesta série um número que não devia estar aqui. (Ao terminar o tempo). Escrevam esse n.^o aí. (8).
- 69 — (O cartaz — provável, possível, impossível — deve estar visível). Diz-se: (Iniciando a marcação do tempo — 15"). Ontem de manhã começou a chover e a chuva durou três dias sem parar. (Apresentando o cartaz). Escrevam se isso é possível, impossível, ou provável. (Impossível).
- 70 — (Apresentando o cartaz — 1, 3, 5, 7 — e iniciando a marcação do tempo — 20"). Vejam qual é o número seguinte nesta série. (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (9).
- 71 — (Apresentando o cartaz — março, dezembro, julho, outubro — e começando a anotar o tempo — 15"). Qual é em geral o mais quente destes quatro meses? (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (Dezembro).
- 72 — (O cartaz — possível, impossível — à vista, diz-se iniciando a marcação do tempo — 15"): O Sr. Campos morou sucessivamente em três cidades, isto é, uma depois da outra e em cada uma delas esteve 3 anos mais que nas outras. (Apontando o cartaz, sempre com a atenção presa ao cronômetro, para que as últimas palavras acabem ao terminar o tempo). Escrevam se isso é possível ou impossível. (Impossível).

- 73 — (Apresentando o cartaz — outubro, janeiro, junho, abril — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Qual é em geral o mês mais frio desses quatro meses? (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (Junho).
- 74 — (Ao apresentar o cartaz — vestido, bola, bólo, botões, quadros — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Vejam qual é a palavra do quadro cujo sentido mais se parece com estas. (Apresenta o 2.º cartaz: pelota, pião, boneca. Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (Bola).
- 75 — (Apresentando o cartaz — chumbo, penas, mesmo — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Diz-se: Qual o mais pesado apontando o cartaz: meio quilo de chumbo ou um quilo de penas? (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (Penas).
- 76 — (Apresentando o cartaz — céu, nuvens, fraca, lado — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Por que não vemos as estrelas de dia (apontando o cartaz): Porque estão atrás do céu, porque as nuvens as escondem, porque a luz é mais fraca do que o sol ou porque estão do outro lado da terra? (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (Fraca).
- 77 — (Apresentando o cartaz — peixe, pássaro, réptil, inseto — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Um lagarto é um peixe, pássaro, réptil ou inseto? (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (Réptil).
- 78 — (Apresentando o cartaz — madeira, chuva, árvore, alcatrão, fogo — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Vejam dessas palavras, aquela cujo sentido mais se parece com o sentido de: carvão, tinta, fuligem. (Ao terminar o tempo). Escrevam. (Alcatrão).
- 79 — Escrevam quantos botões a 20 centavos cada um há em uma dúzia. (12).
- 80 — (Apresentando o cartaz — riso, sorriso, agitação, satisfação — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Vejam qual é a palavra do quadro que indica uma coisa que há sempre na felicidade. (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (Satisfação).
- 81 — (Apresentando o cartaz — miséria, indolência, felicidade, sono — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Neste quadro há uma palavra que indica o que há sempre na preguiça. (Ao terminar o tempo). Escrevam aí esta palavra. (Indolência).
- 82 — Escrevam a antepenúltima letra da antepenúltima palavra da sentença: — Maria tinha um carneirinho. (N).
- 83 — Um carro tem quatro rodas do mesmo tamanho. Em cada roda da frente há 16 raios e em cada roda de trás há 12 raios. (Apresentando o cartaz — diante, atrás, mesmo — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Quando o carro anda, quais os raios que se movem mais depressa? (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (Mesmo).
- 84 — (Apresentando o cartaz — cordão, fita, elástico, mesmo, zero — e iniciando a marcação do tempo — 15"). (Diz-se: que é mais longo, apontando o cartaz), um pedaço de cordão, de fita ou de elástico? (Ao terminar o tempo). Se acharem que são iguais escrevam a palavra mesmo, se não puderem dizer sem ver escrevam um zero. (Zero).
- 85 — (Apresentando o cartaz — livro, cabeça, casa, bengala, gravata — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Qual é a palavra do quadro que tem o sentido mais parecido com estas três (pronunciando as palavras): chapéu, colêta, sapatos. (Gravata).
- 86 — (Apresentando o cartaz — 8, 8, 6, 6... — e iniciando a marcação do tempo — 20"). Qual é o número seguinte nesta série? (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (4, 4).
- 87 — (Apresentando o cartaz — deus, rei, poeta, cantor — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Vejam qual é a palavra do quadro que indica melhor o que era Júpiter. (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (Deus).
- 88 — Escrevam que parente é para mim o filho do irmão de minha mãe. (Primo).
- 89 — (Apresentando o cartaz — giz, carvão, mesmo, zero — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Diz-se: Que é maior, um pedaço de giz ou um pedaço de carvão? (Ao terminar o tempo). Se vocês acharem que são iguais escrevam "mesmo" se não puderem dizer sem ver escrevam zero. (Zero).

- 90 — (Apresentando o cartaz — ameixa, batata, pêsego, cereja, abacaxi — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Quatro dessas palavras querem dizer a mesma espécie de coisa e uma delas coisa diferente. (Ao terminar o tempo). Escrevam a palavra que quer dizer essa coisa diferente. (Batata).
- 91 — (Apresentando o cartaz — bom, mau — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Vejam se o conselho que eu vou dar: As batatas devem ser cozidas na água fria (apontando o cartaz) é um bom ou mau conselho? (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (Mau).
- 92 — (Apresentando o cartaz — 1, 2, 4, 8... — e iniciando a marcação do tempo — 20"). Qual é o número seguinte nesta série. (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (16).
- 93 — (Apresentando o cartaz — canto, poema, conto, novela — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Qual é a palavra do quadro que indica melhor o que é um soneto. (Ao terminar o tempo). Escrevam aí essa palavra. (Poema).
- 94 — Atenção! Numa família há 3 irmãos, cada um deles tem somente uma irmã. (Quantos são ao todo entre irmãos e irmãs? Escrevam aí. $3 + 1 = 4$).
- 95 — Que parenta minha é a filha de minha irmã? Escrevam aí. (Sobrinha).
- 96 — (Apresentando o cartaz — 1, 2, 4, 8, 10, 16... — e iniciando a marcação do tempo — 20"). Nesta série há um número que não devia estar aí. Ao terminar o tempo). Escrevam aí esse número. (10).
- 97 — (Apresentando o cartaz — 1, 2, 4, 7... — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Qual é o número seguinte nesta série? (Ao terminar o tempo). Escrevam aí. (11).
- 98 — Escrevam aí quantas bisavós vocês teriam, se tôdas estivessem vivas. (4).
- 99 — (Apresentando o cartaz — prisão, peixe, cólera, museu — e iniciando a marcação do tempo — 15"). Vejam destas palavras do quadro qual delas indica melhor o que é irritação. (Ao terminar o tempo). Escrevam aí esta palavra. (Cólera).
- 100 — (Apresentando o cartaz — metálico, feliz, florestal, límpido — iniciando a marcação do tempo — 15"). Vejam qual destas palavras do quadro, indica melhor o que quer dizer silvestre. (Ao terminar o tempo). Escrevam aí essa palavra. (Florestal).
- NOTAS: 1 — A respeito dos testes de Ballard o professor procurará ler o livro *Testes*, de Celsina de Faria Rocha e Bueno de Andrade.
- 2 — No mesmo livro encontrará copiosos dados a respeito do teste de desenho, de Mr. Florence Goodenough, destinado a medir o desenvolvimento intelectual da criança por meio de desenhos espontâneos.
- 3 — Nos Arquivos do Instituto de Educação, da Universidade de São Paulo — Ano II, nº 2, encontrará também informações sobre o teste Dearbon, prova coletiva não verbal para a verificação do nível geral da inteligência.
- 4 — É conveniente salientar que esse teste na sua série I, exame A, foi aferido pelo Laboratório de Psicologia daquele Instituto. Notícias sobre o assunto achará o professor no 1.º número dos Arquivos citados.
- Exames de audição.** — Para melhor distribuição dos alunos na classe, aqui reproduzimos um tipo de exame coletivo de audição, de acordo com a técnica de Th. Simon.
- Material necessário.** — Uma prancheta de pinho, de 20×10 centímetros e de 7 a 8 milímetros de espessura; um pequeno prisma de madeira e uma caixa que contenha diversos objetos. O prisma deve ter exatamente 10 cm de comprimento por 6 de largura e 6 de espessura, e ser coberto de feltro, para que sobre ele possam ser colocados objetos sem barulho. A sua colocação é numa das extremidades da prancheta.
- Preparo do exame.** — Cada aluno deve munir-se de papel e lápis, escrevendo: nome, sobrenome, data do nascimento e data do exame.
- Cada papel precisa estar enumerado de 1 a 9 em sentido vertical: $\frac{1}{2}$
- Direção.** — Dirigir-se o examinador às crianças, assim: "Estamos procurando saber se vocês têm bons ouvidos. Para isso vamos jogar do prisma à prancheta um níquel de tostão, um pedaço de vidro e mesmo coisa nenhuma. Procurem escutar bem o ruído que fazem estes objetos na sua queda". (Experimentar primeiro com a moeda, depois com o pedaço de vidro e finalmente com o nada).

Em seguida deve colocar-se à frente de todo o material um cartão, um caderno, qualquer coisa que vede a experiência das vistas da criança. Recomeçar a experiência pedindo aos alunos que observem bem o objeto que fôr lançado do prisma à prancheta, escrevendo depois o seu nome adiante do número, na fôlha.

Assim, por exemplo:

Número	1. vidro	4. nada	7. vidro
	2. nada	5. níquel	8. nada
	3. níquel	6. vidro	9. níquel

Enuncia-se um número de cada vez e espera-se a extinção do som da voz e faz-se cair enfim o objeto.

Esta primeira experiência visa orientar a criança na técnica ao mesmo tempo que denunciar ao professor crianças inteiramente surdas. A verdadeira exploração da audição deve ser praticada com objetos ainda menores do que os precedentes.

2.ª Experiência. — No verso de cada fôlha numerar de 1 a 15 (sentido vertical). Da altura de 6 cm deixar cair sobre a prancheta os seguintes objetos:

1. — um botão; 2. — uma borracha; 3. — um alfinete; 4. — um fósforo; 5. — nada.

Pode-se abreviar para maior rapidez, o nome dos objetos. Colocada a tela entre o material e as crianças, realizar a 2.ª experiência.

Correção. — A correção das respostas deve ser feita na segunda série da experiência. O examinador diz a ordem em que jogou os objetos e o examinando colocará um + na resposta certa e um — na errada.

Uma nota elucidativa de Th. Simon. — "O que procuramos não é absolutamente saber se, pelo som, estão os examinandos aptos para reconhecer um fósforo, um alfinete, ou mesmo um vidro de relógio, uma moeda, etc. Fornecemos êsses dados apenas para excitar a atenção das crianças. Na realidade, os melhores ouvidos confundem tais coisas; o que êles não cometem, porém, são os erros graves: nada ouvir quando cai um alfinete, tomar pela de um fósforo a queda de um botão; imaginar que não caiu nada porque não se ouviu o ruído surdo da borracha. Enfim, alfinete por fósforo ou fósforo por alfinete, são erros perfeitamente toleráveis. Trata-se do timbre e não de — quando no 1.º e no 2.º caso tiverem os examinandos escrito alfinete no lugar de fósforo ou vice-versa."

Verificação. — Devem ser consideradas suspeitas numa classe tôdas as crianças que apresentarem menos de 10 respostas certas. Tôda criança, diz SIMON, que comete no máximo 4 erros tem uma audição suficiente para acompanhar sua classe.

Observações. — Nos casos de dúvida como seja o não sabermos se o aluno com-preendeu as explicações dadas ou não lhes deu a devida atenção, é conveniente realizar exames individuais.

Exames individuais. — É feito com a voz cochichada a um e a cinco metros do aluno.

A UM METRO

ba bi
be bo
bi bo
bu be
bo ba



A CINCO METROS

bi bo bi ba be
ba bo be ba be
bi bo bi bo be
bu be bu bo bu

Considera-se suspeita a audição de crianças que cometerem mais de 5 erros na série de 5 metros.

Outro processo de verificação. — "O processo usado no exame comparativo da acuidade auditiva de analfabetos é simplíssimo. Põe-se um despertador ou um metrônomo em cima de um suporte, em salão bem silencioso, tendo-se o cuidado de o cobrir com um caixãozinho ou com manta pesada, para escondê-lo à vista e abafar um tanto as suas pancadas, de modo a torná-las ouvidas numa distância aproximada de 5 metros. A partir do suporte marca-se no soalho uma distância de 10 a 12 metros, dividida em metros e meios metros. Isto feito traz-se a 1.ª criança que é colocada no extremo oposto ao despertador, e, depois de um instante pergunta-se-lhe se ouve algum barulho. Ela não escutará e, seguramente, dirá que não. Avança então meio metro, e escuta; se ainda não o ouvir, aproxima-se mais meio metro; depois mais meio metro, até que ouça distintamente e diga que é o tique-taque ou são as pancadas de um relógio. Êste aluno, anotada a distância da qual ouve, é mandado para casa ou separado dos outros; não deve comunicar-se com os colegas, antes de concluída a verificação. Com todos êles procede-se da mesma forma com que se procedeu com relação ao primeiro. As distâncias das quais cada um ouviu o tique-taque do relógio, comparadas entre si, indicam os que ouvem mais facilmente e os que têm dificuldade em ouvir. Êstes assentam-se junto da mestra; e assim remedeia-se o mal" (J. TOLEDO — Didática).

Exames da visão. — Para o exame da visão de crianças analfabetas recomenda-se a feitura de figurinhas de um centímetro quadrado, a nanquim, bem traçadas. O examinador deve traçar no chão uma distância de 10 metros, e marcar nela todos os 1/2 metros. A criança examinada posta no limite dos 10 metros observa a figurinha que o examinador lhe mostra, para que diga o que representa. Não vendo a figura no limite dos 10 metros o aluno vai-se aproximando de meio em meio metro até reconhecê-la.

Para o exame de crianças alfabetizadas, fazem-se cartazes com 10 palavras de Om008, escritas a nanquim. Ex.: — *côco, raso, comêço, vaca, relógio, vento, cadeira, livro, régua, macaco.*

Colocar êsses cartazes a distância de 5 metros da criança e calcular a acuidade visual: assim: 5m — vista normal; além de 5, vista supernormal; aquém de 5, vista subnormal.

Da matrícula dos alunos. — A legislação escolar de São Paulo estabelece que a matrícula de alunos nas escolas primárias se realize de 1.º a 10 de fevereiro. Apenas exige que por essa ocasião sejam tomados do aluno os seguintes dados: nome, idade (dia, mês e ano), residência e naturalidade do aluno. Nome, profissão e nacionalidade do pai. Contribuição para a caixa escolar. Religião que pretende seguir na escola.

DA FICHA DO ALUNO

1.ª PARTE

Nome
Estabelecimento
Sexo Cór.
Data do nascimento Classe
Repetente? Período
Nacionalidade Matriculado a
Eliminado a art.º

2.ª PARTE

Nome do pai ou tutor
Histórico social: A família consiste de: Pai — Mãe — Irmãos — Irmãs — outros,
Última residência: casa própria coletiva espécie
Profissão do pai Nacionalidade do pai
Profissão da mãe Nacionalidade da mãe
Contribui para a Caixa Escolar? Recebe auxílio?
Estuda em outras escolas? Horário Trabalha?
Natureza do trabalho Salário Horário
Horas de recreio e descansos diários

3.ª PARTE

Dados antropométricos

Estatura de pé	Altura do busto
Peso	Perímetro torácico
Cabeça	Outros dados
Dentição	Visão
	Audição
	Prolação

4.ª PARTE

Escolaridade — I. C. (idade cronológica); I. M. (idade mental); Q. I. (quociente de inteligência); Índices diversos.

Psicograma — Testes A B C

Leitura	Linguagem
Observações do professor	
Frequência	Pontualidade
Interesses especiais	Aptidões
Gráfico de notas	
Comportamento	Aplicação

NOTA: Os dados acima, apenas citados e não distribuídos pela ficha do aluno, constituem meras referências sobre informações que a escola pode obter para melhor conhecimento do aluno.

Trabalhos práticos.

- 1 — Organizar material para exame da visão, destinado a crianças alfabetizadas e analfabetas.
- 2 — Procurar em oculistas modelos de escalas para a medida da acuidade visual.
- 3 — Fazer cartazes que mostrem o globo ocular normal; o olho míope, o olho hipermetrope, etc.
- 4 — Estudar em Binet — *Les idées modernes sur les enfants*, a parte dedicada aos exames da visão e da audição.
- 5 — Realizar exames de visão e de audição no curso primário.
- 6 — Estudar o problema da miopia relacionado com os trabalhos escolares.
- 7 — Estudar o mesmo problema articulado com o da impressão de livros e de mapas.
- 8 — Verificar o grau de acuidade visual dos alunos de um primeiro ano e depois recolocar esses alunos na classe.
- 9 — Estudar a influência que salas mal iluminadas possa exercer sobre a vista dos alunos.
- 10 — Estudar a influência da pintura das paredes da escola, especialmente da sala de aula, sobre a visão infantil.

NOTA: Para o estudo da estrutura físico-mental do aluno consultar: EVERARDO BACKHEUSER, *Ensaio de Biotipologia Educacional* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

IV

RETARDADOS E REPETENTES

O problema dos repetentes. — Por ocasião da matrícula anual, que as nossas escolas realizam no início do ano letivo, enchem-se as classes de crianças repetentes, alguns que vêm freqüentando as aulas primárias sem promoções ou com promoções retardadas. Não é rara a existência de crianças que há 4 ou 5 anos alisam os bancos do 1.º ano, como analfabetas.

Problema de grande importância no campo do ensino, não deverá escapar ao estudo dos professores ou praticantes das escolas normais, uma vez que envolve questões de interesse geral.

Orientando esse estudo, aqui deixamos algumas notas como direção, recomendando ainda aos praticantes observações diretas no curso primário, para o conhecimento do grave problema.

O mal das reprovações. (1) — "Se a porcentagem média de promoções para o Estado deverá ser de 75% e se é de 60%, segue-se haver um "deficit" evitável de 15%, o que significa que o número de reprovações, uma vez que a matrícula efetiva é de 340.000 alunos, atinge o total de mais de 50.000 crianças.

Cada aluno custa por ano aos cofres do Estado cerca de Cr\$ 200,00. Infere-se que, sendo aprovados 50.000 alunos, isto é, 15% dos 340.000 da matrícula efetiva do Estado, há um dispêndio anual de mais de 10 milhões de cruzeiros em pura perda em consequência de reprovações evitáveis. E esta avaliação está longe de ser pessimista.

Basta dizer que, a calcular-se pelo "deficit" teórico de 40%, já de si um pouco otimista, essa despesa improfícua atingiria quase o triplo — cerca de 27 milhões de cruzeiros.

Esse dispêndio ineficaz de dinheiro é incontestavelmente um mal impressionante.

Contudo, não é o único, nem, certo, o pior dos males das reprovações inevitáveis.

É necessário refletirmos, nas desastrosas *conseqüências psicológicas, morais e sociais* (2) das reprovações.

A criança, como ser humano em formação, é merecedora de toda a proteção e respeito social, maior do que os devidos ao adulto, que é consciente e capaz de reação conveniente.

Ora, os psicólogos — os da escola psicanalista principalmente — nos falam no desgosto e no "complexo de inferioridade" que as reprovações provocam nas crianças suas vítimas. O aluno reprovado tende ao desânimo. Cada reprovação que sofre lhe diminui a fé em si próprio e a capacidade de esforço.

Enquanto a aprovação, o bom êxito, é fator primordial de elevação da personalidade, é estímulo poderoso para a obtenção de novos êxitos, as reprovações que se repetem acabam transformando a sua vítima em um ser displicente e vencido. O fracasso — sabem-no todos — é causa de depressão moral, de abatimento, de desfibramento da personalidade — nem seria necessária a autoridade dos psicólogos para prová-lo.

As escolas onde são numerosas as reprovações têm, em grande parte, desvirtuada a sua finalidade, pois não somente se poderão classificar de pouco eficientes, mas muito mais que isso, de *contraproducentes*, porque não se limitam neutramente a não educar, o que já seria uma grave mal, mas contribuem para *deseducar*. isto é, para determinar a formação de indivíduos de psicologia mórbida, mais ou menos inúteis ou mesmo prejudiciais a si e à sociedade. Ora, uma estatística, embora parcial, pois atinente apenas

(1) Os dados se referem ao ano de 1935.

(2) Os grifos são nossos.

a uma das delegacias de ensino, revelou que é de 84,38% a porcentagem de promoção relativa aos alunos que concluíram o curso primário normalmente, isto é, em 4 anos, e que é de 76,54%, 70,27% e 66,66%, respectivamente a porcentagem dos que fizeram esse curso anormalmente, em 5, 6 e 7 anos — o que indica uma relação inversa entre o número de repetições de ano a que foram sujeitos os alunos e a sua porcentagem de promoção nos anos seguintes.

Não se pode olvidar ainda que os *repetentes* são na maioria dos casos, crianças que tomam na mesma classe lugares que poderiam ser ocupados por novos alunos, impedindo-lhes a matrícula, prejudicando-os gravemente, portanto, em um, dois ou mais anos na vida.

De outro lado, as reprovações, máxime quando numerosas ou repetidas, desgostam profundamente os pais, determinam o descrédito da escola pública primária, descrédito que se reflete sobre a classe do professorado, que repercute na administração do ensino, nos seus técnicos, no próprio Governo.

Somos um país de imigração e a nossa escola pública primária precisa desempenhar eficientemente a sua função de órgão assimilador dos filhos de estrangeiros.

Nem é preciso dizer mais do que ai fica lembrado, aliás muito de corrida, para patentear qual a importância do mal das reprovações e evidenciar a necessidade ineludível de descobrir-lhe as causas e de combatê-las com segurança e decisão" (LUÍS GONZAGA FLEURY).

Causas das reprovações — O Prof. LUÍS GONZAGA FLEURY, Chefe do Serviço de Educação Primária do Departamento de Educação, no mesmo Boletim (*) de que extraímos o trecho anterior, publicou as seguintes notas que reproduzimos a seguir, sumariando algumas das causas das reprovações:

- 1 — Deficiência do período letivo diário nos grupos escolares, máxime nos grupos tresdobrados.
- 2 — Número excessivo de alunos nas classes, embora a lotação das classes comporte esse número.
- 3 — Superlotação de salas ainda que o número de alunos não seja excessivo para a regência de um professor.
- 4 — Salas de aula destituídas de requisitos higiênico-pedagógicos.
- 5 — Classes heterogêneas, quer quanto ao grau de aprendizado dos alunos, quer quanto ao seu índice mental.
- 6 — Matrícula de crianças imaturas no 1.º ano.
- 7 — Matrículas tardias.
- 8 — Pouca frequência dos alunos.
- 9 — Deficiência quantitativa e qualitativa de material escolar, e mais especialmente de material didático.
- 10 — Programas extensos.
- 11 — Deficiência de orientação pedagógica.
- 12 — Licenciamento de professores e suas remoções durante o ano.
- 13 — Falta de seleção vocacional dos candidatos ao curso de formação de professor, e defeito do ensino ministrado nesses cursos, principalmente quanto à prática pedagógica.

Algumas estatísticas sobre os repetentes na escola primária

No ensino primário paulista estadual, o movimento escolar de 1942 a 1949 foi o seguinte:

Anos	Matrícula geral	Matrícula efet.	Aprovações	Conclusões
1942	719.524			
1943	726.582	571.872		
1944	707.113	582.258	415.713	86.635
1945	787.564	568.028	426.925	90.992
1946	824.765	636.010	429.782	88.949
1947	824.765	664.021	432.996	85.231
1948	873.421	702.089	471.948	89.324
1949	882.537	709.164	482.770	96.608
	939.929	748.614	452.296	97.580
			517.166	105.128

Em 1957 matricularam-se na escola primária paulista 1.200.000 crianças. Delas foram reprovadas 300.000.

(*) *As reprovações na Escola Primária*, n.º 7. Boletim do Departamento de Educação de São Paulo.

Alunos da 1.ª série primária que não foram promovidos para a 2.ª série. — Brasil

Ano	Matrícula geral 1.ª série	Não foram promovidos da 1.ª série
1933	1.295.756	873.258
1934	1.337.463	968.420
1935	1.389.771	955.398
1936	1.520.954	986.462
1937	1.584.187	1.030.569
1938	1.629.173	1.069.602
1939	1.688.670	1.105.091
1940	1.697.322	1.120.832
1941	1.691.292	1.168.969
1942	1.681.699	1.039.529
1943	1.645.837	1.062.083
1944	1.695.697	1.074.220
1945	1.759.465	1.170.192
1946	1.879.502	1.265.107
1947	1.891.340	1.264.193
1948	2.183.731	1.309.270
1949	2.241.342	1.406.297

Distribuição por série dos alunos na escola primária

Anos	Matrícula Total	1.ª Série	2.ª Série	3.ª Série	4.ª Série	Conclusão do curso
1944	2.631.451	1.402.647	577.130	391.610	219.674	127.648
1945	2.741.725	1.478.113	597.384	398.180	226.577	127.151
1946	2.887.960	1.583.585	613.349	419.779	228.365	133.591
1947	3.063.775	1.675.887	662.148	440.372	251.137	149.725
1948	3.301.084	1.864.987	698.408	462.459	258.534	185.251
1949	3.479.056	1.960.732	796.665	487.585	279.903	193.822
1950	3.909.887	2.087.964	784.546	519.911	299.009	206.380
1951	3.860.593	2.180.131	805.060	545.737	310.615	219.241
1952	3.964.905	2.239.859	833.329	549.096	322.010	236.089
1953	4.142.318	2.352.093	854.480	531.476	336.196	243.652

Os dados referentes ao ensino primário no Brasil foram extraídos de uma conferência do Dr. Ernesto Luiz de Oliveira Júnior.

Rendimento da 1.ª série do Ensino Primário no Brasil

Ano de ingresso	Ingressaram na 1.ª série	A turma reduziu-se a	Rendimento %
1933	1.285.756	91.915	7,2
1934	1.385.465	103.989	7,5
1935	1.389.771	120.789	8,7
1936	1.520.954	135.721	8,9
1937	1.564.187	145.600	9,3
1938	1.629.033	155.012	9,6
1939	1.688.610	166.783	9,9
1940	1.697.322	170.789	10,1
1941	1.694.262	174.543	10,3
1942	1.681.699	175.846	10,4
1943	1.645.857	180.668	11,0
1944	1.685.687	193.889	11,5
1945	1.758.465	210.254	12,0
1946	1.889.502	224.859	11,9

Rendimento do ensino na 1.ª série primária — Brasil

Ano	Matrícula geral 1.ª série	Aprovação	%
1933	1.285.756	412.498	32,0
1934	1.388.465	417.043	30,8
1935	1.389.771	434.373	31,2
1936	1.520.954	532.492	35,0
1937	1.564.187	533.618	34,0
1938	1.629.033	560.031	34,2
1939	1.688.610	583.519	34,6
1940	1.697.322	576.590	34,0
1941	1.694.262	585.293	34,6
1942	1.681.699	601.170	35,7
1943	1.645.837	583.734	35,4
1944	1.685.687	610.767	36,3
1945	1.758.465	628.333	35,7
1946	1.889.502	684.395	36,2
1947	1.994.340	730.157	36,6
1948	2.183.731	794.461	36,3
1949	2.244.342	838.045	37,1

PRINCIPAIS RESULTADOS DO ENSINO PRIMÁRIO GERAL — 1954
(O rendimento em face da matrícula efetiva)

UNIDADES POLÍTICAS E MUNICÍPIO DA CAPITAL DE S.P.	MATRÍCULA EFETIVA				APROVAÇÕES EM GERAL			
	segundo a dependência administrativa no ensino público				segundo a dependência administrativa no ensino público			
	TOTAL	federal	estadual	municipal	federal	estadual	municipal	particular
Rondônia	5.507	—	4.358	—	1.149	—	—	806
Acre	9.070	—	6.949	1.252	869	—	307	510
Amazonas	55.194	55	42.475	4.038	8.596	21	1.230	3.239
Rio Branco	2.302	—	1.849	—	453	—	—	241
Pará	128.714	—	97.972	15.706	15.036	—	9.408	9.155
Pará	9.430	—	9.283	—	147	—	—	82
Amazonas	105.177	—	39.919	31.659	13.559	—	14.727	6.345
Maranhão	79.780	—	56.099	18.489	5.482	—	11.987	4.058
Piauí	261.448	—	126.641	106.632	28.165	—	54.141	18.800
Ceará	108.905	—	72.320	11.330	25.105	—	3.425	10.304
Paraíba	120.249	—	76.253	31.386	12.410	—	8.780	6.358
Pernambuco	341.385	572	133.897	145.232	61.684	219	77.953	39.483
Alagoas	91.713	—	42.293	35.192	14.228	—	9.972	7.407
Sergipe	67.645	161	33.388	14.529	8.955	87	2.940	4.356
Bahia	356.310	—	237.388	93.934	24.438	—	32.902	16.482
Minas Gerais	1.007.368	493	630.223	312.153	64.499	301	136.269	43.866
Espirito Santo	126.745	—	107.440	3.504	3.504	—	4.470	3.000
R. de Janeiro	289.625	—	165.865	68.930	33.137	590	25.269	31.989
D. Federal	367.880	1.643	—	228.962	138.918	—	111.383	78.829
S. Paulo	1.387.017	—	1.167.754	104.077	115.186	—	40.795	71.338
Cap. S. Paulo	316.318	—	250.514	—	65.804	—	42.225	—
Paraná	184.316	—	130.779	21.286	12.271	—	8.304	8.262
Sta. Catarina	249.910	—	175.084	61.114	13.712	—	27.650	9.175
R. G. do Sul	604.991	—	201.362	283.026	115.607	—	141.502	75.658
M. Grosso	72.592	—	50.219	8.477	13.894	—	3.302	7.685
Goias	117.002	346	92.484	9.490	14.682	211	4.218	10.510
BRASIL	6.150.235	3.260	3.732.876	1.645.751	3.104.520	1.429	730.954	468.498

O problema dos retardados. Leitura. — "Todo um grupo de indivíduos fica condenado pelo resto de sua existência, a permanecer em atraso, a não avançar senão a certa distância da linha média de sua geração. Ora, a alguns dêles êste modesto papel de segundos — para não dizer mais — poderia ser evitado. São vítimas de um erro de tática inicial. O muito longo período de sua infância em que foram negligenciados por seus mestres, desinteligentemente mimados pela família, é justamente o ponto em que se deve agir: estabelecer o caráter exato e as causas dessas insuficiências, prescrever tratamentos médicos e sobretudo opoterápicos, procurar tirar o melhor partido do que é ainda educável nessas pobres crianças.

Submetidas a um treino intelectual metódicamente adaptado às suas faculdades, cuidados medicalmente por práticos experientes, enviados, por ex. a um Centro de Reeducação especializado, poderiam em alguns anos desfazer seu atraso mental, alcançar o grosso da turma escolar e continuar seus estudos sem grandes dificuldades" (HOFFER e ANGLES).

As linhas da classificação. — "A criança mentalmente anormal é aquela que sob a influência de taras mórbidas hereditárias ou adquiridas, apresenta defeitos constitucionais de ordem intelectual, no caráter ou no moral, associadas as mais das vezes a defeitos físicos capazes de diminuir o poder da adaptação ao meio no qual deve regularmente viver." (REGIS e PAUL BONCOUR).

Os falsos deficientes, cuja classificação vem a seguir, escapam a essa definição, porque não apresentam tara mórbida hereditária ou adquirida, nem defeito de constituição.

Falsos deficientes. — (Retardados provisórios ou retardados pedagógicos). Constituem êste grupo os seguintes casos:

- 1 — Crianças ignorantes pela irregular freqüência à escola.
- 2 — Crianças ignorantes apesar da freqüência regular à escola.

São as crianças classificadas como apáticas, preguiçosas.

Causas da apatia:

- a) Insuficiência glandular.
- b) Debilidade orgânica generalizada.
- c) Vegetações adenóides.
- d) Meningite cérebro-espinhal.

Retardados pedagógicos por perturbações de caráter. (Crianças emotivas) — "A emoção constitucional se traduz no escolar por ela atingido, por uma timidez excessiva: a criança mesmo que saiba a lição não a pode dizer. Cala-se ou fala tão indistintamente depois de encorajamento, premido pelo tempo o mestre desanima, não a interroga mais, ou depois de alguns minutos de espera dá-lhe invariavelmente uma nota má" (Autores citados).

Retardados pedagógicos em virtude de erros técnicos dos educadores. — "Em virtude desses erros há crianças que não realizam nenhum progresso na escola. O fenômeno é muito freqüente nas classes numerosas onde, não sobrando tempo e vagar para orientar todos os alunos, ficam à margem muitas vezes os menos brilhantes, de inteligência menos viva" formando a legião da cauda da classe a que alude BINET em seu livro: "As idéias modernas sobre as crianças".

Desajustamentos freqüentes também são conhecidos na escola, entre a atitude de certos alunos e a disciplina imposta pelo professor. São alunos que, mal orientados ou excessivamente perspicazes para perceberem o fraco do mestre, se entregam à indisciplina sistemática.

Outro caso existe, que cabe nesse título: o de crianças que são educadas com graves lacunas, às vezes irremediáveis, porque entregues a professores novatos, pouco instruídos, sem qualquer formação técnica.

A reeducação psico-pedagógica dos desajustados. — As crianças dos grupos já citados ou sejam, de desenvolvimento normal, prejudicadas, porém, por moléstias; as

deficientes psíquicas; as repetentes por falta de escolaridade; as emotivas; as viciadas por erros de técnica de professores, devem ser retiradas das classes comuns e postas em classe de reajustamento.

O trabalho de reajustamento deve ser feito com a estreita colaboração de médicos, educadores sanitários e professores.

No que toca aos médicos e educadores, cabe-lhes o fichamento dessas crianças, apontadas pelos professores, e o trabalho de assistência médica, em que ficam incluídas a alimentação, a orientação de ginástica, etc.

As fichas, em geral, precisam fornecer à escola os dados biológicos, psicológicos, morais, econômicos e familiares de cada criança.

A família e a obra de reajustamento do aluno. — Não é preciso encarecer a importância que assume neste trabalho a cooperação da família já na questão de informes sobre a vida da criança, já no auxílio que poderá prestar com relação à normalização do aluno. As condições econômicas do grupo familiar, as físicas, as morais, constituem dados de alto valor, uma vez que só por êles pode realmente a escola conhecer a criança e dar às deficiências o remédio adequado.

O reajustamento. — Os autores que vimos citando, resumem o trabalho de reajustamento da criança neste programa conciso: "Contato com a vida, ensino de coisas pelas coisas, métodos vivos e ativos".

O professor para êsse trabalho não precisa de alta especialização, se tiver o mínimo de predicados exigidos no educador comum. Deve, porém, receber orientação constante, visto trabalhar com alunos especiais e com problemas especiais. O local para os trabalhos de reajustamento não exige grandes adaptações. Ao ar livre êsse curso sempre produziu resultado.

Com relação ao material de ensino, sugere a experiência:

- a) Coleções de coisas simples, em quadros ou caixas, para agrupamentos, comparação, cálculos, desenhos etc.; botões, contas, selos, amostras de papéis coloridos, bastõezinhos, bandeirinhas, etc.;
- b) Figuras e sólidos geométricos — Servem de estímulo a exercícios interessantes e educativos: cercaduras, enfeites, recortes. Os sólidos geométricos coloridos, em quantidade, permitem a construção de castelos, torres, cidades. Os cubos auxiliam a aprendizagem do cálculo e das formas e a construção de vários modelos;
- c) Coleções de gravuras tiradas, com modelos de animais, cenas diversas, atitudes etc. Desenhos ilustrando contos, preceitos de higiene; histórias mudas, cenas educativas;
- d) Representação de animais em cera, massa plástica. Representação de crianças. Brinquedos movimentados. Objetos de uso diário;
- e) Jogos educativos, dedicados à aprendizagem do cálculo, das noções comuns, da geografia. Material de sistema métrico. Aparelhos de física recreativa;
- f) Livros de figuras, postais, cinemilha escolar;
- g) Cartazes com material colecionado pelas crianças; algodão, cereais, fazendas, metais, etc.

Mobiliário. — Com o fim de desenvolver o espírito de cooperação entre os alunos, as carteiras devem ser reunidas de 4 em 4, com as cadeirinhas livres, de modo a permitir mudanças rápidas e os agrupamentos necessários a certas ocupações e à mobilidade infantil.

O ensino deve ser quanto possível individual e adaptado a cada caso-problema e como é da criança permanente atividade, deve ser-lhe propiciado ensejo de manipular objetos, de construir, de criar e de imitar.

Recomenda-se ainda hoje, de acôrdo com a moderna pedagogia, o trabalho de aprendizagem seja desenvolvido dentro de centros de interesse e de projetos, o que não impede a assistência individual aos alunos.

Problemas para estudo.

- 1 — Qual a importância do problema da reeducação de crianças no curso primário?
- 2 — Como descobrir nesse curso os deficientes psíquicos?
- 3 — Quais as causas das deficiências psíquicas?
- 4 — Qual a classificação dos deficientes?
- 5 — Como considerar as crianças emotivas no problema da disciplina?
- 6 — Como fazer a reeducação psico-pedagógica dos deficientes?
- 7 — Qual o material e o método indicados para essa reeducação?
- 8 — Quanto contribuem os deficientes psíquicos para a massa dos repetentes?
- 9 — Como organizar nos grupos escolares classes de reajustamento?
- 10 — Como conseguir o apoio da família na obra de reeducação das crianças?

Trabalhos práticos.

- 1 — Seleccionar no curso primário *crianças que sejam problemas*, investigando as causas da não aprendizagem.
- 2 — Observar particularmente a conduta de uma dessas crianças em tôdas as suas actividades escolares.
- 3 — Observar crianças indisciplinadas e procurar as causas desse desvio de conduta.
- 4 — Observar provas gráficas de crianças, para o estudo objetivo do rendimento escolar na classe.
- 5 — Observar deficiência de fonação, audição e visão que podem prejudicar o trabalho da criança.
- 6 — Observar casos típicos de repetentes no curso primário.
- 7 — Colhêr nesse curso dados a respeito dos repetentes.
- 8 — Observar a fôlha corrida de escolaridade de um repetente durante o ano.
- 9 — Organizar álbuns, pré-livros como introdução à aprendizagem da leitura dos deficientes.
- 10 — Organizar para êles material de construção e jogos educativos de numeração e cálculo, em geral.

Se a reeducação dos desajustados não exige do professor requisitos especiais, exige, porém, que êle exercite a criança intensamente, para construir, em arranjos decorativos, jogos educativos de atenção para identificar, comparar e auto-educar-se, para observar e adquirir vocabulário, etc.

Bibliografia — Sobre a criança anormal, retardada ou repetente, ler J. PHILIPPE e G. P. BONCOUR, *Les anomalies mentales, chez écoliers* — e do primeiro autor, *La psychologie des écoliers*; de A. BINET e TH. SIMON, *Crianças anormais*.

Classes de recuperação — Quando passamos pelo Departamento de Educação, como seu diretor geral, abrimos a campanha a favor da organização das classes de recuperação de crianças repetentes, ou candidatos à repetência. Nesse tempo, havia no Estado perto de 1.200.000 alunos matriculados na escola primária, dêles houve 300.000 reprovados ou repetentes.

A campanha teve o maior acolhimento na Delegacia do Ensino de Guaratinguetá, sob a direção do Prof. José Pereira Éboli que a iniciou em 1957 e a continuou anos seguidos.

Segundo relatório que recebemos da referida Delegacia, o movimento a favor da recuperação de repetentes, realizado sem qualquer ônus para o Estado, por substitutos efetivos e professores, alcançou em 1957 o belo número de 350 crianças, o que representou para S. Paulo uma economia de perto de Cr\$ 500.000,00.

V

DA ORGANIZAÇÃO DAS CLASSES, FREQUÊNCIA E DISCIPLINA. O TRABALHO DO ALUNO.

Da organização das classes. — A organização de uma escola pode oferecer-nos o seguinte quadro de classe: a) de alunos seleccionados empiricamente; b) de alunos não seleccionados; c) de alunos seleccionados por processos objetivos; d) de alunos fortes, fracos e médios; e) de alunos de ambos os sexos (mistos) ou alunos de um só sexo; f) de repetentes fortes ou de repetentes fracos; g) regidas por um professor ou regidas por diversos professores, etc.

Nas escolas isoladas a mesma classe costuma apresentar alunos de vários anos escolares (classe multigraduada). E sob outro aspecto, em qualquer escola, as classes podem apresentar três níveis de desenvolvimento, de acôrdo com a conhecida classificação citada por BINET: o dos alunos que constituem a cabeça da classe, os que formam o corpo e os que representam a cauda.

Da seleção empírica. — No 2.º capítulo deste livro fizemos referências ao processo de seleção empírica dos alunos. A redistribuição dêles após um mês de observações dos professores oferece vantagem ao trabalho escolar.

A seleção pelas notas de promoção do ano anterior, nas classes de 2.º ano em diante, se não constitui medida de rigorosa classificação, pelo menos apresenta certa vantagem, tanto maior quanto mais perfeitos forem os exames finais na escola.

Das classes de repetentes. — O problema dos repetentes já o estudamos no capítulo III. *Dos alunos.* Aqui é bastante lembrar que a palavra repetente é palavra equívoca, que pode dar margem a vários conceitos. O aluno pode ser repetente semi-alfabetizado, repetente por qualquer deficiência, repetente analfabeto, etc. É preciso levar em conta tôdas essas divisões, quando forem organizadas as classes. É conveniente que os repetentes semi-alfabetizados sejam colocados em classe especial, e, em outra, os simples repetentes. Se, além disso, forem ainda ligeiramente deficientes, deverão constituir classes reduzidas.

Convém lembrar ainda que há repetentes por falta de escolaridade, repetentes por moléstias, por deficiência de linguagem, etc.

Das classes fracas. — As chamadas classes fracas devem ser reduzidas. Em certas organizações escolares querem-nas de apenas vinte alunos.

Constituem classes fracas as crianças classificadas nos últimos lugares pelos testes, os deficientes mentais, os repetentes sem base, as estrangeiras que não conhecem a língua, etc. Ao tratarmos da organização de classes de reajustamento consideraremos o problema dos alunos fracos.

Das classes de regimes co-educativos ou mistas. — Nossa legislação do ensino permite a organização de classes mistas nas escolas primárias. Os partidários desse regime oferecem à defesa de sua opinião vários argumentos, que soem ser êstes: a) a escola é uma miniatura da sociedade e, como tal, deve receber em suas classes crianças de ambos os sexos, para uma educação comum; b) o contato que se estabelece entre os dois sexos, desde a escola elementar, é favorável à educação humana; c) na própria ordem didática, a competição entre os dois sexos é favorável à marcha do ensino; d) a vida moral que, antes de tudo deve ser uma vida experimentada e vivida, só se forma com o contacto dos dois sexos nas actividades escolares e sociais.

Os inimigos do regime co-educativo, por sua vez, declaram, que no conjunto, a co-educação apresenta graves inconvenientes morais, que exige professores excepcionais para o governo dos alunos, que por ele as características essenciais a cada sexo se esbatem e a dureza se apossa da menina submetida ao contato diário com meninos. (1).

As classes de vários desenvolvimentos. — Nas escolas rurais isoladas, freqüentam comumente a mesma classe alunos de 1.º, 2.º e 3.º ano, o que constitui sério embaraço para a ação do professor. É preciso organizar um plano especial de trabalho, regulado por horário especial também. Dêsse horário damos modelo no capítulo seguinte.

Classes de vários professores. — Sob o ponto de vista administrativo e docente; há ainda classes de vários mestres. É o chamado desdobramento de matérias, comumente realizado no 4.º ano.

Eis o que a respeito, disse uma publicação: "A medida foi sugerida pela desadaptação observada nos alunos que, deixando a escola primária, habituados ao regime de um só professor, com quem estão sempre em contato muito íntimo, e diante do qual se sentem, ao mesmo tempo, confiantes e responsáveis, vêm-se repentinamente ao entrar na escola secundária, abandonados a si mesmos, devido à distância que os separa, então, do professor, sentindo-se, concomitantemente, colhidos por uma situação inteiramente nova: a especialização de professores". (2)

Das classes de reajustamento. — Nestas classes reúnem-se todos os alunos mal ajustados às classes comuns. São crianças que, por qualquer motivo, não podem acompanhar o ensino ministrado às outras: algumas por deficiência de linguagem (alunos estrangeiros), outras por atraso ou irregularidade de freqüência à escola, etc.

Uma vez postos em condições de freqüentar a classe comum esses alunos voltam para ela.

Do número de alunos por classe. — A legislação escolar estabelece o número máximo de 40 alunos por classe ou escola. É natural, porém, encontrarem-se classes superlotadas, o que prejudica enormemente o trabalho docente. Mesmo que as classes sejam homogêneas, o número elevado de alunos constitui embaraço ao rendimento escolar.

Das seções. — Em classes de 1.º ano é comum a divisão de aluno em três e, excepcionalmente, em quatro seções, denominadas A B C e D. É habitual ser a turma A a mais fraca de todas.

Da freqüência escolar. — A freqüência regular dos alunos se não atesta o valor da escola, é pelo menos uma das condições essenciais ao bom êxito do ensino. Para consegui-la, além dos dispositivos legais, conta o professor com uma série de recursos de natureza educativa, que ele deve aproveitar junto às crianças e sobretudo junto aos pais. A regularidade de freqüência, quando não prejudicada por moléstias das crianças, é assentada principalmente num hábito de exação, que cumpre formar nos educandos desde cedo. É esse hábito é de efeitos perduráveis.

Em qualquer das classes do curso primário a irregularidade de freqüência dos alunos é sempre prejudicial. Mas no trabalho alfabetizante, principalmente, esse fato é de graves conseqüências, uma vez que a marcha das lições fica seccionada para o faltoso e ele vai ficando na turma dos candidatos à repetição de ano.

A freqüência escolar nas estatísticas. — Na estatística escolar de 1937, na parte referente ao ensino primário comum (grupos escolares, escolas agrupadas e escolas isoladas) é encontrado o seguinte movimento relativo à freqüência:

(1) *A Igreja e o regime co-educativo* — Em sua famosa Carta Encíclica acerca da Educação Cristã da Juventude, Sua Santidade Pio XI, diz: "...errôneo e pernicioso à educação cristã é o chamado método da co-educação, baseado também para muitos no naturalismo rável confusão de idéias que confunde a legítima convivência humana com a promiscuidade e a igualdade niveladora".

(2) Ver III volume de *Práticas Escolares* — Caps. Depois da Escola Primária e Escola Primária e Escola Secundária.

ESCOLAS

	URBANAS	DISTRITAIS	RURAIS	TOTAL
Matric. inicial	251.180	16.084	94.526	385.727
Matric. dur. o ano	46.580	56.084	68.859	171.523
Matric. geral	297.760	40.021	163.385	517.250
Elimin. dur. o ano	60.145	14.184	52.808	127.137
Matric. efetiva	237.615	41.921	110.577	390.113
Freq. med. anual	229.260	40.423	105.569	375.252
Percent. de freq.	93,62	94,09	91,73	93,17

NOTA: O professor de prática comentará com o aluno os dados da estatística.

Legislação escolar sobre a freqüência de alunos. — "São obrigados à freqüência escolar todas as crianças de oito (8) a catorze (14) anos. (Código de Educação, art. 227)." (*)

Art. 28. — Os pais, tutores ou responsáveis ficam obrigados a promover a inscrição e a freqüência da criança à escola primária.

Parág. 1.º — Se o aluno faltar por mais de três (3) dias consecutivos, o fato deve ser justificado perante o Diretor ou o professor da escola.

Parág. 2.º — Os patrões que tiverem menores em idade escolar a seu serviço, devem permitir-lhes a freqüência regular às aulas (*).

Parág. 3.º — A infração deste artigo ou de qualquer de seus parágrafos, depois de notificação com oito (8) dias de antecedência, acarretará ao pai, tutor, responsável ou patrão, a pena de multa de vinte mil réis (20\$000) a duzentos mil réis (200\$000) ou de prisão, a critério da autoridade competente.

Das retiradas dos alunos. — As instruções emanadas do Departamento de Educação, proibem a retirada de alunos antes do recreio, salvo em casos excepcionais. As retiradas concedidas a pedido do pai ou responsável pela criança, por escrito ou pessoalmente, serão assinaladas, no livro, pelo *cortado*. As que forem concedidas antes do recreio devem ser consignadas na coluna *Observações*, anotando-se o número da matrícula do aluno e a hora da retirada.

Das causas que prejudicam a regular freqüência dos alunos. — Além das moléstias que se propagam no meio escolar e que impedem a criança de freqüentar as aulas: sarampo, escarlatina, varíola, etc., há outras causas que alteram o ritmo da freqüência e que devem ser conhecidas e remediadas pelo professor. Dentre elas podem ser citadas: a) o trabalho da criança fora da escola; b) o desinteresse da família pela educação da criança; c) a falta de governo da criança pelos pais, ausentes de casa pelo trabalho; d) o gazeamento da escola pela criança; e) a perda de hora; f) as viagens; g) o ciganismo de populações rurais.

Estudemos as causas acima apontadas:

a) **O trabalho da criança.** — Na zona rural o emprêgo da criança nos trabalhos da lavoura é natural aproveitamento de um trabalhador expedito. Durante certas épocas, na colheita do algodão, no corte do arroz, na apanha do café, esses pequenos trabalhadores são desviados da escola para a roça. Sofre com isso o trabalho escolar, como se prejudica o trabalho do professor.

Na Revista de Educação, ns. 15 e 16, setembro e dezembro de 1936, o professor GENÉSIO DE ASSIZ escreveu interessantes notas a respeito do assunto, sob o título — *A colheita do algodão e a freqüência escolar*.

(*) Ver hoje a *Consolidação das Leis do Ensino*.

(*) A Constituição Federal de 1937, estabelece em seu art. 137, letra k, a proibição de trabalho de menores de catorze anos. O mesmo estabelece a Constituição Federal de 1946, em seu art. 157, n.º IX.

NOTA: Sobre Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ver Lei n.º 4.024, de 20-12-1961.

Sobre o trabalho da criança, em geral, há um curioso estudo do Dr. SÍLVIO DE ALMEIDA TOLEDO, na mesma Revista, ns. 17 e 18, março e junho de 1937.

b) Nem sempre a família manifesta interesse pela escola. Frequentemente só a conhece quando necessita de atender a chamados de professores ou diretores, para resolver casos disciplinares do filho. O boletim escolar é poucas vezes examinado e a assinatura nem sempre é de pessoa adulta. Assim, as escolas se vêem muitas vezes às voltas com esses casos de frequência irregular, que prejudicam a vida do aluno, sem que isso desperte na família qualquer atenção pela obra da escola.

c) Nem todas as famílias governam as crianças, umas por falta de tempo, outras por falta de luzes no assunto. As crianças assim formadas sem a tutela paterna ou materna, criam casos difíceis para a escola. São irregulares nas aulas, e como às vezes, é certo, as condições econômicas da família exigem a permanência contínua dos pais fora de casa, a criança cresce ao léu das circunstâncias, na rua ou na casa alheia.

d) O gazeamento das aulas é fato sobejamente conhecido pelos professores e demais autoridades escolares. Produto natural da vida das crianças em grupos, os instintos de rebeldia, de ciganismo, de insubmissão à autoridade, despertam na alma do menor, que foge então das aulas, e procura aventuras. É quando justamente se manifestam as mais baixas inclinações infantis, levada a criança pela imitação, pela competição e pelo desejo de salientar-se.

e) A irregularidade de frequência pela hora perdida também é causa determinante de fraco aproveitamento escolar. Na zona rural em que a criança faz trajetos de 2, 3 ou mais quilômetros para vir à escola, a hora perdida é comum. Nos grandes centros, a necessidade de transportar-se de longe e de estar na escola em hora relativamente matinal, causa desses atrasos que, se não chegam a constituir falta de comparecimento, em geral, prejudicam a criança nas primeiras aulas.

f) Viagens repetidas da família e da criança, criam a situação do atrasado pedagógico por falta de escolaridade. Enquanto crianças de sua idade frequentam graus adiantados, o atrasado por faltas se arrasta em graus inferiores.

g) A vida agrícola na zona rural, tem o seu ritmo regular: preparo da terra, plantio, poda e colheita. Por sua vez a população que vive do trabalho da lavoura segue esse ritmo. Terminada a faina num lugar, procura novos contratos em outros, levando os filhos para outras escolas. É o conhecido fenômeno do ciganismo rural. (3)

Como resolver o problema da boa frequência. — É óbvio não caber ao professor a solução do problema da frequência irregular em muitos de seus casos. Moléstias das crianças, viagens da família, trabalhos rurais, são motivos que o professor não elimina a seu gosto. É tudo questão de cultura do povo, de condições econômicas folgadas, de higiene das populações, etc.

Mas causa há que ao professor cabe remover pelo trabalho persistente e sistemático de sua pregação e pelo próprio exemplo de sua assiduidade. As licenças reiteradas, os comissionamentos prejudiciais são, na opinião unânime das autoridades escolares, uma das causas do pequeno rendimento escolar. A legislação escolar, para evitar a desconexão do trabalho docente, determina: Nenhum funcionário poderá estar fora do exercício do cargo por mais de oito dias, senão em gozo de licença (art. 851 do Código de Educação). Determina ainda que as retiradas dos professores antes de terminados os trabalhos escolares, constituem faltas, justificáveis ou não, conforme o motivo que as determinar, (art. 843). E finalmente, o professor deve comunicar, por escrito, ao Auxiliar de Inspeção, as suas faltas de comparecimento e, quando possível, com a necessária antecedência, para efeito de justificação. (4)

Como trabalho educativo a favor da boa frequência, pode o professor recorrer a expedientes tais, que levem ao seio da família do aluno, a convicção de sua necessidade, procurando ao mesmo tempo interessar a família na obra da educação infantil.

(3) Para evitar o reflexo desse fato na zona rural já se alvitrou sincronizar a vida escolar com a vida agrícola.

(4) Ver a respeito a *Consolidação das Leis de Ensino*.

Cabe, entretanto lembrar que só conseguirá esse objetivo a escola que rende, a boa escola. A família que observa o aproveitamento da criança, que conhece a escola como escola de hora certa de entrada e de saída, que nela vê sempre o professor a postos, é, naturalmente, escola que ganha a simpatia das populações.

Para melhorar a frequência são aconselháveis as competições entre alunos e classes; os quadros de frequência; a publicação de dados sobre frequências de regiões escolares; a entrega da bandeira à classe de melhor assiduidade, visita de pais à escola, etc.

O professor VICENTE PEIXOTO (*) lembra uma providência que pôs em prática na direção de grupos por que passou, e que consistia no convite seguinte endereçado aos pais, para uma visita à escola de seus filhos:

"Tenho o prazer de convidar V. S. para visitar este grupo escolar, se isso lhe é agradável, a fim de que possa V. S. verificar os trabalhos e o aproveitamento de seu filho na escola e, conhecendo de perto o seu esforço ou suas falhas, possa V. S. aplaudir-lo ou corrigi-lo, encorajando-o para o futuro, num trabalho harmônico com esta diretoria e com os professores.

Teremos aqui muito prazer em mostrar-lhe todos os trabalhos já realizados por seu filho, assim como em contar-lhe como ele procede no estabelecimento e o de que precisa para tornar-se ou continuar esforçado, estudioso e trabalhador. Esse grupo estará aberto a essas visitas às terças, quintas e sábados, das 8 às 10 e das 13 às 15 horas.

Atenciosas saudações etc."

Uma providência interessante. — O Anuário de 1935-36 reproduz o relato do Delegado de Ensino de Piracicaba, com a indicação do meio de que se utilizou, para alcançar ótima frequência, em sua região.

A Delegacia de Ensino de Piracicaba, baseada no Código de Educação e no Código de Menores, organizou um trabalho em combinação com os Juizes de Direito das Comarcas existentes na região escolar. A Delegacia, na prática, ofereceu aos juizes aludidos um corpo de colaboradores idôneos — inspetores, diretores e professores de Grupo, auxiliares de inspeção, para, como comissários gratuitos de vigilância e com as atribuições especificadas no Código de Menores, cooperarem na obra de saneamento moral e na execução do Decreto Federal n.º 17.943-A, que consolida as leis de assistência e proteção à infância.

Algumas sugestões para o melhoramento da frequência.

- 1 — Convite endereçado às famílias para visitarem a escola.
- 2 — Participação da imprensa numa campanha a favor da boa frequência.
- 3 — Aproveitamento das festas escolares para a propaganda da boa frequência.
- 4 — Inscrições nos cadernos das crianças, nos boletins de notas, com sugestões para a boa frequência.
- 5 — Inscrições nos quadros negros sobre o mesmo tema.
- 6 — Associação de Pais e Mestres para melhor entendimento entre a família e a escola.
- 7 — Para interessar a criança, no assunto, gráficos sugestivos de frequência.
- 8 — Campanha educativa a favor da assiduidade.
- 9 — Comunicar às famílias faltas consecutivas de alunos, e pedir justificação. Esta prática produz ótimos resultados.

Da disciplina. Leitura. — "A indisciplina pode ser engendrada pela disciplina. É ainda uma outra prova de que a conduta da criatura reflete e recolhe os desacertos da nossa. A criança tem seu amor-próprio, sua dignidade, seu conceito de justiça e quando a maltratam ou quando ela percebe não merecer o castigo que lhe impõem, quando a maltratam ou quando não pode sobrepor-se a ele, perde a confiança, a fé revolta-se contra o meio e como não pode sobrepor-se a ele, perde a confiança, a fé e a energia, desviando-se do caminho da formação moral, ou sedimenta em suas recordações os travos de um proceder amargo, que depois, em qualquer ocasião, serão o ponto de partida do despertar de represálias e de vinganças." (Dr. JOSÉ DE ELEIZEGUI).

Grande e natural é o embaraço de professores iniciantes na carreira e de alunos-mestres das escolas normais quando, diante de uma classe, sentem ao vivo o problema da disciplina. Somente o tirocinio vai revelando o segredo na direção de crianças e o que a princípio parecia natural como a violência, o arbitrio, o grito e a ameaça, vai ficando de lado como recursos contraproducentes e absurdos.

(*) Ex-Inspetor Escolar na Capital e autor da série *O livro escolar brasileiro*.

Um simples exame da classe, em cuja regência se inicia o professor, indica-lhe uma série de questões a que ele deve dar cuidado:

- a) A diversidade dos alunos com que conta, na idade, no desenvolvimento psico-físico, na linha de hereditariedade.
- b) A introdução ou a continuidade de criança em um meio social reduzido (o meio escolar);
- c) A diversidade de meios sociais e familiares de que provém a criança;
- d) A existência de circunstâncias exteriores múltiplas, atuantes sobre o educando;
- e) Certas fases típicas no desenvolvimento psico-físico da criança;
- f) O professor e os característicos de sua personalidade.

Reconsideradas as questões a, b, c, e, f, que não esgotam a série, fácil é concluir que jogando com elementos tão diversos nas origens, nas condições sociais, etc., não pode o professor novato resolver de pronto a árdua questão da disciplina escolar.

Os alunos de sua classe têm para trás ascendentes dos mais diversos e encontram-se numa determinada fase do desenvolvimento corporal e psíquico; pela primeira vez ingressam num grupo social desconhecido — a escola — ou já há tempo são partes integrantes desse grupo; vêm de meios sociais e familiares os mais diversos, sofrem a influência de múltiplos fatores mesológicos, atravessam fases típicas de crescimento e encontram-se sob a direção de um professor.

A criança isolada e a criança no grupo. — Ao ingressar num grupo social qualquer (clubes infantis, "gangs" de rua, escola, etc.) ganha a criança novas formas de comportamento. A conduta individual, de feição introvertido, egocêntrica, limitada, alarga-se no seio do grupo, ganha relêvo, modifica-se em novas expansões. A linguagem desenvolve-se em riqueza e uso; a timidez, a desconfiança, cedem lugar à coragem, à confiança e o escolar se apresenta comumente, como tipo bem diverso do tipo familiar.

Assim, a disciplina oferece aspectos curiosos à observação do professor; o que isoladamente o aluno não pratica, pratica desabusadamente no seio do grupo; o que lhe parecia desinteressante e desgracioso, passa a ser para ele engraçado e interessante e a fisionomia moral da criança se vai definindo como pertencente ao ser social, como fisionomia coletiva, comum.

As habitações coletivas nas grandes cidades. — Grande importância deve ser atribuída no problema disciplinar da escola, aos meios sociais de que a criança provém. As aperturas da vida econômica provocam a habitação de grupos numerosos nas casas coletivas. Nelas, a exiguidade de espaços para o brincar da criança, a multiplicidade de tipos sociais, de profissões, de linguagem; o contato freqüente de menores e de adultos, a precocidade da experiência infantil, graças a esses contatos, tudo isso deve ser levado em conta na questão da disciplina.

Conceitos de disciplina. — No decorrer dos anos registra a história da educação conceitos diversos e dispares de disciplina. Desde a disciplina férrea dos castigos físicos, criadora aos alunos, passando pelos códigos disciplinares das várias épocas, a palavra disciplina reponta em todos os regulamentos escolares, matizada de tintas e enfeitada de eufemismos.

DEMÓSTENES (38-322) declarava que o bastão era um meio disciplinar indigno de homens livres. Ao lado dessa expressão viril, conhecia-se, em outros tempos, o hábito da água, aspersione e imersão, como recurso disciplinar.

QUINTILIANO queria, no assunto, uma criança excitável pelo louvor, sensível à glória, capaz de chorar por uma decepção, o que evidencia a fineza dos meios disciplinares que preconizava.

SÊNECA, afirmava: Castigar o menos possível: quanto menos castigarmos tanto menos somos obrigados a castigar: "Poupemos a honra das crianças". "Quando elas perdem a vergonha, perderam tudo".

Disciplina e sanções. — Uma velha teoria que SPENCER defende em seu livro "Educação" (*), é conhecida como disciplina das sanções naturais. Aqui não é o homem o instrumento disciplinador da criança, mas a natureza. Transgredindo uma regra qualquer de conduta, recebe o transgressor, infalivelmente, o castigo de sua falta. Eis como o próprio SPENCER esclarece seu pensamento: "Observai, diz ele, que as reações naturais que sucedem às ações erradas da criança são constantes, diretas e seguras, e como delas não pode escapar. Nada de ameaças! Apenas uma muda e rigorosa execução. Se a criança enterra um alfinete no dedo, segue-se a dor; se o enterra outra vez, sente dor, e assim por diante. Em todas estas relações com a natureza inorgânica, ela encontra sempre esta persistência infalível, que não aceita qualquer escusa e de que a ação é sem apêlo; e desde logo, reconhecendo esta disciplina severa, embora benfazeja, a criança se torna extremamente atenta para não transgredir a lei".

Prêmios e castigos. — Um velho trecho de crônica diz a respeito dos castigos físicos: "Se alguém espancar seu discípulo com a palmatória ou com a mão, sem sangrá-lo, isenta-se de responsabilidade. Se sangrar só pelo nariz, não se pode atribuir ao mestre qualquer pena".

Deixando de lado o problema dos castigos físicos, tão minuciosamente regulado no trecho acima, é de considerar-se a questão dos castigos morais, na educação. Só estes, afirmam os partidários de uma educação sem violência, são capazes de formar realmente a personalidade da criança, adoçando-lhe os sentimentos, polindo-lhe os instintos de rebeldia, e dando-lhe a capacidade de tornar-se livre e humana.

Alguém há que censure a distribuição de prêmios nas escolas, como contrária aos ideais de uma verdadeira educação, prejudicial à formação moral da criança e vexatória para os alunos que, em público, não recebem desses prêmios.

A respeito das recompensas assim se exprime BINET (**): "censura-se o hábito de recompensas, de estabelecer comparações entre colegas; aquele que é recompensado ou que alcança o primeiro lugar na redação, não deve sua vitória senão ao abatimento de seus rivais. Diz-se que esse sistema seduz sobretudo os sentimentos egoístas e de vaidade e não leva o aluno à bondade e ao amor ao próximo..."

O novo conceito de disciplina. — "Até agora quisemos dominar a criança por meios exteriores em lugar de conquistar sua alma", diz MONTESSORI. Dela é ainda o novo conceito de disciplina, que aqui transcrevemos, para leitura e comentário dos alunos de escola normal:

"A pedra de toque da pedagogia científica deve ser a liberdade dos alunos, absolutamente necessária para permitir o desenvolvimento das manifestações individuais... Não é preciso, pois partir de idéias dogmáticas concernentes à criança, mas ao contrário, de uma técnica que nos permita deixar-lhe liberdade, para tirar da observação de suas manifestações espontâneas sua verdadeira psicologia... Segundo nosso pensamento, a disciplina, fundada sobre a liberdade, deve necessariamente ser ativa. Não se pode dizer que um indivíduo seja disciplinado simplesmente porque o tornaram, artificialmente imóvel como um paralítico e silencioso como um morto; será um ser anulado, não disciplinado. Chamamos disciplinado aquele que pode dispor de sua pessoa e que desde cedo é dono de si mesmo, quando se trata de seguir uma regra de vida".

Liberdade e licença. — Bem que definida no trecho citado, é conveniente reeditar aqui a restrição de pedagogos avisados, para que uma tal liberdade não se transforme no regime da licença sem limites em que "a liberdade é o poder de fazer o que se quer". A criança é impotente para se governar, diz FERRIÈRE, e deve ser educada para adquirir este poder. Nem a ausência de intervenção, nem o autoritarismo, porém, são armas eficazes nessa luta. A não intervenção favorece o reino dos caprichos nas crianças desequilibradas; de outro lado, o autoritarismo, concebido como expressão egoísta do capricho do adulto... é ineficaz também para ensinar o governo de si mesmo.

(*) HERBERT SPENCER — *Educação física, intelectual e moral.*

(**) *Les idées modernes sur les enfants.*

Disciplina preventiva. — A falta cometida pelo aluno pode provocar no professor as mais diversas reações ao sabor de seu temperamento, das circunstâncias do momento, etc... Daí a excelência da velha e sábia norma pedagógica do "mais vale prevenir que remediar", o fundamento da disciplina das escolas salesianas. A atividade observadora do professor, a sua perspicácia no discernir causas possíveis de faltas, o seu espírito de ordem, tudo concorre para evitar na vida dos alunos de sua classe, um sem-número de pequenos erros, de pequenas falhas, provocadoras às vezes, de despropositados castigos.

As conseqüências perturbadoras dos regimes disciplinares violentos. — Os autores que se ocupam com estudos psicanalíticos soem afirmar o perigo dos distúrbios nervosos produzidos por excesso de repressão exterior sobre os indivíduos, especialmente sobre a criança. Tais regimes podem gerar seres comumente chamados "sensíveis", "impressionáveis", e outras vezes "nervosos". Não somente exteriorizam eles reações emotivas exageradas, mas ainda permanecem continuamente sob o domínio de uma espécie de mal-estar psíquico, que se traduz em múltiplas circunstâncias da vida, mesmo nas mais fúteis. São conhecidos os estados de medo, de aversões, de dúvida, de escrúpulos doentios, de hesitação, de impulsividade, etc.

Problemas para estudo.

- 1 — Quais os conceitos de disciplina escolar?
- 2 — Que diz da disciplina da Escola Nova?
- 3 — Qual o valor dos prêmios e castigos na questão da disciplina?
- 4 — Que diz da disciplina a Doutora Montessori?
- 5 — Qual o valor da teoria das sanções naturais?
- 6 — Que papel representa o professor na disciplina dos alunos?
- 7 — Como conseguir classes disciplinares, na escola?
- 8 — Que entender por autonomia dos alunos?
- 9 — Os novos métodos favorecem o problema da disciplina na escola?
- 10 — Qual o conceito de disciplina para Lourenço Filho?

Trabalhos práticos.

- 1 — Observar uma classe primária e relatar o que observou com relação à disciplina.
- 2 — Observar, na escola, a disciplina do recreio.
- 3 — Verificar em classes primárias as ordens disciplinares emanadas do professor.
- 4 — Estudar a chamada nota de comportamento dos alunos.
- 5 — Fazer uma relação particular de alunos comportados e de alunos indisciplinados, do curso primário.
- 6 — Fazer um gráfico de notas de comportamento de uma ou de várias classes do curso primário.
- 7 — Fazer observações durante uma semana, dos processos disciplinares adotados numa classe.
- 8 — Fazer uma relação das ordens comuns em uso na escola e relativas à vida disciplinar do aluno; não conversar, não virar para trás, etc.
- 9 — Estudar, na vida escolar, casos típicos de formação de grupos, de blocos, de ligas entre os alunos e verificar as relações entre esse fato e o problema da disciplina.
- 10 — Procurar conhecer casos típicos de crianças de comportamento excelente na escola, porém, de péssimo comportamento, em casa.

O trabalho do estudante. Leitura. — "Depois da higiene do corpo é preciso cuidar da higiene do espírito. Esta se resume em uma palavra: o trabalho — trabalho firme, paciente, regular. O desdobramento de energias sobre múltiplas coisas é um dos males de que padece nossa época. Pelo contrário, aqueles que, cada qual por si, souberam dirigir sua vida, salvaguardar e enriquecer a força de coesão de seu sistema nervoso, os que souberam regular seu trabalho e aumentar sua capacidade de ação, esses não precisarão de recompensas para sentir o valor da existência." (FERRIÈRE).

Não vale a escola que apenas alfabetiza, satisfazendo-se com o entregar ao aluno a cartilha das primeiras letras, juntamente com a capacidade de elementares cálculos e do uso adequado da escrita. O que atesta o valor da escola não é o domínio das

técnicas fundamentais por parte do aluno; é mais que isso o desejado. É a transformação operada na alma da criança, a equilibrada formação de seus sentimentos cívicos, morais e religiosos. É a educação do aluno que, sobretudo, deve preocupar a escola elementar.

Esse nobre objetivo, porém, não será alcançado senão pelo trabalho metódico do aluno e da escola. E o trabalho, segundo o trecho de FERRIÈRE, deve ser firme, paciente e regular.

Trabalho e repouso. — Quem considera a soma de energias despendidas pela criança no desenvolvimento normal de sua vida, sente ao vivo a necessidade de propiciar-lhe repouso higiênico e restaurador. Daí a fixação de horários no trabalho, em cujas linhas o recreio desempenha papel saliente.

Na escola, o recreio deve ser cuidadosamente estabelecido, com duração tal que permita realmente o descanso da criança.

Com o recreio, criam-se derivativos às atividades mentais do aluno, e arejam-se as salas de aulas. Por outro lado, a vista do aluno encontra, nessa pausa do trabalho, oportunidades para fixar-se em pontos distantes, o que a descansa sobremaneira. O corpo, imobilizado nas carteiras e com os órgãos comprimidos em posições viciadas, retoma posições higiênicas, com a livre circulação do sangue.

O recreio da criança, porém, não é simplesmente uma saída da sala por algum tempo. É pausa de repouso necessário, convindo por isso que seja fiscalizado pelo professor e realizado em lugares arejados, higiênicos, sem qualquer ameaça de perigos.

Trabalho e fadiga. — Ao professor não deve passar despercebido o fenômeno da fadiga na realização do trabalho escolar. Ela aparece como conseqüência de produção e acumulação de produtos do metabolismo orgânico, cuja presença em nosso organismo equivale a um perfeito envenenamento.

O organismo animal é, infelizmente, dotado de reflexos de defesa. Na criança esse aparelho de reflexos funciona e manifesta-se pelo bocejo, pela conversação, pelo desassossêgo, etc.

GALTON, a respeito, oferece aos professores o seguinte quadro de sinais que caracterizam a fadiga do aluno.

A fadiga, na criança das escolas, tem manifestações externas, umas, internas, outras, que GALTON discrimina assim:

1.º — Cór anormal da pele, atonia dos olhos, alteração na forma de olhar, tanto na expressão como na fisionomia.

2.º — Movimentos involuntários, tiques nervosos, diferença na forma habitual da letra, modificação na forma de falar, modificações da força muscular.

GALTON chama a estas manifestações caracteres motores.

3.º — Dores de cabeça, extremidades frias, zumbidos nos ouvidos, transpiração.

4.º — Tristeza.

5.º — Diminuição da receptividade dos órgãos dos sentidos.

6.º — Incapacidade para ler determinadas palavras e esquecimento doutras anteriormente. Esquecimento de palavras ditadas.

7.º — Compreensão difícil e lenta.

Das férias. — As férias de nossas escolas primárias são postas no meio e no final do ano letivo — de 1.º a 31 de julho e de 15 de dezembro a 15 de fevereiro. (6)

A duração do período de férias representa também assunto de relêvo para o professor. Férias exiguas e férias dilatadas acarretam prejuízos ao trabalho escolar, e maiores de acôrdo com certos graus que o aluno frequenta.

(6) Já se cogitou, em nossa legislação do ensino, do estabelecimento de 3 períodos de férias, no ano.

Importância deve ser dada à questão do aproveitamento pelo aluno desses períodos de descanso. Viagens, trabalhos, freqüência de outras escolas, cursos de preparatórios, tudo constitui problema digno de estudo, na organização do trabalho escolar. (7)

A criança que trabalha. — Sobre atividade na escola, crianças há que realizam outras em oficinas, fábricas ou escritórios, às vezes com sobrecarga de tarefas. O tempo que de comum fora reservado ao descanso é para elas período de novas atividades.

Num curioso inquérito realizado em grupos escolares, tanto da Capital como do interior, verificou-se boa porcentagem de crianças que além das tarefas escolares, executam outras dos mais variados tipos. (8)

Dos 2.212 alunos fichados nos grupos da Capital, sendo 1.403 do sexo masculino e 809 do sexo feminino, foi observado que 495 meninos e 204 meninas desses números tinham profissão.

A divisão do tempo escolar. — O tempo escolar é regulado pelo programa e pelo horário. Dêste, não é preciso encarar a importância, como não é necessário accentuar, os inconvenientes de seu uso exagerado e tirânico.

Como divisor do tempo, como guia do trabalho, como auxiliar do mestre, o horário presta bons serviços. Não, existindo de tipo único, pode moldar-se pelas diversas necessidades da escola e do tempo.

Na organização do horário, exigências diversas devem ser atendidas, de caráter biológico, psicológico e pedagógico. Por outras palavras, o horário deve servir a alunos, em certa fase do desenvolvimento físico e mental, alunos dotados de certa capacidade de trabalho e de certa maturidade para maiores ou menores graus de atenção.

Trabalhos práticos.

- 1 — Qual a função do horário, na escola?
- 2 — Quais as bases que devem norteiar a organização do horário escolar?
- 3 — Que quer dizer horário flexível?
- 4 — Que quer dizer horário "mosaico"?
- 5 — Como organizar um horário para escola rural?

A distribuição do tempo nos horários. — O tempo ideal de nossa escola primária é de quatro horas, descontado o período de recreio. Nos grupos tredebrados esse tempo não passa de duas horas e meia aproveitadas.

É dentro desse quadro de tempo diário que devem ser distribuídos os assuntos e a prática das matérias do currículo primário, por lei assim fixado: Leitura, Linguagem Oral e escrita, Aritmética e Geometria, Geografia, História do Brasil e Instrução Cívica, Ciências Físicas e Naturais, Trabalhos Manuais, Desenho, Caligrafia, Canto e Ginástica.

Tais matérias que integram o programa primário, têm conteúdo delimitado pelos seus organizadores, para o curso, em geral, e para cada ano, em particular. Cabe, apenas a escola, sectionar o conteúdo de cada matéria em práticas diárias ou semanais, em períodos de tempo aconselháveis. Disso resulta o horário.

Como fazer essa distribuição?

Há escolas de horário de um só período, outras de horário dividido em dois (manhã e tarde). Nestas, o aluno viria às aulas, por exemplo das 8 às 11, e das 13 às 16 horas.

Nas escolas de duplo período, as aulas que exigem trabalho mental intenso são dadas pela manhã, reservando-se a tarde para exercícios ou trabalhos práticos: ginástica, desenho, canto, escrita, etc.

Nas escolas de um só período, o tempo de trabalho costuma ser dividido pelo recreio. As aulas podem nelas ser distribuídas de acôrdo com este modelo:

(7) Ver *Práticas Escolares* — 3.º volume. *Recitação como Educação*.

(8) *O trabalho das crianças* — Inquérito — Dr. Sílvyo de Almeida Toledo, in "Revista de Educação" — março e junho de 1937, ns. 17 e 18.

	2.ª-feira	3.ª-feira	4.ª-feira	5.ª-feira	6.ª-feira	Sábado	
5'		Entrada	Canto	e	Chamada		12,30-12,35
25'	Cálculo	Geometria	Cálculo	Cálculo	Geometria	Cálculo	12,35-13
25'	Leitura	Leitura	Leitura	Leitura	Leitura	Leitura	13-13,25
25'	Geografia	História	Ciências físicas e naturais	Geografia	História	Ciências físicas e naturais	13,25-13,50
25'	Ling. escrita	Ling. escrita	Ling. escrita	Ling. escrita	Ling. escrita	Ling. escrita	13,50-14,15
20'	Ciências físicas, naturais e higiene	Declamação	Trabalhos aplicados	Cartografia	Higiene	Religião	14,15-14,35
25'				RECREIO			14,35-15
20'	Cereadura	Cálculo geométrico	Trabalhos	Cálculo mental	Desenho	Ed. moral e cívica	15-15,20
20'	Problemas	Desenho	manuais	Caligrafia	Problemas geométricos	Caligrafia	15,20-15,40
20'	Cartografia	Ling. oral	Leitura supl.	Ling. oral	Leitura supl.	Ling. oral	15,40-16
30'	Ginástica	Canto	Religião	Jogos	Trabalhos manuais	Orfeão	16-16,30

O trabalho escolar por equipes. — Desde 1900 que se pratica na escola o trabalho por equipes, lideradas por um guia ou chefe. Mas foi sobretudo o após-guerra que trouxe vida e animação à nova idéia, cujos fundamentos podem ser resumidos: a) na necessidade de socializar a criança, oferecendo-lhe oportunidades de trabalho em cooperação educativa, para integrá-la desde cedo na vida social; b) no fato de haver na criança, como impulsos irreprimíveis, anseios e inclinações para viver em grupos, em "gangs", em comunidade.

O trabalho por equipe ofereceu desde logo vantagens irrecusáveis. Poderíamos citar, entre outras, as seguintes, suficientes para justificá-lo:

- a) As reações mentais que provoca o trabalho em grupo, como fatores de educação do aluno.
- b) A vida em cooperação, que o trabalho por equipe estabelece, cria oportunidades de polimentos dos impulsos naturais do aluno, tão necessário à obra de educação.
- c) Dentro do grupo e parte integrante dele, beneficia-se o aluno com os ensejos de trabalho criador, livre, fundamental à formação do espírito de iniciativa.
- d) A equipe oferece à criança múltiplas situações de trabalho e inúmeras oportunidades de atividades sensoriais.
- e) Com a equipe bem dirigida ensaia-se da melhor forma a estruturação da personalidade do aluno.
- f) Os problemas surgidos do livre jogo das idéias são excelentes motivos da indagação, hipóteses e alvitre, para o aluno resolvê-los com propriedade.
- g) Nesse caminhar, apoiado nos dados da experiência e da reflexão vão as crianças da "situação problemática" ao tateio da pesquisa para a solução final.
- h) Enquanto fechado em si mesmo pode o indivíduo iludir-se a si, a respeito de uns tantos problemas; abrindo-se, porém, ao conhecimento de alheias personalidades, descobre novos horizontes e novas concepções.

Problemas para estudo.

- 1 — Como organizar uma escola de acordo com o pensamento dos oito itens citados?
- 2 — Qual o papel do mestre, do líder, do grupo numa tal organização?
- 3 — Que aproveitamento se pode fazer do interesse infantil no trabalho por equipe?
- 4 — Como realizar trabalhos em cooperação em nossa escola primária?
- 5 — Como reformar nas práticas escolares o conceito clássico de disciplina, para permitir o autogoverno da criança?
- 6 — Como realizar o trabalho em cooperação numa escola rural?
- 7 — Qual o sentido da expressão de Kerschensteiner: "A atividade se refere à participação constante e ativa do aluno na obra de sua própria formação".

Bibliografia — No 3.º volume de *Práticas Escolares* desenvolvemos diversos dos assuntos deste capítulo.

VI

PROGRAMAS E HORÁRIOS

Leitura. — Os programas não são como trilhos de via-férrea, sobre os quais deva correr, invariavelmente, a máquina da escola; são direções com etapas vencíveis em determinado espaço de tempo indicadas a viajores livres e inteligentes pela experiência dos que as seguiram, mais de uma vez. Meros orientadores da processuação didática, devem ter ampla flexibilidade que lhes permita acomodarem-se às múltiplas condições que os subordinam. Tais são estas e tão diversas que se poderia, de modo sumário, preconizar um programa para cada escola. (JOÃO TOLEDO).

Disseram as linhas acima o essencial sobre a função dos programas. Outras referências de utilidade para o estudante de escola normal irão sendo aduzidas no decorrer destas linhas.

Das bases que devem alicerçar a construção do programa. — Já coube ao professor, na história do ensino paulista, a organização de seu programa. (*) A experiência anterior vinha provando que os programas elaborados pelo Estado, se constituíam guias de trabalho indispensáveis, ressentiam-se, porém, da não participação do mestre na sua feitura e mesmo, de velhice e de inoportunidade.

Ao meter mãos à obra, para criar seu programa de ensino, que considerações soem preocupar o mestre? Sobre que fundamentos deve assentar o programa escolar?

Preliminarmente, num. O programa de ensino deve servir a uma determinada orientação política do Estado. Não há programas apolíticos.

E porque a serviço da sociedade e dela reflexo, a escola deve modelar seu programa pela atualidade de assuntos, capitais à formação do homem dessa comunidade. O programa deve atender às exigências sociais. Dentro do quadro social, por sua vez, a vida se distribui por várias outras sociedades especializadas, com interesses peculiares e típicos. Daí o programa para a escola rural, para a escola urbana, para a escola do litoral, construídos é verdade, sobre uma base comum, que deve servir a qualquer escola.

Ainda, o programa deve servir à criança e esta, qualquer que seja encontra-se em determinada fase do desenvolvimento físico-psíquico, com capacidade limitada à idade e interesses peculiares, ao período de vida. Por isso há necessidade de bases psicológicas, no programa.

Por fim, a graduação da matéria pelo ano escolar e pelo currículo primário a distribuição de exercícios, a seleção de lições, etc., devem ser preocupações pedagógicas que fundamentem os programas escolares.

Problemas para estudo.

- 1 — Qual o papel das técnicas fundamentais nos programas da escola primária?
- 2 — Que importância atribuir à escola alfabetizante?
- 3 — Que função socializadora deve ser confiada à escola?
- 4 — Que função higienizadora deve ser-lhe atribuída?
- 5 — Que papel abasileirador e nacionalizador cabe à nossa escola?
- 6 — Que se entende por escola educativa?
- 7 — Quais devem ser os fundamentos filosóficos do programa primário?
- 8 — Quais devem ser as bases político-sociológicas e psicológicas desse programa?
- 9 — Pode o professor construir o seu programa?
- 10 — Que vem a ser autonomia didática do mestre?

Renovação de programas. (1) — Os programas que envelhecem devem ser renovados, a fim de que fiquem de acordo com as novas exigências da vida social espelhadas

(*) Na administração de LOURENÇO FILHO, na Diretoria do Ensino, 1930-1931.

(1) O Departamento de Educação acaba de, a título experimental, renovar os programas primários.

na escola. A sua renovação, que deve importar ao mesmo tempo na renovação de conteúdo e de método, de filosofia e de fundamentos sociológicos, constitui tarefa de capital importância na vida dos povos. É a própria renovação da escola que com isso se promove.

O trabalho de reconstrução, porém, deve ser largo e profundo, alcançando tôdas as opiniões e tôdas as camadas sociais, pois que não há nenhuma desinteressada na obra da educação. Aos pais, particularmente, que quase nunca opinam a respeito da educação de seus filhos, deveria caber a oportunidade de participação no movimento a favor da escola nova, do novo método e de novos programas.⁽²⁾

Trabalhos práticos.

- 1 — Estudar o movimento de renovação do programa escolar, operado em São Paulo, em 1931.
- 2 — Estudar a organização do nosso programa do ensino primário. (3)
- 3 — Estudar a estrutura do programa mínimo.
- 4 — Estudar tipos de programa para escolas do litoral, da zona rural, etc.
- 5 — Colecionar programas de ensino primário dos diversos Estados brasileiros.
- 6 — Procurar em nosso programa do ensino primário todos os itens que se referem à educação social da criança.
- 7 — Estudar alguns tipos de programas estrangeiros.
- 8 — Analisar programas desenvolvidos em projetos.
- 9 — Estudar programas com centros de interesse.
- 10 — Procurar adotar nosso programa primário ao tipo de programa globalizado.

Analisar o seguinte plano geral para reforma do programa do ensino primário. — (Examinar o valor de cada item e organizar um plano de trabalho a respeito).

- 1 — Questionário a delegados de ensino, inspetores escolares, diretores de grupo e professores, indagando das reformas que deveriam ser introduzidas em nosso programa do ensino primário.
- 2 — Questionário a professores de educação das escolas normais.
- 3 — Questionário a diretores de ginásios.
- 4 — Questionários a comerciantes, industriais, banqueiros e diretores de empresas.
- 5 — Questionário a pais.
- 6 — Questionários endereçados a médicos.
- 7 — Estudo das noções veiculadas pelos livros de leitura e compêndios escolares.
- 8 — Estudo dos objetivos do ensino primário.
- 9 — Estudo dos objetivos de cada ano primário.
- 10 — Estudo do programa primário em vigor.
- 11 — Estudo das necessidades locais.
- 12 — Quadros sinópticos de assuntos.
- 13 — Programas para os grupos desdobrados.
- 14 — Programas para os grupos tresdobrados.
- 15 — Programas para as escolas rurais.
- 16 — Programas para as escolas do litoral.
- 17 — Estudo dos municípios paulistas ou zonas.
- 18 — Estudo dos programas de cada Estado do Brasil.
- 19 — Plano de programas discriminados.
- 20 — Plano de programas globalizados.
- 21 — Plano de programas rotativos.
- 22 — Estudo da vida da criança egressa do curso primário.
- 23 — Estudo da importância das matérias.

Alguns tipos de programas. — Programa da Escola Elementar "W. Francis Parker" — Chicago. Estrutura geral (1926-1927). (Primeiro grau). (*)

O MEIO PRÓXIMO:

Centro de interesse — Os bairros da cidade.

Abrigo: — Limpeza dos prédios. A neve. Brincar de fazer casas de tijolos.

Alimentos: — Visita a propriedades agrícolas. Os celeiros. O mercado. A horta.

Plantação: — O jardim na primavera.

(2) O livro de FERRIÈRE, *Transformemos a escola* — traz curiosas notícias a respeito da participação dos pais na obra da escola. Entre outras coisas reproduz inquéritos realizados quais os trabalhos manuais, sobre reformas escolares e matérias de ensino, entre as e a fábricas etc.

(3) Programa Experimental.
 (*) Ver outros programas de outros graus na revista *Escola Nova* — Órgão da Diretoria-Geral do Ensino de São Paulo, ns. 2 e 3 — novembro e dezembro de 1930.
 Ler *Práticas Escolares* (2.º volume) — Programa para escola rural no Educandário "D. Duarte".

Vestimenta: — Matérias-primas, onde obtê-las. Preparo de amostras de pano. As peças do leito da boneca.

Ocupação da família no bairro.

Estudos da genealogia dos povos: — O homem da caverna. Seu abrigo, seu alimento, etc.

Estudo dos esquimãos: — Sua morada e alimento.

Outras atividades: — Cuidado com os animais. Os pombos. Os peixes do aquário, etc.

Cultura: — Colheita do trigo. O plantio das sementes.

Cozinha: — Preparo da geléia. Os cereais. A manteiga. O cacau. Bolos e doces.

Prática social: — Reuniões. Diversões ao ar livre. Aniversários.

Assuntos ocasionais.

Exercícios da manhã: — Representações no palco. Caligrafia. Escrita. Cálculos. As artes: música, trabalhos manuais, educação física. (Segundo grau).

Centro de interesse: — Quatro atividades industriais no meio próximo.

Colheita.

Moagem: — Os trabalhos do campo: a debulha, a ventilação e a apanha das sementes.

Fabricação do pano: — Tecedura e tintura. Estudo da vida do índio. Estudo da vida do pastoreio.

Tratamento de uma ninhada: — A alimentação, a coleta de ovos, os cuidados com os pintinhos.

Assuntos ocasionais: — Leitura. Literatura. Caligrafia. Escrita. Ditado. Artes: música, educação física. Consecução de um mínimo indispensável.

Um excerto dos programas de Minas Gerais. — 1.º ano: O dia de criança.

A c r i a n ç a	A escola	{	A classe			
			Antes da classe			
				Depois da classe		
	Alimentação	{	As refeições	{	Café	
					O almoço	
				O jantar		
			De origem vegetal	{	Legumes	
					Verduras	
					Frutas	
Os alimentos	{	{	De origem animal	{	Carnes	
					Laticínios	
			De origem mineral	{	Água	
					Sal	
O vestuário	{	O uniforme da criança				
		O terno do papai				
		O vestido da mamãe				
		Os chapéus				
		O calçado (engraxate)				
		A roupa branca (a lavanderia)				
A rua	{	A rua				
		Os veículos				
A casa	{	A cozinha				
		O quarto				

2.º ano. — A luta contra as intempéries.

1.º — Criança

Influência do calor sobre a pele.
 Influência do frio sobre a pele.
 Influência do ar em movimento.
 Influência da alimentação sobre a temperatura do corpo.
 Desenvolver as noções sobre digestão, respiração, circulação.
 Influência do movimento sobre a temperatura do corpo.

2.º — Animais

a) Grupar os animais de acôrdo com a organização de que dispõem para reagir ao frio, ao calor, à umidade e ao vento.

Ex.: — Animais providos de penas, de pêlo, de uma camada de gordura; animais que se escondem dentro da terra, e nas árvores; animais que constroem abrigos.

b) Grupar os animais de acôrdo com o auxílio que fornecem ao homem para que se preserve das intempéries.

Ex.: — Animais, cuja pele aproveitamos; animais cuja plumagem aproveitamos — animais, cuja sêda aproveitamos. Lã — sêda.

3.º — Plantas

a) Grupar as plantas, de acôrdo com a organização para reagir às intempéries.

Ex.: — Plantas das regiões câlido-sêcas; plantas das regiões câlido-úmidas; plantas das regiões frias.

b) Subsídios que os vegetais fornecem ao homem para reagir às intempéries.

1) para o vestuário — algodão, linholhas.
 2) para a habitação — madeira, fôlhas.
 3) para o aquecimento — lenha.

4.º — Inanimados

a) Minerais — Utilidade que têm para o homem na luta contra as intempéries.

1) vestuário (botões), etc.
 2) habitação — pedras, metais.
 3) aquecimento — petróleo, carvão de pedra.

b) Os astros { o sol — fonte de calor; as estações;
 ação do calor do sol sobre as plantas;
 ação do calor do sol sobre os animais;
 ação do calor do sol sobre os minerais;
 ação do calor do sol sobre o

homem { ocupação dos povos de países muito frios
 ou muito quentes;
 insolação.

Um corte do programa soviético. (*)

1) 11-12 anos	As estações do ano.	O trabalho cotidiano da família, no campo e na cidade.	A família e a escola.
2) 8 a 9 anos	O ar, a água, o sol. Plantas e animais domésticos e seu cuidado.	O trabalho da cidade ou de uma quadra da cidade onde mora a criança.	As instituições administrativas da cidade e da aldeia.
3) 9-10 anos	Noções e observações elementares de física e de química. A natureza local. A vida do organismo humano.	Economia da região	As instituições administrativas. Imagem do passado da região.
4) 10-11 anos	A geografia da Rússia e de outros países. A vida do organismo (do corpo humano).	A economia nacional da Rússia e de outros países.	A organização do estado, na Rússia e em outros países — Quadro do passado da humanidade.

(*) Ler a respeito: A. PINKEVICH, *As modernas teorias pedagógicas e a nova educação na U. R. S. S.*

Programas italianos. — "Programas e prescrições didáticas do ministro de Instrução Pública Giovanni Gentili", de novembro de 1923. Compreendem as matérias do quadro anexo, que devem ser dadas separadamente, dentro do horário, cujas bases são fixadas.

QUADRO DE ORIENTAÇÃO PARA FORMAÇÃO DO
HORÁRIO DE CADA CLASSE

	Classes Preparatórias	I	II	III	IV	V	Classes Complementares
Religião	1	11/2	11/2	2	2	2	2
Canto, desenho espontâneo, caligrafia, recitação	4	21/2	21/2	4	5	5	3
Leitura escrita e exercícios de língua italiana	—	7	6	5	5	4	3
Ortografia	—	—	2	2	—	—	—
Aritmética, desenho, geometria e cálculo	—	4	4	4	3	3	2
Noções diversas e ocupações intelectuais recreativas	6	4	4	4	1	1	1
Jardinagem, trabalhos manuais, trabalhos femininos, ginástica, jogos, refeições e cuidados higiênicos	24	6	5	4	4	4	—
Ciências físicas e naturais, noções de higiene	—	—	—	—	2	2	3
História e geografia	—	—	—	—	3	3	2
Noções de direito e economia	—	—	—	—	—	1	1
Trabalhos profissionais	—	—	—	—	—	—	8
Horário semanal por classe	35	25	25	25	25	25	25

1.º Grau — ENSINO PRIMÁRIO (1)

Programa e horário das escolas primárias paulistas — 1889 (1)

Idades

Idades	Sentidos	Experiências	Leitura	Linguagem	Geografia	Números	Caligrafia	Desenho	Canto coral	Tr. manuais
9	Lições de Coisas História Natural	O aluno deduz	Leitura corrente interpr.	Ver, ouvir e contar Composição	Noções Gerais Moldagem	Inteiros e frações Sistema métrico	Letra Inglêsa	Estudo de forma	Notações solfejos	Tranças Papellão Vime Pau
8	Lições de Coisas História Natural	O aluno deduz	Solettar Ler por cima	Referir o que vê Escrever o que refere	Generalidade Área moldada	Inteiros	Bastardo	Retas e curvas Modelos domésticos	Tonic solfa	Fazer em papel, mosaico e figuras em relevo Trabalhos manuais
7	Lições de Coisas História Natural	O aluno deduz	Princípios Palavração	Referir o que vê Pequenas Histórias	Geografia	Pequenas operações	Caligrafia	Combinações de linhas Mão livre	Tonic solfa	Fazer em papel o assunto dos desenhos

s e q u e m e c i s t a n i g

(1) Estes dados foram extraídos do livro "Um retrospecto" do professor JOÃO LOURENÇO RODRIGUES.

NOTA — Os alunos de escola normal devem analisar cuidadosamente o horário reproduzido.

Para estudo.

PROGRAMA MÍNIMO PARA O CURSO PRIMÁRIO (*) — O comunicado n.º 21 da Diretoria de Ensino determina que continue a ser seguido pelos nossos estabelecimentos escolares o programa de ensino que se achava em vigor em 1930 e declara que é sempre oportuna a observação das indagações ou instruções que orientam o ensino de cada matéria nesse programa.

Todavia, a redução do tempo de aula a três horas diárias, motivada pela carência de prédios escolares, tem impedido a integral execução desse programa. Por isso, a Diretoria do Ensino, resolveu estabelecer um programa "mínimo", destinado especialmente aos grupos escolares que funcionam em três períodos.

Na elaboração deste programa, não houve o propósito de subordiná-lo a determinada orientação individual, ou adaptá-lo a qualquer dos tipos escolares, abrangidos pela genérica denominação de "escola nova". Não é um programa de "centros de interesse", que a basear-se de fato na didática decroliana, não pode ser delineada com antecipação. Mas, há estreita correlação entre as diferentes matérias, prestando-se, pois, para o desenvolvimento de um plano de estudos "globalizado", cuja adoção, evidentemente, não deve sacrificar o ensino das técnicas fundamentais. Constituiu exceção àquele intento apenas a indicação sumária da processologia do ensino inicial da leitura, estando, porém, ressalvado o salutar princípio da autonomia didática nos termos da "observação" anexa.

Com exclusão da parte referente a "trabalhos manuais" (que não foi reduzida com rigor, uma vez que o professor sempre deverá dar preferência aos trabalhos que os alunos possam executar com matéria-prima facilmente encontrada na localidade escolar), o programa fixou o mínimo que se pode exigir no curso preliminar, onde está desenvolvido de forma elementar, intuitiva, prática e interessante.

Embora muitas de nossas classes ainda funcionem em salas acanhadas, com matrícula excessiva e em condições materiais e pedagógica pouco satisfatória, muito se pode esperar da dedicação e boa vontade de nosso abnegado e inteligente professorado, no sentido de manter o ensino primário sempre ativo, atraente, experimental, adaptado ao meio ambiente e em rigorosa obediência aos ideais de uma educação moderna.

1.º ANO

Disciplina de Expressão, Leitura — Exercícios preparatórios de observação sobre objetos ou gravuras, a fim de corrigir e ampliar o vocabulário do aluno.

Leitura de sentenças simples e concatenadas, escritas no quadro negro pelo professor. Análise das sentenças. Exercícios variados para o reconhecimento de frases e palavras destacadas.

Leitura alternada no quadro negro e na cartilha adotada.

Conhecimento de palavras novas, formadas com sílabas já dominadas pela classe. Exercícios de rimas e de flexões de palavras. Estudo do alfabeto.

Leitura, com relativa facilidade, de um primeiro livro dos aprovados para esta classe. Reprodução do trecho lido.

Observação — A adoção de outro método, que não seja o analítico-sintético, depende de prévia autorização da Diretoria de Ensino, mediante exposição escrita do professor, justificando os motivos de sua preferência.

Linguagem oral — Breve descrição de objetos presentes, de plantas e de animais da região escolar, para que o aluno nomeie as suas partes e qualidades essenciais, sua utilidade, origem, etc.

Comentário de gravuras expressivas, que se refiram a assuntos relacionados com a vida infantil.

Narração, pelo professor, de histórias atraentes e instrutivas, seguidas de interpretação oral pelo aluno.

Ensaio de dramatização de contos narrados em classe.

Recitação de adágios populares, de quadrinhas e de pequenas poesias aprendidas por audição.

Linguagem escrita — Cópia de sentenças aprendidas na lição de leitura.

Exercícios variados para ordenar, completar e ampliar sentenças.

Construção de sentenças com palavras dadas.

Ditados de sentenças conhecidas.

Respostas a questionário simples, referentes a lições anteriores.

Redação de sentenças coordenadas à vista de objetos ou gravuras.

Desenho — Desenho espontâneo a lápis preto e de cores.

Desenhos de memória de objetos usuais, folhas, flores, frutas de estação, brinquedos infantis, etc.

Desenhos livres ilustrando histórias, trabalhos escritos.

Execução de contorno de objetos sugeridos pelo professor ou de ornatos singelos, imitando frisos, molduras etc., contornos coloridos, sementes etc.

Trabalhos manuais — Recorte de pedacinhos de papel para a formação de arranjos decorativos.

Exercícios fáceis de tecelagem com serpentina, junco, rafia etc.

Dobradura e execução de chapéus de papel, barquinhos etc.

Recorte e colagem de silhuetas em papel.

Execução em papel-cartão de brinquedos, objetos comuns e motivos diversos, relacionados com as aulas das demais disciplinas.

Modelagem, em barro ou plastilina, de frutas, flores, folhas, sólidos geométricos etc.

Acesse para as meninas — Estudo dos pontos mais simples de crochê com agulha de osso e com fios grossos, como barbante, lã etc., para a execução de objetos úteis, como golas, cintos etc.

Música — Respiração rítmica.

Cantos muito fáceis.

Rondas e brinquedos musicais.

Iniciação matemática, Cálculo — Exercício com o auxílio de tornos, tabuinhas, sementes, desenhos, estampas etc., para a aprendizagem das quatro operações sobre os números de 1 a 10. Noção intuitiva de metade ou meio, terça e quarto.

Contagem direta de objetos ou de grupos de objetos até 20, de 1 em 1, de 2 em 2, de 3 em 3 etc., na ordem crescente ou decrescente, elevando-se essa contagem gradualmente até 100, limite a que não devem exceder os cálculos desta classe. Leitura e escrita de números e uso dos sinais das quatro operações e de igualdade. Organização do calendário mensal.

Algarismos romanos até XII e horas do relógio.

Conhecimento prático do metro, litro e quilograma. Problemas fáceis. Numerosos "jogos" aritméticos. Representação gráfica de cálculos e problemas.

Formas — Estudo da esfera, cubo, cilindro e prisma, à vista dos sólidos. Comparação desses sólidos entre si e com objetos usuais. Sua construção em barro, cartão etc.

Noções comuns — A criança: nome, idade, data e lugar do nascimento. Sua família: pais, irmãos, e outros parentes. A casa paterna. Seus compartimentos: sala de visitas, quartos, sala de refeições e cozinha. Móveis e utensílios domésticos.

O corpo da criança. Suas partes exteriores. A limpeza do rosto e das mãos. Sua alimentação. O pão e o leite. O feijão, o arroz e o fubá. A batata e a mandioca. As frutas e as verduras. O açúcar e o mel. A carne e a gordura. O boi e o porco. A galinha e o ovo. A água potável. O café e o chá. O sal e os temperos. Cuidados com os dentes. A digestão.

O vestuário da criança. O algodão, a lã e a seda. O chapéu e o calçado. O banho: o sabão, a escova e o pente. Os brinquedos. O exercício e o repouso.

A escola. A situação da classe no prédio escolar. Os utensílios do aluno. A disposição do mobiliário escolar e sua conservação. O arejamento e a limpeza da classe.

O quarteirão da escola. Nomes das ruas próximas. Caminho percorrido pelo aluno, para ir à escola. Nome da cidade, do município, do Estado e do País.

A iluminação da classe. O sol e a direção da sombra ao meio-dia. A orientação e os pontos cardiais. A medida do tempo. O quadrante solar e o relógio.

O sol e a chuva. O arco-íris e as cores. A Bandeira Nacional.

2.º ANO

Disciplina de expressão, Leitura — Leitura diária com naturalidade e boa pronúncia. Explicação do sentido de palavras e expressões, no contexto da lição. Reprodução do trecho lido.

Conhecimento dos sinais de pontuação para os efeitos de expressão da leitura.

Exercícios frequentes de leitura silenciosa em livros e revistas da biblioteca escolar. Resumo oral do assunto lido.

Linguagem oral — Palestras tendentes a desenvolver a observação e o vocabulário da criança, versando, por exemplo, sobre as suas ocupações na escola e em casa, seu procedimento à mesa, na rua, no recreio, nas reuniões familiares e públicas: sobre a correta posição do corpo, quando de pé, sentado ou deitado; sobre as mais importantes atividades do distrito escolar, etc.

Descrição de gravuras que representem as belezas naturais de nosso país.

Reprodução de histórias contadas pelo professor em aulas anteriores.

Explicação e recitação de anedotas, fábulas e pequenas poesias.

Linguagem escrita — Cópia de sentenças do livro de leitura, substituindo algumas palavras pelos seus sinônimos.

Breves descrições de objetos ou gravuras já comentadas em classe, provocadas por um questionário ou rascunho.

Formação de sentenças coordenadas com palavras conhecidas.

Reprodução de historietas, fábulas, poesias fáceis, etc.

Ditados de trechos explicados previamente.

Redação de bilhetes sobre motivos familiares.

Desenho — Desenho de formas naturais de contorno fácil (frutas, raízes tuberosas, etc.) e de objetos manufaturados de formas simples (vaso de barro, tigela, maringa, etc.), que serão colocados em posição bem visível para toda a classe.

(*) Ao lado deste programa, ver o Programa Experimental.

Desenho de memória de objetos observados em aulas de outras matérias.
 Desenhos ilustrativos de trabalhos gráficos.
 Desenhos coloridos de ornatos simples, formados com folhas e flores singelas, cuja disposição repetida, alternada ou oposta será sumariamente indicada no quadro negro pelo professor.

Trabalhos manuais — Alinhavo em cartão, executado a cores, sobre esboços de figuras, animais, plantas, etc.

Trabalhos de contas, nós, tranças, etc.
 Tecelagem aplicada à feitura de objetos úteis: cestas, esteirinhas, etc.
 Recorte em papel. Cartonagem.
 Modelagem de formas geométricas e de objetos usuais semelhantes.
 Cultivo de plantas em vaso ou de um canteiro no pátio escolar.
 Remendos. Casear e pregar botões.

Acrece para as meninas — Crochê.

Música — Respiração rítmica.
 Cantos do populário infantil.
 Cânones fáceis a duas partes.

Iniciação matemática, Cálculo — Estudo concreto da formação de unidades, dezenas, centenas e milhares.

Adição e subtração de números que não excedam a dezena de milhar.
 Multiplicação e divisão por um número dígito. Prova real. Aplicação das quatro operações e variadas questões da vida prática. Numerosos jogos que facilitem a memorização das tabuadas. Noções elementares de fração.
 Conhecimento prático das medidas usuais de comprimento, peso e capacidade. Exercícios de aplicação.

Algarismos romanos. A moeda brasileira. Exercícios fáceis de cálculo mental, aplicados a compras no mercado, a róis de roupa, etc.

Formas — Faces, linhas e ângulos do cubo, prisma e cilindro. Cone e pirâmide. Esfera e hemisfério. Analogia entre esses sólidos e objetos comuns. Sua construção em papel cartão ou massa plástica.

Noções comuns — As principais refeições e os alimentos mais convenientes à criança. Comidas e bebidas prejudiciais à saúde. O preparo e a conservação dos alimentos.
 O ar e as combustões. Os jogos ao ar livre. As férias na roça, na montanha ou à beira-mar.
 Os tecidos e o vestuário. Cuidados higiênicos com a circulação. O asseio.
 Os animais úteis da fazenda. A horta e o pomar. As principais plantas cultivadas na localidade escolar. Experiências sobre a germinação do feijão e do milho. As partes de uma planta. A festa das aves e das árvores.

A escola e seus arredores. Ligeiro esboço da sala de aula. Estudo da planta da cidade: ruas, praças, jardins, monumentos e pontos pitorescos. Seus caminhos e estradas. Meios de transportes locais.

Acidentes geográficos observados na escola. As principais denominações dadas às águas. Observação do contorno do Estado e do Brasil.

O estado primitivo de nosso País. O descobrimento. Os índios. O início da colonização. O progresso atual do Brasil. O presidente em exercício.
 As datas históricas: 7 de Setembro e 15 de Novembro.
 A Bandeira Nacional.

3.º ANO

Disciplinas de expressão, Leitura — Leitura corrente de prosa e verso. Sentido próprio e figurado das palavras da lição. Interpretação e reprodução oral do assunto lido. Exercícios valentes.

Leitura dialogada, visando conseguir naturalidade e expressão.
 Leitura silenciosa de livros da biblioteca escolar.

Linguagem oral — Conhecimento prático das partes principais do período simples. Sujeito e predicado. Reconhecimento de verbos, nomes, pronomes, adjetivos, advérbios e preposições, pelas funções que exercem na sentença.
 Exercícios muito simples de mudanças das flexões nominais e verbais, praticadas em trechos do livro de leitura.

Estudo da derivação de palavras. Sinônimos e antônimos.
 Reprodução oral de assuntos de outras aulas e de contos lidos com antecedência.
 Explicação da letra dos cantos escolares.
 Palestras com os alunos sobre os seus deveres em relação a si mesmos, à família, à sociedade e à Pátria e sobre a necessidade de hábitos de polidez, ordem, previdência e economia.
 Declamação em prosa e verso.

Linguagem escrita — Exercícios de mudança de redação. Redução e ampliação de sentenças. Ditados de trechos previamente estudados.

Reprodução de contos, fábulas, poesias e de assuntos de outras aulas.
 Descrições de pessoas, animais, plantas, minerais e objetos comuns.
 Narrativas de fatos observados pela classe, encaminhadas por um esboço ou questionário, sugerido pelo professor.

Redação de cartas simples sobre motivos familiares.
Desenho — Cópia do natural, servindo de modelo os objetos usuais de forma interessante insetos, aves, peixes, elementos vegetais, etc. Noções muito rudimentares de perspectiva de observação. Indicação da intensidade e extensão da sombra a traços de lápis.

Composições decorativas, coloridas a lápis ou a aquarela, em forma de barras ou molduras, ou dentro de contornos geométricos, constituídas com elementos copiados diretamente de nossa fauna ou flora.

Desenhos de memória para a ilustração de exercícios de linguagem.

Trabalhos manuais — Execução de trabalhos úteis à vida corrente: fazer um pacote, encapar um livro ou caderno, pregar um botão, etc.

Tecidos e trançados em papel, taquara, vime, arame, barbante, etc.

Nós e laços. Filé. Aplicações diversas.

Cartonagem. Execução de objetos usuais.

Modelagem. Jardinagem.

Acrece para a seção feminina — Pontos de costura: alinhavos, pregas e bainhas. Remendos. Cerzir, casear e pregar botões e colchêtes. Aplicação em peças do vestuário e de adorno para a casa. Ponto cruzado em pano grosso. Aplicações em motivos desenhados pelo aluno. Tricô.

Música — Respiração rítmica.

Canções e hinos escolares.

O Hino Nacional.

Orfeão.

Iniciação matemática, Aritmética — Estudo completo da numeração decimal. As quatro operações sobre inteiros. Provas. Exercícios variados. Problemas com abstração de números. Processos mentais para a resolução de questões da vida corrente.

Noções concretas de fração. Fração decimal; leitura e escrita de números decimais, redução à mesma denominação; alteração do valor dos decimais.

As quatro operações sobre decimais. Aplicações práticas.

Múltiplos e submúltiplos do metro, do litro e do gramo.

A numeração romana. A moeda brasileira.

Geometria — Linhas e suas espécies. Posições absoluta e relativa da linha reta.

Traçado de linhas perpendiculares e paralelas, com régua e compasso.

Divisão da linha reta em partes iguais. Medida da linha reta.

Espécies de ângulos, triângulos e quadriláteros.

Círculo e suas linhas. Medidas dos ângulos. O transferidor.

Noções comuns — O sol e as estações: calor, frio e umidade. O termômetro. A mudança de estado da água: seu ciclo em a natureza.

O calor e os fenômenos atmosféricos. A variedade de clima. Animais e plantas próprios de cada zona terrestre. Abrigo dos animais contra as intempéries.

Produtos animais, vegetais e minerais utilizados no vestuário, na habitação e no aquecimento: pêlos, plumas, lã, seda, linho, juta; madeiras, telhas, tijolos, cal, gesso, areia, cimento, granito, mármore, vidro, louça, ferro, cobre, chumbo, estanho, zinco, alumínio, óleos, hulha, petróleo, etc.

A morada dos esquimãos, índios, africanos, e árabes. A casa do nosso caboclo. A melhoria da habitação rural.

A alimentação em nosso país e em outros. A caça e a pesca.

Cuidados higiênicos com a digestão, circulação e respiração. O arejamento do dormitório. Efeitos benéficos dos jogos e exercícios ginásticos.

As bebidas nocivas à saúde: cerveja, vinho e aguardente. A embriaguez.

Influência do calor e umidade sobre as plantas. Principais trabalhos e instrumentos agrícolas. Estufas e viveiros. Processos artificiais de reprodução.

Geografia e História — O município da escola: acidentes geográficos, indústria, comércio, cidades mais importantes, meios de transporte etc. Seus vultos ilustres e monumentos públicos notáveis. As autoridades municipais. A comarca e as atividades judiciárias. O mapa do município.

O Estado de São Paulo: limites, aspecto e clima. Seu litoral; fundação de São Vicente; Martim Afonso e João Ramalho; Santos e Brás Cubas.

Os primitivos tempos da Capitania de São Vicente. Os índios e os jesuítas. Nóbrega e Anchieta. A fundação de São Paulo.

Montanhas e rios do Estado; cachoeiras e saltos mais notáveis. Os rios percorridos pelos bandeirantes. Povoamento do sertão. As minas e os emboabas.

A administração da Capitania; costumes antigos e festas populares. Amador Bueno.

A vinda da família real ao Brasil: a franquia dos portos e das indústrias.

O grito do Ipiranga. José Bonifácio. O Museu e os monumentos históricos.

A regência. Diogo Feijó. A abolição da escravidão. A imigração e o desenvolvimento de nossa lavoura.

A proclamação da República. Biografia de paulistas ilustres.
A atual organização político-administrativa do Estado. As vias de comunicação. Sua população e superfície. Cidades mais importantes. Produção agrícola e industrial. Comércio exterior. O grande progresso do Estado.

4.º ANO

Disciplina de expressão, Leitura — Leitura expressiva em prosa e verso, sempre precedida de leitura silenciosa e de comentário do texto. Exposição do assunto lido.
Leitura de diálogos interessantes, de comédias, infantis e de outros gêneros literários.
Leitura de trechos extraídos de revistas e jornais, de livros instrutivos, para o desenvolvimento de assuntos tratados em aulas de outras disciplinas.

Linguagem oral — Análise lógica do período simples. Estudo sucinto das categorias gramaticais, de acordo com a função que exercem na sentença.

Exercícios de flexões nominais e verbais. Conjugação de verbos em sentença, mudança do tratamento gramatical de cartas e diálogos.

Ampliação do vocabulário do aluno pelo estudo da derivação e composição de palavras. Sinônimos, antônimos, homônimos, e parônimos. Uso do dicionário.

Interpretação de adágios populares, da letra dos cantos escolares e exposição de assuntos estudados em outras disciplinas.

Narrações de episódios e de cenas naturais.

Estudo prático e elementar do período composto e do complexo.

Declamação em prosa e verso.

Linguagem escrita — Descrições e narrações com esboço e livres.

Mudanças de estruturas e de fraseologia. Redução de poesia a prosa.

Exercícios simples de análise lógica por meio de diagramas.

Redação, se possível, de um jornal da classe.

Cartas, ofícios, recibos e requerimentos.

Desenho — Cópia do natural, pela perspectiva de observação, de formas naturais e de objetos manufaturados, isolados ou agrupados. Execução da sombra própria e da projetada, para dar o relevo. Desenhos a lápis preto, a carvão, a lápis de cores ou a aquarela.

Desenhos explicativos das aulas de geografia, história, ciências, etc. Desenhos ilustrativos de trabalhos gráficos.

Composições decorativas com elementos geométricos ou tirados de nossa fauna ou flora, formando barras, cercaduras, rosáceas e fundos diversos aplicados ao adorno de superfícies quadrangulares, triangulares, circulares, etc., e aproveitadas como ornamento dos trabalhos de agulha e dos objetos feitos nas aulas de trabalhos manuais.

Trabalhos manuais — Execução de objetos úteis com vime, arame, junco, etc.

Pequenos trabalhos em madeira mole: cantoneiras, brinquedos, etc.

Cartonagem. Desenvolvimento dos sólidos geométricos.

Recorte de figuras geométricas, para a demonstração concreta da equivalência das áreas.

Variados exercícios de modelagem.

Trabalhos de jardinagem e, onde for possível, ensaios de sericicultura e apicultura.

Acréscio para a seção feminina — Costura: pesponto, cascado, cerzido, etc. Pontos ornamentais. Pontos de marca: letras e nomes. Bordado muito simples.

Aplicações a pequenas peças, como lenços, toalhinhas, babadouros, aventais, camisas, roupinhas para bonecas, etc.

Tricô e suas aplicações em peças usuais.

Música — Respiração rítmica.

Cancões e hinos escolares.

O Hino à Bandeira.

Orfeão.

Iniciação matemática, Aritmética — Revisão das quatro operações sobre inteiros e decimais.

Frações ordinárias: próprias e impróprias, homogêneas e heterogêneas. Número misto e sua conversão em fração imprópria, e vice-versa. Simplificação de frações. Redução à mesma denominação pelo processo geral.

As quatro operações sobre frações ordinárias. Exercícios fáceis e problemas. A conversão de ordinárias em decimais e vice-versa.

Sistema métrico decimal. A potência como um caso especial da multiplicação. O metro quadrado e o metro cúbico; seus múltiplos e submúltiplos. Problemas e questões práticas.

Cálculo mental e cálculo rápido.

A numeração romana.

Aplicações do método de redução à unidade.

Noções sumárias de porcentagem para o cálculo de impostos, de abatimentos em compras e faturas, de juros de pequenas quantias etc.

Moedas estrangeiras e questões fáceis de câmbio.

Geometria — Traçado com o auxílio de régua e compasso, de ângulos, triângulos e quadriláteros. Construção de polígonos regulares.

Medida da circunferência e do perímetro dos polígonos.

Avaliação das áreas dos quadriláteros, triângulos, polígonos regulares e do círculo. Equivalência de figuras geométricas. Problemas.

Determinação do volume do prisma retangular e do cilindro. Achar a cubagem da sala de aula, a capacidade de um caixão etc.

Noções comuns — O corpo humano. A pele, os ossos, os músculos e os nervos, o exercício e o asseio corporal. Os banhos de mar e de sol. A limpeza do vestuário e da casa.

Os principais órgãos e funções da digestão, respiração e circulação. Os sentidos. Cuidados higiênicos para a conservação da saúde. O regime alimentar. O ar puro e a água potável. Os elementos do ar e da água. O gás carbônico e as combustões. Efeitos nocivos do uso do fumo e do álcool.

Moléstias contagiosas e infecciosas: tracoma, amarelão, maleita, sarna, lepra e tuberculose. A imunidade. Os hospitais e sanatórios. A vacinação.

Os animais perigosos: meios de combatê-los. O tratamento da raiva: o Instituto Pasteur. A mordedura da cobra; o Butantã. Curativos de urgência.

A fazenda de criação. A utilidade dos animais domésticos.

Idéias de classificação dos animais, tomando um como tipo de cada classe.

Os trabalhos da roça e o aperfeiçoamento dos processos agrícolas. Algumas noções sobre o cultivo do café, algodão, cana-de-açúcar, laranja, cereais, mate, borracha, cacau, etc. As plantas medicinais do Brasil.

O conforto da vida moderna. A canalização de águas e os esgotos. A iluminação a gás e à electricidade. O automóvel e a estrada de concreto. A estrada de ferro e o aeroplano. O transatlântico e o hidroavião. O telefone, o telégrafo e o rádio.

Geografia — O céu e os astros. O sistema solar: planetas, satélites e cometa. Eclipses. A representação da terra; o globo e o mapa-múndi. Noção de escala. Linhas e círculos. Latitude e longitude.

Os oceanos e os continentes. A configuração da América do Sul. Localização do Brasil e dos demais países: suas Capitais, aspectos mais notáveis e relações comerciais com o Brasil.

Descrição física do Brasil. Suas condições econômicas e divisão administrativa. (Numerosos exercícios auxiliares de cartografia).

Países e Capitais da América do Norte e da América Central.

Conhecimentos gerais sobre a Europa e as outras partes do mundo.

História e Instrução cívica — O descobrimento da América e do Brasil. Início de sua colonização. Os indígenas, os africanos e os europeus. A ação dos jesuítas.

Os governos gerais. As invenções estrangeiras. As bandeiras e as minas. As lutas internas: emboabas, nascentes e palmares. Aspirações à independência. Tiradentes. A transmigração da família real para o Brasil e suas conseqüências.

O grito do Ipiranga e o governo de D. Pedro I. As regências. O reinado de D. Pedro II. As guerras externas. A abolição da escravatura.

A proclamação da República. Estudo sucinto do período republicano.

Vantagens de nossa forma de governo. O voto e a sua importância. As atribuições dos poderes do Estado. As forças armadas: o exército, a marinha e a polícia. O serviço militar. O júri e o dever dos jurados. A necessidade dos impostos.

Os direitos e deveres do cidadão brasileiro.

A Bandeira Brasileira e o Hino Nacional.

NOTA: Ler Programas experimentais do Departamento de Educação de S. Paulo, 1º, 2º, 3º, 4º e 5º graus.

Trabalho prático. — Interpretar o seguinte trecho de LOURENÇO FILHO: "A experiência tem demonstrado que, em relação aos programas de ensino, há uma verdade elementar donde convém, partir: cada mestre só executa o seu programa, aquele que é a revelação de sua inteligência, de seus conhecimentos sistematizados, de seus pendores, de sua personalidade enfim. Pode ser fornecido ao professor o que de melhor conceba a técnica moderna, como roteiro e guia. Pode a administração baixar instruções minuciosas, que tentam mecanizá-lo. Na prática, porém, se é mestre de verdade, se põe alma em seu ensino, saberá iludir tudo isso, ou iludir-se a si próprio, muitas vezes, e seu programa real será sempre ele próprio, será a revelação de sua capacidade técnica".

MÓDELO DE HORÁRIO

— 1 —

Para uso nas escolas isoladas, a Delegacia Regional de Ensino de Guaratinguetá organizou, em 1936, o seguinte projeto de horário: (*)

DIVISÃO DO TEMPO	DURAÇÃO	AULAS DIÁRIAS
Às 10,45 hs.	15 m.	Comparecimento do professor à escola.
Às 11 hs.	15 m.	Canto (2. ^{as} , 4. ^{as} e 6. ^{as}). Ginástica respiratória (3. ^{as} , 5. ^{as} e Sábados). Revista de asseio e de lanche. Chamada.
Às 11,10	20 m.	Leitura A: — Ocupações 1. ^o ano B, 2. ^o e 3. ^o
Às 11,30	20 m.	Leitura B: — Ocupações 1. ^o ano A, 2. ^o e 3. ^o
Às 11,50	15 m.	Leitura 2. ^o — Ocupações 1. ^o ano A, B e 3. ^o
Às 12,5	15 m.	Leitura 3. ^o — Ocupações 1. ^o ano A, B e 2. ^o
Às 12,20	20 m.	Cálculo A: — Ocupações 1. ^o ano B, 2. ^o e 3. ^o
Às 12,40	20 m.	Cálculo B: — Ocupações 1. ^o ano A, 2. ^o e 3. ^o
Às 13 hs.	15 m.	Cálculo 2. ^o — Ocupações 1. ^o ano A, B e 3. ^o
Às 13,15	15 m.	Cálculo 2. ^o — Ocupações 1. ^o ano A, B e 3. ^o
Às 13,30	30 m.	Recreio.
Às 14 hs.	1 h.	<p>Às 2.^{as}-feiras: — Exercícios de observação: na sala ou nas imediações da escola: Ciências físicas e naturais. Cálculo e Geometria.</p> <p>Às 3.^{as}-feiras: — Exercícios de associação: Geografia, Cartografia, História do Brasil e Educação Cívica.</p> <p>Às 4.^{as}, 5.^{as}, 6.^{as} e Sábados: — Exercícios de expressão e de aplicação: — Linguagem oral e escrita, Desenho, Caligrafia, Trabalhos manuais, Ginástica e Canto.</p> <p>Saída e recomendações sobre a conduta na rua e a frequência diária.</p>
Às 15 hs.		

(*) Quando havia grupos não tresdobrados.

— 2 —

Horário:

Segunda.	Têrça.	Quarta.	Quinta.	Sexta.	Sábado.

1.^a hora: Observação.

2.^a hora: Associação no tempo e no espaço.

3.^a hora: Expressão concreta.

4.^a hora: Expressão abstrata.

— 3 —

Horário organizado para a Escola Primária do Liceu Rio Branco

1.^a PARTE: Comunicação de material, narrativas, recortes de jornais e revistas, sua classificação pelos próprios alunos. Leitura silenciosa ou coletiva.

2.^a PARTE: Exercícios para aplicação de cálculos. Trabalho em grupo.

Recreio 25'

3.^a PARTE: Trabalho individual livre: caligrafia, cálculos, pesquisa para associação, cadernos de vida.

4.^a PARTE: Exercícios de expressão, compreendidos o canto, jogos ginásticos, construção, redação, desenho.

O professor tem inteira liberdade para mudança de ordem dos exercícios, tal tenha sido o trabalho da véspera e o andamento do projeto ou centro. Mas um exercício de cálculo, leitura silenciosa e escrita é necessário cada dia, da forma que melhor lhe parecer.

Horário para classe de transição — 4 horas

DISTRIBUIÇÃO DAS MATÉRIAS		DIVISÃO DO TEMPO	DIAS DA SEMANA
Chamada e distribuição do material		5'	Diariamente
Técnicas fundamentais	{ (Cálculo oral e escrito) Leitura	1. ^a hora	ROTAÇÃO SEMANAL (Dentro do centro de interesse, é impossível determinar o dia de estudo e a sequência dessas matérias).
Coordenação das matérias em torno de um interesse	Ciências sociais, físicas e naturais Religião	2. ^a hora	
		25'	
	Recreio	3. ^a hora	
	Técnicas de expressão		
	Artes industriais e domésticas		
Atividade física	última meia hora		
Preparo para a saída		5'	Diariamente

Horário para escola isolada de 2.^o e 3.^o graus — 4 horas

DISTRIBUIÇÃO DAS MATÉRIAS		DIVISÃO DO TEMPO	DIAS DA SEMANA
Chamada e distribuição do material		10'	Diariamente
Técnicas fundamentais	Cálculo (oral e escrito) 2. ^o grau Idem, idem, idem — 3. ^o grau	40'	Diariamente
		30'	Diariamente
Recreio	Expressão { Treino de caligrafia { 2. ^o e 3. ^o graus Treino de escrita Linguagem oral	40'	Rotação semanal
		25'	Diariamente
Técnicas fundamentais	Leitura — 3. ^o grau Ocupação — 2. ^o grau Hora do conto	30'	2. ^a , 3. ^a , 4. ^a , 5. ^a , 6. ^a e sábado
Observação e associação	Ciências naturais - Higiene História - Educação moral e cívica Geografia e cartografia	30'	Rotação semanal
Ciências sociais e naturais			
Técnicas de expressão	Música Trabalhos manuais { 2. ^o e 3. ^o graus Desenho	30'	Rotação semanal
Ginástica			
Preparo para a saída		5'	Diariamente

Horário para escola isolada de 3 graus

DISTRIBUIÇÃO DAS MATÉRIAS		DIVISÃO DO TEMPO	DIAS DA SEMANA
Chamada e distribuição do material		10'	Diariamente
Técnicas fundamentais	Cálculo oral — 1.º e 2.º graus (Ocupação para os outros graus)	40'	Diariamente
	Cálculo oral — 3.º grau (Ocupação para os outros graus)	20'	Diariamente
	Leitura — 1.º grau (Ocupação para os outros graus)	20'	Diariamente
	Expressão { Treino de caligrafia Treino de escrita } 2.º e 3.º graus Linguagem oral	30'	Rotação semanal
Recreio			
Técnicas fundamentais	Leitura — 2.º e 3.º graus Hora do conto	25'	Diariamente
	Expressão { Treino de caligrafia Treino de escrita } 1.º grau Linguagem oral	35'	2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª 6.ª e sábado
		20'	Rotação semanal
Observação e associação Ciências sociais e naturais	Geografia e cartografia História - Educação moral e cívica { 1.º, 2.º e 3.º graus Ciências naturais - Higiene	20'	Rotação semanal
Técnicas de expressão	Desenho Trabalhos manuais { 1.º, 2.º e 3.º graus Música	20'	Rotação semanal
Ginástica			
Preparo para a saída		5'	Diariamente

Horário para 1.º ano de escola primária isolada — 4 horas

DISTRIBUIÇÃO DAS MATÉRIAS		DIVISÃO DO TEMPO	DIAS DA SEMANA
Chamada e distribuição do material		10'	Diariamente
Técnicas fundamentais	Leitura — Seção A	70'	Diariamente
	Leitura — Seção B		
	Leitura — Seção C		
	Ocupação para as outras classes	30'	Diariamente
	Cálculo	35'	Rotação semanal
	Linguagem oral		
Linguagem escrita Treino de caligrafia			
Observação e associação	História - Educação cívica Geografia Lições de coisas - Higiene	30'	Rotação semanal
Expressão	Desenho Trabalhos manuais Música	35'	Rotação semanal
Ginástica			
Preparo para a saída		5'	Diariamente

OBSERVAÇÕES: — Está entre essas atividades, o intervalo do recreio: 25 minutos diariamente.

INSTRUÇÕES PARA A EXECUÇÃO DO HORARIO N.º 7

1. — Finalidade do horário. — O horário é uma base para orientar a distribuição das aulas. Sua execução deve ser a mais aproximada possível, não sendo entretanto, necessário segui-lo minuto a minuto. Assim os 70 minutos das aulas de leitura, podem e devem ser distribuídos entre seções A, B, e C, de acordo com as necessidades de cada uma. A seção pode ocupar 30 minutos, enquanto as outras duas terão 40. Tal oscilação permite favorecer a seção mais necessitada, e poderá existir em todas as outras matérias do programa.

2. — Ocupações. — Enquanto o professor se ocupa diretamente com uma das seções, as outras devem trabalhar com exercícios variados. Nos primeiros meses os exercícios de escrita não devem ser utilizados, para evitar a aquisição de vícios. Somente depois do 1.º semestre é que poderão ser empregados.

Exercícios que podem ser utilizados nas horas de ocupações. —

- I — Colorir desenhos variados;
- II — desenhar e colorir desenhos tirados de recortes de cartolina;
- III — desenhar e colorir ladrilhos em papel quadriculado;
- IV — trançar serpentinas, cordões, etc.;
- V — debuxar com papel de seda;
- VI — aproveitar o dicionário da classe para desenho;
- VII — realizar joguinhos de cálculo:
 - de relógio;
 - de construções;
 - de arranjos de cartões cortados;
 - de tabuada.

3. — Cálculo. — Pode ser comum para todas as seções. Em caso de necessidade, porém, a classe terá divisões como na leitura.

4. — Linguagem. — As aulas de linguagem escrita devem seguir a seguinte ordem:
- a) preparo;
 - b) execução;
 - c) correção com a participação da classe. Aula ativa para que o próprio aluno corrija seus erros, não o professor.

5. — As aulas de história, geografia e lições de coisas podem ser associadas às de desenho e trabalhos manuais.

6. — As aulas de higiene e de educação moral devem ter feito prático.

7. — As aulas em rotação semanal devem ser dadas em dias alternados.

HORÁRIO

2.º Grau

II Período

HORAS	SEGUNDA-FEIRA	TÊRÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO
11 às 11,10	Entrada	chamada,	canto e	higiene		
11,10 às 11,40	Leitura	—	—	—	—	—
11,40 às 12,10	Aritmética	—	—	—	—	—
12,10 às 12,30	História	Geografia	História	Geografia	História	Geografia
12,30 às 12,45	Linguagem	oral	—	—	—	—
12,45 às 13,15	Linguagem	escrita	—	—	—	—
13,15 às 13,30	Lições de coisas	Geometria	Instrução moral	Trechos	Geometria	Instrução cívica
13,30 às 13,50	Caligrafia	Desenho	Caligrafia	Desenho	Caligrafia	Cinástica
13,50 às 14	Cálculo mental	Problemas orais	Cálculo mental	Problemas orais	Cálculo mental	

		DURAÇÃO DAS AULAS	
Chamada e distribuição do material		10 m.	Todos os dias
Desenvolvimento das técnicas fundamentais	{ Cálculo oral e escrito Leitura	80 m.	Todos os dias
Observação e associação	{ Ciências sociais Lições de coisas Geografia Educação Moral Cívica	30 m.	Rotação semanal
Expressão	Linguagem oral e escrita	30 m.	Todos os dias
	Desenho		
	Trabalho		
	Dramatização		
	Religião	30 m.	Rotação semanal Sábado

INSTITUIÇÕES E ASSOCIAÇÕES ESCOLARES

Bibliotecas infantis. *Leitura.* — As bibliotecas constituem hoje, se não a parte integrante das escolas, o seu complemento material indispensável.

“Contribuindo a biblioteca escolar de maneira eficaz no auxílio da obra educativa de rendimento social, é digna do maior cuidado por parte dos professores. Na sua instalação, obedecidos os preceitos que exigem a higiene e o bom gosto, resta atenção especial para os principais fatores — o aluno e o livro. O primeiro quanto à influência da leitura e o aproveitamento dos bons frutos que venha a produzir; o segundo quanto à seleção.” (JOÃO HERMENEGILDO).

Pela biblioteca infantil ganha a criança um preciso elemento de auto-recreação, que sobre oferecer ensino de puros prazeres intelectuais, tira-a ao mesmo tempo das ruas e a preserva de vícios e de más sugestões.

Pela biblioteca infantil amplia-se a capacidade informativa e educativa da escola, vendo o aluno multiplicadas as fontes de consulta em seus estudos e acostumando-se desde cedo a buscar nos próprios passos de sua pesquisa os dados para a solução de problemas pessoais.

Pela biblioteca infantil equipar-se a escola de um excelente centro de recreação, propício à organização da “hora do conto”, da “hora da poesia”, da “hora do livro”, etc. Nesse local, através de dramatizações, de conversações e de contatos frequentes, acentua-se a obra de socialização da criança, de tão salutares efeitos.

Pela biblioteca infantil, finalmente ensaja-se à criança a formação de hábitos intelectuais e a criação de inclinações superiores pelas boas letras.

Do ambiente e seu preparo. — São dignos de exame estes conceitos sobre a preparação do ambiente escolar. “As escolas novas não se esqueceram de incluir em seus caracteres distintivos a nota estética. Procuram realizar o anelo de Platão, de envolver a criança num ambiente delicioso, em uma atmosfera de beleza. Ordem, limpeza, formosura e contato com as obras dos grandes mestres são normas de seu desenvolvimento” (M. MEDINA BRAVO e Luís C. RAMOS).

A organização da biblioteca infantil. — Por todos os benefícios que proporciona à educação da criança, a organização de uma biblioteca infantil requer cuidados especiais. Nessa organização duas espécies de preocupações devem dominar os educadores: a sala, móveis e utensílios; a dos livros, revistas, jornais, cartazes, etc.

A sala da biblioteca. — No capítulo dedicado à escola fizemos referências à sala de aula. Sobre elas não voltaremos. O que é preciso acrescentar aqui, especialmente, é o cuidado que merece a escolha da sala para biblioteca no que se refere às condições de silêncio. Não se compreende uma biblioteca entre barulhos. De outro lado tudo na sala da biblioteca deve atrair o pequeno leitor. A decoração que tiver pode apropriar-se de imagens artísticas, ao alcance da compreensão infantil. Cenas da vida da criança, cenas de outros tempos e de outros povos, barras decorativas de colorido discreto, são elementos que tornam bela a biblioteca infantil.

Do mobiliário. — A biblioteca infantil, organizada para uso e gozo da criança, necessita estar ao seu alcance e aparelhar-se de mobiliário para criança. Na fatura do mobiliário deve predominar essa consideração, além de outras igualmente importantes como sejam a de sua durabilidade e beleza. Tamanho, cor, acabamento desse mobiliário são pontos que merecem atenção do educador.

Algumas indicações práticas podem ser fornecidas, a respeito:

- As estantes de livros não devem ser tão altas que se tornem inacessíveis à criança.
- As estantes precisam viver sempre abertas ao alcance dos leitores.
- As mesas de leitura oferecem vantagens quando reguladas em tamanho e altura, de acordo com o tipo infantil.
- As cadeiras, diversas nas alturas e feitios, devem convir à criança e dar-lhe a maior comodidade para ler.
- Recomendável é o acabamento opaco no mobiliário. Os reflexos de luz, provenientes de certos móveis, prejudicam a visão.

Dos livros, revistas e jornais. — A disposição de livros numa estante pode obedecer a critérios diversos: tamanho, assunto, a ordem de entrada, etc. Parece que a consideração de maior vulto é a de que, no momento preciso, o livro seja fácil e rapidamente achado.

Da seleção dos livros. Leitura. — "A escolha dos livros que devem constituir uma biblioteca é trabalho merecedor de grande consideração. De modo geral, podemos indicar duas categorias de livros: de informação ou didáticos e de literatura. Como livros de informações ou didáticos classificaremos todos os que servem para ministrar noções, para auxiliar o trabalho da classe, para completar as observações dos alunos; nesse grupo ficam os livros de geografia, história, aritmética, álbuns diversos, revistas científicas, etc. Como livros de literatura os que servem: a) para despertar o gosto pela leitura (livros de estampas, álbuns, livros de histórias, folhetos diversos como fig. etc.); b) os que servem para aprendizagem e cultivo da leitura (livros de leitura, livros de histórias, contos, seletas, romances, etc.) entrando nessa categoria revistas e jornais" (Do programa de linguagem do Distrito Federal).

Além das indicações que o trecho reproduzido apresenta, é necessário lembrar o cuidado na escolha de livros, à vista do meio em que vai funcionar a biblioteca: rural, urbano, litorâneo e da idade mental dos alunos, de seu desenvolvimento, etc.

Uma sumária classificação de material para a biblioteca infantil seria esta:

- livros de contos infantis: contos encantados, de fadas da Carocha;
- histórias e historietas, para ambos os sexos; morais e instrutivas;
- teatro infantil;
- obras-primas de diversos autores, transportados ao plano infantil: Aventuras de Gulliver, Odisséia de Homero, Lusíadas em figuras, D. Quixote, Robinson, etc.;
- livros de aventuras;
- biblioteca da juventude;
- antologias e seletas;
- livros nacionais notáveis;
- livros de geografia: exploradores, explorações e viagens famosas;
- livros de história: história romanceada, biografias, poemas históricos;
- livros de ciências: a vida dos animais, grandes inventores e grandes invenções;
- dicionários, álbuns, atlas, revistas, etc.

Jornais infantis. — Bibliotecas infantis há que editam o seu jornal manuscrito ou impresso, servindo-se dele para a resenha de fatos, e de assuntos em geral pertinentes à leitura. Em geral também recebem jornais infantis, gazetinhas, suplementos e demais publicações endereçadas à criança. Cuidado especial merece este ponto, uma vez que a saúde espiritual dos menores pode sofrer perigosos desvios com a habitual leitura dessas publicações. A metódica exploração de assuntos dramáticos e trágicos; o sistemático aproveitamento de temas de crimes, de mortes, de assaltos; a freqüência no uso de linguagem adequada à criação de estados emotivos, tudo isso merece exame, crítica e condenação.

PARA LEITURA: OS JORNAIS INFANTIS

OSCAR AUGUSTO GUELLI
EX-Delegado Regional do Ensino

Os jornais infantis são elementos educativos de valor inestimável. Circulando periodicamente entre a criança, têm eles por escopo tornar público os assuntos que se relacionem com

a vida escolar, transmitir aos alunos o conhecimento de fatos interessantes e que lhes despertem entusiasmo pelas coisas e causas nobres, que lhes possam enriquecer os cérebros em formação.

O jornal infantil na escola socializa o educando; dá-lhe mais campo de exercício para a aplicação do seu conhecimento; divulga-lhe novas lições, sem interferência direta do mestre; faz aproximação dos companheiros de uma mesma classe, de escolas diferentes, de diversas escolas de uma localidade, de localidades várias, e mesmo entre diversos estados e países diferentes, realizando um intercâmbio sadio, de amizade e de cultura.

A presença dos jornais infantis e revistas extra-escolares, nas bibliotecas de um estabelecimento de ensino, é medida assaz recomendável, que pouco temos visto na prática, o que seria de elevado alcance, porque acostumaria o estudante ao contato com a imprensa da cidade, estado ou país, contato esse indispensável na vida prática hoje em dia.

SUGESTÕES PARA ORGANIZAÇÃO DE UM JORNAL INFANTIL

1 — DA SUA FEIÇÃO

Um jornal infantil pode ser: a) manuscrito; b) datilografado; c) mimeografado; d) impresso; e) do tamanho de uma folha de papel almanaque, tamanho esse que deve ser mantido para todas as suas edições.

2 — DA SUA CRIAÇÃO

- Promover uma reunião de alunos, de preferência entre os da classe adiantada, e na qual serão expostos os planos para a criação de um jornal infantil;
- reservar um dia da semana para acompanhar os interessados a uma oficina gráfica-impressora de jornal da localidade;
- mostrar-lhes o prelo e a maneira de se comporem os originais dos artigos a serem impressos, bem como a impressão final do jornal;
- manter conversação com os redatores e tipógrafos a respeito da tiragem do jornal visitado e, bem assim, das vantagens que o mesmo tem proporcionado à cidade;
- provocar, no dia seguinte, entre os alunos, uma conversação que se prenda à criação de um jornalzinho do estabelecimento.

3 — DA ESCOLHA DEFINITIVA DO SEU NOME

- Submeter os nomes indicados a uma votação única para a escolha definitiva do seu nome;
- aceita a idéia, promover uma "enquete" para a escolha do nome do futuro jornal.

4 — DA SUA MANUTENÇÃO

- Se êle for impresso, conseguir dos estabelecimentos comerciais da cidade anúncios a preços razoáveis, para a sua manutenção.
- vendê-lo a preço ínfimo àqueles que o desejarem;
- se o jornal de início, se apresentar com fundos, editá-lo com "clichés", pois sua feição se mostrará atraente;
- dar-lhe ampla divulgação, quer no ambiente escolar quer no meio social;
- estabelecer o sistema de permuta entre os jornais da terra e os existentes nos outros estabelecimentos de ensino.

5 — DA SUA DIRETORIA E REDATORES

- Eleger, por aclamação, a diretoria que regerá os destinos do jornalzinho;
- dar ensejo para que o corpo de seus redatores e colaboradores seja o maior possível.

6 — DA SUA FUNÇÃO

- Dar publicidade, nos rodapés do órgão infantil, de frases e conceitos patrióticos, citando seus leitores à prática de sãos ensinamentos;
- publicar colaboração variada;
- exaltar, em suas páginas, os grandes vultos e feitos de nossa história pátria;
- editá-lo de preferência nas datas nacionais.

7 — DO SEU ARQUIVO

Ter no estabelecimento um arquivo para aí serem colecionados alguns exemplares de cada tiragem que se fizer.

Problemas para estudo e debates.

- Deve uma biblioteca infantil ter livros policiais?
- Como pode a criança colaborar na escolha de livros para a biblioteca infantil?
- Condena ou aprova a leitura pelas crianças de livros de Edgar Wallace?
- Que acha dos livros de Júlio Verne?
- Que importância atribui aos livros de ficção?
- Como poderá a criança tirar proveito de leitura?
- Que acha dos livros de Monteiro Lobato?
- Que acha de livros da coleção Terramarear?
- Qual a função das bibliotecas nas exigências da educação renovada?
- Qual a sua opinião a respeito dos suplementos infantis?

Trabalhos práticos.

- Organizar, com a colaboração das crianças, uma barra decorativa de cenas infantis, para a biblioteca escolar.

- 2 — Fazer trabalhos de cartanagem para uso na biblioteca: folhinhas, colecionadores de postais, marcadores de livros etc.
- 3 — Desenhar aquarelas para a biblioteca.
- 4 — Fazer "panneaux" de feltro para ornamentação, com cenas da vida infantil.
- 5 — Ensaiar desenhos futuristas com motivos indígenas.
- 6 — Fazer um friso com assuntos brasileiros.
- 7 — Fazer um apanhado, em barra decorativa, de brinquedos infantis.
- 8 — Fazer desenhos estilizados com motivos da vida rural.
- 9 — Fazer álbuns com postais.
- 10 — Idem com recortes, rotogravuras, etc.
- 11 — Fazer cartazes sugestivos que despertem o desejo de ler.
- 12 — Fazer cartazes de conselhos para leitores.
- 13 — Fazer desenhos com flores de nossas plantas.

Ler e comentar o seguinte resumo. — "A escola dará à criança o amor ao belo, prendendo a sua vida em auras de beleza. Tudo quanto há na escola influi no espírito infantil, mesmo aquilo que nos parece insignificante. Por esta razão a simplicidade, a ordem, a delicadeza, a suavidade não de viver ali perenemente. E nunca devem passar as portas da escola nem a violência, nem o inarmônico, nem o ordinário". (MEDINA BRAVO).

Bibliotecas da classe. Leitura. — "A biblioteca da classe deve compreender-se como extensão e particularização da biblioteca da escola. Para ela são suficientes um armário ou algumas prateleiras. Os livros serão os de que a classe mais comumente se utilize. Serão os livros de todo o dia, enquanto os da biblioteca são os de levar para casa, os de consulta menos freqüente" (Do Programa de linguagem do Distrito Federal).

Problemas para estudo.

- 1 — Que acha da organização da biblioteca da classe?
- 2 — Em que conceito deve ser tido o livro dessa biblioteca?
- 3 — Quais os livros indispensáveis para uma classe de 3ª ou 4ª grau?
- 4 — Como fazer uso da biblioteca da classe?

Trabalhos práticos.

- 1 — Organizar com o auxílio das crianças, uma pequena biblioteca de classe.
- 2 — Orientar uma classe no uso do dicionário.
- 3 — Orientar uma classe no aproveitamento do atlas.
- 4 — Estudar uma relação de livros auxiliares do ensino.
- 5 — Organizar numa classe uma "biblioteca de recortes".
- 6 — Organizar uma coleção de gravuras.
- 7 — Orientar a leitura de fichas de leitura.
- 8 — Organizar uma biblioteca de assuntos da vida social.
- 9 — Organizar uma série de recortes de assuntos agrícolas.
- 10 — Criticar livros de texto.

Biblioteca do aluno. — Uma atividade educativa e de grande sentido social consiste em usar na escola a coleção particular de livros de seus alunos, e torná-la por meio de trocas útil e aproveitada. É por meio desse aproveitamento que os livros passam a desempenhar o verdadeiro papel de instrumentos do saber e é por meio dele também que a educação da criança poderá ser beneficiada, graças à apropriação de idéias tomadas aos livros.

Para estudo.

- 1 — Que acha da sugestão acima?
- 2 — Como e quando fazer uso desses livros emprestados?
- 3 — Como poderia a família participar desse intercâmbio de livros?
- 4 — Como poderá ser incentivada a organização de bibliotecas de aluno, em casa?

Trabalhos práticos.

- 1 — Orientar uma criança na organização de sua biblioteca.
- 2 — Fornecer às classes primárias a indicação de 50 livros, para a organização de uma biblioteca particular.
- 3 — Coleccionar gravuras sugestivas que possam na criança despertar o gosto da leitura.
- 4 — Desenhar modelos de estantes simples para a guarda de livros.
- 5 — Mostrar à criança alguns proveitos que pode tirar do livro.
- 6 — Orientar uma campanha em favor da criação de bibliotecas particulares, do aluno.
- 7 — Fazer sugestões sobre o encapamento de livros, sua conservação e uso.
- 8 — Confeccionar marcadores de livros.
- 9 — Orientar a encadernação de livros.
- 10 — Ensinar a desinfecção de livros.

Pesquisas sobre livros e leituras. — A realização de pesquisas no meio escolar sobre livros e leituras, pode oferecer interessantes resultados. Sugerimos que sejam feitas entre outras, as seguintes:

- 1 — Que livros você já leu?
- 2 — Gosta de ler?
- 3 — De que livro mais gostou?
- 4 — Tem livros em casa? Quais?
- 5 — Quais os livros que deseja ler?

Questões para uma pesquisa mais ampla. (Para alunos de Escola Normal).

- 1 — Quais as obras de consultas para os alunos, indispensáveis numa biblioteca escolar?
- 2 — Dessas obras, quais os autores preferidos?
- 3 — Quais as obras de consulta para professores?
- 4 — Das mesmas, quais os autores preferidos?
- 5 — Fornecer um exemplo que possa ser generalizado pela importância da obra e mérito de seu autor de:
 - a) livros de história e historietas mudas e de fundo moral e instrutivo;
 - b) jogos e brinquedos educativos;
 - c) livros de contos infantis;
 - d) fábulas;
 - e) livros de viagens imaginárias e aventuras;
 - f) teatro infantil;
 - g) livros de descrição e narrativas de viagens e explorações;
 - h) livros que tratam de inventos e descobertas científicas;
 - i) livros que se ocupam de riqueza da flora e da fauna brasileira;
 - j) livros que estudam a natureza, a vida, usos e costumes de outras pátrias e povos.

De acordo com as respostas e informações diversas:

- a) organizar uma relação de cinquenta livros para crianças;
- b) fazer uma relação de gêneros de leituras para esses leitores;
- c) estudar um livro de leitura sob o aspecto literário;
- d) idem, sob o aspecto moral;
- e) idem, sob o aspecto artístico;
- f) coleccionar e estudar trechos relativos à leitura infantil;
- g) estudar, no curso primário, as preferências manifestadas pelas crianças, sobre lições de leituras;
- h) selecionar as melhores histórias para crianças, extraídas de livros de leitura.

Clubes de leitura. — Ao tratarmos do auditório na escola fizemos referência sobre os valores da atividade da leitura socializada, em público. Não é preciso recitar os conceitos expendidos. É bastante considerar a importância dessas reuniões de crianças, em que há excelentes oportunidades para o desenvolvimento da técnica de ler.

Problemas e trabalhos práticos.

- 1 — Como organizar um "clube de leitura"?
- 2 — Quais os seus objetivos, no curso primário?
- 3 — Como interessar uma criança nessa organização?
- 4 — Organizar um "clube de leitura".
- 5 — Organizar resumo de leituras sobre o assunto.
- 6 — Organizar álbuns para a biblioteca escolar, de acordo com os seguintes assuntos:
 - a) meios de transportes; b) cidades importantes do mundo; c) grandes vultos de nossa história; d) portos do Brasil; e) aves brasileiras; f) riquezas de nossa agricultura; g) produtos de nossa indústria; h) poetas brasileiros; i) festas populares brasileiras; j) cobras; l) lendas de vários povos; m) caravelas e navios modernos; n) belezas do mundo; o) cachociras do Brasil; p) a Amazônia; q) a pesca no Brasil; r) cenas da História Sagrada; s) tipos de bandeiras; t) tipos de habitações; u) indígenas; v) africanos e outros assuntos em forma de história como: história da moeda, história da humanidade, etc.

Ler e comentar o seguinte artigo sobre bibliotecas infantis. — Na "Grande Revue", o Sr. V. CORNETZ refere-se a "uma experiência de biblioteca infantil".

Em outubro de 1925, diz o A., o "Comité", dos Estados-Unidos das Bibliotecas para crianças fez entrega à cidade de Paris de uma biblioteca modelo, mantida desde essa data por aquela cidade, à Rua Boutebrie, 3. O pessoal da Biblioteca consta de três bibliotecárias diplomadas e especializadas, uma das quais diretora, que ali se acham todos os dias. De todos os pontos da França lhes chegam pedidos de informações, que elas fornecem, mesmo para teses.

O que fazem de mais importante, porém, é o catálogo, por meio de fichas, cada uma das quais trazendo um resumo da obra. Os ordenados dessas três bibliotecárias orçam por 40.000 francos anuais.

— Em Argel, a municipalidade criou uma biblioteca desse gênero, em novembro de 1926 e uma terceira, em 1928. Como em Paris, as crianças, em Argel, são agrupadas numa sociedade que tem o nome de "Hora-alegre".

Essas bibliotecas infantis de Argel estão abertas na quinta-feira das 8 às 11 horas para os meninos e das 14 às 17 horas para as meninas. Há uma diretoria para a vigilância e a disciplina, um rapaz de 16 anos da "Hora-alegre" de Argel, que se incumbem do registro dos empréstimos a domicílio, e outro encarregado de entregar os bilhetes pessoais de empréstimos, a 50 centésimos cada um. O pessoal é retribuído a 5 francos por hora, o que perfaz cerca de 4.500 francos por ano e por biblioteca.

Cada uma das horas-alegres de Argel é administrada por um "comité" de meninos de 12 a 16 anos, "comité" eleito pela Assembléia Geral das crianças inscritas. Esse "comité" é dirigido e fiscalizado pelo adjunto delegado da Instrução Pública e pelo bibliotecário da cidade de Argel. Os aderentes à primeira "Hora-alegre" atingiram, no primeiro ano a 350. A biblioteca

VIDA NA ROÇA	2 - b - 106
Andrade (Tales), 1897	
2. ^a edição	
São Paulo, Comp. Melhoramentos (1935)	
Ficha didascálica	

No dia

Devo resituir esta obra

Escola

BIBLIOTECA INFANTIL

Frente

CONSELHOS

1. Os livros são os nossos melhores amigos.
2.
3.
4.
5.
6.
7.
8.

Verso

Escola

BIBLIOTECA INFANTIL

Nome do aluno

Idade Classe

Data do inicio da leitura

Data do final da leitura

Número da obra

Nome do autor

Nome da obra

OBSERVAÇÕES

- 1 — Marque o lugar de sua leitura com este cartão.
- 2 — Não perca este cartão. Ele deve sempre acompanhar o livro.
- 3 — Procure conservar o livro muito asseado.
- 4 — Não estrague nem rabisque o livro.
- 5 — O aluno só poderá ter um exemplar de cada obra da biblioteca.
- 6 — Não é permitido ao aluno fazer troca de livros diretamente com outro.

Não molhe o dedo na boca para virar a página do livro.

Frente

RESPONDA :

1. De que trata este livro?

.....

.....

.....

.....

2. Você leu o livro até o fim?

.....

.....

.....

.....

3. Gostou da leitura?

.....

.....

.....

.....

4. Por quê?

.....

.....

.....

.....

.....

Assinatura

MODELO DE REGULAMENTO DE UMA BIBLIOTECA CIRCULANTE

Art. 1.º — A biblioteca circulante desta escola tem por fim principal proporcionar aos alunos mais adiantados livros escolhidos que lhes permitam dedicar-se em casa a leituras amenas e instrutivas.

Art. 2.º — Os livros e demais publicações que constituem a biblioteca escolar procederão dos próprios recursos da escola, dos donativos e empréstimos de livros que fizeram as pessoas que se interessarem por esta boa obra.

Art. 3.º — Os livros serão emprestados, por enquanto, aos alunos das classes mais adiantadas e a outros, conforme o critério do professor da escola, observando-se as seguintes normas:

1.º — Nenhum aluno poderá ter em seu poder mais de um livro, nem conservá-lo por mais de quinze dias.

2.º — Para solicitar o empréstimo de livros se fixará um dia determinado da semana, no qual os alunos formularão seus pedidos ao auxiliar do bibliotecário de sua respectiva classe. Esse fará a relação completa das obras pedidas e a entregará ao bibliotecário que fará a distribuição dos livros solicitados.

3.º — Cada aluno terá em seu poder uma ficha geral, que entregará quando pedir o livro e que receberá quando o devolver. Nessa ficha consignar-se-á o título do livro emprestado, o nome do autor e as datas da entrega e devolução do mesmo.

4.º — O bibliotecário terá um registro onde fará constar a relação de todos os empréstimos com indicações dos nomes dos interessados, fichas de entrega e devolução dos livros e estado dos volumes devolvidos.

5.º — O aluno que receber um livro sem capa é obrigado a devolvê-lo encapado com papel forte e limpo.

6.º — As manchas, rasgaduras e estragos devidos ao descuido do leitor serão compensados com a compra de outro livro igual, ficando o novo na biblioteca e o deteriorado em poder do comprador.

Art. 4.º — Para o bom serviço da biblioteca serão designados um bibliotecário e dois ajudantes bibliotecários. A designação dos três se fará entre os alunos das classes que fazem uso da biblioteca e por sufrágio dos mesmos alunos. Esta eleição, será secreta e realizada para cada ano escolar, na segunda metade de fevereiro.

Art. 5.º — Na eleição do bibliotecário tomarão parte os alunos de todas as classes que utilizem a biblioteca; porém, na dos ajudantes bibliotecários unicamente os que pertencem à classe do candidato a votar-se. O número do ajudante bibliotecário será sempre igual ao do das classes que se utilizem da biblioteca.

Art. 6.º — Os alunos que utilizam a biblioteca farão uma reunião geral duas vezes por ano: uma na segunda quinzena de fevereiro e outra na primeira de julho, para examinar o desenvolvimento da mesma e ver se é necessária alguma modificação que melhore o seu funcionamento.

Art. 7.º — Como meio de estimular a afeição à leitura e para que esta se faça em condições proveitosas, organizar-se-ão, de quando em quando, concursos de trabalhos escritos, dando conta das impressões recebidas ao ler os livros mais importantes, do juízo que se fez acerca da obra lida.

Art. 8.º — Como meio de fomentar o desenvolvimento da biblioteca, o corpo geral de professores e alunos poderá estabelecer a contribuição de pequenas cotas semanais ou mensais por parte dos interessados, cujo produto se destinará à aquisição de livros e revistas.

FICHA DO LETOR

Biblioteca Escolar.

Nome e sobrenome
 Filho de de anos
 Morador à rua n.º
 Alun.... da Escola recebeu as obras seguintes:

N.º do empréstimo	Nome da obra	FICHA GERAL				Observação
		Empréstimo		Devolução		
		Dia	Mês	Dia	Mês	
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

MEMINHO: Esta ficha de leitor te dá direito a pedir um livro da biblioteca e levá-lo para casa. Faze pois de maneira que nunca percas este direito, seja pelo fato de não leres o livro que pediste, seja pelo de não cuidares dele como convém. Pensa que, depois de quinze dias que o tiveres contigo, deverás devolvê-lo, e se não gostas dele e o que te parece. E se o devolveres em mau estado, sentirás o pesar de fôrro de papel branco e forte. Quando o receberes, pois, põe-lhe imediatamente um

Se perderes algum livro ou o estragares, já sabes que deverás pagá-lo. Não poderás tirar cada vez mais que um livro.
 Para mais esclarecimentos consulta o regulamento da biblioteca.

Li estas instruções e prometo cumpri-las. (Firma do professor)

(Firma do aluno).



SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
SERVIÇO DAS INSTITUIÇÕES AUXILIARES DA ESCOLA

Praça da Sé, 108 - 4.º andar - S/ 405 - SÃO PAULO

DELEGACIA DE
 CAIXA ESCOLAR
 ENDEREÇO
 BALANCETE DO MÊS DE

ARRECADAÇÃO DO MÊS	Contribuição Alunos	Contribuição Professores	Contribuições Particulares	Contribuição Prefeitura	Alimentação	Cinema	Festival	L.B.A.	Juros	Eventuais	TOTAL
DESPESA DO MÊS	Assistência Alimentar	Material Escolar	Calçado	Roupa	Assistência Médica	Assistência Dentária	Impresso	Cinema	Eventuais	Encarr. Sopa	TOTAL
N.º DE ALUNOS BENEFICIADOS	Assistência Alimentar	Material Escolar	Calçado	Roupa	Assistência Médica	Assistência Dentária	Eventuais	Saldo do mês anterior Arrecadação do mês Soma Despesa do mês Saldo p/ mês seguinte			
N.º DE BENEFÍCIOS								NOTA: — Este balancete deve ser preenchido com letras e números bem legíveis.			
N.º de alunos do estabelecimento N.º de alunos inscritos na C. E. Dos inscritos, quantos recebem auxílio Caderneta da Caixa Econômica n.º Série.....											
OBSERVAÇÕES:				DIRETOR DO ESTABELECIMENTO				PRESIDENTE			
				TESOUREIRO				INSPETOR ESCOLAR			
Data:				VISTO DA DELEGACIA			

QUESTIONÁRIO

O Estabelecimento possui {
 Aparelho de cinema? Marca e N.º
 Rádio?
 Gabinete dentário?
 Assistência médica?

Nome do dentista
 Nome do médico
 Nome da educ. sanitária
 Nome da enfermeira

N.º de alunos beneficiados durante o mês com:

Merendas
 Material escolar
 Calçados
 Roupas
 Medicamentos
 Assistência dentária
 Assistência médica

..... de de 19.....

O Tesoureiro,

O Presidente,

O Diretor do Grupo,

Visto

Inspetor Escolar

Notas: As assinaturas devem ser legíveis. Os Balancetes serão enviados à Delegacia até o dia 5 de cada mês. Uma cópia será afixada para conhecimento dos interessados e mesmo publicada, desde que não implique em ônus para a Instituição.

OBSERVAÇÕES:

.....

(Registrar tudo o que fôr de interesse)

Da Caixa Escolar. Leitura. — "Desde 1892, existe em nossa legislação escolar a utilíssima instituição. Na Lei n.º 88, de 8 de setembro desse ano, aparecem as "caixas econômicas" como instrumento educativo. Dizia o art. 62 da lei citada: Tanto nas escolas preliminares como nas complementares, e nas escolas normais, haverá uma seção especial, denominada: "seção das caixas escolares", à qual incumbirá:

1.º — receber de cada aluno as pequenas quantias de 100 réis para cima, até perfazerem uma soma que possa ser depositada em alguma caixa econômica, onde houver.

O objetivo visado não era o de assistência, mas o de educação do depositante, um meio de despertar no aluno o sentimento da economia."

A caixa escolar com objetivos de assistência, data da reforma de 1920 (Lei 1.750, de 8 de dezembro). (1)

Novos rumos no assunto. — A Constituição Federal de 10 de novembro de 1937 em seu art. 130, estabelece: "O ensino primário é gratuito e obrigatório. A gratuidade, porém, não exclui o dever de solidariedade dos menos para com os mais necessitados; assim, por ocasião da matrícula será exigida aos que não alegarem, ou notoriamente não puderem alegar escassez de recursos, uma contribuição, módica e mensal para a caixa escolar".

REGULAMENTO DAS CAIXAS ESCOLARES DO ESTADO DE SÃO PAULO

CAPÍTULO I

Da denominação, existência e fins

Artigo 1.º — Denomina-se Caixa Escolar a instituição da Escola, cuja existência e fins se enquadrem nas ordenações e normas estabelecidas neste Regulamento.

Parágrafo único — A Caixa Escolar deve ser considerada uma instituição auxiliar da Escola na medida em que, prestando assistência aos alunos, contribui para o êxito do trabalho escolar, e uma instituição escolar na medida em que procura cultivar nas crianças o espírito de solidariedade humana.

Artigo 2.º — A Caixa Escolar tem por finalidade específica socorrer educandos reconhecidamente pobres, com o que fôr materialmente necessário para sua regular freqüência às aulas.

Parágrafo único — As funções da Caixa Escolar só devem ser exercidas por ela, e não por outras organizações. A Caixa Escolar pode, todavia:

- 1) Desempenhar finalidades de ordem financeira das Cooperativas Escolares, onde essa não exista.
- 2) Auxiliar as demais instituições da Escola.

Artigo 3.º — Compete à Caixa Escolar oferecer aos alunos necessitados, independente de autorização e pela ordem de preferência:

- 1) Alimentação.
- 2) Material escolar.
- 3) Vestuário: agasalhos, uniformes, sapatos.
- 4) Medicamentos e óculos (com receita médica) e material de consumo para o gabinete dentário.

(1) Lei 1.750, art. 22 — Fica instituída a assistência escolar, para o fim de facilitar às crianças indigentes a freqüência obrigatória às escolas primárias.

Parág. 1º — O govêrno criará, para a realização da assistência, uma caixa escolar na sede de cada município.

Parág. 3º — Os recursos das caixas serão constituídos por subvenções anuais do Estado, das Câmaras Municipais, por doativos, legados e contribuições dos sócios.

Parág. 4º — As distribuições não podem ser feitas em dinheiro, mas em tecidos para roupas, calçados, merendas, remédios, material escolar e hospedagem em colônias de férias.

Parágrafo 1.º — A Delegacia de Ensino poderá dar autorização para os gastos indispensáveis à instalação e funcionamento do gabinete dentário e cozinha escolar.

Parágrafo 2.º — A remuneração ao encarregado de alimentos é fixada pela diretoria da Caixa Escolar, com a aprovação do Sr. Delegado de Ensino.

Parágrafo 3.º — As Caixas Escolares cujas possibilidades ultrapassem às necessidades previstas nos itens e parágrafos anteriores deste artigo, poderão inverter até 20% de seu saldo, no amparo das outras instituições existentes, a juízo do Sr. Delegado de Ensino da Região.

Parágrafo 4.º — A farmácia escolar poderá ser instalada sob os auspícios e a orientação do Serviço de Saúde Escolar.

Parágrafo 5.º — Nenhum auxílio deve ser feito em dinheiro, salvo casos especiais e, sempre que possível, com a autorização do Sr. Delegado de Ensino.

Parágrafo 6.º — Cabe à Delegacia autorizar despesas não especificadas neste artigo e que visem exclusivamente assistência aos alunos, dentro das finalidades precisas da Caixa Escolar.

Artigo 4.º — É vedado à Caixa Escolar:

- 1) Dispor de material pertencente ao patrimônio do Estado.
- 2) Dispor de material pertencente ao patrimônio da Caixa Escolar, sem processo regular, ouvida a Delegacia de Ensino e sem a autorização da Chefia do Serviço das Instituições Auxiliares da Escola.
- 3) Adquirir material didático ou artigos de qualquer natureza, em que possa haver interesse próprio ou remoto por parte de membros de sua direção.
- 4) Contrair dívidas.

Artigo 5.º — As Caixas Escolares devem ser instituições atuando no meio social, despertando o interesse da coletividade para os problemas da Escola, mobilizando recursos para aquisição de gabinetes dentários, mimeógrafos, projetores, vitrolas, serviços de alto-falantes, livros, material didático, e tudo o mais que constitui recurso de uma Escola ativa.

Parágrafo único — Os saldos normais existentes poderão ser utilizados para os fins deste artigo, com aprovação do Delegado de Ensino e autorização da Chefia do Serviço das Instituições Auxiliares da Escola, porém sem prejuízo do constante do artigo 3.º deste Regulamento.

CAPÍTULO II

Da administração e da participação dos escolares

Artigo 6.º — São órgãos administradores da Caixa Escolar:

- 1 — Diretoria;
- 2 — Conselho Fiscal e Protetor;
- 3 — Comissão de Alunos.

Artigo 7.º — A Diretoria é composta de um Presidente, um Tesoureiro, um Secretário, um Diretor e respectivos suplentes, nos termos do parágrafo primeiro do artigo 9.º.

Artigo 8.º — O Diretor de Grupo Escolar ou o Professor de Escola Isolada, é o Diretor da Caixa Escolar, não podendo nesta exercer outro cargo.

Parágrafo único — O substituto legal do Diretor ou do Professor de Escola Isolada é seu substituto na direção da Caixa Escolar.

Artigo 9.º — Os membros da Diretoria serão eleitos entre professores, substitutos efetivos, pais de alunos e pessoas gradadas do local, sendo as eleições presididas ou orientadas pelo Inspetor Escolar do Distrito, cabendo-lhe a fiscalização do pleito.

Artigo 10 — O Conselho Fiscal e Protetor faz parte da Diretoria e é composto de dois ou mais professores eleitos, autoridades (Prefeito, Presidente da Câmara Municipal, Juiz de Direito, Promotor Público, Delegado de Polícia, funcionários federais, estaduais e municipais) e pessoas gradadas, convidadas por ofício.

Artigo 11 — Haverá, obrigatoriamente, em cada Caixa Escolar, uma Comissão de Alunos, composta de cinco ou mais membros, escolhidos pelo Diretor, dentre os mais adiantados, cuja escolha deve ter o sentido de prêmio e revestir-se de solenidade simples, nas próprias classes.

Parágrafo 1.º — A Comissão de Alunos contará sempre com a assistência de um professor, que os orientará para a vida associativa.

Parágrafo 2.º — A Comissão de Alunos compete auxiliar a Diretoria da Caixa Escolar; participar ativamente da organização de festivais em benefício da instituição; apresentar reivindicações de seus colegas, as quais serão encaminhadas à Diretoria e terão a competente resposta.

Artigo 12 — A eleição dos órgãos administrativos das Caixas Escolares será realizada no período de dezesseis de fevereiro a trinta e um de março e o resultado obrigatoriamente comunicado por ofício direto à Chefia do Serviço das Instituições Auxiliares da Escola.

CAPÍTULO III

Da competência dos cargos

Artigo 13 — Compete ao Presidente:

- 1 — Assinar, com o Diretor, a correspondência, exceto a dirigida à Delegacia de Ensino e à Chefia do Serviço das Instituições Auxiliares da Escola;
- 2 — Assinar, com o Tesoureiro o balancete mensal de receita e despesa;
- 3 — Visar as contas a serem pagas pelo Tesoureiro, pelas quais será igualmente responsável;
- 4 — Representar, com o Diretor ou em seu nome, a Caixa Escolar em tôdas as relações civis e sociais.

Artigo 14 — Compete ao Tesoureiro:

- 1 — Ter a seu cargo o livro de receita e despesa;
- 2 — Ter a seu cargo a guarda dos documentos comprobatórios da receita e despesa;
- 3 — Efetuar pagamentos autorizados, mediante comprovantes.

Artigo 15 — Compete ao Secretário:

- 1 — Lavrar e ler as atas das reuniões;
- 2 — Redigir a correspondência e copiá-la;
- 3 — Orientar a Comissão de Alunos.

Artigo 16 — Compete ao Diretor:

- 1 — Receber as contribuições e donativos e mandar registrá-los em livro competente, de modo que, em qualquer tempo, possam as autoridades, contribuintes e interessados verificar a escrituração;
- 2 — Fazer ou mandar fazer compras devidamente autorizadas pela diretoria;
- 3 — Promover festivais e iniciativas outras, lícitas e compatíveis com a finalidade de obtenção de fundos para a Caixa Escolar;
- 4 — Providenciar o registro de bens da Caixa Escolar, com termos de doação ou compra, no livro de atas ou em livro próprio.

Artigo 17 — O depósito e retirada de dinheiro, somente serão feitos com assinatura do Diretor e do Tesoureiro.

Artigo 18 — A caderneta da Caixa Econômica (ou outra) deverá ser apresentada aos Inspetores Escolares e entregue, juntamente com o último balancete do ano letivo, à Delegacia Regional do Ensino, que, durante as férias a manterá sob sua guarda.

CAPÍTULO IV

Da escrituração

Artigo 19 — A escrituração das Caixas Escolares deve ser clara e documentada, permitindo exame rápido.

Artigo 20 — O tesoureiro deverá extrair, mensalmente, um balancete em três vias: duas vias, visadas também pelo Diretor e Presidente, serão encaminhadas à Delegacia Regional do Ensino.

Parágrafo único — O balancete será entregue ao Diretor no primeiro dia útil de cada mês seguinte àquele a que se referir.

Artigo 21 — Os documentos comprovantes do movimento de cada mês serão em duas vias: a primeira, selada, ficará arquivada pelo menos durante cinco anos; a segunda via, cópia do recibo, acompanhará o balancete dirigido à Delegacia Regional do Ensino. Ambas as vias receberão "visto" do Inspetor Escolar.

Artigo 22 — A Delegacia Regional do Ensino examinará a documentação correspondente a cada balancete, guardará em seu arquivo os comprovantes, e enviará até o Escola exclusivamente a terceira via dos balancetes, agora visados pelo Inspetor do Distrito.

Parágrafo único — Compete ao Inspetor Escolar do Distrito examinar todos os documentos de receita e despesa, cuja verificação constará do termo de visita, sendo, para todos os efeitos, co-responsável pelas situações irregulares, se a respeito não tiver tomado providências.

CAPÍTULO V

Disposições Gerais

Artigo 23 — As Caixas Escolares não são bancos, já que seus proventos se destinam a auxílios e aparelhamento, motivo pelo qual sua eficiência se afere, não pelos saldos e sim pela soma de benefícios. Estes estarão devidamente registrados, embora não possam ser objeto de publicidade que diminua ou humilhe os beneficiados.

Artigo 24 — Nenhuma organização com finalidade de auxílio material a alunos pode existir com outra denominação, ou sem subordinar-se a estas normas estatutárias.

Artigo 25 — Os Delegados, Inspetores, Diretores, Professores, Alunos, procurarão obter dos pais dos escolares menos necessitados e de toda a coletividade, contribuição mensal, cuja importância ficará a juízo dos contribuintes.

Artigo 26 — As contribuições podem ser arrecadadas nas salas de aula; devem ser divulgadas, e quando de sócios não escolares, constarão de recibos.

Artigo 27 — Todo o numerário das Caixas Escolares deverá ser depositado na Caixa Econômica Estadual local ou, na falta desta, na Coletoria Estadual ou estabelecimento de crédito.

Artigo 28 — De todo o festival, campanha extra-escolar, ou ato recreativo que promovam fundos para as Caixas Escolares, deve ser elaborado processo documentado, onde se especifiquem a receita e a despesa e constará do balancete mensal.

Parágrafo único — Tais atividades dependem de autorização da Chefia do Serviço das Instituições Auxiliares da Escola e o processo deve vir devidamente informado pela Delegacia de Ensino.

Artigo 29 — Todo e qualquer emprêgo de fundos que não estejam especificados neste Estatuto, deve ser justificado através de mensagem à Chefia do Serviço das Instituições Auxiliares da Escola, ouvida a Delegacia Regional do Ensino.

Artigo 30 — As classes primárias anexas às Escolas Normais e os grupos escolares rurais em tudo obedecerão ao presente Regulamento.

Parágrafo único — A diretoria da Escola Normal e a inspetoria do Ensino Rural, procederão nos termos do artigo 22, deste Regulamento no que lhe fôr aplicável.

Artigo 31 — O Diretor de Grupo é responsável principal pelo progresso e idoneidade da Caixa Escolar, sendo que qualquer irregularidade constitui falta disciplinar para o Diretor, professores da Diretoria e para as autoridades que tiverem sido omissos na Inspeção.

Artigo 32 — O Chefe do Serviço das Instituições Auxiliares da Escola pode proceder, pessoalmente, pelas autoridades do Distrito ou por representantes credenciados, a inspeção às Caixas Escolares e outras instituições.

Artigo 33 — As Delegacias Regionais de Ensino apresentarão à Chefia do Serviço das Instituições Auxiliares da Escola, durante o mês de janeiro, relatório do ano anterior a respeito das Caixas Escolares, com inventário pormenorizado, além de observações e sugestões.

Artigo 34 — O bom funcionamento das Caixas Escolares pede dedicação, discernimento, espírito de iniciativa, os quais não podem prender-se exclusivamente à letra deste Regulamento, mas atingir o seu espírito — que é o de promover verdadeira comunhão entre a Escola, a Família e a Coletividade, sempre a favor da criança.

Artigo 35 — As Caixas Escolares também podem ser constituídas junto às Delegacias de Ensino e Inspetorias Auxiliares, compondo-se das escolas isoladas que lhe estão subordinadas.

Parágrafo único — O cargo de Diretor da Caixa Escolar poderá ser exercido pelo Delegado de Ensino, Inspetor Escolar ou Auxiliar de Inspeção.

Artigo 36 — No caso de extinção de um Grupo Escolar e conseqüentemente de sua Caixa Escolar, o seu patrimônio reverterá para a sua congênera mais necessitada, dentro do Município.

Parágrafo único — A transferência de que trata este artigo será feita por processo documentado, ouvida a Delegacia de Ensino e com a autorização da Chefia do Serviço das Instituições Auxiliares da Escola.

Artigo 37 — Os casos omissos neste Regulamento serão resolvidos pela Chefia do Serviço das Instituições Auxiliares da Escola, "ad referendum" do Diretor-Geral do Departamento de Educação.

Das medidas aconselháveis para a regular contribuição às Caixas Escolares. — Embora obrigatória a Caixa Escolar, há no assunto um ponto que não deve ficar esquecido: o pedagógico. Trata-se de um benefício que os menos necessitados prestam aos mais necessitados.

A escola deve realizar junto às crianças e por elas junto às famílias um trabalho educativo, pelo qual se desperte na consciência de cada um o sentimento de solidariedade humana, indispensável à vida coletiva. Por meio de palestras, histórias, leituras e comentários o professor irá aos poucos formando no aluno esse sentido social.

Um impresso para registro das contribuições:

CAIXA ESCOLAR

— do —

GRUPO ESCOLAR			
fevereiro	Cr\$	julho	Cr\$
março	Cr\$	agosto	Cr\$
abril	Cr\$	setembro	Cr\$
maio	Cr\$	outubro	Cr\$
junho	Cr\$	novembro	Cr\$
TOTAL	Cr\$	TOTAL	Cr\$

CAIXA ESCOLAR

— do —

GRUPO ESCOLAR

—

Caderneta do

Aluno

..... ano

Nome do pai

NOTAS

1) Os alunos que não alegarem ou notoriamente não puderem alegar escassez de recursos, devem contribuir mensalmente para a Caixa Escolar.
(Art. 130 da Constituição Federal de 10-11-37).

2) A contribuição mínima é de mensais.

O Diretor

Cooperativas Escolares. Leitura. — "A cooperativa escolar é uma associação livre, de crianças, regidas por uma diretoria de alunos, nomeada pelas próprias crianças e que se propõe reunir, por diversos meios, os fundos precisos para ampliar os recursos educativos e o material didático, criar instituições protetoras da escola, etc., com o fim de tornar mais interessante, mais ativo e mais educador o ensino."

(BALLESTEROS).

Ligeiro histórico das Cooperativas Escolares. — Deve-se à França, o início do movimento a favor das cooperativas escolares, idéia que partiu de um inspetor escolar, M. PROFIT. Tendo verificado após o término da Grande Guerra, a carência de meios e de material para o regular funcionamento das escolas em sua zona de inspeção, iniciou ativa propagação para obter esses recursos, interessando na campanha professores e pais. Em 1923 surgiu a iniciativa de agrupar alunos em associações escolares com o mesmo intuito e em pouco tempo apareceram cooperativas nas escolas com os sugestivos nomes de *Fraternal*, *O Porvir*, *Os Amigos do Progresso*, etc. A mais antiga cooperativa escolar, fundada numa escola de meninos, recebeu o nome de *As Abelhinhas* e progrediu tanto que em um ano arrecadou 2.100 francos, empregados depois na compra de um cinema escolar e na de material científico.

Como súpula do movimento cooperativista no ano de 1926, M. PROFIT declara existentes 20 círculos cooperativistas que haviam, no total, adquirido 237 museus escolares, 200 instalações de higiene, 60 aparelhos de cinema, oficinas de trabalho, postos de telegrafia, bibliotecas, etc. (*).

Finalidades de uma Cooperativa Escolar.

1) Dotar a escola de material científico e de instituições periescolares, que tornem possível a realização de um ensino educativo, pelo estudo da natureza, pela objetividade da instrução e pela atividade dos alunos, etc.

2) Despertar nas crianças sentimentos de solidariedade e ajuda mútua, mediante práticas mais assíduas e eficazes de cooperação e de comunidade de trabalho e de esforços.

(*) Notas tomadas ao livro: *La cooperación en la escuela*, de A. BALLESTEROS.

PRESIDENTE

ESTATUTOS DA COOPERATIVA ESCOLAR

CAPÍTULO I

Do nome, sede, duração e área de ação da sociedade

Artigo 1.º — Sob a denominação de COOPERATIVA ESCOLAR fica constituída nesta data, nos termos das leis em vigor, entre os alunos do cujos nomes constam do corpo da ata de fundação e outros que, de futuro, forem regularmente admitidos, uma cooperativa escolar de fins educativos e econômicos que se regerá pelos presentes estatutos.

Artigo 2.º — A Cooperativa terá sua sede n. na cidade de município de do Estado de São Paulo.

Artigo 3.º — O prazo de duração da sociedade é indeterminado e o ano social coincidirá com o ano letivo.

Artigo 4.º — A área de ação da Cooperativa, para efeito de admissão de associados, fica limitada ao edifício escolar.

CAPÍTULO II

Do capital social

Artigo 5.º — O capital da Cooperativa é variável conforme o número de associados e de quotas-partes subscritas, não podendo, porém, ser inferior a cruzeiros (Cr\$).

Artigo 6.º — O capital da Cooperativa será formado pela subscrição de quotas-partes no valor de cruzeiros (Cr\$) cada uma.

Artigo 7.º — Cada quota-parte poderá ser paga de uma só vez ou em prestações mensais, desde (Cr\$), até a sua integração.

Artigo 8.º — A prova do pagamento da prestação feita pelo associado, por conta da quota-parte a que se obrigou, é o recibo passado pelo Tesoureiro da Sociedade no seu título nominativo.

Artigo 9.º — Cada associado deverá subscrever, no mínimo, uma quota-parte e no máximo quotas-partes, não podendo, porém, um associado possuir quotas-partes, cujo valor represente mais de um terço do capital, nem uma quota-parte pertencer a mais de um associado.

Artigo 10 — O associado só poderá transferir suas quotas-partes de capital a outro associado, depois de integradas e com autorização da assembleia geral.

Artigo 11 — A restituição das quotas-partes ou prestações pagas por conta das quotas-partes, no caso de demissão ou exclusão, será feita de acordo com o Art. 21.

CAPÍTULO III

Do objeto da sociedade e suas operações

Artigo 12 — A Cooperativa Escolar tem por objeto principal, unindo os alunos do educá-los dentro dos princípios do sistema cooperativo, da solidariedade e do auxílio mútuo e promover a defesa dos seus interesses econômicos, com o barateamento do material escolar e do que for exigido para a vida escolar.

Artigo 13 — No cumprimento do seu programa de ação, a Cooperativa se propõe:

- fornecer aos associados, pelos menores preços possíveis, livros, cadernos, material escolar, de que necessitem durante o curso, bem como, calçados e peças de uniforme;
- manter dentro do recinto da escola um pequeno sortimento de material escolar de consumo forçado, para atender aos pedidos dos associados.

§ 1.º — Os fornecimentos da Cooperativa serão feitos exclusivamente aos associados e sempre a dinheiro.

§ 2.º — Aos associados de fracos recursos financeiros, será permitido o pagamento em serviços prestados à Cooperativa, não devendo esses serviços prejudicar os estudos desses alunos.

§ 3.º — A Cooperativa procurará ainda, na medida do possível preencher mais os seguintes fins:

- promover a formação de uma biblioteca infantil aberta aos associados;
- cultivar um pomar, um jardim ou uma horta;
- trabalhar para o reflorestamento da região, para o que cada associado deverá plantar pelo menos uma árvore;
- cuidar da apicultura, avicultura ou sericultura;
- promover excursões de caráter instrutivo e recreativo;
- manter oficinas de trabalhos manuais;
- instituir a sopa ou lanche escolar;
- manter um campo de experiências agrícolas;
- organizar uma comissão de escoteiros.

CAPÍTULO IV

Dos associados, seus direitos, deveres e responsabilidades

- Artigo 14 — Poderão fazer parte da Cooperativa todos os alunos do que tenham bom comportamento e se conformem com estes Estatutos.
- PARÁGRAFO ÚNICO — O número de associados é ilimitado, mas não poderá ser inferior ao previsto nas leis em vigor.
- Artigo 15 — Para a qualidade de associado, o interessado deve pedir, por escrito, à Diretoria, sua inscrição, trazendo para isso, licença do pai ou tutor e ser proposto por dois associados.
- Artigo 16 — O associado deverá assinar a ficha de matrícula e pagar a Jóia de admisão no valor de Cr\$
- PARÁGRAFO ÚNICO — As Jóias destinam-se às despesas de instalação e organização da Cooperativa; uma vez pagas essas despesas, a Jóias irão reforçar o Fundo de Reserva.
- Artigo 17 — Uma vez inscrito e paga a Jóia, o associado passará a gozar dos seus direitos sociais e receberá para comprovação, um título nominativo, em forma de caderneta, à sua conta de Capital.
- § 1.º — O título nominativo será assinado pelo associado a que pertencer e por um dos Diretores da Cooperativa.
- § 2.º — No ato de realizar qualquer operação com a Cooperativa o associado deverá apresentar o seu título nominativo.
- § 3.º — O associado que perder o seu título nominativo só receberá um outro mediante o pagamento de Cr\$
- Artigo 18 — São direitos do associado:
- tomar parte nas assembleias gerais;
 - ser eleito para qualquer cargo, qualquer que seja o número de quotas-partes que possua;
 - propor à Diretoria ou às assembleias gerais as medidas que julgar convenientes ao interesse social;
 - efetuar todas as operações e utilizar-se de todos os serviços da sociedade;
 - demitir-se, quando lhe convier.
- Artigo 19 — São deveres do associado:
- comparecer às assembleias gerais e interessar-se por todos os assuntos que nelas sejam tratados;
 - obedecer os estatutos e os regulamentos da Cooperativa;
 - satisfazer pontualmente seus compromissos sociais;
 - contribuir pelo seu exemplo e dedicação para que a Cooperativa possa cumprir rigorosamente os elevados fins que tem em vista.
- Artigo 20 — A Diretoria poderá excluir o associado que:
- tenha saído da escola;
 - tenha deixado de proceder como bom colega ou bom cooperado;
 - tenha deixado de comprar da Cooperativa durante um exercício social.
- Artigo 21 — A Cooperativa devolverá o valor das quotas-partes do associado excluído, depois de aprovado o balanço anual, dentro do prazo de 1 (um) ano.
- PARÁGRAFO ÚNICO — O associado que se demitir ou que sair da escola, poderá, se quiser, doar o valor de suas quotas-partes à Cooperativa.

CAPÍTULO V

Da Assembleia Geral

- Artigo 22 — A assembleia geral é o órgão soberano da administração da sociedade, de acordo com a lei e estes estatutos, e a ela compete resolver todos os assuntos que interessem à sociedade ou a seus associados.
- Artigo 23 — As assembleias gerais ordinárias reunir-se-ão duas vezes por ano, nos meses de MARÇO e NOVENBRO e a elas compete:
- 1 — Aquela que se realizar no início do ano:
 - eleger os diretores, os membros do Conselho Fiscal e os suplentes destes;
 - deliberar sobre o programa a ser executado pela sociedade;
 - 2 — Aquela que se realizar no fim do ano:
 - deliberar sobre as contas da Diretoria e o parecer do Conselho Fiscal;
 - deliberar sobre todos os assuntos de interesse da Cooperativa, desde que enumerados no edital de convocação.
- Artigo 24 — Quando houver algum assunto importante e urgente a tratar, será convocada uma assembleia geral extraordinária.
- PARÁGRAFO ÚNICO — Nessas assembleias só será permitida a discussão dos assuntos que constem do edital de convocação.
- Artigo 25 — As assembleias gerais serão convocadas pelo presidente da Cooperativa por meio de edital em quadro negro e em cada classe, verbalmente, por um associado designado pelo presidente, com três (3) dias de antecedência, tanto em primeira como em segunda convocação.
- Artigo 26 — As assembleias gerais funcionam e deliberam válidamente, em primeira convocação, com a presença de metade e mais um dos associados.
- PARÁGRAFO ÚNICO — Se esse número não for alcançado, a assembleia funcionará em segunda convocação com qualquer número de associados que compareça.
- Artigo 27 — As deliberações nas assembleias gerais serão tomadas por maioria de votos.
- PARÁGRAFO ÚNICO — Quando houver empate, o presidente terá voto de qualidade para desempatar.
- Artigo 28 — As eleições serão realizadas por aclamação ou pelo sistema do voto secreto, conforme for requerido, no momento por um dos membros da assembleia.

Artigo 29 — Cada associado terá direito a um só voto, qualquer que seja o número de quotas-partes que possua.

Artigo 30 — Do que se passar nas assembleias gerais será lavrada uma ata que será assinada pelo professor que assistir à reunião, pela mesa e por uma comissão designada pela assembleia.

CAPÍTULO VI

Da Diretoria

Artigo 31 — A Diretoria será composta de cinco (5) membros todos associados, eleitos na assembleia geral ordinária que se realizar no principio do ano letivo.

§ 1.º — Os membros da Diretoria terão os seguintes cargos: — presidente, secretário, tesoureiro, 1.º e 2.º gerentes.

§ 2.º — Os diretores não poderão ser reeleitos para o exercício social imediato.

Artigo 32 — Vagando-se um cargo na Diretoria, os demais membros escolherão um membro do Conselho Fiscal para substituí-lo.

Artigo 33 — Se um membro da Diretoria deixar de cumprir seus deveres, poderá ser destituído do cargo pelo voto de dois terços dos associados reunidos em assembleia geral extraordinária.

Artigo 34 — A Diretoria compete:

- resolver sobre todos os atos de gestão da Cooperativa;
- resolver sobre as compras que a Cooperativa deva fazer;
- autorizar as despesas da Cooperativa;
- estabelecer os preços pelos quais serão feitos os fornecimentos aos associados;
- tomar conhecimento mensalmente do estado econômico da sociedade;
- deliberar quanto à admissão e exclusão de associados;
- realizar as transações da Cooperativa exclusivamente a dinheiro;
- fazer as compras por concorrência;
- resolver sobre a convocação extraordinária da assembleia.

Artigo 35 — A Diretoria se reunirá ordinariamente uma vez por mês e extraordinariamente, tantas vezes quantas necessárias, e registrará num livro todas as deliberações tomadas.

Artigo 36 — Os membros da Diretoria deverão trabalhar na mais perfeita harmonia, prestando uns aos outros todo o auxílio preciso para que a Cooperativa possa preencher perfeitamente suas finalidades.

Artigo 37 — Compete ao Presidente:

- convocar e instalar as assembleias e reuniões;
- assinar todos os documentos e papéis da Cooperativa, juntamente com o secretário;
- fazer o relatório para ser apresentado à assembleia geral do fim do ano letivo.

Artigo 38 — Compete ao Secretário:

- redigir as atas e a correspondência da Cooperativa;
- assinar com o presidente toda a correspondência;
- fazer todo o serviço escrito da Cooperativa.

Artigo 39 — Compete ao Tesoureiro:

- receber dos associados as importâncias das jóias e das quotas-partes;
- arrecadar todas as importâncias devidas à Cooperativa;
- fazer os pagamentos autorizados pela Diretoria;
- recolher diariamente o saldo em caixa;
- ter sempre em dia a escrituração da caixa, com entrada e saída de dinheiro.

Artigo 40 — Compete aos Gerentes:

- zelar pela guarda de tudo que pertencer à Cooperativa;
- receber e arrumar as compras efetuadas pela sociedade;
- fazer aos associados a entrega dos pedidos.

CAPÍTULO VII

Do Conselho Fiscal

Artigo 41 — O Conselho Fiscal é composto de seis (6) membros, sendo três efetivos e três suplentes, eleitos em assembleia geral, com mandato por um ano, sem direito a reeleição.

Artigo 42 — Ao Conselho Fiscal compete exercer assídua fiscalização sobre os negócios da Cooperativa, examinando os livros, as contas, os saldos de artigos em estoque, o dinheiro em caixa e a correspondência da sociedade.

PARÁGRAFO ÚNICO — No fim de cada ano letivo o Conselho Fiscal apresentará seu parecer sobre as contas da Diretoria, para ser submetido à aprovação da assembleia geral do fim do exercício.

Artigo 43 — O Conselho Fiscal poderá convocar extraordinariamente a assembleia, se ocorrerem motivos graves e urgentes.

CAPÍTULO VIII

Das sobras líquidas e do fundo de reserva

Artigo 44 — Das sobras líquidas apuradas no balanço da Cooperativa levantado no fim de cada exercício serão deduzidos dez por cento (10%) para o fundo de reserva; os restantes noventa por cento (90%) constituirão um fundo especial a ser aplicado em obras de fins culturais, sociais ou recreativos, a critério da assembleia geral.

Artigo 45 — A conta do fundo de reserva será constituída pela percentagem a que se refere o artigo anterior e pelas jóias de admissão a que se refere o Parágrafo Único do art. 16.

Artigo 46 — O fundo de reserva é destinado a reparar algum prejuízo que a Cooperativa venha a ter e não pode ser empregado em operações comuns da mesma.

Artigo 47 — No caso de dissolução da Cooperativa a soma que estiver escriturada no fundo de reserva reverterá em favor da instituição local de beneficência que a assembleia de associados designar.

CAPÍTULO IX

Das disposições gerais e transitórias

Artigo 48 — Para resolver sobre a dissolução da Cooperativa, a reforma de seus estatutos ou sua fusão com outra Cooperativa, será necessário convocar uma assembléia geral extraordinária.

§ 1.º — A assembléia geral extraordinária a que se refere este artigo só poderá funcionar em primeira convocação com a presença de dois terços dos associados; se esse número não for alcançado, poderá funcionar em segunda convocação com a presença de metade e mais um, ou em terceira com qualquer número de associados que compareça.

§ 2.º — Nessas assembléias as deliberações, para serem válidas, deverão reunir, a favor, dois terços dos votos.

Artigo 49 — A Cooperativa elegerá anualmente, um professor do estabelecimento escolar para encaminhar os trabalhos nas assembléias gerais e nas reuniões da Diretoria e orientar os diretores e conselheiros no desempenho das funções dos cargos para que foram eleitos.

Artigo 50 — Esse professor ficará encarregado de receber do Tesoureiro e guardar, diariamente, o dinheiro pertencente à Cooperativa e responder por ela perante terceiros.

Artigo 51 — A assembléia de constituição da sociedade elegerá sua primeira Diretoria, os membros do Conselho Fiscal e os suplentes destes.

Artigo 52 — A Cooperativa poderá contratar um empregado para o desempenho de certos serviços a cargo da sociedade e que não possam ser executados pelos associados.

VISTO: / 196.....

DIRETOR

Cinema Educativo. — “As projeções animadas não serão na escola um fim mas um meio. Certamente, um meio delicado, que exige aplicação cuidadosa. Quanto aos recursos que oferece, no seu aspecto instrutivo não será preciso realçar-lhes os méritos, tanto são eles conhecidos de todos nós. O cinema nos transporta às mais longínquas distâncias, e nos dá a conhecer homens, costumes, habitações, processos de trabalho, flora e fauna de tôdas as regiões do globo.” (LOURENÇO FILHO).

Problemas para estudo.

- 1 — Como estabelecer a colaboração da escola e da família na cooperativa escolar?
- 2 — Como escolher a direção de uma cooperativa?
- 3 — Como organizar o regimento da associação?
- 4 — Como aproveitar o trabalho da criança?
- 5 — Que papel podem desempenhar os festivais nessa organização?
- 6 — Na escola rural que aproveitamento poderá ser feito dos produtos agrícolas?
- 7 — Que aproveitamento poderia ser feito dos trabalhos manuais, na cooperativa?
- 8 — Como organizar em nossos grupos escolares uma cooperativa escolar?
- 9 — Como reduzir, mediante as cooperativas, o custo do material didático?
- 10 — Como organizar em nossos grupos escolares uma cooperativa escolar?

Problemas para alunos.

- 1 — Quais as possibilidades do cinema educativo?
- 2 — São expressões sinônimas cinema escolar e cinema educativo?
- 3 — Qual o papel do cinema no ensino das diversas disciplinas?
- 4 — Como acha que o filme deveria integrar-se no plano de aula?
- 5 — Pode o cinema beneficiar o ensino intuitivo?
- 6 — Quais os elementos educativos que devem ser considerados num filme para criança?
- 7 — Como realizar numa escola primária a aquisição e a instalação de um aparelho cinematográfico?

Trabalhos práticos.

- 1 — Assistir a um filme educativo e criticá-lo depois.
- 2 — Relatar os elementos educativos que encontrou num filme para crianças.
- 3 — Relacionar todos os elementos deseducativos que podem ser encontrados em filmes para crianças.
- 4 — Organizar um inquérito no curso primário subordinado ao título — *De que fita você mais gosta? — Por quê?*
- 5 — Estudar a organização de um plano de filme educativo sobre *Os perigos da rua*.
- 6 — Estudar um mínimo de questões técnicas relacionadas com a feitura e a passagem de filmes.
- 7 — Organizar um quadro de respostas a estas questões, tôdas dentro do assunto: *cinema educativo*:
 - a) Quando o cinema não satisfaz?
 - b) Quando o cinema é desaconselhável?
 - c) Quando o cinema é indispensável?
 - d) Quando o cinema é instrutivo apenas?
 - e) Quando é educativo?

Do rádio. — Este instrumento de educação dos tempos modernos, apesar de sua utilização nas várias atividades da vida humana, tem prestado entre nós poucos serviços à obra educativa. Entretanto, nenhum aparelho mais insinuante que esse para coadjuvar a tarefa da escola, nenhum mais prestadió para a divulgação da música, dos padrões da literatura, da boa dicção, das formas corretas de linguagem.

O aproveitamento das ondas hertzianas, na educação, há de vir sem demora e a escola ficará com isso dotada de um novo corpo de mestres que ensinam, que orientam e que educam.

Num quadro sumariíssimo de cooperação na obra do mestre e da família, o rádio poderia prestar os seguintes serviços: educação pela música, teatro, dramatizações, história do país e do mundo, intercâmbio escolar, etc.

Música. — Não é necessário justificar a importância da boa música na educação da criança. Tão benéficos são os seus resultados e tão evidentes, que sociedades alemãs de mestres, se empenham por que sejam as crianças levadas com frequência a concertos de renome, onde possam ouvir Weber, Schubert, Mozart e outros mestres da arte musical.

O rádio, a serviço da música, poderia aproveitar números de orquestras e de orfeões escolares e transmitir discos escolhidos. Como propagador da literatura, sua tarefa seria grandemente apreciada com a transmissão de poesias, peças teatrais, páginas escolhidas, biografia de escritores notáveis; irradiação de trabalhos literários de alunos, histórias, etc.

Como ampliador da obra do mestre, transformar-se-ia em repetidor de lições, em divulgador de temas ou problemas geográficos, históricos ou matemáticos.

Um sem-número de serviços poderia prestar ainda: narrativas de viagens, concursos literários, maratonas intelectuais, divulgação de lendas, de efemérides, etc.

Rádio e expressão oral. — O gosto da boa linguagem falada que vai desaparecendo da escola e do comércio social; a arte de conversar, tão admirada em outros tempos e que perdeu hoje cultores; o hábito da correta pronúncia que não constitui mais preocupação educativa em nossos dias, poderiam ser revividos e reabilitados graças ao rádio. A certeza de que somos ouvidos e de que há um auditório à escuta de nossas palavras; o uso de falar ao microfone, ora para ensinar, educar ou recrear, ora para liderar outras pessoas, cria para a linguagem elementos mais ricos de persuasão, de clareza e de beleza, tornando-a assim, pouco a pouco, instrumento dúctil e prestimoso na vida social.

Problemas para estudo.

- 1 — Que serviços poderá prestar o rádio à obra de educação?
- 2 — Como poderia nossa escola beneficiar-se com a difusão radiofônica?
- 3 — Qual poderia ser o papel do rádio na articulação do professorado no Estado, e na orientação do professorado rural?
- 4 — Qual pode ser, porém, a obra deseducativa do rádio?

Trabalho prático.

Estudar em livros e revistas o problema do rádio a serviço da educação popular.

Do teatro. (*) — Como atividades de teatro nossa escola primária conhece apenas as representações no final do ano letivo, para comemorar o seu encerramento, a entrega de diplomas ou prêmios.

Assim utilizadas, as atividades teatrais não beneficiam o ensino de quanto seriam capazes. Constituem meros suplentes na vida da escola, não exercícios integrantes do currículo.

Entretanto, uma simples análise desvenda as múltiplas situações educativas que o teatro pode criar na escola, como instrumento geral de educação e particular de ensino e de aprendizagem. Basta ver como nele se ensinam exercícios a tôdas as chamadas matérias de expressão: a música, o canto, a linguagem oral e escrita, o desenho, a dramatização, além de seu aproveitamento para a formação moral e artística do aluno.

(*) Ver nossa *Pedagogia - Teoria e Prática* — 2º volume.

Dois aspectos do problema. — O teatro, a que vimos aludindo, pode ser igualmente educador do aluno, quando por ele realizado ou quando simplesmente por ele assistido.

Desde 1897 intentavam sociedades de professores alemães proporcionar a alunos das escolas a frequência de teatros. Em 26 de janeiro de 1898, pela primeira vez, dois mil alunos foram levados a diversos teatros de Hamburgo. De então para cá a prática não sofreu descontinuidade. Seguindo o exemplo de Hamburgo, as escolas de Berlim, Bremen, Breslau, Dresden, etc., organizaram também representações especiais para crianças.

Em sumária apreciação; é grande a soma de benefícios que o teatro realizado por alunos oferece à sua educação: práticas de socialização, estudo da língua e de personagens; desenvolvimento da expressão, educação dos estados emotivos; formação do gosto com a feitura de cenários e de quadros.

Do simples ao complexo. — É natural que haja, na realização do teatro como instrumento de educação, uma graduação de dificuldades, que, passo a passo permita exercícios de maior complexidade: representação de cenas mudas, quadros típicos, alegorias, diálogos, monólogos, sketches, comédias, dramas, representações de histórias de fatos históricos, etc. É natural ainda que nessa marcha do fácil ao difícil, vá a criança se exercitando nas diferentes atividades exigidas pelo teatro: memorização de papéis ou de números, gesticulação, interpretação de vidas, arranjo de ambientes, criação de tipos, etc.

Trabalho dirigido e trabalho livre. — A atividade teatral dos alunos pode ser dirigida pelo mestre, mas a prática desses exercícios pode também, educativamente convulsos e de sketches e ao jogo de atividades criadas livremente.

É aconselhável que se conceda ao aluno a liberdade de criar e de organizar suas festas, desde a escolha de números até a decoração de lugares, feitura de convites, etc. A criança encerra em sua trama psico-afetiva inclinações e interesses por atividades dessa natureza e à escola cabe, principalmente, não abafá-los.

É durante a realização de trabalhos livres que aparecem nas classes os líderes, os iniciadores, os decoradores, os tipos capazes de ação e de governo de grupos.

Dos elementos para o teatro escolar. — Fonte maior de nosso teatro escolar têm sido as traduções e as adaptações de velhas peças medievais, de castelos, barões e pajens, ou de vidas teatralizadas, artificialmente.

Há, porém, fora desses elementos, riquíssimos temas que podem ser aproveitados para representações e dramatizações escolares, tirados da vida familiar, da vida escolar, dos quadros do folclore, da lenda, e da história de nosso povo. O ponto digno de estudo é, principalmente, o da fixação dos objetivos que o teatro infantil deve visar, as diretrizes a que deve subordinar-se, e ideais educativos a que deve servir.

Depois, firmado o plano de trabalho, será preciso descobrir os temas das peças mais convenientes ao gosto e à capacidade infantil, e teatralizá-los, dentro da técnica. Ao mesmo tempo, realizar intensa propaganda a favor desse teatro, para a sua divulgação e para provocar o aparecimento de autores de teatro para criança. (*)

- Trabalhos práticos.*
- 1 — Organizar no curso primário uma dramatização com um grupo de crianças (ver sugestões no capítulo da linguagem).
 - 2 — Escrever e ensaiar um número de teatro com um grupo de crianças.
 - 3 — Escolher um monólogo e orientar um aluno em seu estudo e recitação.
 - 4 — Coleccionar peças de teatro infantil.
 - 5 — Redigir um diálogo sobre tema livre, e ensaiá-lo com dois alunos.
 - 6 — Preparar um "sketch" e ensaiá-lo para uma festa escolar.
 - 7 — Organizar uma festa escolar, com uma comédia.
 - 8 — Redigir um número de teatro, em que seja aproveitado o motivo de um brinquedo (letra e música).
 - 9 — Organizar um número de anedotas para um festival.
 - 10 — Dramatizar um assunto da vida escolar e ensaiá-lo com crianças de 4º ano.
 - 11 — Ler no livro — *La rédaction chez les petits*, de Marie Fargues, o capítulo dedicado ao teatro.

(*) Publicamos em nossa *Pedagogia - Teoria e Prática* — 2º vol. — desenvolvido capítulo sobre *Teatro infantil*.

As associações de pais e mestres. (2) — A articulação da escola à família constitui hoje uma das grandes preocupações da educação. A obra educativa que vivia fechada aos olhares dos pais e dos interessados na formação da criança, é hoje campo comum de interesse da família e do mestre.

Pelas associações de pais e mestres esse desejo pode ser realizado, e o intercâmbio de esforços entre a escola e os pais melhora grandemente o trabalho da educação e beneficia a escola com instituições indispensáveis como bibliotecas, museus, sopa escolar, gabinetes dentários, etc.

Não ficam apenas nisso as vantagens das associações a que aludimos. Dentro delas, como desdobramento normal, podem surgir grupos de estudos de problemas educativos, círculos de estudos maternos, círculos de estudos pré-escolares, horas de leitura, etc.

De um relatório sobre a fundação de associações desse gênero, ressaltam os seguintes benefícios para a educação, graças à articulação entre a família e a escola:

- 1 — Aumento de duração do período escolar.
- 2 — Melhor frequência de alunos.
- 3 — Organização de livros de textos uniformes, no ensino.
- 4 — Criação de jardins da infância.
- 5 — Aumento e melhoria de salas de leitura.
- 6 — Campanhas higiênicas.
- 7 — Bolsas escolares.
- 8 — Escolas noturnas.
- 9 — Merenda e sopa escolar.
- 10 — Clínicas dentárias.
- 11 — Melhoria na vida familiar.
- 12 — Melhoria de disciplina, etc.

ESTATUTO PADRÃO PARA AS ASSOCIAÇÕES DE PAIS E MESTRES

CAPÍTULO I

Da denominação, fins e sede da Associação

Art. 1º — Com a denominação de "Associação de Pais e Mestres", fica fundada neste Grupo Escolar, onde terá a sua sede, uma instituição cujo fim é a união entre pais e mestres, na colaboração de tudo quanto visa o bem-estar da criança e o bom funcionamento escolar.

Parágrafo único — Esta Associação fica subordinada à Diretoria do Ensino (3) sob cujo patrocínio é fundada, e que será árbitro nos casos em que houver necessidade.

CAPÍTULO II

Dos sócios

Art. 2º — São considerados sócios desta instituição todos os pais de alunos e professores deste estabelecimento, bem como pessoas estranhas que se interessam por esta Associação e que desejam fazer parte da mesma.

Parágrafo único — É ilimitado o número de sócios.

Art. 3º — Haverá duas categorias de sócios: beneméritos e auxiliares. São beneméritos os que ajudaram a Associação com auxílio pecuniário sensível e auxiliares os que, não podendo contribuir, auxiliarem a instituição de qualquer outra forma.

Art. 4º — Os sócios, tanto beneméritos como auxiliares terão as seguintes obrigações:

- a) comparecer às reuniões;
- b) sugerir qualquer idéia que seja de resultado benéfico para a Associação;
- c) não recusar incumbência alguma que lhes for designada;
- d) votar e aceitar cargos de eleição do Conselho Diretor;
- e) requerer convocação de assembléa, quando julgar necessária;
- f) procurar, na escola ou fora dela, todas as ocasiões de intervir em favor do bom funcionamento escolar.

(2) Como referência digna de nota é preciso lembrar que foi o Grupo Escolar da Lapa, na capital ao tempo dirigido pelo Prof. JOAQUIM ALVARES CRUZ, o primeiro estabelecimento que organizou uma associação deste gênero — *A Associação dos Amigos da Escola* — inaugurada a 13 de maio de 1929.

(3) Hoje Departamento de Educação.

CAPÍTULO III

Das reuniões

Art. 5º — Haverá reuniões ordinárias mensalmente, extraordinárias, tantas vezes quantas necessárias.

Parágrafo único — O Diretor-Geral fará antecipadamente convocação destas reuniões.

CAPÍTULO IV

Conselho Diretor

Art. 6º — Esta Associação será dirigida por um conselho diretor, composto de:

- um diretor-geral, que será o diretor do Grupo;
- uma 1ª secretária;
- uma 2ª secretária;
- uma tesoureira;
- quatro pais de alunos, os quais constituirão a comissão fiscal.

Parágrafo único — Além deste conselho diretor poderão ser criadas outras comissões, uma vez que haja necessidade, para o bom funcionamento da sociedade.

CAPÍTULO V

Deveres da Diretoria e Comissões

Art. 7º — Ao diretor-geral compete:

- a) convocar e presidir a todas as reuniões;
- b) zelar pelo bom funcionamento da sociedade, procurando fazer que as comissões cumpram os seus deveres;
- c) representar a Associação em suas relações exteriores.

Parágrafo único — Substituirá o diretor-geral, em suas faltas ou impedimentos, o adjunto mais antigo do estabelecimento.

Art. 8º — Compete à 1ª secretária:

- a) lavar as atas das reuniões, em livro próprio que ficará sob sua guarda e cuidado;
- b) ter sob sua guarda um livro de registro dos sócios;
- c) fazer toda e qualquer correspondência da Associação.

Art. 9º — Compete à 2ª secretária:

- a) auxiliar a 1ª secretária em tudo que for necessário;
- b) substituí-la em seus impedimentos.

Art. 10 — Compete à tesoureira:

- a) receber e registrar em livro próprio todas as mensalidades, ofertas etc.;
- b) apresentar o relatório mensal do movimento da caixa;
- c) efetuar os pagamentos determinados pela instituição e depositar em lugar apropriado o saldo existente.

Art. 11 — A Comissão Fiscal compete:

- a) estudar e resolver todas as propostas e assuntos tratados nas reuniões e discuti-los em ocasiões oportunas;
- b) estudar e sugerir planos de trabalhos que visem o desenvolvimento da Associação.

Parágrafo único — Esta Comissão poderá convidar pessoas, não só da Associação, como fora dela, para auxiliá-la, quando for necessário.

Art. 12 — Haverá eleição anual.

CAPÍTULO VI

Do patrimônio e sua aplicação

Art. 13 — O patrimônio será constituído pelas contribuições dos sócios beneméritos, na importância mínima de Cr\$ 0,50 mensais para cada um.

Art. 14 — O patrimônio da Associação será dispendido em tudo quanto visar o bem-estar da criança.

Para esse fim, fica estabelecido que, quando a Associação tiver fundos suficientes, irá cumprindo o disposto nas seguintes alíneas:

- a) organização de uma biblioteca que terá um regulamento interno elaborado pelo conselho diretor;
- b) instalação de gabinete dentário;
- c) assistência médica e medicamentos mais necessários;

d) instituição de um prêmio em dinheiro para o melhor aluno de cada seção, que tenha terminado o curso, prêmio este que será depositado na Caixa Econômica do lugar e só poderá ser retirado quando o premiado atingir a maioria. O prêmio pode também ser em medalha ou objeto.

Parágrafo único — A importância ou valor desse prêmio será determinado pelo conselho diretor.

CAPÍTULO VII

Disposições gerais

Art. 15 — Esta Associação poderá promover, quando oportuno, reuniões sociais, conferências etc., não só na sede, como em outros lugares antecipadamente escolhidos.

Art. 16 — Qualquer dificuldade social ou moral que surgir no seio desta instituição será levada ao conhecimento e julgamento do Serviço Geral de Organizações Auxiliares da Escola.

Art. 17 — Estes estatutos serão completados pelos regulamentos que o conselho diretor julgar necessário expedir.

Art. 18 — Os presentes estatutos, aprovados em assembleia geral realizada aos ... dias do mês de ... de ... entram em vigor nesta data e constituem a lei orgânica da "Associação de Pais e Mestres" do Grupo Escolar de ... e só será reformada por deliberação de dois terços destes.

Os presentes Estatutos serão enviados, sob registro, um exemplar à Delegacia Escolar e dois à Diretoria do Ensino.

NOTA — É preciso atualizar os valores aqui mencionados.

Como organizar uma associação de pais e mestres. — Aos alunos do curso normal entregamos a tarefa de, uma vez estudado o assunto, organizarem uma tal associação na escola primária.

Para isso será necessário elaborar o plano de trabalho que, compreende reuniões, correspondência, palestras, grupos de discussão, etc.

Um trecho para leitura. Leitura. — "Os pais que pelo simples fato de enviarem os filhos à escola tão depressa quanto puderem ser admitidos, acreditam ter cumprido com o seu dever de cidadãos e bons pais de família, estão em grave erro. Na educação das crianças é necessário que cooperem constantemente pais e professores. Muitas pessoas parecem esquecer-se de que, durante o ano escolar, as crianças passam a quarta parte de sua vida na escola, e que a tarefa mais importante da vida de um pai é a educação dos filhos.

A criação de uma associação de pais e mestres significa que a comunidade está interessada na educação de seus filhos e que está disposta a prestar o seu auxílio e cooperar para que as crianças alcancem um harmonioso desenvolvimento intelectual, moral e físico." (ANTÔNIO ALONSO).

Para leitura. Clubes Agrícolas Escolares. — "Aos Clubes Agrícolas, está confiado grande papel, de máxima importância para a economia nacional, como seja, agir através das crianças sócias (meninos de hoje e cidadãos de amanhã), para a divulgação dos métodos modernos de cultura, que se entrecrocaram com a rotina do nosso campo e por isso mesmo são ferozmente combatidos.

Essa é uma das suas finalidades, funcionar à maneira de cunha e ir aos poucos, insensivelmente, introduzindo-se nesse meio tão pouco culto, até transformá-lo completamente, sem barulho nem abalo.

Para tal fim, os Clubes têm, como objetivo, ministrar às crianças o ensino dos métodos preconizados pela agricultura moderna, pondo-os em prática, quer lavrando terrenos, abolindo as queimadas — causadoras do empobrecimento e da acidez do nosso solo — quer ensinando o uso de adubos, os processos para se debelarem as pragas e evitar as erosões, o selecionamento de espécimes, a prática de desbastes, enfim, tudo o que é absolutamente ignorado e rejeitado pelas populações rurais, livrando-as assim desse estacionamento em que estão amarradas, e do completo divórcio em que se acham do mundo científico.

São as seguintes as bases em que se firmam os Clubes:

a) Dignificar o trabalho manual; elevar e engrandecer a vocação e a profissão do lavrador; incutir na consciência de seus sócios o amor à terra, o sentimento da nobreza, das atividades agrícolas e a idéia do seu valor econômico e patriótico;

- b) mostrar os perigos do urbanismo e do abandono dos campos;
- c) desenvolver o espírito de cooperação na escola, na família e na coletividade;
- d) incentivar a policultura e proporcionar a aprendizagem de métodos agrícolas racionais, pondo em prática os princípios da agricultura científica e demonstrando o rendimento das criações e lavouras bem orientadas e tratadas;
- e) colaborar para o melhoramento permanente da vida rural, tornando-a mais agradável e aperfeiçoando-a sob o ponto de vista da sociabilidade da estética e da cultura em geral;
- f) formar e cultivar hábitos de economia;
- g) fazer a propaganda, na comunidade rural, da vivenda bonita, alegre e higiênica e dos hábitos e noções necessários à preparação da consciência sanitária;
- h) ministrar informações estatísticas e outras relacionadas com a produção, a indústria, o comércio e o transporte;
- i) proteger os animais e as plantas;
- j) trabalhar pelo reflorestamento local preparando o viveiro que forneça mudas aos sócios;
- l) organizar feiras para a venda dos produtos das plantações e criações dos sócios;
- m) comemorar uma vez por ano, a principal cultura ou criação local;
- n) organizar a cooperativa para a venda dos produtos das plantações e criações dos sócios;
- o) combater as queimadas e derrubadas de árvores;
- p) conseguir que toda árvore derrubada seja substituída por outras duas que se plante;
- q) combater a erosão e as pragas das lavouras e criações.

Tendo assim o mestre, como preocupação máxima, a de interessar a criança nas coisas relativas à sua vida, deve, pois, o professor rural ir enriquecendo a sua mente, com conhecimentos agrícolas e noções comuns às necessidades e atividades rurais, a fim de melhor atender aos seus educandos, contribuindo deste modo para a transformação das suas condições de vida.

Deverá também, pelas suas maneiras delicadas, atrair a simpatia e conquistar a confiança dos moradores do bairro, estabelecendo uma ligação entre eles, e, dêsse modo, ir aos poucos e com cuidado, pondo-os em comunicação com os departamentos técnicos e científicos do país, que até hoje só têm tido utilidade para as privilegiadas populações urbanas.

Tudo isso o professor fará, está claro, sem prejudicar o desenvolvimento do programa oficial até, ao contrário, um grande auxiliar para o seu desempenho.

Os Clubes Agrícolas não são inovações; eles já existem de há muito.

— Entre nós, o emérito educador das páginas educativas de "Saudade" — TALES CASTANHO DE ANDRADE, em 1920, deu-lhes vida, em Piracicaba, através dos "Clubes da Horta", culminando com a "Festa do Milho", cuja memória jamais se apagará da mente de quantos tiveram a dita de a ela assistir.

Nos Estados Unidos da América do Norte, no México, na República Dominicana, etc., têm os "Clubes Agrícolas" vida perfeitamente regulamentada, sendo que, no primeiro país citado, existem os denominados 4H, que concorrem com uma porcentagem apreciável para as necessidades econômicas da nação norte-americana, tendo, como orientadores, agrônomos especializados, que são mantidos pela própria sociedade e com o inteiro apoio do governo. (*)

Pragas que assolavam o país foram totalmente debeladas por iniciativa desses Clubes; vias de comunicações, material agrário de alto custo e, por isso mesmo, de impossível aquisição pelo pequeno agricultor; meios de circulação para os produtos, tudo, enfim, que facilita e melhora a expansão e o progresso da agricultura, é realizado, adquirido e construído às expensas dos associados, vencendo assim todas as dificuldades e removendo todos os obstáculos.

Interessante e digna de nota, é a maneira pela qual esse governo resolveu a questão de avicultura, dando, a cada associado, uma galinha *Leghorn* e ovos escolhidos que eram zelosamente protegidos e cuidados pelos seus pequenos possuidores, conseguindo assim a seleção e a primazia dessa raça.

(*) Ver nossa *Pedagogia - Teoria e Prática - I volume.*

Precisamos também realizar algo nesse sentido em nosso meio.

Estamos fartos de saber que o Brasil é um país essencialmente agrícola. Temos visto tudo o que se tem feito pela agricultura em nosso país, mas, não há negar, o pouco proveito que tem fruído justamente quem mais precisa dêsse amparo e conselho — o agricultor, o *agricultor iletrado*.

Já disse o grande MIGUEL COUTO: "No Brasil só há um problema nacional — a educação do povo".

Precisamos educar a nossa infância, inculcando-lhe amor ao solo, ensinando-lhe a ler no livro da natureza, pois, como sãbiamente disse CONSTÂNCIO VIGIL: "no sulco do arado a mocidade enterra os seus vícios".

Tal é o ideal dos Clubes Agrícolas, e por ele estamos pugnando.

Além de todas as vantagens já expostas, eles também dão oportunidade para que se faça algo de realmente educativo e proveitoso em ensino rural, enquanto não funcione um estabelecimento especializado.

Eis, aí a razão da existência dos Clubes Agrícolas. "Havemos de construir com essas pequenas *abelhinhas* um futuro brilhante para este nosso Brasil, onde tudo é belo, grande e bom." (ANA SILVEIRA PEDREIRA) (*).

CLUBE AGRÍCOLA ESCOLAR

Compromisso

No quintal de minha casa, com licença de meus pais e por meu próprio desejo, dedicar-me-ei ao tratamento da

PLANTAÇÃO		CRIAÇÃO
de		de
de		de
de		de

Assinatura

INSCRIÇÃO

Nome do pai

Nome do sócio

Escola

Classe

Professor

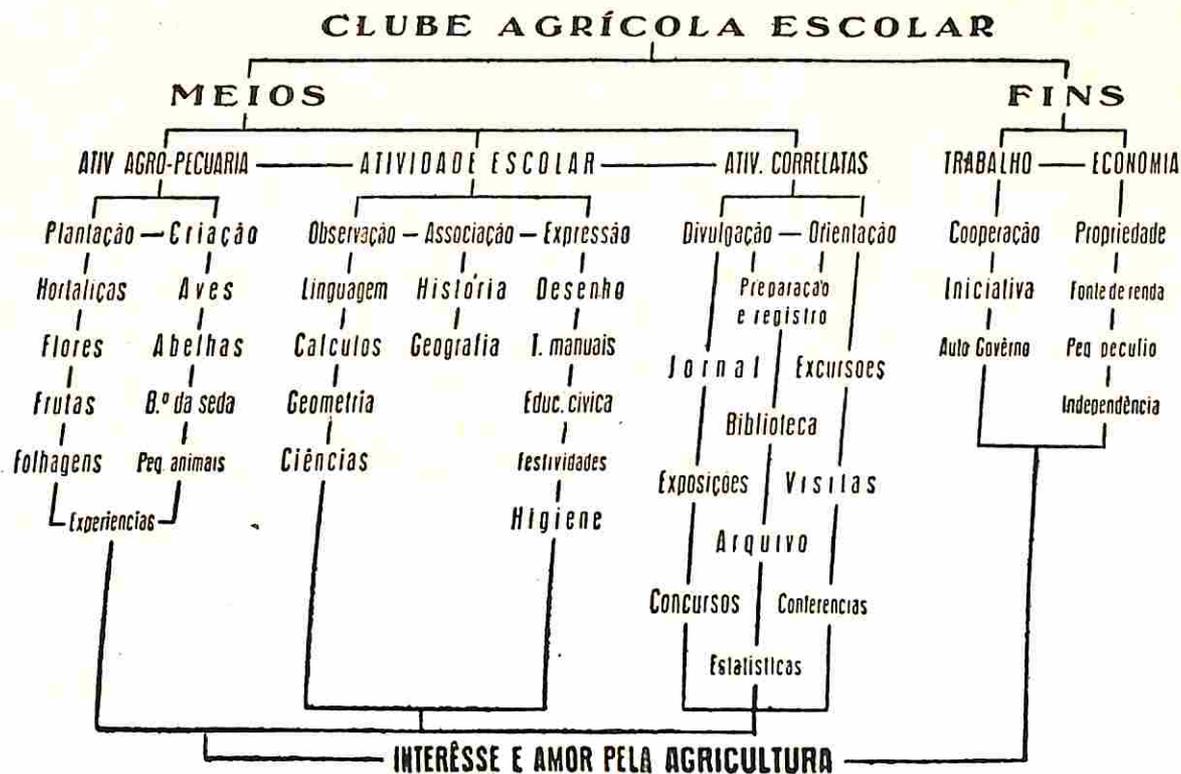
Rua

Bairro

Cidade

Estado

(*) Ver a respeito do assunto *Ruralismo*, o trabalho de SUD MENEZES — *Ruralização*, publicado em 1944 — Imprensa Oficial do Estado.



CONVITE

Como você sabe há clubes, centros e sociedades, em toda parte. Há clubes de futebol e de natação; há centros cívicos e políticos; há sociedades religiosas, artísticas, comerciais, operárias.

Vamos, também fundar uma associação?

Será o **CLUBE AGRÍCOLA ESCOLAR**.

Para isso ninguém precisará gastar dinheiro. Trata-se de uma sociedade que há todos só de lucros, sem despesa para ninguém. Trata-se de uma sociedade que há de produzir inúmeros e gerais benefícios. Como o nome está indicando, o ideal do Clube será formado pelos alunos deste Grupo e com o fim especial de dedicar-se a coisas agrícolas nos quintais, nos parques, nas hortas, nos jardins, nos pomares, nos terreiros. Assim, para ficar sócio, cada aluno não pagará jôia, mensalidade ou qualquer contribuição; basta, apenas dedicar-se em sua própria casa no cultivo de hortaliças, flores e árvores, ou à criação de aves, coelhos, abelhas e bicho-da-seda. Onde exista um quintal, embora pequeno, podem viver algumas plantas boas ou alguns animais úteis. O aluno sócio será, nas horas vagas, por brinquedo, mas de verdade, para o bem de sua casa, um "fazendinho", "sitante", "chacareiro", "criador"... E terá a satisfação de dizer: "Plantando e criando, concorro com o meu trabalho para o aumento da produção de alimentos".

Organizado o **CLUBE AGRÍCOLA ESCOLAR**, haverá instruções para os sócios, permuta de sementes e de mudas, visitas, feiras e exposições, venda dos produtos, concursos, prêmios, etc.

Quem negará o seu apoio ao **CLUBE AGRÍCOLA ESCOLAR**? Quem não poderá cuidar de uns vasos de flores ou de folhagens, de um cantinho de hortaliças, de uma trepadeira utilíssima, de uma árvore de sombra ou fruta? Quem deixará de tratar duns animais amigos? Ninguém!

Já sei, portanto que você aceita o meu convite para ajudar a fundar o **CLUBE AGRÍCOLA ESCOLAR**. Alegrem-se farão o seu **COMPROMISSO, INSCREVENDO-SE**, hoje mesmo, de acordo com as instruções neste boletim, e que terá a bondade de devolver em classe, amanhã, após consulta e licença de seus estremos pais.

Desejamos que o nosso **CLUBE AGRÍCOLA ESCOLAR** se multiplique, ainda mais e mais, por todos os estabelecimentos de ensino da Capital, do Estado e do País. (*)

(*) Este convite e mais os dados sobre o *Clube Agrícola Escolar* são de autoria do Prof. E. CASTANHO DE ANDRADE, Sócio ensino agrícola ler *Práticas Escolares*, II volume.

VIII DO PROFESSOR

Formação e Aperfeiçoamento

Do professor. — "A vida toda do mestre na cidade em que ensina; sua participação nas dores e alegrias alheias; a disposição moral com que atua nas ocasiões modestas ou sérias que se lhe apresentam, já em suas relações com os particulares, já com as autoridades; sua superioridade sobre as pequenas camarilhas locais; o tom de suas relações de amizade e a qualidade de seus amigos; as virtudes domésticas que brilham na honrada pobreza de sua casa, e sobretudo o diligente cuidado que tem da escola e a atividade que dedica ao próprio melhoramento intelectual, que por sua vez há de refletir sobre a própria escola; tudo isto lhe dará uma reputação que, mesmo sem um contato direto, lhe proporcionará a colaboração das famílias em sua obra" (LOMBARDO — RADICE).

A formação do professor primário. — A formação do professor primário se realiza em cursos de formação profissional do professor, permitida apenas àqueles que tenham feito o curso ginásial completo (4 anos). A este curso denominam *propedêutico*, ao primeiro, e imprópriamente, *técnico*. Como quer que seja, porém, após o curso secundário e aprovado no curso pré-normal o candidato ao magistério, ingressando na Escola Normal, nela realiza a sua formação pedagógica. (1)

Sobre a ineficiência de ambos os cursos multiplicadas vezes têm-se manifestado os entendidos. (2) Do secundário se tem dito que:

- o programa é enciclopédico;
- não dá importância às humanidades clássicas;
- o ensino é superficial;
- o ensino é de quantidade, não de qualidade, etc.

Do curso normal, as principais acusações que lhe fazem, no geral, são as seguintes:

- não dá aos alunos-mestres a necessária formação técnica;
- dá aos alunos-mestres uma falha cultura psicológica e pedagógica, além de ausência de estudos filosóficos;
- não realiza ensino real de Biologia Educacional, cuja orientação deveria ser mais prática, com mais higiene e mais puericultura;
- não realiza com os alunos uma prática de ensino verdadeiro, senão uma "teoria da prática";
- não dá aos alunos suficiente visão da realidade, nem os habilita a jogar com simples atividades de escrituração escolar;
- não habilita os alunos sequer no ensino das técnicas fundamentais. Não ensina a ensinar;
- não realiza o ensino com vistas voltadas para o curso primário em que os alunos, egressos dela, vão lecionar;
- apanha qualquer elemento formado em ginásio, e não realiza qualquer espécie de seleção, para descobrir-lhe o gosto, o preparo e a vocação.

(1) Em 1957 foi radicalmente modificada a estrutura do ensino normal paulista, desaparecendo o curso pré-normal.
(2) Ver: *O problema do ensino secundário e a decadência do ensino no Brasil*, Pe. ARLINDO VIEIRA, S. J.

E, entretanto, a profissão exige daquele que a procura qualidades inatas e cultura. O professor primário, diz ALMEIDA JÚNIOR, se faz como todos os profissionais, à custa de qualidades inatas, despertadas e aprimoradas pela cultura. "Nature and nurture", na sintética e consagrada expressão de GALTON.

Da vocação para o magistério. — Que ela existe, sabem-no todos os que já atentaram para o caso. Mas que há falta de jeito, de queda, de qualidades para o exercício do magistério, é matéria pacífica. Tal candidato se revela no curso normal incapaz de expor qualquer assunto por falta absoluta de predicados; tal, não gosta da criança e aborrece-se em sua presença; tal, finalmente, não quer saber da profissão.

A admissão ao curso normal deve ser restringida pelo exame de seleção exigido por lei, e o diploma só deverá ser conferido àqueles que manifestarem, realmente, gosto para o magistério. (3)

O professor leigo. — Pelo Decreto n.º 4.780, de 28 de novembro de 1930, foram exonerados todos os professores leigos do Estado. O decreto em apêço declarava em seus considerandos que ao tempo regiam classes em escolas reunidas e isoladas, rurais e urbanas, 1.050 professores leigos, e que os processos de habilitação não haviam apurado convenientemente sua competência profissional.

A lei que permitiu a existência do professor leigo no quadro de professores do Estado, é a de n.º 2.269, de 31 de dezembro de 1927.

O ingresso na carreira. — Na parte que a legislação do ensino dedica à — Carreira do professor primário — estão esclarecidos os processos de ingresso, promoção e remoção desse professor no magistério. O concurso que regula o assunto, embora várias vezes modificado, satisfaz. (4)

E uma vez dentro do quadro, cabe ao professor primário, conhecer seus direitos e deveres, adaptar-se ao meio em que se situa sua escola, trabalhar para que nela haja rendimento apreciável.

Professor e ambiente. — A adaptação do professor ao meio é um curioso fenômeno que pode apresentar duas faces: uma adaptação digamos assim, excessiva, integral e absoluta; outra parcial e desejável. Pela primeira há um desajustamento de personalidade — o professor se adapta à linguagem, aos costumes e aos hábitos do meio de tal forma que, em lugar de sobre o meio exercer influência educadora, é sufocado por ele. Acostuma-se à vida rural e ganha todos os vícios do meio limitado.

Adaptando-se inteligentemente ao ambiente, e reagindo para não cair no extremo oposto, pode o professor, porém, exercer influência educativa sobre a população a que a escola serve.

Problemas difíceis nessa adaptação e fixação são comumente a distância, o desnível entre o professor e meio, a pensão e a residência do professor. Não é aqui lugar, porém, de indicar remédios a essas dificuldades.

Rendimento do professor. — Nossa legislação não comina penas a professores que não produzem, que nem sequer alfabetizam. Exigia-se, antigamente, certo número de comparecimentos do professor, no ano, e um mínimo de promoção, para ser efetivado.

Há, entretanto, professores que não produzem, embora sejam iguais as circunstâncias que rodeiam outros, dedicados, honestos e produtivos.

Do aperfeiçoamento do professor. (5) — Se a cultura propiciada pelos cursos secundários deixa tanto a desejar, de acordo com o voto comum; se essa cultura de pouco se enriquece no curso normal e se, finalmente, com o passar dos anos ela decrece,

(3) Criticando a opinião comum de que "nasce-se educador" e de que a aptidão para educar é uma aptidão inata, insuscetível de aquisição por estudos especiais, CLAPARÈDE diz: "Somos obrigados a reconhecer que essa espécie de instinto de educar inerente ao homem, desapareceu na espécie humana".

(4) Ver o Decreto-lei n.º 12.427 e o capítulo XXIX — 2.ª edição.

(5) Ver o capítulo: Biblioteca do Professor.

à falta de estímulos e alimentos, é preciso criar um conjunto de providências capazes de levarem ao professor elementos de cultura ou de trazerem o professor às fontes de aperfeiçoamento.

A biblioteca do professor, nos grupos escolares, nas sedes de Delegacias, a Biblioteca Pedagógica, poderiam criar parte desse sistema de cultura. Um plano de compra de livros pelo Departamento de Educação, facilitaria as leituras; os empréstimos de obras pelas Delegacias de Ensino fariam muito nesse sentido.

A *Revista de Educação*, de publicação trimestral pode converter-se em órgão prestadio de consulta se se transformar em publicação mensal, menos doutrinária; mais prática e mais ao alcance dos professores.

Além dessa revista circulam no Brasil excelentes publicações pedagógicas como a *Revista Brasileira de Pedagogia*, órgão oficial da Confederação Católica Brasileira de Educação (6) do Rio de Janeiro, a *Revista do Ensino*, da Inspetoria Geral da Instrução de Minas Gerais, a *Revista de Educação*, de Espírito Santo e outras. (7)

Além desses recursos para o aperfeiçoamento da cultura do professorado, as reuniões pedagógicas mensais, os cursos abreviados de aperfeiçoamento, as conferências e os cursos mimeografados podem prestar excelentes serviços à causa do ensino.

Papel do professor. — Sediça é a colocação do mestre entre os maiores obreiros do progresso social. Mas nunca é demais insistir na significação de sua tarefa no grupo social, como o arquiteto da grandeza de um povo. Necessitado de possuir qualidades excepcionais e mesmo superiores às exigidas pela maioria das profissões, é comum que ele se faça um tipo estranho aos demais homens, deles diverso e a eles superior.

Na escola ativa seu papel é de guia avisado da criança, afastando-se quando preciso, a fim de não tolher a natural atividade do educando. É o despertador de energias, o criador de situações favoráveis ao crescimento espiritual do aluno, um mestre diferente daquele que só fala e só ordena e só governa, sem permitir a educação do discípulo.

Na escola do bairro (8) sua atuação pode ser das mais profícuas, no terreno da agricultura, da higiene, da socialização do homem, do levantamento do nível de vida da população rural. Não deve ficar esquecido ainda seu papel como agente nacionalizador do estrangeiro e do próprio brasileiro.

Das mais humanitárias poderia ser a sua colaboração nas campanhas em favor da higiene rural. O Dr. SÍLVIO DE ALMEIDA TOLEDO escreveu, a propósito, o livro: *A cooperação da escola primária no combate ao tracoma*, que deveria ser lido por todo o professorado rural.

Professor e educador, professor rural, professor da escola ativa, da educação renovada, muitas têm sido as tentativas de fixar-lhe o feito integral, o conjunto de predicados com que merecesse realmente o nome de educador.

Doz predicados do educador ideal. — Por meio de entrevistas, inquéritos e estudos de outros tipos, bem como através da análise minuciosa das atividades dos professores, têm-se procurado fixar num quadro de predicados aquêles que realmente sejam capitais ao verdadeiro educador.

Clapp fixou dez qualidades, dentre muitas que lhe foram apresentadas, classificou-as na ordem de votação decrescente. Estas qualidades foram as seguintes:

1 — Simpatia; 2 — Aparência pessoal; 3 — Acolhimento; 4 — Sinceridade; 5 — Otimismo; 6 — Entusiasmo; 7 — Cultura; 8 — Vitalidade; 9 — Imparcialidade; 10 — Reserva ou dignidade.

Classificadas novamente estas qualidades, aparecem elas na seguinte ordem:

1 — Acolhimento; 2 — Aparência pessoal; 3 — Reserva ou dignidade; 4 — Otimismo; 5 — Entusiasmo; 6 — Imparcialidade; 7 — Sinceridade; 8 — Simpatia; 9 — Vitalidade; 10 — Cultura. (9)

(6) Infelizmente desaparecido.

(7) Contamos hoje com a excelente *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos — Rio de Janeiro.

(8) Ler a propósito do assunto um excelente trabalho publicado na *Revista de Educação* — maio e junho de 1936, ns. 13 e 14, e subordinado ao título: *Ruralismo no Bairro do Serrote*.

(9) A Livraria do Globo publicou o primeiro volume de sua coleção *Grandes Educadores*, em que escrevemos uma completa e minuciosa biografia de S. João Bosco, o maior educador do século XIX. As demais biografias do volume referem-se a Rousseau, Claparède e Platão.

Se essas forem, realmente, as qualidades desejáveis no educador, será fácil avaliá-las. Mas, quantos defeitos que condenam irremediavelmente o professor, não foram ainda catalogados?

Problemas para estudo.

- 1 — Há uma vocação para o magistério?
- 2 — Como se realiza entre nós a formação do professor primário?
- 3 — Quais as bases dessa formação, de 1930 até hoje?
- 4 — Quais as diretrizes dessa formação na reforma de Caetano de Campos?
- 5 — Quais os predicados desejáveis no mestre primário?
- 6 — Quais as diretrizes da formação do professor primário na Itália, França e Alemanha?
- 7 — Quais as possibilidades de aperfeiçoamento do professor entre nós?
- 8 — Qual a função do professor na zona rural?
- 9 — Qual o papel do professor na zona de povoamento estrangeiro?
- 10 — Quais os direitos e deveres do professor primário?

Trabalhos práticos.

- 1 — Estudar na *Consolidação das Leis do Ensino* a parte referente ao professor.
- 2 — Estudar na legislação do trabalho a posição do professor.
- 3 — Estudar o papel do professor na moderna orientação do ensino.
- 4 — Organizar um resumo da legislação sobre o professor primário.
- 5 — Organizar uma ficha-resumo de artigos, capítulos de livros etc., sobre esse professor.
- 6 — Ler em *Escola Pitoresca* de Almeida Júnior os capítulos sobre o professor.
- 7 — Ler o livro de Kerschensteiner — *A alma do educador e o problema da formação do mestre*.
- 8 — Ler em *L'Education* — de Dupanloup — o capítulo: *L'instituteur*.
- 9 — Ler em *A Escola Nova*, de Jônatas Serrano, o capítulo: *A Escola Normal*.
- 10 — Ler assuntos referentes à formação do professor rural.
- 11 — Estudar o novo Decreto-lei nº 12-427.
- 12 — Ler em *Filosofia de Educação*, de Teobaldo Miranda Santos, o capítulo: *O professor*.
- 13 — Ler o livro de Everardo Backheuser — *O professor*.

Bibliografia — Além do que no Capítulo já foi citado, recomendamos ainda a leitura dos seguintes trabalhos sobre o assunto.

Lustosa, Irene — Uma pesquisa vocacional. *Revista do Ensino* n.º 184, janeiro-março 1947, Belo Horizonte, Minas Gerais.

Revista FORMAÇÃO — Rio, n.º 113, 1947. O professor visto pelos alunos — pesquisa.

IX

DO MÉTODO E DOS PROCESSOS

Leitura. — "Método é palavra de origem grega: *meta* com ou para e *odos* caminho, que significa proceder de certa maneira para alcançar um fim. Assim como de um ponto pode-se ir a outro, servindo-se de caminhos curtos, de caminhos longos, de caminhos fáceis, de caminhos difíceis, assim também uma educação pode realizar-se ou um conhecimento pode ser adquirido em pouco ou muito tempo; de forma agradável ou de forma penosa; de modo econômico ou de modo dispendioso. O método é, na nova pedagogia, a arte de fazer compreender, fixar e manter a atenção espontânea, diferente da arte de transmitir" (VÍTOR MERCANTE).

As linhas transcritas dão com presteza o significado de método e esclarecem suficientemente quem anda à procura dele.

Assunto de grande interesse na formação profissional do mestre, seu desconhecimento gera com frequência no ensino desvios pedagógicos lamentáveis. Por esse desconhecimento é que assistimos a aulas monótonas (falta de interesse do aluno), a aulas passivas (falta de atividade da classe), a aulas intermináveis ou excessivas em matéria (falta de adequação do tempo à capacidade de aprender), a aulas em que o material pretende suprir a ausência de método, etc.

PROBLEMAS PARA ESTUDO E DISCUSSÃO

(1)

Método de ensino e método de investigação científica. Leituras. — a) "Um dos mais graves erros de quem estuda a metodologia didática é a confusão inexplicável entre método de ensino e método de investigação científica. É a origem de sérios mal-entendidos e danos irreparáveis no ensino de cada dia.

No entanto, a distinção é facilíssima" (SAMPAIO DÓRIA).

b) "O método didático recai sobre a maneira como o professor ensina, ou dirige as criações em formação, e o método lógico recai sobre a maneira como o cientista observa, experimenta e raciocina, em face das realidades que ignora, e quer conhecer" (Idem).

c) "Método significa encaminamento; o método científico é o caminho que conduz à ciência. É chamado de invenção, de construção, por oposição ao método didático ou de ensino" (MERCIER).

d) "A Metodologia ou Ciência que estuda os métodos, ensina-nos como devemos comunicar, transmitir quaisquer conhecimentos. Esta Ciência é ainda conhecida pelos nomes de *Didática* (arte de ensinar) ou ainda de *Metódica*" (PIMENTEL FILHO).

NOTA: Para esclarecer o problema que apresentamos, da distinção entre método lógico e método didático, o professor de prática examinará com os alunos a estrutura do método científico: o conjunto dos processos que deve empregar o espírito na investigação e demonstração da verdade, e, nela, quais os processos fundamentais: análise e síntese. Examinará também, sumariamente, os métodos particulares a cada ciência.

(2)

Quantos métodos de ensino existem? — a) "O método, de acordo com a etimologia, sendo o caminho que leva à verdade, não quer dizer que haja um só caminho

para alcançar esse fim. Há várias espécies de métodos, cada um com suas vantagens ou defeitos, cada qual particularmente indicado a este ou àquele estudo, servindo menos para outros" (De várias metodologias).

b) "A intuição-analítica é o meio supremo, o método único do ensino. Tudo mais são confusões e aberrações" (SAMPAIO DÓRIA).

c) "Os métodos gerais de aprendizagem são conjuntos de doutrinas ou princípios pedagógicos, suscetíveis de aplicação em muitas situações didáticas. Tais são, por exemplo, o método da discussão, o de projetos, o de demonstração, etc. Os métodos especiais visam objetos definidos (por ex. o ensino da geografia, da história, da aritmética)..." (AGUAYO).

d) De uma resenha de métodos citados em diversas metodologias podemos anotar os seguintes: *geral, especial, intuitivo, técnico, dedutivo, indutivo, racional, cronológico, regressivo, progressivo, expositivo, interrogativo, de redescoberta, experimental, analítico, analítico-sintético, lógico, de projetos, Decroly, Montessori, de contos, de problemas, Cousinet, de conversação, etc.*

NOTA: Aos normalistas cabe procurar na diversidade de nomes, os caracteres fundamentais do método ou dos métodos de ensino.

Definições de método (para estudo):

1 — **Método intuitivo.** — É o que leva a inteligência do aprendiz ao contato com a realidade. O que provoca sempre, como fase inicial de qualquer conhecimento o exame do respectivo objeto por intermédio dos sentidos. Ou, é o emprego dos sentidos como fonte do conhecimento.

2 — **Método indutivo.** — É o que faz partir de fatos, cujo conhecimento é feito por meio da observação ou da experiência, levando o aluno a induzir ou a descobrir as relações que existem entre esses fatos, para que chegue às leis que os regulam. É a marcha do particular para o geral.

3 — **Método dedutivo.** — O que apresenta verdades ou princípios gerais, fazendo com que os alunos reconheçam que os casos particulares estão compreendidos ou são consequências daqueles princípios. É a marcha do espírito do geral ao particular.

4 — **Método expositivo.** — Consiste na exposição oral ou escrita do professor, no ensino. É a preleção, o discurso, a aula lida.

5 — **Método interrogativo.** — Também chamado dialogal, socrático, de perguntas e respostas.

6 — **Método da redescoberta.** — Parte da ideia exata na base, que a ciência não se transfunde e que deve renascer em cada espírito. Assenta na expectativa de que o aluno, convenientemente dirigido, fará as mesmas descobertas que os criadores da ciência.

7 — **Método analítico.** — É a decomposição da dificuldade para resolvê-la melhor. Pela análise o espírito realiza o trabalho de abstrações. Por ela classifica e compara as coisas; simplifica as relações existentes entre elas e as representa simbolicamente.

NOTA: O aluno normalista estudará especialmente o método analítico no ensino da leitura e da música.

8 — **Método sintético.** — Por este método o espírito verifica as partes que a análise havia separado, ou que foram dadas separadamente à observação. Organiza conjuntos, sínteses.

NOTA: Estudar o chamado método sintético no ensino da leitura e da geografia.

9 — **Método experimental.** — Consiste em provocar experimentalmente o aparecimento de fenômenos, em circunstâncias determinadas, ao sabor do observador, de acordo com o que ele deseja verificar.

Algumas indicações sobre o assunto (de várias fontes):

- 1 — A análise é considerada por muitos instrumentos de método, processo, não método de ensino.
- 2 — A síntese, igualmente, é tida como processo, não método.
- 3 — Há para muitos, um processo de aprender chamado processo intuitivo, base da aprendizagem.
- 4 — A didática deve levar o aluno a analisar para o conduzir gradualmente à prática da síntese.
- 5 — O primeiro trabalho do mestre é fazer o aluno ver os fatos, palpá-los.
- 6 — A intuição é empregada para facilitar ao aluno o trabalho de abstração, indispensável a todo desenvolvimento intelectual.
- 7 — Na escola deve o aluno observar, analisar e sintetizar.
- 8 — Nada vale a observação sem abstração, assim como a abstração sem intuição.
- 9 — As ciências de observação aguçam o espírito de pesquisas, as matemáticas o espírito dedutivo.
- 10 — "Com efeito os três métodos: intuitivo, analítico e sintético, não são mais que um só. A observação, a abstração, o raciocínio, esclarecidos alternadamente pela intuição, análise e síntese nada mais são que nomes diferentes e aplicações diversas de atividades de um só espírito, atividade que constitui a vida consciente, o próprio pensamento" (G. RICHARD).
- 11 — O método intuitivo é o ponto de partida de todos os outros métodos.
- 12 — A intuição nos fornece percepções como primeiros elementos do conhecimento.
- 13 — O método intuitivo constitui a base imprescindível dos conhecimentos, sendo assim a observação é a experiência o ponto de partida de nossas induções; o método intuitivo serve de base ao método indutivo ou inventivo, isto é, constitui a condição necessária para o emprego desse método.

Estudar as seguintes afirmações de Sampaio Dória:

- 1 — A capacidade de conhecer ou é percepção ou é raciocínio. A base de toda percepção mental é sempre e só a intuição, o contato direto da inteligência percebente com a realidade percebida.
- 2 — A intuição é, em suma, a fonte de toda a sabedoria; percebe-se por intuição, e raciocina-se com os dados que a intuição fornece.

Problemas para estudo.

- 1 — Quais os princípios gerais do método?
- 2 — Quais os fundamentos da pedagogia de Montessori?
- 3 — Quais os da de Decroly?
- 4 — Quais os do método de projetos?
- 5 — Quais os do método intuitivo?
- 6 — Quais os do método analítico?
- 7 — Que importância atribui ao método da redescoberta?

Método, processos, e formas de ensino.

Método = caminho para um fim.

a) Processo. — "Chamam-se processos de ensino os meios especiais de que nos servimos na prática dos métodos, visto que um mesmo método pode ser empregado por

processos diversos. Processos de ensino são os meios peculiares empregados na aplicação de um método."

b) "O método é a eficiência dos meios para o alcance dos fins. Os processos devem conter necessariamente o método, mas se diferenciam dele, como os estilos se distinguem da linguagem. Os processos de ensino são os estilos de método didático" (SAMPAIO DÓRIA).

Modos de ensino. — São as diversas maneiras de instruir os alunos: de modo individual, de modo simultâneo, de modo mútuo.

Formas de ensino. — Maneiras de dar a lição, expondo os assuntos, ou interrogando os alunos: forma expositiva e forma interrogativa.

Direções para o professor de prática. — Através de aulas, no curso primário, convenientemente preparadas, o professor levará o aluno a compreender de modo claro e persuasivo os problemas da metodologia.

Sugerimos as seguintes atividades para tal objetivo:

- 1 — Orientar os alunos no conhecimento do método intuitivo, com aulas de lições de coisas, de cálculo, de geografia, etc.
- 2 — Orientar a classe na noção da análise mental, na formação do conhecimento.
- 3 — Mostrar à classe o que é lição indutiva. (1)
- 4 — Mostrar o que é lição dedutiva. (2)
- 5 — Orientar as crianças no processo da generalização e na formulação de princípios e leis.
- 6 — Mostrar o que é chamado método ativo.
- 7 — Mostrar o que é ensino intuitivo em aulas de botânica, zoologia e física.
- 8 — Dar uma aula totalmente expositiva, de geografia, história ou ciência.
- 9 — Dar uma aula de perguntas e respostas.
- 10 — Tentar uma aula que evidencie o valor do método da redescoberta.
- 11 — De um princípio formulado deduzir uma verdade, com auxílio das crianças.
- 12 — Induzir uma verdade em aula de ciência.
- 13 — Dar uma aula sobre a área do retângulo, de tal forma que o seu método se evidencie aos normalistas.
- 14 — Dar uma aula, a fim de nortear a observação da criança sobre o fato de perder o corpo mergulhado na água parte de seu peso.
- 15 — Idem, quanto à dilatação dos corpos.
- 16 — Dar uma aula sobre os movimentos da terra.
- 17 — Dar uma aula sobre forças.
- 18 — Dar uma aula sobre a concordância do adjetivo com o substantivo.
- 19 — Dar aulas aproveitando os seguintes temas:
 - A ordem dos fatores não altera o produto.
 - Multiplicando-se ou dividindo-se ambos os termos de uma fração pelo mesmo número a fração não se altera.
 - Para subtrair de um número a diferença de dois outros, basta somar ao primeiro o menor e deste subtrair o maior.
 - Para dividir um produto por um de seus fatores, basta suprimir esse fator.
 - Se um número for divisível por outro é também divisível pelos fatores desse outro.
 - Um número dividindo as parcelas de uma soma divide também a soma.
 - Emprego de *todo* e *o todo o*.
 - Emprego de *porque* e *de por que*.
 - Nunca se começa sentença com pronome oblíquo.
 - Não se põe crase no *a* antes de palavras masculinas.
 - A reflexão da luz.
 - A soma dos três ângulos de um triângulo é igual a dois retos.
 - A área do triângulo é igual à metade da base pela altura.
 - Um número é múltiplo de outro quando o contém uma porção exata de vezes.
 - O emprego do *m* antes de *b* e de *p*.
 - O emprego de maiúsculas em nomes próprios.
 - De onde e como vem a chuva.
 - Multiplicar um número por 10, 100, 1.000.
 - Expedições exploradoras.
 - Biografia de José Bonifácio.
 - O bicho-da-seda.
 - De onde vem a mósca da fruta?

- Fusos horários.
- "Dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és."
- Os minerais.
- O Rio Tietê.
- O *lhe* nunca pode ser objeto direto.
- Sendo o sujeito coletivo geral o verbo fica no singular.

REGRA: "Levam o acento conveniente, agudo ou circunflexo, as palavras esdrúxulas".

- A Bandeira Nacional.
- O termômetro.
- As cobras.
- Sinônimos.
- Cálculo mental.
- A maleita.
- O amarelão.
- Divisão de frações.

NOTA: Além dos exercícios acima enumerados, é conveniente que os alunos se exercitem no curso primário em aulas de ginástica, caligrafia, desenho e música, a fim de que possam perceber que a metodologia não só considera as matérias que dão conhecimento, mas também as que visam criar habilidades nos alunos: correr, saltar, escrever depressa, copiar modelos no desenho, cantar, etc.

— Ler em *A Escola Nova*, de Jônatas Serrano, o capítulo: *A Escola Normal*. — Sampaio Dória, *Como se ensina, Educação*. — Teobaldo Miranda Santos, *A escola primária, Metodologia, Prática de Ensino*. — Adolfo Lima, *Metodologia*.

X

A LIÇÃO

Leitura. — "A escola tradicional nada mais era que uma casa onde as crianças aprendiam o que lhes era ensinado, decorando as lições que os professores *marcavam*, depois *tomavam*, e que lhes forneciam elementos de informação e saber, que só mais tarde deveriam utilizar.

Tôdas as noções, mesmo pedagógicas, relativas à escola tradicional se prendem a êsses pressupostos.

Estudo. — É o modo de aprender uma lição. *Aprender*, significa aceitar e fixar na memória ou no hábito, um fato ou uma habilidade. *Ensinar*, simplesmente uma doutrinação daqueles fatos ou conceitos. O ciclo era simples: o professor *preleccionava*, *marcava* a lição e *tomava-a* no dia seguinte. Os livros eram feitos adrede, em lições. Os programas determinavam o período para se vencerem tais e tais lições" (ANÍSIO TEIXEIRA).

Diretrizes da lição. — Sob êste título agrupamos algumas notas relativas à lição, na escola, resumindo as idéias de alguns pedagogos que idealizaram processos didáticos, de caráter geral, aplicáveis a todos os estudos.

a) **Os passos formais de Herbart.** — São conhecidos como passos formais da lição, na pedagogia de HERBART, os seguintes: *preparação, apresentação, associação, recapitulação e aplicação*.

Preparação. — Com êste passo inicial prepara-se o espírito do aluno para receber o assunto da lição. As idéias antigas, armazenadas na mente, permitem a aquisição de novas. Estabelece-se entre elas uma ligação, uma associação que facilita a aprendizagem. Só assim se realiza o ato de aprender. A absoluta novidade das idéias novas e a ausência de idéias antigas na mente infantil, impedem a formação de outras.

Apresentação. — Preparada assim a mente infantil, no segundo passo ela entra em contato com o assunto da lição. A apresentação pode ser feita por processos orais, escritos pela interrogação, mediante experiência ou demonstração.

Associação. — O terceiro passo herbartiano visa o estabelecimento de associações no espírito do aluno, com a articulação do velho ao novo. São os exercícios de comparação e de combinação das aquisições já feitas e das novas, permitindo o enlace de idéias, necessário à organização do pensamento.

Recapitulação. — O objeto do quarto passo é a descoberta das idéias gerais e a passagem para o plano das abstrações, com abandono dos casos individuais e das coisas concretas. Aqui cabe o estabelecimento do conceito, da lei, princípio ou regra, reduzindo-se o conhecimento a uma expressão verbal precisa.

Aplicação. — O último passo formal é a aplicação das noções aprendidas aos problemas e coisas da vida. Consiste, geralmente, no uso da teoria aprendida, em exercícios e práticas.

Modêlo de uma lição herbartiana. — O professor, na classe, fala de insetos, dando noções gerais pela palavra ou pelo desenho. A mente do aluno se prepara para aprender a lição. (1.º passo).

Por meio de perguntas bem dirigidas, pela exposição do assunto, o professor apresenta o tema da lição — *insetos*. (2.º passo).

Encaminhando o assunto os alunos associam as noções antigas às novas, retificam-nas, enriquecem-nas, estabelecem comparações, organizam idéias. (3.º passo).

Recapitulando, fixam, generalizam, definem e precisam a idéia: inseto é (4.º passo).

A aplicação pode ser feita com a classificação de insetos, a descoberta de insetos fora da escola, a discriminação de animazinhos que não são insetos, etc.

b) *Os passos formais para Gaudig.* — 1 — Apresentação de um objetivo ou aceitação e compreensão de uma tarefa. 2 — Procura, preparo, exame, seleção e organização dos métodos de trabalho. 3 — Divisão do plano do processo em passos. 4 — Elaboração independente das etapas separadas e união das mesmas em um todo. 5 — Investigação, exame, julgamento, prova, coordenação e valorização do resultado.

c) *Análise do processo de trabalho para Rude.* — 1 — Objetivo do trabalho. 2 — Meios de trabalho (material e meios auxiliares). 3 — O processo de trabalho se desenvolve em forma de trabalho. Estas formas podem ser observações, ensaios e experiências de física, química, biologia, etc.; conversações livres; perguntas do professor e respostas das crianças; informações e dissertações; leitura de fontes históricas e interpretação; ocupação silenciosa em um trecho de leitura, com o lápis, papel ou caderno para tomar notas; trabalho escrito; expressão gráfica; expressão corporal; exercícios físicos e, trabalhos na oficina; exercícios de memorização, etc. 4 — Resultados do trabalho; (expressão; aplicação). (Apud - AGUAYO).

Trabalhos práticos.

- 1 — De acôrdo com o plano de Rude, organizar numa classe de 4º ano um trabalho sobre *A fabricação do gelo.*
- 2 — Dentro do mesmo plano organizar e executar uma aula sobre *A destilação da água.*
- 3 — Idem, sobre o fabrico do papel, do álcool, da louça e sobre a vida do bicho-da-sêda.

d) *Os passos da lição para Sallwürk.* — 1 — *Condição* ou objeto e fundamento da lição. 2 — *Exposição* ou apresentação; e 3 — *Elaboração* subdividida em *resultado* ou *aplicações*.

e) *O tríptico processo de aprender e de ensinar (LAY).* — LAY estabeleceu um curioso esquema de lição com fundamento que chama de biológicos, fisiológicos e psicológicos. Segundo êle, o fenômeno fundamental mais simples, no indivíduo, é a ação e toda ação é um processo fisiológico que apresenta uma parte inicial — o estímulo, uma intermediária, a elaboração e outra final, o movimento ou a inibição de movimento. Daí dividir toda ação em três partes: *impressão, elaboração, expressão.*

No ensino, para o autor citado, prevalecem estas três partes. Depois de anunciar o tema da lição, a que junta a apresentação do objeto respectivo, adotando a forma de problema, o professor deve seguir o tríptico processo de aprender e de ensinar, a saber:

Observação (percepção, intuição, impressão). — Com ela desperta-se o interesse dos alunos e as representações aperceptivas. As observações constituem o material da elaboração. A observação se divide em interior e exterior, de acôrdo com o objeto de sua atenção.

Esta primeira parte do ato se realiza no contato do aluno com as realidades que estuda.

Elaboração. — É a ação interior e que exige a análise e a síntese, a indução e a dedução, a abstração e a comparação. A elaboração ajuíza e deduz, mostra semelhanças e contrastes, coordenações e subordinações, causas e efeitos, meios e fins.

Expressão ou ação exterior. — Consiste no termo da ação, na sua conclusão necessária. Os alunos devem manifestar as suas idéias por meio da expressão, agindo, aplicando o aprendido em ações úteis para sua vida. É a manifestação mais clara do pensamento pela palavra, música, arte, ciência ou gramática.

Para Lay há os seguintes tipos de expressão. — a) *Expressões inconscientes:* gestos, atitudes, movimentos; b) *Expressões conscientes:* 1 — *Conformação,* configuração criadora no terreno científico, artístico, etc. 2 — *Aplicação:* acomodação de expressão a determinadas circunstâncias. 3 — *Acomodação:* adaptação dos órgãos sensoriais e dos processos anímicos a novas percepções e representações — exercício ou expressão para torná-la rápida e segura.

Como preparar uma unidade de ensino ou lição. — LAY considera nessa preparação: 1 — A determinação da totalidade objetiva que deve ser adquirida no ensino intuitivo e da totalidade formal no ensino formal. 2 — A determinação dos meios de *observação* e de intuição, necessários ao desenvolvimento do assunto.

a) observação nas excursões escolares, nas experiências, por meios intuitivos: objetos reais, preparados didáticos, modelos, figuras, etc.

b) experiências e observações na escola: objetos, informações descritivas, etc.

3 — A determinação das *fórmulas de expressão* (linguagem, desenho, música, modelagem, uso do barro, da areia, da madeira, etc.), experiências, cuidados com plantas, animais; representações dramáticas, atitudes, conduta, etc.

4 — A determinação do desenvolvimento das totalidades objetiva e formal nas respectivas matérias.

Um modelo de lição de acôrdo com a técnica de Lay:

1 — *Ensino objetivo.* — A germinação do feijão.

Tema, indicação, problema. — Da semente brota a planta. Verificar como acontece o fato. Por onde começar?

1 — *Observação.* — Plantar e regar a semente. Observar como germina. Qual a raiz? Qual a fôlha? Onde ficam os tegumentos?

2 — *Elaboração.* — Destacar a cobertura da semente. Escrever o nome tegumento, pronunciá-lo. Qual a finalidade do tegumento? Desenho da semente. Estudo do embrião. Procurar o embrião na semente. As fôlhas embrionárias. Conhecê-las. Escrever palavras novas que aparecem. Cotilédones, estudo e desenho.

Estudar mais minuciosamente o embrião. Quais as suas partes? Desenhá-lo.

3 — *Exercício de comparação.* — A alimentação do embrião. Resultados parciais da observação.

As demais partes da totalidade objetiva e verbal são desenvolvidas assim: a) a semente consta de tegumento, embrião e cotilédones; b) no embrião se distingue o eixo da raiz, e eixo do caule, as fôlhas embrionárias e as folhinhas do caule; c) as fôlhas embrionárias contêm a reserva alimentícia; d) a semente tira alimentos do solo; e) o eixo da raiz cresce constantemente para baixo e forma a raiz; f) o eixo do caule, pelo contrário, vai para cima; g) o caule sai do solo, as fôlhas tornam-se verdes; h) ao consumir o embrião as reservas alimentícias, as folhinhas embrionárias ficam vazias e caem; i) a planta passa a alimentar-se por si mesma.

Expressão — verbal, gráfica, física, modelagem, etc.

Instrução formal anexa. Leitura. — Tema. Uma poesia sobre o trigo.

I — *Observação.* — Interpretação da poesia; estudo das idéias.

II — *Elaboração.* — Explicação do lido, resumo das idéias.

III — *Expressão.* — Leitura expressiva: gestos, mímica, declamação.

Problemas para estudo.

- 1 — Qual o tríptico processo de aprender para Lay?
- 2 — Quais os exercícios de expressão nesse plano?
- 3 — Como organizar um plano de lição de acôrdo com êle?
- 4 — Como dar uma aula sobre o milho, na mesma orientação?

Trabalhos práticos (de acôrdo com o plano).

- 1 — Dar uma aula sôbre a semente (2º ano).
- 2 — Criticar as idéias de Lay, confrontando-se com as da moderna orientação do ensino.
- 3 — Preparar e executar uma aula sôbre ofídios (3º ano).

A matéria e o assunto da lição. — Exige-se do professor primário cultura geral, mínima, preparação propedêutica dada pelos cursos secundário e normal. Para desenvolver e enriquecer essa cultura, o professor deve ler. A leitura de livros e revistas é-lhe indispensável. O curso de línguas do ginásio deve ter-lhe dado a capacidade de traduzir obras inglesas ou francesas.

O assunto da lição precisa estar, por isso, incluído nos elementos dessa cultura geral. Não é criação de véspera, mas simples revisão de noções. *Revisão*, sumário e plano. Suponhamos um assunto qualquer de lição. Como explorá-lo na escola?

Sugestões para o trabalho:

- a) No assunto há coisas fundamentais e há coisas acessórias. É preciso separar o útil do dispensável.
- b) O assunto pode ser encontrado em livros ou revistas. É necessário fazer dêle uma revisão cuidadosa.
- c) O tempo de uma lição deve ser graduado de acôrdo com os alunos: admite-se uma aula de 20 ou 30 minutos no curso primário, uma de 50 minutos, no secundário.
- d) Não procurar esgotar o assunto. A capacidade de aprender da criança é limitada. Além disso não ficam com a aula esgotadas as noções que êle encerra.

Dos objetivos da lição. — Ninguém sabe definir exatamente o que visa a sua aula. A aula pode instruir, educar, exercitar o aluno, examiná-lo, ensinar-lhe noções, etc. Mas quem leciona pode precisar com relativa segurança quais os objetos que procura com esta ou aquela lição: ensinar frações, raiz quadrada, etc. Daí a necessidade de fixar o fim que procura, com a lição: ensinar a tabuada do 8, verificar a capacidade de calcular dos alunos, orientar a feitura de uma composição, etc.

Objetivos possíveis

ensinar vocabulário — rever o aprendido — medir o aprendido — exercitar no desenho, no cálculo, na modelagem — melhorar a pronúncia — ensinar o número 10 — ensinar a área do retângulo — ensinar a dividir — ensinar a fazer mapas etc.

Da classe. — A classe pode ser homogênea (selecionada por testes, por notas de promoção, etc.). Pode ser constituída de elementos de desenvolvimento mental diferentes. Pode ser forte, fraca ou média. É conveniente, por isso, conhecer a classe em todos êsses aspectos, a fim de ensinar com proveito. É conveniente, na prática do ensino, verificar:

- a) Número de alunos da classe;
- b) seleção dos alunos;
- c) disposição dos alunos, na sala;
- d) seções em que está dividida;
- e) mobiliário, etc.

Como vai dispor os alunos durante a lição:

- a) Conserva-os nos lugares;
- b) Traz uma seção para junto do quadro negro;
- c) A aula é dada fora, no jardim, no recreio;
- d) Os alunos ficam dispostos em volta da mesa;
- e) Os alunos que ficam desocupados recebem tarefas.

Da verificação do desenvolvimento mental da classe e de seu preparo. — A verificação de uma como de outra coisa pode ser feita através de:

- a) prova escrita, comum: sob questionário, ou trabalho livre, ditado, resolução de problemas;
- b) interrogatório;
- c) leitura oral ou silenciosa;
- d) testes de escolaridade e de inteligência.

NOTA: É de grande valor conhecer ambos os pontos lembrados nesta última parte. O seu desconhecimento é causa dos maiores erros na realização da prática do ensino.

Da preparação mental do aluno. — O fenômeno da pré-atenção, bastante estudado em psicologia, esclarece a necessidade dêsse preparo. O aluno deve ser conduzido ao exame de um problema ou de um princípio, com a atenção preparada, disposto a aprender.

Recomenda-se que:

- a) o professor recapitule noções fundamentais indispensáveis à formação de outras mais amplas ou mais profundas;
- b) que o trabalho de aprendizagem, do aluno, seja suficientemente motivado, que êle esteja interessado no trabalho.

Do ponto de partida.

a) CLAPARÈDE diz: "Uma lição não deve ser outra coisa mais que uma resposta, resposta que a criança acolherá com tanto maior avidez quanto mais tenha sido levada a formular as questões que lhe dizem respeito". (Ponto de partida — necessidade da criação);

b) DEWEY, por sua vez: "A melhor, se não a única forma de preparar a lição é aquela em que o objeto a ser aprendido suscita a necessidade de uma explicação, apresenta uma particularidade inesperada, perturbadora". (Ponto de partida — situação problemática).

c) O ponto de partida pode ser a exposição do tema pelo professor: Princípio de Arquimedes ou Mamíferos.

d) Pode ser a proposição de um problema formulado pelo professor: Por que o mar ora avança sôbre a praia, ora recua?

e) Pode ser uma indagação do aluno: P., que quer dizer aerólito?

f) Pode ser ainda a leitura de uma lição do livro, a apresentação de gravuras, objetos ou animais, a contagem de história, etc.

Do método. — "Que pretende o professor? Fazer-se compreendido. É êste o seu fim imediato. O que o professor quer é produzir no cérebro de seus alunos, o fenômeno da compreensão. O professor intenta ser compreendido. Sem dúvida lhe ilumina o espírito a finalidade última da educação. Mas, quando ensina, o que lhe cumpre, é que os alunos entendam o que explica." (SAMPAIO DÓRIA).

O trecho reproduzido lembra exatamente o fato — o professor quando ensinar procura favorecer no aluno o fenômeno da compreensão.

Papel do mestre: — preparo da lição, ordenação de atividade, exercício de recapitulação, preparo de material, govêrno dos alunos.

Papel do aluno: — atividade: "O princípio de atividade própria do educando é o único apto a criar e aperfeiçoar a capacidade de acertar, e o hábito sucessivo de agir com acôrto". (SAMPAIO DÓRIA).

Princípio a seguir na lição: Learning by doing. — Na realização da aprendizagem ao professor cabe dar ao aluno a necessária liberdade de ação, permitindo-lhe a pergunta, a pesquisa, a consulta, etc.

O professor para boa processuação de sua aula pode recorrer a ilustrações, esquemas, experiências, gravuras, interrogatórios, objetos, filmes, leituras, etc. São os recursos auxiliares.

Das aplicações e dos exercícios. — A lei do exercício e a lei do uso devem ser obedecidas no ensino.

Costuma-se fazer o aluno aplicar e usar o aprendido em atividades reais, em casa ou na escola. São tipos desses trabalhos:

- a) redigir sob questionário — copiar — organizar sinopses;
- b) resolver problemas;
- c) realizar experiências;
- d) ler, resumir o lido;
- e) realizar trabalhos manuais;
- f) ensinar outras pessoas;
- g) observar e redigir as observações.

Da continuidade da experiência. — A lição dada na escola não constitui nunca uma experiência absolutamente nova, que não tenha ligação com as experiências passadas, nem futuras. É um elo na cadeia dos conhecimentos.

Experiência A »————» Experiência B »————» E C

A aprendizagem do processo de achar o máximo divisor deve ter base em noções anteriores e deve preparar o aluno para outras.

Dos deveres escolares. — Algumas recomendações devem ser feitas ao professor a propósito das tarefas dadas aos alunos, em casa:

- 1 — Não sobrecarregar o aluno de trabalhos.
- 2 — Não dar tarefas que não possam ser verificadas.
- 3 — Não dar tarefas mal orientadas, mas redigidas.
- 4 — Não dar trabalhos impossíveis de realização pela criança.
- 5 — Não dar trabalhos inúteis: cópias, escrever números, escrever linhas.
- 6 — Comentar os trabalhos recebidos.
- 7 — Animar o aluno de trabalhos fracos.

Da organização do plano de lição. — Depois do exame das questões, já esclarecidas, o professor pode organizar seus planos de aula, fixando ponto por ponto os diversos itens enumerados.

NOTA: 1 — Para o preparo geral do professor ver a relação de livros do capítulo Biblioteca do Professor e o livro de João Toledo, *Planos de lição*.
2 — Com relação a material didático ver o 1º capítulo deste livro.
3 — Para orientação geral das aulas ler os planos que vêm em diversos capítulos.

Como exercício.

1 — Examinar cuidadosamente o significado das seguintes expressões, de uso corriqueiro na técnica didática: expor um assunto, fazer a exposição de certa questão; lecionar certa matéria, dar lição; explicar determinado tema, fazer a explicação de um ponto de história; interrogar um aluno sobre assuntos determinados; interrogar em exames; examinar um candidato, fazer uma verificação de capacidade; orientar uma classe em certo assunto, ensinar esta ou aquela matéria; discursar e conversar, repisar um assunto, marcar lições, tomar lições, objetivar o ensino, concretizar o ensino e recitar uma lição.

2 — Ler e comentar este trecho de Dewey.

"O emprêgo da palavra *lição* (*recitação*) para designar o período de contato intelectual o mais íntimo entre o professor e o aluno é um termo lamentável. Recitar significa citar de novo, repetir, dizer e dizer ainda uma vez. Se chamarmos esta atividade de reiteração, este termo exprimiria bem menos claramente que a palavra *recitação* quando a instrução está dominada pelo cuidado de reproduzir informações alheias e de aprender de cor, para dar no momento desejado, respostas corretas."

3 — Ler nos livros abaixo citados o que se refere à lição e ensinar.

- 1 — *Como se ensina* — Sampaio Dória.
- 2 — *Ensinar a ensinar* — Afrânio Peixoto.
- 3 — *Como pensamos* — John Dewey.
- 4 — *Didática da Escola Nova* — Aguayo.

Defeitos comumente observados nas aulas de prática.

- a) O plano de aula embora bem organizado, não tem correspondência na aula. A aula, apesar do plano, é improvisada.
- b) O plano é organizado com perguntas e respostas, o que constitui coisa inútil.
- c) A linguagem é mal usada: as perguntas são mal formuladas e as crianças não entendem o praticante; o praticante usa de repetições monótonas: *né, né, então, então*: a linguagem é obscura; a linguagem é preciosa, difícil, pedante; a linguagem é viciada: um livro para mim ler, ou um baita homem; a voz é inaudível.
- d) A interrogação é feita a um grupo de alunos, ou a determinado aluno. As respostas são dadas em côro.
- e) O material é desnecessário — A noção a ser aprendida é simples, mas o material é variadíssimo, ruidoso, complicado; o material é mal usado, usado fora do tempo; o material trazido à classe não é usado.
- f) A ilustração feita no quadro negro (desenho pedagógico) é defeituosa. Ex.: "Isto é um quadrado", diz o praticante, e faz um retângulo qualquer; a ilustração é muito pequena, muito confusa, muito apagada.
- g) As gravuras usadas na aula são muito pequenas, impróprias, deseducativas.
- h) As noções são dadas erroneamente. Ex.: Dizer que tudo o que voa é ave; dizer que um pólo é quente, outro é frio, explicar que inseto é bichinho; dar o Sul de São Paulo em Santana, etc.; complicar o que é fácil. Ex.: Dizer que a causa da chuva são as "precipitações atmosféricas".
- i) A atitude do praticante é condenável porque anda sem parar, na classe assume ares doutorais, não sente a classe nem governa os alunos, mostra receios infundados, grita, declara-se enganado no que ensinou, ou esquecido de tudo, etc.

Dos exercícios de observação. — O aluno praticante relatará o que observar com relação aos itens abaixo (ficha geral) e com relação às demais normas.

NORMAS PARA OS EXERCÍCIOS DE ESTAGIO E DE OBSERVAÇÃO NAS CLASSES DO CURSO PRIMÁRIO

(Ficha geral)

I. OBSERVAÇÕES GERAIS PARA O PRATICANTE OU ESTAGIÁRIO:

Deverá apresentar-se ao professor da classe, já informado sobre a marcha do ensino, na disciplina, e colocar-se em situação adequada à observação da aula escolhida ou para que foi designada. Recomenda-se ao estagiário disposição mental para observar com o firme propósito de aprender, a direção geral do trabalho docente, a atitude dos alunos, o desenvolvimento metódico da lição, a fim de colher dados de interesse para a sua formação pedagógica. O observador deverá registrar nesta folha, em folha especial ou caderneta fatos cuja apreciação posterior em seminário ou aulas de crítica possa trazer vantagens à realização da prática do ensino. Dará, nesse trabalho, preferência às questões de real valor didático, deixando de lado, por menores inúteis. Assim, destacará, especialmente, questões de metodologia e aprendizagem, processos de ensino, princípios de ação docente. Colherá, sempre que possível, elementos com que enunciar e debater em círculos de estudo *problemas didáticos*, de cujo exame, discussão e solução tirará com seus colegas experiência para o exercício do magistério. Manterá, para tanto em benefício de sua formação prática, espírito aberto e acolhedor às realidades do ensino e procurará aprender com os professores titulares das cadeiras e ministrantes da aula a técnica do ensino, para ganhar também a capacidade de técnico do ensino.

II. REFERÊNCIAS PARA OBSERVAÇÃO:

1. Condições da *sala de aula* com relação ao ambiente, arejamento, iluminação, ventilação, capacidade, silêncio, mobiliário, acesso, etc.
2. Observações sobre os *alunos* na sala, laboratório, biblioteca, etc.; número de alunos, disposição ou distribuição, atitude disciplinar, relações sociais, cooperação no trabalho, etc. Apreciar os interesses manifestados, os motivos fundamentais de aprendizagem, as perguntas, os problemas apresentados ao professor, as sugestões provocadas pelo trabalho, etc.
3. Observação sobre *material* didático usado na aula e sobre outros recursos facilitadores do ensino. Citar a espécie do material, origem, uso, distribuição, praticidade, utilidade, adequação à lição. Observar o emprego de manuais, livros de leitura, mapas, aparelhos, etc.
4. Observar o lugar da *matéria da lição* no conjunto do programa total (curso) e particular (série). Considerar a articulação possível e efetiva da aula do dia com as demais, no ano letivo.
5. Fazer anotações a respeito dos *trabalhos dos alunos*, em classe, bem como a respeito de tarefas para casa. Apreciar os problemas dados, os exercícios, os questionários, os testes, os sumários. De cada tipo antes enumerado guardar cópia.
6. Observar, atentamente, as direções teóricas da aula (*método*), e as realizações práticas (*processo*), anotar as linhas do trabalho docente (*ensino*) e as do trabalho mental do aluno (*aprendizagem*). Conhecer o trabalho didático com relação aos exercícios de raciocínio, juízo e crítica no aluno, e às tarefas de memorização e de elaboração pessoal das lições.
7. Anotar dentro do plano geral do observado o problema de maior interesse que encontrou na aula.
8. Observar os predicados da *linguagem* didática empregada na aula.
9. Considerar o assunto da aula dada sob os aspectos de rigor científico, educabilidade do aluno, contribuição para a sua formação intelectual, moral ou cívica.
10. Apresentar sugestões de natureza didática a respeito de medidas que a seu ver, poderiam melhorar a ação docente: novo método, nova distribuição de exercícios, outra técnica de apresentação dos assuntos.
11. Declinar sua opinião a respeito de fatos que, embora de valor para o exercício do magistério, não foram, entretanto, incluídas nestas normas.

I — Assunto de aula:

- a) Sobre que assunto versava a aula a que assistiu?
- b) Como foi apresentado o assunto?
- c) Foi dado pelo professor?
- d) Foi sugerido pelo aluno?
- e) Nasceu de qualquer fato ocasional?
- f) Estava dentro de um *centro* ou de um *projeto*?
- g) Era sugestivo, original?
- h) Como foi desenvolvido?

XI

A PRÁTICA DO ENSINO NAS ESCOLAS NORMAIS

Leitura. — "Seria interessante que os professores de Didática das escolas normais viessem verificar como lecionam os seus ex-alunos. Incapazes, pela diversidade do meio e deficiência do material, de uma pronta aplicação dos conhecimentos adquiridos, deixam-se influenciar pelos velhos processos e põem em prática, empiricamente, a antiga processuação de um ensino que não estudaram. Aparecem assim em uso as velhas tábuas de Parker, monotonamente decoradas, as contas abstratas e quilométricas e o ensino de leitura sintético, num arremêdo do velho Tomás Galhardo." (Do relatório de um Delegado Regional do Ensino).

Velhas e conhecidas falhas na prática do ensino. — O convívio dilatado com assuntos de escola normal, a orientação da prática do ensino em algumas delas, o olhar sempre vivo sobre os seus problemas deram-nos, a nós, alguma experiência das falhas que prejudicam o preparo profissional do professor, no Estado.

No que diz respeito a essas falhas assinalamos estes pontos: a) descontinuidade do trabalho docente; b) irresponsabilidade no trabalho; c) ambientes artificiais de trabalho; d) despreparo do candidato ao magistério; e) escassa atividade do aluno-mestre; f) orientação inaceitável dada ao curso de prática.

Dando atenção aos pontos citados, não preciso comentá-los largamente. Basta lembrar aqui e ali um fato:

- a) Descontinuidade de prática. Há alunos, que em dois anos de curso dão uma aula prática.
- b) A aula dada é sem responsabilidade do aluno. Os maiores absurdos podem ser cometidos por ele.
- c) Os alunos são levados a classes primárias em que, muitas vezes, observam as maiores heresias pedagógicas.
- d) Não é a prática do ensino que vai dar preparo ao aluno de Escola Normal. Devia ser o ginásio.
- e) A orientação errônea dada ao curso de prática é a causadora de males irremediáveis na formação técnica do professor. Em lugar de cuidar de coisas práticas, úteis e compreensíveis, a prática do ensino procura nebulosas de métodos e de processos, invertendo ainda a ordem natural das coisas, com a realização de projetos, centros de interesses, e unidades de trabalho, antes mesmo que o normalista conheça uma palavra sobre o ensino da leitura ou do cálculo.

Como consequência desses desvios vem o Estado recebendo, anualmente, turmas de professores sem o devido preparo propedêutico e técnico.

Matérias de ensino. — Orientação salutar a que introduziu, anos atrás, na cadeira de metodologia das escolas normais, a revisão das matérias de ensino. Cumpre restaurar esse plano, de inestimáveis benefícios para a formação do mestre.

Enquanto não o fôr, porém, uma coisa pode ser praticada: a organização de um curso de língua vernácula nas escolas normais, com o essencial sobre a matéria. (*)

Outra necessidade é a de praticar o normalista durante o curso normal, no mínimo, os assuntos do programa primário. O estudo das questões nêle apresentadas no curso secundário.

(*) O português foi introduzido nos três ou quatro anos do curso normal, em 1957.

2 — Método:

- O método usado era analítico, sintético, fônico, misto, de palavras, de sentenças?
- Nos exercícios de leitura foi considerada a função visual?
- O método era ativo?

3 — Vocabulário:

- O vocabulário empregado era da vida infantil?
- Como foi apresentado?
- Por que foi apresentado?
- Era sugestivo?
- Quais as palavras mais empregadas?
- O vocabulário foi dado pela criança ou pelo professor?
- Continha rimas, palavras expressivas?
- Como foi fixado e quais as vias de aquisição: visual, auditiva?
- Houve repetições, associações?
- Houve emprêgo de gravura, desenho, para esclarecê-lo?

4 — Pronúncia:

- Observou defeitos de pronúncia, na classe?
- Como classificar êsses defeitos? (*)
- Houve correção de erros de pronúncia?
- Como foi feita?

5 — Escrita:

- Espécie de aula assistida (caligrafia, cópia, ditado, etc.);
- Modêlo;
- Onde estava escrito?
- Como foi escrito?
- Interêsse dos alunos;
- Duração da aula;
- Tipo de letra;
- Material do aluno: caneta, papel, lápis ou pena.

6 — Escrita:

- Como foi feita a avaliação do trabalho do aluno?
- Havia escalas para confronto?
- Quem fez avaliação: o aluno, a professora?
- Qual a posição dos alunos, no escrever?
- Quais os defeitos observados nessas posições?

7 — Desenho:

- Desenho cópia, ornamental, do natural;
- Havia colorido?
- Que material foi empregado para isso?
- Havia modêlo?
- Qual a duração da aula?
- Qual o material dos alunos?
- Qual o assunto do desenho?
- Como foi avaliado o trabalho?

8 — Geografia:

- Exposição de assunto?
- Qual o assunto versado?

(*) Ver no capítulo da linguagem: *Algumãs indicações interessantes sôbre o problema da prolação.*

- Houve perguntas?
- Como foram feitas?
- Houve emprêgo de gravuras?
- Houve desenhos do professor ou dos alunos?
- A aula foi ativa?
- Que duração teve?

9 — História:

- Foi aula de fase anedótica?
- Da fase biográfica?
- De recapitulação?
- Exposição?
- Qual o assunto versado?
- Houve adoção de livro?
- Houve desenho pedagógico?
- Houve construção?
- Qual o interêsse que a classe manifestou pelo assunto?
- Qual a atitude do professor?

10 — Aritmética:

- Qual o assunto da aula?
- Foi de contas ou de problemas?
- Foi de tabuada?
- Usou-se nela material?
- Foi aula prática?
- Houve uso de livros?
- Como foram dados os problemas?
- Foram problemas da vida prática?
- Tipo dos problemas?

NOTA: Observar o processo que as crianças empregam na resolução de seus problemas.

11 — Aritmética:

- Os problemas da aula foram escritos no quadro?
- Foram ditados?
- Foram tirados de livros?
- Houve apêlo ao raciocínio do aluno?
- Como se encaminhou êsse raciocínio?
- Como se avaliou o trabalho?

12 — Aritmética:

Direção. — Assistir a uma aula de problemas no curso primário, realizando as seguintes observações e atividades:

Como foi dada a aula? Que relação havia entre ela e as outras aulas do dia? Quem apresentou os problemas? Eram problemas orais ou escritos? Como foram escritos? Foram interpretados pelos alunos? Qual a linguagem dos problemas? Como foi orientado o raciocínio? Como se alcançou a solução? Qual a resposta dos problemas? Quantos alunos acertaram, quantos erraram? O problema estava ao alcance da classe? As crianças podiam resolver os problemas dados?

NOTA: a) Copiar os problemas da aula; b) procurar a porcentagem de erros e de acertos; c) apresentar sugestões de melhor objetivação dos problemas em aprêço.

13 — Desenho:

Em qualquer classe do curso primário.

1 — Observe o tipo do desenho do aluno: cópia, imaginação, história, ou ilustração de aula. 2 — Se é cópia procure observar o modêlo; e sua colocação na sala,

sua posição para os alunos. Observe tamanho e visibilidade do modelo. 3 — Observe especialmente no desenho da criança: a proporção das partes, a fidelidade da cópia, o colorido. 4 — Se é desenho de imaginação, observe: a) assuntos escolhidos pelos alunos; b) originalidade, expressão; c) certos característicos do desenho infantil: transparência, exagero de minúcias, ausência de coisas essenciais, etc. 5 — Observe a orientação que o professor deu à aula e colecioner dez desenhos dos mais originais.

14 — Cartografia:

Direção. — Observar uma aula de cartografia no curso primário, notando: 1 — Que relação há entre o mapa ou "croquis" e as outras atividades da aula? 2 — Que finalidade se procura com o trabalho em aprêço? 3 — Como as crianças realizam o trabalho? 4 — O mapa sucedeu ou antecedeu a aula de geografia? 5 — Como as crianças representam o relevo e os rios? 6 — É precisa a localização dos lugares? 7 — Quais os defeitos principais que observou nos mapas? 8 — Qual o modelo dos mapas feitos pelas crianças?

Nota: Colecionar alguns mapas feitos pelas crianças.

15 — Caligrafia:

Direção. — Numa classe primária assista a uma aula de caligrafia e fixe sua atenção nos seguintes pontos: 1 — Qual o modelo apresentado à criança? 2 — Nêle, qual o tipo de letra, qual a visibilidade, qual a colocação na classe? 3 — Em que papel escrevem as crianças, com que lápis, pena? Quais os cadernos usados? 4 — Os cadernos eram de pauta? 5 — Qual a posição das crianças no escrever? 6 — Como as crianças copiam o modelo? 7 — Como é feita a verificação e a correção dos erros? 8 — Que assistência o professor presta à aula? 9 — Qual o interesse da classe, pelo trabalho?

Nota: Procure dar nota nos trabalhos feitos. Procure achar a melhor letra. Procure guardar modelos do trabalho. Organize uma coleção de trabalhos de caligrafia, para conhecer letras de crianças.

16 — Leitura:

Direção. — Ao observar uma aula de leitura (3.º ano), fixe especialmente sua atenção no assunto da aula, para estudar o seguinte: 1 — Qual o assunto da lição de leitura? 2 — Que achou dêsse assunto? 3 — Interessou a criança? 4 — Observe como foi feita a sua leitura. 5 — Como foram dados os sinônimos? 6 — Que modificações introduziram no assunto para torná-lo mais educativo ou interessante? 7 — Como apresentaria a lição? 8 — Que sugestões para atividades da classe, tiraria do assunto? 9 — Que exercícios faria com a mesma lição? 10 — Que qualidades observou na aula assistida?

17 — História:

Direção. — Ao assistir a uma aula de história, no 2.º ano, procure fazer as seguintes observações: 1 — O assunto estava dentro de um centro ou projeto? 2 — Como surgiu o assunto na aula? 3 — Que interesse as crianças mostraram por êle? 4 — Como o professor conduziu o trabalho? 5 — Que atividades realizaram as crianças? 6 — Que material foi usado e como o foi? 7 — Como o professor adaptou o assunto à compreensão infantil? 8 — Que fases da aula mais apreciou? 9 — Resuma a aula assistida. 10 — Que modificações introduziria no plano dessa aula?

18 — Geografia:

Direção. — Assistir a uma aula de geografia num 3.º ano, com a seguinte tarefa: 1 — Observar o material empregado. 2 — Observar a movimentação do trabalho. 3 — Confeccionar um jogo adequado à aula assistida. 4 — Preparar material que auxilie o professor na aula em aprêço.

19 — Física:

Direção. — Assistir a uma aula de física num 4.º ano e dar conta do seguinte trabalho: 1 — Fixar os objetivos da aula. 2 — Orientar a classe na confecção de material para outras aulas (aparelhos para experiências). 3 — Realizar uma experiência sobre a distilação da água.

20 — Composição:

Direção. — Depois de assistir a uma aula de composição num 3.º ano, responder às seguintes questões: 1 — Qual o assunto da composição? 2 — Como foi êle sugerido? 3 — Como foi preparado? 4 — Como foi avaliado, depois de feito? 5 — Que interesse as crianças manifestaram pelo exercício? 6 — As crianças poderiam realizar o trabalho pedido? 7 — Que assistência prestou o professor durante a realização da tarefa? 8 — Que erros comuns ofereciam os trabalhos? 9 — Como poderia classificar êsses erros? 10 — A que atribui a existência dêsse erros nos trabalhos?

Nota: Copie a melhor e a pior composição da classe. — Apresente a relação de erros e sua frequência.

21 — Ditado:

Direção. — Tendô assistido a uma aula de ditado, em 2.º ano, observe as seguintes questões: 1 — Por que foi dado êsse exercício? 2 — De onde foi tirado o assunto? 3 — Como foram apresentadas as palavras desconhecidas? 4 — Como foi feita a correção de erros? 5 — Qual a duração do exercício? 6 — A que atribui os erros das crianças?

Nota: Copie o trecho dado no ditado. Faça uma relação dos erros de grafia, da classe. Dê nota nos trabalhos. Faça um gráfico de notas.

22 — Educação cívica:

Direção. — Depois de assistir à aula de educação cívica, responda ao seguinte questionário: 1 — O assunto interessou as crianças? 2 — Houve atividade na classe? 3 — Os exemplos, os fatos foram tirados da vida real? 4 — Que benefícios poderia a criança auferir da aula para a sua educação cívica?

Nota: Resuma a aula assistida e faça aos colegas de escola uma exposição do assunto. Diga que modificação fará no plano da aula assistida e justifique isso ponto por ponto.

23 — Operações aritméticas:

Direção. — Observada uma aula de contas, responda às seguintes questões: 1 — O trabalho realizado pela criança foi inteligente ou mecânico? 2 — Compreenderam as crianças o porquê de certas práticas? 3 — Como as crianças usaram as tabuadas? 4 — De que recursos usaram as crianças para calcular: contaram nos dedos, usaram tornos, cubos? 5 — Praticou-se o cálculo mental? 6 — Houve mero emprêço de contas ou elas foram integradas em problemas? 7 — Os cálculos podiam ser realizados pelas crianças?

Nota: Copie as contas que viu realizadas. Faça um plano de ensino inteligente de tabuada. Relate os defeitos que observou na aula assistida.

24 — Livro de Leitura:

Direção. — De acôrdo com as indicações das fichas do 28.º capítulo sobre livros de leitura, estudar os livros usados no curso primário. Relatar depois as conclusões de seu exame.

25 — Correção de trabalhos escritos:

Direção. — Procure assistir a uma aula de correção dos trabalhos escritos para observar: 1 — Como foi feita a correção de erros? 2 — Quantos erros foram corrigidos? 3 — Quem corrigiu os erros? 4 — Como trabalhou a classe nessa correção? 5 — Foram escritos os erros no quadro negro? 6 — Foram copiados os erros

pelos alunos? 7 — As crianças passaram a limpo os trabalhos? 8 — De que espécie eram os erros corrigidos? 9 — Que notou de interessante no trabalho? 10 — Que interesse manifestaram os alunos na aula?

26 — Reprodução:

Direção. — Verifique, assistindo a uma aula de reprodução, as seguintes questões: 1 — Por que e como foi dado o exercício? 2 — Qual o assunto escolhido? 3 — Qual a motivação do trabalho? 4 — Como foi apresentado o assunto? 5 — Qual o interesse da classe no trabalho? 6 — Quais os valores da atividade: reproduzir? 7 — Como foi avaliado o trabalho?

NOTA: Faça um teste de verificação do aprendizado. Aplique a prova e verifique o seu valor. Apresente sugestões sobre aulas iguais à assistida.

27 — Higiene:

Direção. — Observe em classe de 4.º ano: 1 — Sobre que versou a aula de higiene? 2 — Qual a atitude dos alunos, na aula? 3 — Que proveito poderiam tirar da aula? 4 — Que material foi usado, no assunto? 5 — Que conselhos e noções foram transmitidos? 6 — Qual o valor dessas noções? 7 — Houve algum trabalho prático? 8 — Houve leituras? 9 — Qual a motivação da aula?

28 — Tarefas para casa:

Direção. — Observe em qualquer classe do curso primário: 1 — Que tarefas são dadas às crianças para casa? 2 — Quantas vezes na semana levam elas essas tarefas? 3 — Como são copiadas essas tarefas? 4 — Há pontos para estudar? 5 — Como é feita a correção das tarefas? 6 — Quando é feita a verificação do trabalho de casa? 7 — O trabalho de casa vem sendo feito sistematicamente?

NOTA: Copie em seu caderno de prática algumas dessas tarefas.

29 — Jogo educativo:

Direção. — Tendo oportunidade de assistir à prática de um jogo no ensino, procure observar: 1 — Qual a finalidade desse jogo? 2 — Qual a sua técnica? 3 — Como foi empregado na aula? 4 — Quem construiu o jogo? 5 — Quais os serviços que prestou? 6 — Que interesse manifestaram as crianças por ele? 7 — Que modificações sugeria no jogo em aprêço? 8 — Que defeitos encontra na prática do jogo?

NOTA: Copie em seu caderno de prática algumas dessas tarefas.

30 — Trabalhos manuais:

Direção. — Em qualquer classe do curso primário observe as seguintes questões: 1 — Como as crianças fazem seus trabalhos? 2 — Os trabalhos são os mesmos para toda a classe? 3 — Onde são feitos os trabalhos: na carteira, em mesas? 4 — Qual a origem do material empregado? 5 — Qual ou quais os modelos? 6 — São trabalhos caros, práticos? 7 — Qual a orientação do professor aos alunos? 8 — Onde são guardados os trabalhos por acabar? 9 — Onde são expostos os acabados? 10 — Que benefícios observou na prática dos trabalhos manuais nessa classe?

QUESTÃO: Devem ser vendidos os trabalhos manuais feitos pelas crianças?

31 — Projeto:

Direção. — Ao observar um trabalho como projeto escolar procure conhecer as seguintes particularidades: 1 — Como foi iniciado o projeto. 2 — Qual o interesse das crianças por ele. 3 — Qual o papel do professor no trabalho. 4 — Qual o dos alunos. 5 — Qual o papel das técnicas fundamentais dentro do projeto. 6 — Qual o horário reservado ao projeto. 7 — Qual a duração do projeto. 8 — Quais os benefícios que a atividade trouxe para a classe.

32 — Centro:

Direção. — A observação que fizer sobre o desenvolvimento de um centro de interesse pode subordinar-se aos seguintes pontos: 1 — Como foi iniciado o centro? 2 — Qual o interesse das crianças por ele? 3 — Qual o papel do professor no trabalho? 4 — Qual o dos alunos? 5 — Em que horário é desenvolvido o centro? 6 — Qual a disciplina dos alunos no trabalho? 7 — Como usam a linguagem oral e escrita no centro? 8 — Que fazem as crianças fora da escola para realizar o trabalho? 9 — Que colecionam? 10 — Que visitas fazem?

NOTA: Copiar no caderno de prática as diversas fases do trabalho assistido.

33 — Método:

Direção. — Ao assistir aulas no curso primário, observe especialmente a parte metodológica da lição, de acôrdo com os seguintes planos, um para cada observação.

— a —

1 — Que método usou o professor na aula assistida? 2 — Quais os fundamentos desse método? 3 — O método trouxe vantagens à lição? 4 — O professor tinha plano organizado? 5 — Houve recapitulação de noções? 6 — Houve uso adequado de material? 7 — Quais as aplicações do aprendizado? 8 — Qual foi a atitude dos alunos?

— b —

1 — Qual o método usado na aula que assistiu? 2 — Houve oportunidade para intuição (quanto)? 3 — Houve induções? 4 — Houve deduções? 5 — O método foi ativo? 6 — Que análises mentais fizeram os alunos? 7 — O trabalho estava de acôrdo com a classe? 8 — A aula foi bem desenvolvida? 9 — Quais os exercícios para a fixação do aprendizado?

— c —

1 — Que diferenças pode estabelecer, dentro da aula a que assistiu entre método e processo? 2 — O processo inspirava-se no método? 3 — Estava de acôrdo com a lei da atividade do aluno? 4 — Com a lei da repetição? 5 — Com a lei do uso? 6 — Com a lei do interesse? 7 — Quais as vias aquisitivas usadas no ensino: visual, auditiva, motora?

— d —

1 — Como o professor expôs o assunto? 2 — A exposição tomou o tempo da aula? 3 — O professor fez perguntas? 4 — Como fez perguntas? 5 — Como foram interrogados os alunos: em ordem numérica, saltados? 6 — Quais as qualidades das perguntas feitas? 7 — Qual o interesse da classe pelo assunto?

— e —

1 — Qual a observação que os alunos fizeram na aula? 2 — Como observaram? 3 — Como o professor guiou a observação? 4 — Qual a atividade dos alunos? 5 — A observação foi feita em gravuras, com objetos, no jardim, na horta escolar? 6 — Quais os resultados do exercício? 7 — Como os alunos expressaram as suas observações? 8 — Que instrumentos usaram?

— f —

Depois de observações de aula, responder: 1 — Que diferença estabelece entre método, processo e forma de ensino? 2 — Quais as perguntas formuladas pelos alunos? 3 — Quais as formuladas pelo professor? 4 — Quando o professor segue o método expositivo? 5 — Quando o analítico? 6 — Quando o intuitivo?

Nota: Além dos exercícios de observação apresentados, e que podem perfeitamente sofrer ampliações ou desdobramento, ao professor de prática não será difícil, à vista deles, criar outros, aproveitando os seguintes assuntos: canto, tabuada, ginástica, jogos no recreio, excursão escolar, leitura silenciosa, provas mensais, exames, cálculo rápido, sentenças etc.

Do estágio no curso primário. — Além dos exercícios de observações e de prática de aulas no curso primário, é indispensável que os normalistas façam estágios no curso primário. É graças a eles que alcançam o sentido da continuidade, da responsabilidade e da dificuldade do trabalho docente. É pelo estágio que o praticante aprende realmente a ensinar, uma vez que a sua presença nas classes da escola elementar não deve significar apenas presença, mas auxílio, trabalho, prática, pesquisa e aprendizagem de métodos e processos de ensino.

Dos trabalhos que os estagiários podem realizar. — Entre os muitos que a prática vai revelando, destacamos os seguintes: escrituração escolar, redação de cartas aos pais, às autoridades, aos amigos da escola; chamada dos alunos, procura de porcentagem, organização de mapas estatísticos, boletim mensal, lista de alunos, material didático, jogos, gráficos, inventários, etc. Além disso podem encarregar-se de aulas, da correção de trabalhos, do ensino individual de crianças atrasadas. Trabalhos de pesquisa sobre o lanche, a água e a roupa; a iluminação e o arejamento da sala, também, seriam realizados com proveito por eles.

Das turmas de estágio. — O estágio pode ser realizado por turmas e seria conveniente que cada aluno o fizesse durante um mês, no mínimo. As turmas devem ser reduzidas e convenientemente orientadas quanto à atitude, sobretudo nas suas relações com o professor responsável pela classe.

Do relatório de estágio. — As indicações abaixo são simples direções para a organização dos relatórios de estágio nas classes primárias:

Escola Normal Aluno
 Ano
 Professor de prática
 Período de estágio
 de a de
 Dias
 Horário: de a
 Classe ou classes do estágio dados da classe

Informações gerais

- a) O estágio foi determinado
- b) foi espontâneo
- c) foi contínuo
- d) na mesma classe
- e) em classes diversas
- f) observações feitas
- g) trabalhos realizados (material, jogos, aulas, pesquisas, etc.)
- h) documentação organizada
- i) problemas para estudo
- j) observações
- l) data e assinaturas (do professor da classe e do praticante)

O estudo e sua direção. — Num curso de escola normal, destinado à formação técnica do professor, seria lamentável a ausência da biblioteca especializada, como lamentável seria a formação de mestres com as simples postilas de aula. (*)

Recomendadas, porém, aos futuros mestres, a aquisição e a conservação do hábito de ler como fundamental à sua formação não se diz que deva apenas ler. A leitura como instrumento aconselhável de saber, não se resume simplesmente em ler, mas subordina-se a preceitos de reconhecida eficácia. Traçar em duas palavras as normas para ler, eis o nosso escopo.

1 — Conhecido é o velho preceito latino *non multa sed multum*, a que Balmes, judiciosamente, acrescenta: "deve-se ler muito, mas não muitos livros. Eis uma regra excelente. A leitura é como o alimento: o proveito não está na proporção do que se come, mas do que se digere".

2 — Ler a fim de ganhar alimentos para a vida intelectual e moral, não ler apenas para exames, tal é o preceito de ouro do estudante. O que foi lido de afogadilho, na véspera do exame, o que foi devorado para conquistar notas, desaparece com as emoções das próprias provas.

3 — E finalmente, ler para crescer espiritual e moralmente, tendo à mão elementos para a reflexão, para induções e deduções exatas, a fim de poder formar da vida, dos homens e das coisas uma concepção segura e clara.

A leitura e seu aproveitamento. — Para que a idéia se definisse claramente em seu espírito, Froebel dizia andar com ela por toda a parte, pondo-a em diferentes prismas de exame, localizando-a por todos os aspectos possíveis. Era o conselho vivo de aprender com inteligência para memorizar com firmeza. E a memorização é indispensável ao estudante.

Dificuldades diversas costumam, porém, embaraçá-la; grande cópia de leituras, variedade de preocupações, multiplicidade de exigências escolares têm feito da capacidade de reter do aluno, uma faculdade impotente. Daí a necessidade de "criar uma segunda memória" ou de auxiliar a natureza, o que justifica e aconselha o uso de notas e de referências de leitura, cuidadosamente organizadas, ordenadas e guardadas.

Notas e referências: Origem, ordenação e uso. — São de diversas naturezas as notas que o estudante têm interesse em conservar, sendo mais numerosas as provenientes de suas leituras. E, a propósito, é sábio o conselho de "ler com o lápis na mão", evitando-se, porém, a prática de modificar o curso da atenção para tomar notas.

É aconselhável, entretanto, que sejam tomadas em folha avulsa, simples indicações do assunto e da página, a que devemos posteriormente voltar.

A nota deve ser sumário ou resumo, dando conta precisa da passagem lida, e que consideramos de importância para nossa cultura. Deve conter, no mínimo, todas as indicações úteis capazes de nos darem, prontamente, o espírito da questão e o lugar em que ela se encontra.

Aconselhável é ainda que as notas sejam feitas a tinta, sendo inútil explicar a razão disso.

A leitura de jornais e de revistas é também fonte que nos fornece considerável número de dados, dignos de serem arquivados. A seleção de artigos de jornal, de utilidade para professores, principalmente, constitui prática recomendável, pela variedade, oportunidade e utilidade de artigos que as folhas diárias oferecem. Cortado o artigo é indispensável colá-lo em papel resistente e apor-lhe o nome do jornal e data, cabendo então ao leitor a tarefa de colecionamento que poderá fazer em pastas numeradas.

De utilidade ainda é a guarda de trabalhos pessoais: esboços de monografias, de planos, de livros, de reflexões, notas, produções literárias ou científicas, projetos, observações, experiências, etc.

(*) Há neste livro um capítulo com relação escolhida de livros para a Biblioteca do Professor.

No III volume de *Práticas Escolares*, há um capítulo dedicado a *Ensinar a aprender*.

A côr pessoal dada ao que fazemos encarece de muito nossa atividade e tal conseguimos com o aproveitamento de reflexões redigidas, de pensamentos fixados pelas escritas.

Da classificação das notas. — O trabalhador intelectual que deseja documentar-se a respeito de leituras tem pela frente a dificuldade de ordenar ou classificar suas notas. Notas tomadas ao correr das leituras, mas perdidas, constituem esforço inútil. Notas bem feitas e que o trabalhador intelectual tem à mão no momento preciso, valem por documentos de trabalho e de aplicação.

Como classificar as notas tomadas? Como tê-las à mão?

É conhecida a prática de anotações em cadernos, distribuídos estes por especializações: caderno de língua vernácula, caderno de psicologia, de pedagogia, etc. Em cada um deles, a nota lançada uma após outra teria títulos elucidativos: ex. *Programas, Imaginação, Horários*, etc.

Cadernos há com projeções de letras e as notas seriam lançadas neles em ordem alfabética.

As fichas. — O conhecido sistema de notas em fichas não precisa de muitas referências. Fôlhas avulsas de cartolina ou de papel, prestam serviços na organização do trabalho intelectual, com vantagens diversas, entre as quais, a de transporte e de manuseio.

As fichas podem ser de referência única ou de múltipla. Um e outras devem trazer no alto, do lado esquerdo, o título do assunto, em letras maiores que as das notas.

A ordenação e guarda das fichas não oferece dificuldade graças aos fichários, às caixas comuns e aos envelopes.

Como observação final neste assunto, cabe-nos apenas chamar a atenção dos estudantes para a *fichomania*, espécie de desvio mental indesculpável que se apossa de muitos. Em lugar de assentar as bases de cultura em fundamento de reflexões criadoras, alunos há que copiam em fichas páginas e páginas de livros. Trasladam a fichas os livros e dão como encerrado o trabalho de estudar.

Dos grupos de discussão. — Reproduzimos neste lugar o trabalho do professor LOURENÇO FILHO, que compendia excelentes normas para trabalho de seminário, muito aproveitáveis nas aulas de prática do ensino.

A discussão nos trabalhos de seminário. I — Atitudes na discussão.

1 — São duas as grandes funções da linguagem: a de *comando* e a de *combate*. Falamos para que nos obedeam; falamos também, porque não queremos, ou porque não podemos obedecer.

2 — Neste último caso, contrapondo razões a uma ordem dada, seja ela referente ao domínio da ação afetiva (*agir, fazer*), seja ela tão-só do domínio simbólico (*pensar, concluir*), podemos ouvir desde logo novas razões que nos levem à submissão; ou, ao contrário, ouvir razões que despertem réplica sobre réplica. Neste caso, a luta ou combate verbal está engajado: é a *discussão*.

3 — A discussão pode transcorrer, como a luta física, de dois modos: 1) rudemente, selvagememente, sem quaisquer regras ou princípios; 2) dentro de normas, perfeitamente estabelecidas, e, de antemão, aceitas pelos contendores. Tudo dependerá do objetivo que tivermos em mente.

4 — Que desejamos? Ferir ou eliminar o adversário, pô-lo fora de combate quaisquer que sejam as conseqüências? Neste caso, não há regras que valham. Não reprimimos os golpes proibidos, usando de unhas e dentes, chegamos a achar natural e justificado todo e qualquer excesso de crueldade. Se, ao invés, o que pretendemos é somente o adestramento físico, o robustecimento dos músculos ou a conquista da agilidade, então, começamos por admitir regras, procuramos entendê-las e aplicá-las. Em muitos casos, só admitimos a luta perante um juiz, isto é, perante um estranho que vele pelo respeito às normas estabelecidas, tal o interesse em que a lei seja cumprida.

5 — Pode suceder, ainda, em qualquer dos casos, que a luta, apenas iniciada, desencoraje um dos contendores, que lhe quer evitar o seguimento, a todo transe. Nesta hipótese, o contendor desencorajado, foge com o corpo aos golpes desferidos, ou negocia a paz, de qualquer modo.

6 — No combate verbal, as situações indicadas se reproduzem, com fidelidade. Ou a elas nos entregamos, com o intuito de vencer, seja como fôr: ou, procuramos evitá-las, dando pronta submissão, real ou aparente, às idéias do contendor; ou ainda, fazemos jôgo franco, dentro das regras firmadas, para ganhar ou para perder — *ganhando sempre*, de fato, com a utilidade do exercício, se dêle nos soubermos aproveitar. São três atitudes, que convém examinar, em separado.

1 — **Atitude opiniática.**

7 — Vejamos a primeira. Aquêle que entra no debate, com uma opinião ou convicção inabalável, desejando impô-la, seja como fôr, é um obstinado. Não quer ouvir; se ouve, não escuta; se escuta, não se convence, muito embora os argumentos contrários sejam claros e irrespondíveis. Tem uma *atitude opiniática*, a qual pode ser perfeitamente sincera, ou, ao contrário, deliberadamente falsa.

a) quando sincera.

8 — A atitude opiniática sincera pode ter como causa:

a) **falta de compreensão do valor da discussão.** — Nesta hipótese, verificamos que o contendor pretende, sinceramente, ter descoberto a verdade, verdadeira, imaginando que o seu ponto de vista é acertado; não admite, por isso mesmo, o valor da discussão como processo de pesquisa ou de verificação dos conhecimentos; não admite que a discussão seja uma forma de aprender e de controlar o que sabemos. Pode ser inteligente e culto, nada importa: representa o tipo do que poderíamos chamar o idealista ingênuo, daquele que só crê em si mesmo, no que sabe, no que imagina saber.

b) **falta de informação necessária ao conveniente exame do problema.** — Neste caso, não mais o tipo de inteligência, mas a deficiência dos conhecimentos opõe-se à compreensão da questão, da terminologia empregada, ou do ponto de vista. A obstinação é aí sincera, mas fruto de ignorância.

c) **falsa noção do valor da opinião autorizada.** — A atitude opiniática pode decorrer ainda, de uma falsa noção, quanto ao valor probatório da opinião de uma autoridade, no assunto. Por isso que leu ou ouviu de alguém, tido como autoridade, uma opinião qualquer, o contendor a ela se apegou, não admitindo que essa opinião possa ser revista, ou interpretada, para certos efeitos. Aristóteles disse... — "acabou-se"; Bergson disse — "acabou-se". Não. Nenhum conhecimento, noção, regra, lei, princípio está acabado. A autoridade pensou e exprimiu seu juízo, em dado momento, tendo à mão certos elementos de informação ou de pesquisa. Dentro desses limites, a opinião pode ser inatacável e, por isso, fêz-se carreira. Devemos respeitá-la, meditá-la, tomá-la como ponto de partida, muitas vezes. Mas quem nos assegura que a mesma autoridade, diante de novos elementos de estudo, mudada a época, viesse a chegar às mesmas conclusões? Crer na autoridade, sem mais exame, é um ato de abdicação do pensamento. Pode ser atitude sincera, mas não produtiva.

d) **dificuldade em compreender o problema do ponto de vista do contendor.** — Já alguém disse que "só discutimos, quando estamos de acôrdo quanto aos pontos fundamentais da questão; tudo mais decorre da falta de definição de termos e de ponto de vista". Nem sempre é assim, mas muitas vezes o debate pode eternizar-se por essas razões, sem qualquer resultado. Se a questão é complexa, admitindo duplo ponto de vista, ou múltiplos pontos, não encaminharemos o problema, para decisão final, se não tivermos suficiente agilidade de espírito para a examinarmos por todas as faces. Essa capacidade é sintoma de inteligência por certo. Mas há pessoas cultivadas e inteligentes que não admitem, em debate oral, mudar o seu ponto de vista, para efeito do exame completo da questão, retornando ao ponto primitivo, quando oportuno. É uma atitude

de pensamento inadequada, deve ser corrigida. Nenhum exercício mais conveniente, para isso, de que a própria discussão, com pessoas perfeitamente conhecedoras de sua técnica, e versando problemas, muito simples e objetivos, a princípio.

e) **falsa racionalização.** — O contendor pode ser tolerante, inteligente e bem informado. Mas como lançou uma opinião, em momento de entusiasmo, com ela se empolga, de modo a não admitir qualquer objeção a mais, nem dos outros, nem de si próprio. Dá-se aí o fenômeno que os psicanalistas chamam de *racionalização*, e os estruturalistas de *fechamento de estrutura*. A opinião emitida é como a chave de abóbada, na estruturação do pensamento de quem a lançou. Corrigi-la ou alterá-la seria pôr tudo abaixo, com choque emotivo muito grande, de que o contendor se defende. A atitude continua a ser sincera, tão sincera que toda a personalidade do contendor a está vivendo. Ele está sensibilizado para compreender tão-somente os atos e idéias que venham em abono de sua opinião. Rejeita tudo mais, ou melhor, não sente, não percebe, às vezes, nem mesmo ouve tudo mais... É situação muito mais comum do que se imagina, entre os *opiniáticos sinceros*.

b) quando insincera.

9 — A atitude opiniática insincera, sintoma de grande inferioridade de caráter, pode existir, premeditadamente, no contendor, por paixão não do assunto, mas pessoal, ou ainda por defeito de educação; como pode sobrevir, também, no correr da discussão, por vaidade tóla.

Em qualquer dos casos, sentindo que aquilo que defende é insustentável, à luz de seus próprios conhecimentos, o contendor apela para todos os sofismas que lhe ocorram; mente, se necessário; e quando mais não possa, baralha a discussão, ou a perturba, levando-a para o terreno pessoal. É como o jogador desleal que usa de cartas falsas, distrai o parceiro, para surripiar-lhe os naipes, e podendo, engana na contagem dos pontos...

Como dissemos acima, ela decorre menos de fraqueza de inteligência que de defeitos do caráter. Contudo, é rara em pessoas verdadeiramente inteligentes, e frêgüentes, ao contrário, nas inteligências limítrofes da normalidade e nos débeis mentais ligeiros. Honestidade e sinceridade apresentam alta correlação com o nível mental, o que já levou alguém a dizer, com espírito, que "se os patifes soubessem como é cômodo e produtivo ser honesto, praticariam a honestidade por esperteza..."

2 — Atitude de indiferença.

10 — Em oposição à atitude opiniática, que examinamos, nas duas formas de sinceridade e insinceridade, encontra-se a atitude de indiferença. Naquela, havia como convicção; nesta, opinião hesitante ou carência do desejo de firmar uma

11 — A indiferença pode manifestar-se tanto em relação ao assunto em debate, como em relação ao próprio processo da discussão. Com parceiros nessa atitude, o debate não se engaja. Não querem lutar. Em certos casos, por timidez ou sugestionalidade, aderem fácil e rapidamente a qualquer opinião das autoridades ou da maioria... Querem ficar bem: são preguiçosos ou comodistas. Quem já não viu, em momentos de votação, em qualquer assembleia, aqueles que nem se levantam nem permanecem sentados, percorrendo a sala com o olhar, para decidir-se, afinal, com a maioria como os chefes?

a) Em relação ao assunto.

12 — A indiferença em relação ao assunto pode provir de preocupações momentâneas ou duradouras, sobre questões mais instantes. A atitude do indivíduo sincero, neste caso, é retirar-se do debate, ou assisti-lo calado. Não havendo interesse, não se justifica a co-participação formal na discussão. Pode provir também de ignorância, parcial ou total no assunto, o que não permite ao contendor compreender o valor da questão. Pode provir ainda de fraqueza de inteligência, o que obsta a compreensão da questão em si mesma.

b) Em relação ao próprio processo da discussão.

13 — A indiferença pelo próprio processo da discussão é mais grave. O indivíduo normal facilmente compreende o valor do debate, em si, e para ele é atraído funcionalmente. No entanto observa-se que há indivíduos indiferentes não só pelo assunto, mas indiferentes pelo *processo da discussão*, em si mesmo, ou ainda receosos dele.

14 — Essa atitude pode provir:

a) de condições de temperamento, que tornem o parceiro (não diríamos bem aqui o "contendor") instável, tímido ou sugestional. Nessa hipótese, a discussão não se engaja, ou a adesão é pronta e fácil, mesmo para conclusões contraditórias ou disparatadas.

b) de condições momentâneas de timidez, decorrentes da presença de superiores hierárquicos, do fracasso em um trabalho anterior — de um sentimento de inferioridade, enfim.

c) de fraqueza de inteligência, que obsta a compreensão do valor da discussão em si, já como processo de pesquisa, já como processo de aprendizagem. "Se isso está tão claro no livro tal ou qual, por que e para que discutirmos?" Note-se, porém, que o débil mental ligeiro raramente apresenta este tipo de indiferença. Ele é aguerrido, anti-social, mais que associial. Sua atitude mais constante é a opiniática, sincera e insincera.

d) de ignorância sobre o assunto, que o parceiro não deseja confessar, por mal compreendida vaidade ou por preguiça. Esta última modalidade pretende defender-se, às vezes, sob o disfarce de cepticismo filosófico... "Não merece o nosso esforço... tudo é relativo... não há opinião que não tenha contra si outra opinião..." etc. Neste caso, a atitude é denunciadora de defeito de caráter ou de temperamento, na maioria dos casos de fundo mórbido, e grave. Já ouvimos certa vez de um aluno que essa atitude tem sido a de grandes espíritos, como Anatole France e Bernard Shaw. Ao que, fácil nos foi responder: "Você tem toda a razão, meu filho. Mas eles tomaram essa atitude como ponto de chegada, não como ponto de partida, só depois de intensivo estudo, de história, filosofia, ciência e literatura. Quando V. vier a ter a metade da cultura, que qualquer deles revela em seus escritos, ficará muito bem a V. ensinar o cepticismo. Antes disso V. apenas faz lembrar o homenzinho que, não sendo nobre, nem rico, nem inteligente, nem culto — foi ao padre confessar-se do pecado de orgulho... A história é conhecida".

3 — A atitude de crítica metódica.

15 — A virtude está no meio. Se procuramos corrigir os excessos de cada uma das atitudes contraditórias, dantes estudadas, veremos desenharem-se uma terceira, que poderemos admitir para os que pretendam fazer da discussão um processo de estudo sério, de investigação real, de aprendizagem eficiente. Chamemo-la de *atitude de crítica metódica*.

16 — O *opiniático* padece de extremo subjetivismo; em sua forma mais pura e elevada, como vimos, representa o idealista ingênuo. O *indiferente* se apresenta, ao contrário, com excesso de visão prática, ou é tangido pelo mínimo esforço: adere de pronto, faz de "Maria vai com as outras"... Num, excesso de subjetividade; noutro, abdição da personalidade. Num, a luta de morte; noutro, a fuga ao combate. Fixado um novo objetivo, que não o da eliminação do adversário, nem do desejo de comprar a paz, seja a que preço fôr — aparece o objetivo do debate pelo *próprio valor construtivo do debate*. Aqui, o contendor tem que entrar em campo, com convicções, de que não abrirá mão enquanto não lhe apresentarem fatos, idéias, argumentos que conque não vençam da necessidade de retirar, no todo ou em parte, o pensamento primitivo. Mas compreende que todas as conclusões, mesmo aquelas que lhes sejam mais caras, são suscetíveis de análises, muitas vezes, de revisão completa. Tanto quanto deseja se respeite sua opinião, respeita a dos outros. Pretendendo justificar a sua em fundamentos lógicos, quer conhecer dos fundamentos das demais e sobre eles meditar. Comentários lógicos, quer conhecer dos fundamentos das demais e sobre eles meditar. Com sequentemente, obriga-se à máxima sinceridade. Esta atitude é, pois, antes de tudo, uma atitude moral.

17 — Igualmente, obriga-se à máxima objetividade. Para não fugir à atitude de crítica metódica o contendor carece de tratar os fatos, idéias ou pensamentos como se estivessem fora de si. Reparem como certas pessoas só sabem discutir levantando esquema ou comendo gráficos, situando no papel, as suas próprias idéias. É um processo de objetivação, muitas vezes, precário, mas sempre útil. Por eles, o pensamento como que se desliga das pessoas, toma corpo, torna-se algo de tangível e palpável. A pessoa do contendor, como as pessoas que lhe estão em torno não entram em cogitação, de mistura com o assunto. Claro está que isto não significa a ausência de tato, de consideração social, de respeito aos de mais idade ou às autoridades no assunto, reais ou presumidas. Mas, tratando-se a si mesmo, de modo inflexível, o contendor está no direito de aplicar sem hesitação as regras do jogo, na verificação tanto das lacunas de seu próprio pensamento, como na das dos outros. A cada momento, ele é parte e juiz: espírito aberto sim, mas que não se inclina diante de tabus, só porque como tal se apresentem.

18 — É evidente que esta atitude representa longa conquista de auto-educação. Não dependerá, apenas, da intenção inicial. Dependerá de condições de informação sobre o assunto, de capacidade de compreensão e de crítica, de cultura e de inteligência, a um tempo. Mas, a intenção inicial importa muito. Por experiência, em muitos e muitos alunos, temos observado que a compreensão da técnica da discussão lhes tem mostrado as próprias lacunas do conhecimento, levando-os a estudar; por outro lado, lhes tem ensinado a usar dos próprios recursos intelectuais, mais prontamente e mais seguramente, isto é, tem tornado a esses alunos, de alguma forma, *mais inteligentes*.

19 — O domínio sobre si, condição essencial à atitude de crítica metódica, é exercido nas discussões em grupos, desde que dirigido por pessoa competente. Saber ouvir, por exemplo, parece coisa muito simples. As interrupções, mesmo que sejam para esclarecer, os "apartes", tão do gosto do brasileiro, não devem ser permitidas. O hábito de lançar os "apartes" em uma folha de papel, resolve a questão. Terminado o tempo do contendor, que expõe, ou defende tese, o outro, que apenas ouvia, lança a vista sobre o papel, e verifica o que realmente deve aproveitar das razões contrárias, que dantes lhe acudiram ao espírito. E, fala, então, por sua vez, sendo também atentemente ouvido.

20 — De tudo se conclui que, dentro dessa atitude, o contendor não quer vencer o seu opositor: quer vencer o problema, e esta vitória nem sempre representa a defesa intransigente das conclusões pelas quais, de início, se achava empolgado. Muitas vezes, duas pessoas que assim discutem, chegam a uma conclusão inesperada, para ambos: a) de que o problema fora mal proposto, por falta de precisa definição de termos; b) de que ambos não poderiam ter opinião formada, sobre o assunto, por falta das informações necessárias, fôsem elas de ordem histórica, de simples observação ou de ordem experimental. Pode dizer-se, portanto, que o que caracteriza esta atitude é a convicção, não a obstinação; por outro lado, a dúvida metódica, não a indiferença, formando a atitude agressiva *contra as pessoas*, em atitude agressiva *contra os defeitos da discussão*, encarada como processo objetivo, de trabalho em cooperação. Organizada a discussão em grupos ou comissões, com número conveniente de parceiros, os bons efeitos da cooperação ressaltam logo: o trabalho para o estudo preliminar da questão a ser debatida pode ser dividido, de modo a aproveitar, de melhor maneira, os conhecimentos e as aptidões de cada um (conhecimento de idiomas estrangeiros, para a coleta de dados bibliográficos; capacidade de observação; capacidade de experimentação; capacidade de calcular, desenhar, etc.). Em consequência, a colheita dos dados, assim socializados, torna-se mais abundante, mais rica e variada; os pontos de vista diversos são apresentados em maior número, etc. A cooperação torna-se efetiva.

4 — Técnica da discussão em grupo.

21 — O exame da técnica conveniente, a ser usada nas discussões em grupo virá aclarar muitos dos pontos de vista anteriormente esboçados. Como vimos, a discussão produtiva é um jogo, em que os parceiros se submetem a um corpo de regras, voluntariamente aceitas. Examinemos algumas delas.

a) Organização dos grupos.

22 — O grupo de discussão deve compor-se de pessoas do mesmo nível intelectual, com estudos semelhantes. Tratando-se de adolescentes — que sejam de pequena diferença de idade reunidos por afinidades naturais de temperamento e de simpatia recíproca O número pode ser variável. Nossa experiência tem demonstrado, no entanto, que os grupos de estudo não devem contar menos de cinco elementos, nem mais de nove. Com menos de cinco, o trabalho de cooperação seria precário; "pontos de vista" pouco numerosos. Com dez ou mais, a ordem dos trabalhos já exigiria organização formal, com perda de tempo. Ainda mais, haveria "galeria", circunstância a levar-se em conta com adolescentes. Nessa idade, pensa-se mal sozinho; pensa-se pior ainda, em grupos muito numerosos.

23 — Cada grupo deverá ter seus trabalhos coordenados por um chefe. A experiência mostra não convir que a chefia seja permanente ou efetiva. Ao contrário, deverá ser rotativa, sucedendo-se nela todos os membros do grupo, um em cada semana, por exemplo. Ao chefe incumbirá distribuir os trabalhos preliminares; abrir as discussões; encaminhá-las como um presidente de assembléia, velando pelas regras, mas sem formalismo; reduzir a escrito o andamento do debate, e propor, por fim, a redação de um relatório. Esse relatório terá a forma de esquema, não de ata. Deverá fixar a redação conveniente do problema, a definição de termos, os argumentos favoráveis à conclusão assentada, e a indicação das fontes de estudo, de que o grupo se serviu. Deve ter, no entanto, a sua opinião, que exporá por fim, e que será tomada na mesma consideração em que as opiniões dos demais parceiros o tenha sido.

b) Marcha da discussão.

24 — A marcha normal da discussão de um problema apresenta as seguintes bases:

- proposição do problema;
- definição dos termos, se acaso necessário, para melhor compreensão e delimitação do ponto de vista em que é tomado;
- proposição de uma solução provisória, ou de mais de uma, com exame do material obtido, seja de observação, seja de experimentação, seja de pesquisa meramente bibliográfica;
- crítica das soluções apresentadas e adoção de uma delas, ou de nova solução surgida da comparação de diferentes soluções (uma solução eclética, por exemplo);
- redação final da solução adotada pela maioria, com exame dos termos empregados.

25 — A proposição do problema exige maiores cuidados de clareza e de objetividade. Um problema mal proposto dá margem a confusões intermináveis, ou a discussões de nenhum valor, como, por outro lado, pode levar a uma única e determinada solução, pelo que encerre de subentendido. A linguagem deve ser tão simples quanto possível, questões complexas devem ser desdobradas em itens, que serão discutidos, cada um por sua vez, problemas distintos, embora correlacionados.

26 — Muitas vezes a questão exige o emprêgo de termos técnicos, com acepção restrita, embora empregados também na linguagem comum, com acepção mais larga. Isso obriga à definição de termos, para que todos entendam, em face da mesma palavra. o mesmo conceito. Igualmente, a definição de um ponto de vista impõe-se, muitas vezes. Questões de ordem muito geral, como por exemplo "que é infância?" obriga a esse trabalho preliminar. A infância pode ser compreendida de um ponto de vista biológico, descritivo ou genético; de um ponto de vista psicológico, idem, idem; de um ponto de vista social, etc.

27 — A proposição de uma solução provisória impõe-se para bom andamento da marcha do trabalho. Ela polariza a atenção para os aspectos centrais do problema; extrema os contadores em dois campos ou mais campos, de onde novas soluções pro-

visórias que, com a primeira, devem ser comparadas e analisadas, com tôdas as suas conseqüências. A solução provisória é uma hipótese, que carecerá de comprovação. Essa comprovação, tal seja o tipo do problema, poderá ser feita à luz do material obtido desde início, ou exigir novas pesquisas, tanto no caso de problemas experimentais, como nos de simples documentação bibliográfica.

28 — Assim, período de crítica das soluções apresentadas, pode ser mais ou menos longo, durar minutos, horas ou semanas. É a parte crucial da discussão, *para efeito de aprendizagem*. Cada membro do grupo só deve dar adesão à conclusão *que sinta evidente*, pelos seus fundamentos. Se a conclusão vem ferir princípios gerais, já revistos ou estabelecidos pelo grupo, ou princípios correntes, maior cuidado deve haver na fundamentação dela. Nessa hipótese, os fatos ou idéias em debate, a definição dos termos, a própria redação do problema devem ser meticulosamente examinados. Atento exame do histórico da questão deve ser feito nesta hipótese, como nas demais. Discutir-se-á com muito mais proveito, quando conhecidos os pontos essenciais de evolução da idéia em debate, e examinadas as várias tendências ou correntes de pensamento, que suscitou no correr dos tempos. A discussão pode concluir por uma solução já assentada, pouco importa. Será a redescoberta. De outras vezes, retocará a noção, restringindo ou ampliando a sua aplicação.

29 — Ainda nessa fase de discussão, deve haver o maior cuidado em separar os simples exemplos, ou comparações, dos elementos reais de indução. Tome-se cautela com raciocínio por analogia, e com a dedução por simples negação. Quando duas soluções contraditórias apareçam, tenha-se o cuidado de relacionar os argumentos apresentados em favor de uma e de outra, para reconstituição da marcha do pensamento do debate.

30 — A relação final da solução adotada pela maioria dos elementos do grupo deve ser, tanto quanto a proposição do problema, simples e clara, e a ela se ajustar perfeitamente. Verifique se a extensão e a compreensão dos termos são as mesmas na proporção do problema e na conclusão. "Solução adotada pela maioria" não significa a solução definitiva, nem solução absolutamente certa. Se o debate foi bem conduzido, e os elementos do grupo se acham à altura do problema, presume-se que essa seja a melhor solução. Mas apenas *se presume*. Pode acontecer até que a unidade se manifeste por uma conclusão, inteiramente errônea. Mas o fato do grupo acordar, por unanimidade, depois de estudo sério do problema, numa só solução, reforça a presunção da legitimidade. No caso de divergência, ou o grupo resolve reabrir a questão, para exame mais aprofundado de todo o conteúdo da matéria, ou se elaboram dois relatórios diversos, referentes às duas correntes em choque.

c) Preparo do material.

31 — Nenhum membro do grupo deve apresentar-se para o debate sem haver obtido o material necessário, em estudos preliminares. Certas questões exigem a observação de fatos (questões de administração escolar, de prática de ensino, de diferenças individuais de alunos, etc.). A observação pode ser dos membros do grupo, tão-sómente, ou estender-se a numerosas pessoas, por meio de *questionários* (pesquisas de sociologia, de aplicação de novas práticas de ensino, de uso de material, de livro, etc.). Outras, exigem *experimentação sistemática*, cujos dados carecem de ser tratados à luz dos princípios estatísticos (testes mentais ou de aproveitamento, problemas de aprendizagem, de transferência do ensino, de correlação entre diferentes atributos biológicos, psicológicos e escolares, etc.). Outras, enfim, demandam apenas *pesquisas bibliográficas*, sejam questões de ordem muito geral, (sociais e filosóficas) sejam de história da educação, de educação comparada, etc.

32 — Esse material deve ser arrolado de modo conveniente, segundo cada caso. Se se referir à pesquisa bibliográfica, deve ser apresentado em fichas, de 8x15, conforme as instruções já estabelecidas, para maior facilidade de manuseio e arquivamento. A pesquisa bibliográfica não significa só a procura de opiniões de autoridades; mas sim,

e também, a de fatos, observações e experimentações relativas ao assunto. Muitas vezes, poder-se-á aproveitar da observação e até da experimentação feita por um autor, para se concluir em contrário, à opinião por ele sustentada. Assim, quando se apresentarem opiniões feitas, convirá informar em resumo, qual o processo de que o autor citado lançou mão, para chegar às suas conclusões, pois importa, e muito, conhecer, dos recursos de que dispôs o autor, para a interpretação dos dados em que se apóia.

33 — A confiança no processo da discussão, e o esforço em obter cada dia uma técnica melhor por parte de todos os elementos do grupo, são condições de êxito no trabalho. *Não há uma técnica formal que se aprenda fora do trabalho. Não há receitas.* Há informações e sugestões, que cada um deverá compreender e aplicar a seu caso. Não se pense também que a discussão supra o trabalho individual. A êste a respeito, o grande valor do debate é dar "sentido" ao trabalho individual, por êle estimulado e, muitas vezes, dirigido. O debate, porém, processo que é de aprendizagem, como todos os outros recursos de organização do trabalho intelectual, não chegou a inventar o estudo... *sem estudo*. Novas formas de trabalho aumentam o rendimento do esforço. Mas a necessidade do esforço subsiste. Sem êle, nada há de criador, na educação.

(De Arquivos do Instituto de Educação, do Rio).

Da sala de prática. — A professores de prática sugerimos a organização de uma sala ambiente para os exercícios de ensino. Durante vários anos trabalhamos em salas assim organizadas e só podemos dizer de suas vantagens.

Seria aconselhável que a sala em aprêço tivesse disposição especial de anfiteatro ou pelo menos que contasse com galerias laterais, onde pudessem acomodar-se os alunos assistentes. Isto evitaria a permanência de assistentes entre as crianças, ou de pé, entupindo salas do curso primário.

Além do exposto, as salas de prática deveriam contar com carteiras adaptadas às crianças ou que pudessem ser graduadas, e com mesinhas para ensaiar trabalhos de cooperação, no ensino.

Finalmente, a sala de prática deveria ter material didático o mais completo possível. É o ambiente por natureza modelo e nêle nada deverá faltar. Temos assistido a aulas de prática em que o aluno normalista anda pela escola inteira a cata de giz. (*)

Sugestões para a organização de uma sala de prática — Problemas para os alunos normalistas.

1. Quais as vantagens da sala de prática?
2. Como organizá-la?
3. Qual deve ser o seu mobiliário?
4. Qual a melhor disposição dos lugares para os assistentes?
5. Como resolver o problema da localização dos assistentes?
6. Como equipar a sala com material didático?
7. Como dotá-la de livros?
8. Como usar a sala de prática?
9. Que relações estabelecer entre o curso primário e a sala de prática?

Além dos problemas já lembrados outros há que podem ser discutidos e resolvidos na cadeira de prática, a saber:

1. Como conseguir uma classe especial de analfabetos para ser ensinada pelos alunos normalistas?
2. A classe especial deve ser selecionada?
3. Pode-se organizar uma classe de 1º e 2º grau, conjuntamente?
4. Quantos alunos deveriam ser matriculados na classe especial?
5. Poderia cada praticante incumbir-se da alfabetização de uma criança, na escola ou fora dela?
6. A classe especial poderia ser formada de "alunos problemas"?
7. Não seria conveniente que os normalistas tivessem cursos de alfabetização em casa?
8. Que praticassem também nos grupos escolares e escolas isoladas?

O trabalho de prática. — Utilizada apenas a sala especial de prática, na escola normal, evitar-se-ia a presença diária dos praticantes em classe do curso primário. Há desvantagens nisso.

(*) Ver a relação de material didático e do mobiliário no Cap. I.

Na sala ambiente o trabalho poderia ser feito dentro dos seguintes planos aqui fornecidos apenas a título de lembrança:

1) Desde o início do ano letivo fica a classe praticante com a seção A, ou B, ou C de um primeiro ano, com a responsabilidade de alfabetizá-la. Para tanto, realiza práticas seguidas, de acordo com o método escolhido. O ensino será feito por praticantes alternados, cada um dando três aulas. O trabalho irá até à alfabetização das crianças.

2) Acompanhando o trabalho de alfabetização (leitura e escrita) realizar o ensino do cálculo (programa de 1.º ano).

3) De acordo com o tempo com que contam, ampliando este trabalho os praticantes desenvolverão o programa de 1.º ano, completo.

4) É escusado lembrar aqui que o trabalho de prática deverá incluir todo o de organização escolar.

5) Se a prática, assim orientada, fôr até às férias de junho, o segundo semestre será de prática do 2.º ano, com um grupo de alunos dessa classe.

6) Se o trabalho de prática tiver outro feito, isto é, se não fôr contínuo como no plano, poderá ser feito com grupos de alunos (cada grupo em determinada semana em várias classes). No trabalho os praticantes farão por ex.: a) semana de problemas; b) semana da leitura silenciosa; c) semana da tabuada; d) semana da carta, etc.

A prática nas próprias classes do curso primário. — Esta velha organização tem a seu favor algumas vantagens como tem contra muitos defeitos. Dentro dela os alunos da escola normal podem ser divididos em turmas, de acordo com as sugestões abaixo:

- 1 — As turmas não devem ser numerosas.
- 2 — Cada turma deve ter um líder responsável.
- 3 — As turmas devem trabalhar com um objetivo único.
- 4 — As turmas podem realizar trabalhos no mesmo dia.
- 5 — Do trabalho feito o grupo deve apresentar relatório.
- 6 — O trabalho pode ser assim distribuído: a) preparação; b) execução; c) relatório e crítica; d) reexecução (quando necessária).

Plano a.

Modelos de trabalho. — Classe normal dividida em 4 grupos, A, B, C e D.

Trabalho — Aulas de leitura — 1.º ano.

Cada grupo, após o trabalho preliminar, de escolha do líder e de discussões orientadoras, realizará as seguintes atividades:

- Grupo A — estudo do vocabulário da classe (1 aluno).
 aula prática de sentencição (1 aluno).
 confecção de um jogo ou cartaz para a aula (1 aluno).
 verificação do vocabulário aprendido (teste) (1 aluno).

Em geral — relatório do trabalho feito, com observações apresentadas e discutidas em classe.

Grupos B, C, D... — Observações sobre leitura no curso primário, ou aulas de leitura no segundo ano. (Ver planos e observações).

Plano b.

Trabalho — Aritmética — 1.º ano.

- Grupo A — aula sobre o número 10 (1 aluno).
 construção de um jogo de verificação sobre o número estudado (1 aluno).
 leitura de um quadrado ilustrado com combinações diversas do número 10 (1 aluno).
 aula de problemas da vida real sobre o número estudado (1 aluno).

Grupos B, C, D... — Observações sobre o ensino da aritmética em outras classes, ou aulas práticas de cálculo. Poderão ainda criticar livros de texto, de problemas, estudar a carta de Parker, etc.

Plano c.

Trabalho — Geografia — 1.º ano.

Grupo A — aula sobre acidentes geográficos (1 aluno).

feitura de relêvo d'esses acidentes em massa (1 aluno).

aula de desenho sobre o assunto (1 aluno).

organização com as crianças de um álbum com vistas de acidentes geográficos (1 aluno).

Grupos B, C, D... — Observações.

Plano d.

Trabalho — História — 2.º ano.

Grupo A — aula prática sobre os indígenas (1 aluno).

colecionamento de gravuras, desenhos, cartões-postais, recortes e objetos relacionados com a vida dos índios (1 aluno).

construção de uma taba indígena — "maquette" (1 aluno).

aula de histórias sobre índios — auditório (1 aluno).

Grupos B, C, D... — Observações.

Uma velha prática — Ler e comentar o trecho reproduzido. — "A prática de ensino na Escola Normal da Capital tem sido feita sob três aspectos:

- a) observação.
- b) aula figurada.
- c) aula prática.

A prática de ensino por observação consta em fazer que o aluno normalista observe os métodos e os processos postos em prática nas diversas disciplinas. O meio de que se dispõe para obrigar o aluno a observar é exigir dele depois um pequeno relatório, oral ou escrito, ou aula prática.

A prática do ensino por meio de aula figurada, é feita na própria classe em que o lente leciona, considerando os alunos como crianças e arvorando-se um dos alunos em professor.

A aula prática é exercida pelos alunos em uma das classes das Escolas-Modelo anexas à Normal. O lente da cadeira de metodologia designa um aluno e determina a disciplina para a prática." (Do Anuário do Ensino de São Paulo — 1.º volume — 1917).

Da crítica das aulas práticas. — Após a aula prática dada pelo normalista, é indispensável o trabalho de crítica sobre o trabalho realizado. Mais que ao professor cabe aos alunos assistentes essa tarefa, notável pelos benefícios que traz à formação do mestre, quando sistemática e bem orientada.

Algumas sugestões podem ser de utilidade no assunto. Diremos, antes de tudo, da necessidade de conceituar, na classe, a palavra crítica. Ao professor de prática incumbe tal coisa, debatendo com alunos o sentido da palavra, que a muitos parece nada mais que "falar mal", "cortar", demolir, arrasar ou achar defeitos.

Cabe-lhes ainda orientar na aula o estudo das funções da crítica, em geral, e em particular, na apreciação das aulas práticas, a fim de estabelecer-se necessidade do juízo alheio, bem intencionado, a respeito de nosso trabalho.

Finalmente, nada mais educativo que o conhecer-se o conjunto de qualidades que tornam a crítica educativa, a saber: objetividade, imparcialidade, capacidade de persuadir, serenidade, etc. Na mesma ordem de idéias nada mais valioso que o conhecimento de críticos de oposição sistemática, de caprichosos, de dissecadores de defeitos etc.

Da autocrítica. — Excelente trabalho cheio de benefícios para a formação da personalidade é o da autocrítica, muito recomendado na prática escolar. O normalista, após o trabalho que realizou, examina o plano de aula, sua execução, defeitos ou qualidades e justifica imparcialmente tudo quanto pôs em prática.

De como realizar a crítica das aulas. — Na parte dedicada aos exercícios de observação na escola primária, há vários guias de trabalho que podem ser utilizados neste assunto. Além deles é preciso organizar-se um plano de crítica, flexível, a fim de que ela não se converta em discussão inútil e deseducativa. Damos desse plano as linhas gerais. O debate, porventura travado na crítica de aulas, não pode aspirar a valores de educação se não for convenientemente orientado. O que não tem rumo, o que entra por todos os assuntos, o que gira em torno de pontos sem importância, não merece o nome de debate pedagógico.

Ao professor de prática incumbe ordenar o trabalho de crítica, e orientar os grupos de discussão que se formarem. Quando necessária sua opinião deve ser ouvida porque ele é o guia, o condutor dos alunos.

Juízos, opiniões, problemas, conclusões. — Há juízos na crítica de aulas, que nada exprimem e devem ser combatidos: são os juízos dos indiferentes ou dos apáticos: "Achei a aula boa". "A aula foi boa". Há juízos obscuros: "A aula podia ser melhor".

A nosso ver a aula de crítica é especialmente uma *aula de problemas, de porquês*. É preciso indagar: "Por que o praticante usou material? Por que dramatizou o assunto? Por que deixou de ensinar tal coisa?" Mas os problemas dessa aula só terão valor educativo, quando rematados por conclusões. Problemas abertos, sem pesquisas que o encerrem, sem estudos que o solucionem são meramente problemas. É preciso, por isso, que surgido o problema na crítica, seja ele solucionado, caso seja problema de valor, na didática.

Surgiu certa vez em aula de crítica este problema: *A criança aprende a ler com predominância da função visual ou da auditiva?* A questão merecia estudo e experimentação. E por eles se chegou à conclusão aceitável.

Sugestões para guia da crítica.

- a) juízos a respeito do praticante: atitude, preparo, governo dos alunos, organização do plano, domínio da situação, predicados, etc.
- b) juízos a respeito do assunto, do material, das ilustrações, de outros recursos didáticos, etc.
- c) juízos a respeito dos alunos: atitude de interesse ou desinteresse, ordem, disciplina, etc.
- d) juízos a respeito do método e dos processos.
- e) juízos particulares a respeito dos problemas surgidos, perguntas, trabalhos escritos, movimentação da classe, etc.

Da documentação da prática. — É indispensável que o praticante se documente de material e de dados durante o seu currículo normal. A adoção da pasta de documentação e o caderno de notas, constitui excelente medida, uma vez que a vida profissional exigirá do mestre, freqüentemente, a feitura de material, de gráficos, de boletins, de planos, de fichas, cujos modelos ele poderia ter guardado.

Do Museu Didático e sala de documentação. — Com a colaboração das crianças, dos alunos da escola normal e dos demais professores, bem como a das pessoas interessadas no ensino, pode ser organizado no curso profissional um rico e útil Museu Didático, que seja ao mesmo tempo sala de documentação dos trabalhos realizados pela escola. O Museu Didático, sobre oferecer material para a prática do ensino, conterá ainda material para as demais disciplinas do curso normal.

Finalidades do Museu Didático. — O fim primacial do Museu Didático é reunir todo o material de ensino, de valor, já para as aulas práticas, no curso primário, já para as próprias aulas do curso normal. Além dessa finalidade o Museu Didático servirá de centro de sugestões para professores de outras escolas, que nele encontrarão motivos e lembranças para a criação de material.

Organização do Museu. — Um movimento coordenado de professores, alunos e pessoas interessadas pode promover a criação de Museu Didático junto a uma escola normal, ou grupo escolar, sem grandes despesas, uma vez que o material nele colecionado não constitui coisa de alto preço.

Direção. — Um Museu Didático não é dependência da escola aberta a tôdas as mãos, nem fechada a todos os olhares. Deve ficar sob a direção dos próprios alunos, encarregados de sua manutenção e funcionamento. O hábito de desfalcas coleções, de carregar livros sem devolvê-los ainda é muito generalizado.

Funcionamento. — Pela sua própria natureza o Museu Didático deve estar em constante funcionamento, servindo à escola em tôdas as oportunidades. Precisar-se-á contudo, de regulamento claro que oriente as pessoas que dele queiram utilizar-se.

Renovação. — Enriquecer-se constantemente deve ser a norma dos Museus Escolares. As contribuições de alunos e de pessoas estranhas à escola concorrerá para ampliar o material existente, renovando as coleções que possua.

Algumas sugestões sobre o material do Museu.

1. Aritmética.

- a) Material para a formação da idéia de número: árvore do cálculo, caixas de objetos, figuras de cartolina, escada com números, quadros sugestivos, jogos.
- b) Material para o ensino da tabuada.
- c) Material para o ensino de horas.
- d) Para o ensino de frações.
- e) Para o ensino do sistema métrico, etc.

2. Leitura e linguagem.

- a) Quadros seriados com assuntos para motivar as aulas de leitura. Quadros de sílabas. Quadros de histórias. Quadro de letras. Quadro de histórias mudas.
- b) Mapa gramatical.
- c) Cineminha de filmes de cartolina. Gravuras.

3. Geografia.

- a) Relevos do Brasil, de São Paulo, de diversas partes do mundo.
- b) Cartas e mapas geográficos.
- c) Álbum de vistas de países.
- d) Estatísticas.
- e) Guias.
- f) Mapas para reconstruir, etc.

4. História.

- a) Galeria de brasileiros ilustres. Retratos de homens notáveis do mundo. Reprodução de quadros célebres sobre história universal. Quadros sinóticos de nossa história. Cartazes com poesias sobre história.
- b) Coleções de postais, gravuras, poesias, selos, moedas, etc.
- c) Assuntos indígenas e coisas africanas.
- d) Histórias diversas: da casa, do trem a vapor, do vestuário, da embarcação, do avião, etc.

5. Educação cívica.

- a) Bandeiras do Império e da República.
- b) Hinos e códigos.
- c) Cartazes com dizeres alusivos ao Brasil.
- d) Vistas do Brasil, estatísticas, etc.

6. Noções comuns.

- a) Conjunto de aparelhos construídos pelos alunos; torniquete hidráulico, balança, pêndulo, etc.
- b) Esquemas do relógio, do automóvel, do avião, etc.
- c) Cartazes com resumos de fatos científicos.
- d) Retratos de grandes inventores e resumo de grandes invenções.
- e) Cartazes de problemas: Por que cai o granizo?
- f) Modelos da cabeça, do corpo humano, etc.
- g) Coleções de minerais.

Além do material lembrado, pode o Museu Didático servir também às várias matérias do curso normal com um conjunto de gráficos e de cartazes, como sejam:

- 1 — Cartaz em que se esclareça a noção de comportamento ou em que se dê essa noção. Uma pessoa que escorrega e procura equilibrar-se para não cair.
- 2 — Cartazes sobre os reflexos, suas vias e complexidades.
- 3 — Cartazes sobre os instintos. Sua noção. O tropismo.
- 4 — Cartazes sobre a divisão das atividades.
- 5 — Cartazes sobre o sistema nervoso. O neurônio. A marcha da corrente nervosa.
- 6 — Cartaz sobre o sistema nervoso simpático, para mostrar a sua complexidade e entender-se a difusão dos fenômenos emotivos.
- 7 — Cartaz sobre o reflexo condicionado.
- 8 — Curva sobre a aquisição de um hábito.
- 9 — Gráfico da conduta inteligente.
- 10 — Cartaz de labirintos, para experiências com animais.
- 11 — Curva da fadiga, da memória, da atenção, etc.
- 12 — Curva das oscilações do coração nas emoções.
- 13 — Gráficos comparativos do pulso no estado emotivo com o do estado normal.
- 14 — Gráfico das leis de Mendel.
- 15 — Gráfico do rendimento escolar da própria classe.
- 16 — Cartazes das percepções de sua evolução na criança, a partir da fase sincrética.
- 17 — Cartazes sobre as ilusões das percepções.
- 18 — Cartazes sobre as transmissões do *Mal de Chagas*, da maleita e do amarelão.
- 19 — Cartazes ou fotografias de habitações rurais, com os seus defeitos e males.
- 20 — Gráfico do crescimento físico da criança brasileira e de crianças de outros países.
- 21 — Gráfico do aumento em peso de crianças brasileiras e estrangeiras.
- 22 — Gráfico da capacidade pulmonar nas diferentes idades e em ambos os sexos.
- 23 — Gráfico da força muscular.
- 24 — Gráfico comparativo sobre a eficiência dos vários sentidos na aquisição de conhecimentos: acústica visual; auditiva; visual e auditiva e muscular.
- 25 — Gráfico de porcentagem de rendimento nas escolas primárias.
- 26 — Gráficos de movimento de caixas escolares, cooperativas, bibliotecas etc.

NOTA: Estas sugestões de gráficos e cartazes são do Prof. Onofre de Arruda Pentead.

Documentação dos trabalhos do curso primário. — O Museu Didático deve também organizar uma seção para expor e colecionar os trabalhos gráficos ou manuais das crianças, pelos quais se possa verificar o andamento do ensino, na escola, a sua qualidade e a sua processuação.

Poderia ser esta relação de alguns trabalhos para exposição:

- 1 — Trabalho de linguagem: a) os primeiros exercícios de escrita; b) a escrita do 1.º e do 4.º ano (para confronto); c) as letras de uma classe; d) cópias; e) composições, etc.
- 2 — Trabalhos de desenho: a) de imaginação; b) de cópia; c) ornamental; d) aquarela; e) a pena; f) barras decorativas; g) desenhos do 1.º ano e os do 4.º.
- 3 — Trabalhos manuais: a) de madeira; b) de arame; c) de couro; d) de cartão; e) de barro; f) de palha; g) de fibra; h) de barbante, etc.

Pasta de documentação. — Como documentação de grande valor pode o Museu constituir uma série de pastas de resumos de assunto, cujo interesse para o professorado não é preciso encarecer.

Os assuntos dessas pastas poderiam ser historiados pelos alunos, ano a ano, de modo que ficasse a Escola Normal com documentação preciosa ao fim de algum tempo.

Oferecemos a seguinte série de assuntos para documentação:

- | | |
|-------------------------------------|-------------------------------------|
| 1 — Assistência dentária | 44 — Estatísticas |
| 2 — Associações escolares | 45 — Exames |
| 3 — A arte na escola | 46 — Excursões escolares |
| 4 — Ambidestriano | 47 — Educação nos diversos países |
| 5 — Assistência alimentar | 48 — Festas escolares |
| 6 — Administração escolar | 49 — Fichas de alunos |
| 7 — Bibliotecas infantis | 50 — Formação do professor primário |
| 8 — Biblioteca do professor | 51 — Gabinetes de Psicologia |
| 9 — Boletins em geral | 52 — Gastos do ensino paulista |
| 10 — Brasileiros ilustres | 53 — História do ensino paulista |
| 11 — Brasil (dados gerais) | 54 — História do ensino brasileiro |
| 12 — Concursos no magistério | 55 — Horário escolar |
| 13 — Clubes de trabalho | 56 — Hinos escolares |
| 14 — Cooperativas escolares | 57 — Jardins da infância |
| 15 — Clubes agrícolas | 58 — Jornais infantis |
| 16 — Caixas escolares | 59 — Jogos educativos |
| 17 — Cinema educativo | 60 — Literatura didática |
| 18 — Congressos de Educação | 61 — Material escolar |
| 19 — Classes de reajustamento | 62 — Mobiliário escolar |
| 20 — Colônias de férias | 63 — Métodos |
| 21 — Concursos literários escolares | 64 — Museus escolares |
| 22 — Correspondência interescolar | 65 — Nacionalização do ensino |
| 23 — Cidades paulistas | 66 — Orientação Profissional |
| 24 — Desenho pedagógico | 67 — Prédio escolar |
| 25 — Disciplina escolar | 68 — Programas |
| 26 — Delegacias de Ensino | 69 — Professor |
| 27 — Escotismo | 70 — Professor leigo |
| 28 — Educação física | 71 — Parques infantis |
| 29 — Educação social | 72 — Plano Dalton |
| 30 — Educação cívica | 73 — Palestras pedagógicas |
| 31 — Educação higiênica | 74 — Repúblicas escolares |
| 32 — Ensino Profissional | 75 — Renovação escolar |
| 33 — Ensino Primário | 76 — Revistas de educação |
| 34 — Ensino Pré-primário | 77 — Revistas infantis |
| 35 — Ensino Rural | 78 — Registro de lições |
| 36 — Ensino Especializado | 79 — Relêvo geográfico |
| 37 — Ensino Religioso | 80 — Seleção de alunos |
| 38 — Ensino Particular | 81 — Sopa escolar |
| 39 — Ensino Municipal | 82 — Salas ambiente |
| 40 — Ensino Secundário e Normal | 83 — Sistema Platon |
| 41 — Educadores brasileiros | 84 — Testes |
| 42 — Educadores estrangeiros | 85 — Trabalhos manuais |
| 43 — Escolas | 86 — Teatro infantil |

Direção. — O professor de prática, de colaboração com os alunos e professores da escola, organizará a seção de documentação referida, aproveitando todo o material que possa enriquecê-la e torná-la útil à consulta dos interessados. Assim, percorrendo a relação dos oitenta e seis assuntos que apresentamos, notará ele que no trabalho cabe a coleta de material, como: postais, gravuras, gráficos, estatísticas, esquemas, resumos, transcrições, folhetos, relatórios, circulares, decretos, prospectos, etc.

Histórico do ensino. — Acompanhando a reconstrução histórica do ensino no Brasil ou em São Paulo, feita no Museu Didático, os alunos da escola normal podem organizar curiosos mostruários de fotografias de material didático, folhetos de orientação pedagógica, livros escolares, artigos, etc.

Bibliografia — Ver em Práticas Escolares — 2.º volume, a copiosa coleção de planos de aula.

XII

O ENSINO DA LEITURA

(1.^a Parte)

Exposição do problema. — Antes de iniciar o professor ou o praticante das escolas normais o ensino da leitura, parece-nos avisado que tenham uma perspectiva da aprendizagem dessa técnica fundamental, a fim de que possam com mais desembaraço enfrentar as dificuldades que o trabalho oferece. O exame preliminar do assunto, o conhecimento das opiniões que explanam experiências a respeito do problema, o contato de praticantes com as classes alfabetizantes do curso primário, concorrem para familiarizá-los com as dificuldades que soem aparecer no ensino da leitura.

Há necessidade de colocar, quanto antes, o aluno-mestre dentro da classe primária e de guiá-lo na prática da observação. (*) Assistidas aulas de leitura, desde o início do ano letivo, observada a atitude dos professores e alunos, anotadas as lições do quadro ou dos cartazes, a organização das sentenças, a repetição de palavras verificadas, a duração do trabalho diário de leitura, a divisão das classes em seções, a transição de uma para outra atividade, colhe o aprendiz, pela própria observação, a experiência real do trabalho de alfabetização.

Métodos no ensino da leitura. — Estude o aluno nestes resumos que apresentamos, ou na bibliografia dos autores citados, a questão dos métodos no ensino da leitura, discuta-a em classe, vá às salas do curso primário, para observar o andamento do ensino, real e verdadeiramente educativa, formar o seu conceito a respeito do problema, a que novos exercícios darão esclarecimentos e soluções convenientes.

A opinião dos partidários do método analítico ou global.

1 — Para o autor citado, a aprendizagem da leitura consiste na análise das sentenças, com o fim de retenção de imagens visuais de palavras, atividade que permite à criança ler rapidamente essas palavras, quando aparecem de novo.

A aprendizagem da leitura se realiza apoiada nas leis da análise: 1.^a lei: "Tudo o que se repete em coisas variadas, tende a ser objeto de uma consciência distinta"; 2.^a: "Tudo o que varia em coisas semelhantes, tende a ser objeto de uma consciência distinta"; 3.^a: "Analisam-se em uma percepção tantos elementos quantos já foram analisados em percepções anteriores". (JOSÉ RIBEIRO DE ESCOBAR — Programa de Ensino para o curso Primário — Pernambuco, 1929).

NOTA: Esta, como outras opiniões transcritas, devem ser lidas e criticadas pelos alunos, que poderão verificar seu valor, no curso primário.

2 — SAMPAIO DÓRIA considera: "A finalidade no ensino da leitura é associar a palavra vista à consciência da realidade que ela representa, e, no atingi-la, granjeia-se a faculdade de articular seja qual for a palavra nunca vista". Ainda: "Ler é associar-se a imagem visual da palavra com o seu sentido e a sua articulação. É a finalidade do ensino da leitura: a associação da imagem gráfica de certas palavras com os sentidos respectivos, e, como consequência, articular seja qual for a palavra nova".

(*) Para esse trabalho oferecemos no capítulo XI inúmeros planos orientadores.

NOTA: Além de ler e criticar trechos do autor citado, ao aluno cabe, em novo exercício, estudar as objeções que contra o método analítico costumam ser feitas. Graças a observações que fizer no curso primário poderá julgar o mérito dessas objeções. (1)

Objeções: 1.^a — O método analítico toma por finalidade de ensino da leitura o que lhe é mera consequência. Entende que o objetivo de ensinar a ler é a relação direta da forma verbal com o respectivo sentido, quando, em verdade, é a relação da grafia verbal com o respectivo som.

2.^a — O método analítico considera como elemento material da palavra a forma e o som, admitindo a palavra escrita, quando em verdade, não há palavra escrita, e só o som é elemento sensorial da palavra.

3.^a — O método analítico arvora em ponto de partida do ensino de leitura O TODO, as sentenças, quando em verdade, as sílabas e as letras são pontos de partida mais fáceis e mais legítimos.

4.^a — O método analítico é dificultoso, uma como ciência oculta, só acessível a raros iniciados; a sua eficiência prática depende da personalidade do professor, enquanto a soletração, a silabação e os processos fônicos estão ao alcance de todos.

Outras objeções: O método analítico é de efeitos pouco compensadores e a sua prática atesta mediocridade nos resultados. Por outros processos se alfabetiza muito mais e bem. O método analítico é moroso, o método analítico só tem razão de existir na América do Norte, em virtude da disparidade entre a pronúncia e a grafia do inglês. (Educação — SAMPAIO DÓRIA, págs. 388 e segs.). (2)

3 — O método global para Claparède: — "Seguramente para uma pessoa que já penetrou no mecanismo da linguagem escrita, a letra é mais simples do que a sílaba e esta mais simples do que a palavra. Não ocorre, porém, o mesmo no caso da criança, que vê pela primeira vez um texto. Para a criança, a palavra e mesmo a sentença, formam um desenho, cuja fisionomia a cativa muito mais que o desenho de letras isoladas, que não distingue no conjunto. Por isso é com frequência vantajoso ensinar a criança a ler, começando pela palavra em vez de começar pelas letras isoladas" (Psicologia da Criança e Psicologia Experimental).

4 — A leitura é uma função visual (DECROLY e MLLE. DÉGAND).

"Quando se analisam as funções mentais que se põem em atividade por ocasião do ensino da leitura, percebe-se que são muito diversas e que na realidade, a leitura, tal como se entende habitualmente, pede em especial a intervenção de duas funções distintas: a função visual e a função motora da linguagem, sem contar as atividades de ordem mais elevada que intervêm na compreensão do sentido do texto."

"O fenômeno primordial que rege todos os demais é o fenômeno visual. Realmente, a leitura visual, chamada também leitura mental é a única leitura."

"O exercício de leitura é pois, em grande porção, um exercício visual e pode afirmar-se que a imagem visual desempenha na leitura papel preponderante."

NOTA: Fundamentos da opinião supracitada (para discutir em classe): a) a função visual se desenvolve com mais antecedência que a função auditiva; b) a vista fornece noções mais numerosas e mais precisas que o ouvido. (Cf. Psychologie et pédagogie de la lecture).

Pequeno histórico do ensino da leitura. — O ensino da leitura, durante muito tempo esteve apoiado numa falsa concepção do espírito infantil e na falsa noção do simples lógico e do simples psicológico. Aprendendo as crianças pelo ABC, começavam pelo fim. Memorizando a letra pelo nome ou pelo som, mais tarde, não reagiram a estímulos provocadores de reações agradáveis. Apenas confiavam à memória o símbolo

(1) Estas objeções são apresentadas por vários autores, contrários ao método analítico.

(2) Partidário entusiasta do método analítico, o Dr. Sampaio Dória apenas discute as objeções citadas.

árido, a nomenclatura alfabética; agrupavam depois letra e letra, formando a sílaba. Silabas e silabas reunidas, organizavam-se em palavras. E as palavras em sentenças, quando lidas, indicavam a alfabetização.

Em 1530, ICKELSAMER iniciou o emprêgo do método fônico, prática que foi aperfeiçoada por KRUG e outros pedagogos. Consistia êle em ensinar os sons das letras, antes das silabas, palavras e orações. GROSSELIN, em 1886, recomendava o processo *fonomímico*, para êste ensino. Consistia em representar cada som com uma mímica do rosto, usando de preferência o som onomatopaico. Pela vocalização, ideada por LANGE, o aluno aprendia pela substituição do nome de cada consoante por outra denominação que recordasse seu som: *o ruído do carro pelo r*.

No domínio do artificialismo de que tratamos, não poderíamos esquecer uma citação. É a *leitura repentina*. — *Método para em poucas lições se ensinar a ler com recreação de mestres e discípulos* — de A. F. DE CASTILHO.

Seria curioso e bastante instrutivo reviver aqui a arquitetura dêsse método que alcançou sucessivas edições. Mas porque impossível, deixamos de lado a larga crítica feita aos métodos antigos, do ensino de leitura que o livro encerra, e outras indicações sôbre a processuação do trabalho, e tomamos apenas duas amostras de suas lições que o autor diz serem lições excelentes para o ensino das vogais:

Ensino das vogais (a, e, i, o, u).

Ensino do A

Gravura de um velho

Este preguiçoso passa o dia a bocejar. O som que faz abrindo a bôca, é umas vêzes mais, outras menos claro. Ora nos seus bocejos diz *A*, com o valor do primeiro *A* de Ave, ora *Â*, com o valor do primeiro e do segundo *A* de Ana. À direita está a sombra dêle; e como ao homem costumam chamar por zombaria o Sr. *A* ou *Â* o mesmo nome de *A* ou *Â* dão a sombra.

Esta reprodução de uma passagem do método, dá idéia de sua orientação.

Como esta simbolização castilhana, poderíamos lembrar ainda outras, como a representação do *o* por uma orelha de burro, uma águia para o *a*, uma espada para o *d*, etc. Até doces e biscoitos foram fabricados para o ensino das vogais.

A COMÊNIO se deve, com a publicação de seu *Orbis sensualium pictus* (1658), um abecedário ilustrado muito característico pela ingenuidade dos desenhos e pelo aproveitamento que fêz do velho e do novo, na didática.

ARNAUD, na dissertação: *Mémoire sur le règlement des études dans les lettres humaines*, traz um capítulo sôbre uma nova maneira de aprender facilmente em qualquer espécie de língua. Tôda a sua reforma nada mais é que o método fonético. Nomeiam-se as consoantes com seus nomes naturais, acrescentando-se-lhes sômente um *e* mudo, necessário para pronunciá-las. A idéia do método fonético já viera contudo de PASCAL.

O método conhecido por *método Jacotot*, é, na realidade o mesmo método fonético. Tomando o livro de leitura, *Telêmaco*, de Fenelon, o mestre lia: *Calypso* e o aluno, vendo a palavra, a repetia. O professor depois a dividia em sílabas: *Ca-lyp-so*. Assim continuava a leitura. Ao encontrar as palavras já vistas ou grupos de sons já lidos, era, então o momento de pronunciar os sons isolados, exercitando-se também nas letras. Abolido o nome das letras, começava então a leitura propriamente dita.

Uma curiosidade dêsse primeiros tempos é o *abecedário-lalismi*, uma cruz em que o autor, por força de boa vontade, desejava ver a maioria das letras do alfabeto.

(*) Ortografia de CASTILHO.

O método fonético aperfeiçoou-se mais tarde, recebendo o nome de *método das palavras normais* (Normalwortermethode). Foi estudado por LAMBRUSCHINI, na Itália, e por VOGEL, na Alemanha. O primeiro assim defendia seu método: "Como a mãe pronuncia ao filho a palavra inteira, assim o professor deve mostrar escrita a palavra; como a mãe repete várias vêzes a mesma palavra e vai pouco a pouco marcando as partes menos perceptíveis ou menos percebidas da mesma, assim o professor deve mostrar progressivamente na palavra inteira, escrita, os sinais de seus elementos particulares, primeiro os maiores, depois os menores".

VOGEL, fazia o mesmo: ensinava pelo desenho e pela palavra impressa — *Hut* (chapéu); pronúncia correta da palavra, estudo dos sons, decomposição das palavras.

Resenhando rapidamente o passado, com relação à leitura e o seu ensino, é curioso observar a marcha progressiva com que se veio da letra a uma totalidade maior de compreensão: letra, sílaba, orações, historietas.

Tendências diversas no presente se pronunciam a favor do método das sentenças, das historietas e de contos, tôdas porém concordes no tomar como ponto de partida um todo inteligível à criança: palavra, sentença ou história.

Ao lado dessas reformas que caracterizam a moderna orientação da aprendizagem, convém acentuar que, dentro delas, se precisou melhor o sentido da atividade da criança, no aprender, o uso de jogos e dramatizações no ensino, e uma nova concepção das finalidades da leitura. O ponto inicial, porém, está no conhecimento mais seguro da psicologia infantil, especialmente da função globalizadora na aprendizagem.

5 — A leitura para Brooks. — BROOKS procura explicar a atividade global do ato de ler em processos de simples associação. Quais são êsses processos? Êle apresenta os seguintes:

a) as impressões visuais são recebidas pela retina; b) o impulso nervoso passa da retina para o centro da visão; c) novos impulsos e associações se estabelecem, para dar significação aos sinais percebidos; d) o impulso passa para o centro motor; e) o impulso passa do centro motor da palavra para os músculos da língua, dos lábios e das cordas vocais; f) os órgãos vocais se movem e produzem as palavras.

A fase inicial da aprendizagem apresenta para o mesmo autor três processos.

O mestre pronuncia as palavras para o aluno e então:

a) as impressões sonoras são recebidas pelo ouvido; b) o impulso nervoso passa do ouvido para o centro da audição; c) o impulso passa entre os centros auditivo e visual, estabelecendo associações entre a forma e o som da palavra.

(Cf. LOURENÇO FILHO — Testes A B C).

NOTA: Na explicação acima só foi considerado o aspecto fisiológico da leitura.

6 — A leitura para Lourenço Filho. — a) Ler, na fase inicial do aprendiz, é imitar a conduta de ver sinais escritos ou impressos, para falar. Será preciso motivar o aprendiz de modo que a criança, diante dos mesmos estímulos, reaja com identidade de condutas verbais externas. Certo, melhor será que êsses estímulos desde logo signifiquem alguma coisa ao aprendiz. Nesse caso, ler será *ver* para *falar*, para *entender* o que se fala, dando-se assim, o processo em tôda a sua normalidade ou integridade.

b) Mas para que isso suceda, será preciso supor, na criança, antes de tudo, uma capacidade de discriminação visual, que lhe permita distinguir palavras entre palavras, sílabas entre sílabas, letras entre letras. Ora, a *visão da forma é movimento*, exigindo coordenação das reações do sistema motor da visão. Será necessário também que a criança apresente um mínimo de atenção dirigida e de resistência à fadiga, para que o condicionamento, que se lhe procura dar, possa ser alcançado.

c) Mas não é só. Isso permitiria associar as condutas de reação da visão de formas às condutas de vocalização ou enunciação. Para que o sentido real da leitura se venha estabelecer, desde logo, será preciso que a palavra enunciada *signifique*, que ela venha a tornar-se linguagem real. (Obra citada).

7 — A leitura para Aguayo. — "Ler é perceber as formas gráficas das palavras escritas, compreender-lhes o significado e, quando a leitura é oral, traduzir em sons articulados os sinais ou símbolos da escrita." (Didática da Escola Nova).

Exercícios para alunos.

- 1 — Estudar o problema da percepção sincrética, na criança.
- 2 — Organizar palestras sobre a atividade de aprender a ler, segundo os diversos autores citados.
- 3 — Estudar o fato do sincretismo no desenho infantil.

8 — O método fônico no ensino da leitura. — "As fases do trabalho didático serão, ao inverso das do método de sentencição: letra, sílaba, palavra, frase. O professor começará pelo ensino de vogais, isoladamente, dividindo o trabalho em: emissão do som e representação escrita. Depois fará o ensino das consoantes."

Plano de trabalho (apresentado no programa de linguagem do Distrito Federal).

Escolha de uma história cujos personagens têm nomes começados por vogais. Pronúncia desses nomes. Emprego de desenho, como auxiliar. Desenho da boca quando pronuncia a vogal *o*. Desenho de coisas circulares com forma de *o*. Denominação da letra.

O que foi feito com a vogal *o* será repetido com as demais vogais, depois do que se passa ao estudo das consoantes, assim:

- a) ensino, pelo sistema fônico, da articulação que a consoante representa;
- b) representação gráfica e nome da consoante;
- c) sua ligação com as vogais.

Aconselha-se ainda o uso de articulações que permitam representações onomatopaicas. Dominada uma consoante, o professor organizará pequenas frases, que sejam o resumo de uma história contada e em que entrem palavras com essa letra. Os alunos copiarão o exercício.

9 — Outra modalidade do método fônico. — a) narração de uma pequena história e troca de idéias entre os alunos;

b) escrita no quadro de três ou quatro frases curtas, que representem a história, com a letra que se pretende ensinar repetida freqüentemente e escrita a giz de côr;

c) cópia de letras;

d) ensino de duas vogais e uma consoante; articulação das consoantes com as vogais. Reconhecimento de letras, sílabas e palavras. Formação de palavras: *vivi* — *vovô* — *vivo*, etc.;

e) estudo de nova vogal, formação de novas palavras e frases: *vi o vovô*, *vi a vovó*, *viva o vovô*, etc.;

f) conhecimento completo das consoantes;

g) estudo dos ditongos, da colocação das consoantes depois das vogais (*ar* e *es*) e dos grupos consonantais.

10 — O método da leitura Castilho. (*) — "Começa o professor dando aos seus discípulos idéia completa e adequada do que é letra, e faz-lhes compreender exatamente o uso de letras como sinais de sons elementares das palavras, não lhes dando nomes que façam entrar no espírito deles idéias de coisas que sejam tais letras, mas simplesmente os seus naturais e correspondentes sons.

Tomando os sons mais isoláveis, mas claros, mais distintos, os sons manteníveis, prolongáveis, que podem ser arrastados, começa pelo exercício destes o seu ensino ou prática. Associa no espírito dos discípulos a idéia de letra ou sinal escrito do som, o conhecimento do som (ouvido), e os movimentos fônicos que o reproduzem. Por exercícios repetidos forma essa associação complexa de conhecimentos e movimentos, de modo que a audição do som da letra reproduza a idéia dela e suscite logo os movimentos vocais destinados a reproduzir aquêle. Conhecidos os elementos mais simples (sic) das palavras debaixo destes três pontos de vista: 1 — a idéia da letra ou sinal escrito; 2 — o do som ouvido; 3 — o som falado, para fazer associações mais complexas combinando os sons elementos dois a dois, três a três... e esforçando-se por compor palavras simples (sic) e curtas que sejam conhecidas dos alunos e que formem palavras por eles sabidas."

(*) Escola Brasileira, Método de leitura — CASTILHO.

Algumas linhas do processo.

1 — Estudo das vogais; 2 — Estudo de consoantes; 3 — Estudo de vogais imitativas, a saber: *R* — representa um som prolongável e semelhante ao *rouco ruído* do *rodar* de um *carro* que *corre*; *F* — figura de um som prolongável à imitação do que produz a *ferveira* de uma *frilada* que *ferve* em *fogo forte*, etc.

4 — Ortografia fônica ou etimológica.

5 — Depois do estudo das vogais e consoantes, com a formação de palavras: *aza*, *uza*, *uzo*, *rizo*, *xão*, *rãxo*, *ôje*, vem a formação de frases como estas, reproduzidas *ipsis verbis*:

A ave vazôu o ovo. Rôza axou a xave. Eva rezáva e fiáva. O fuzo Jozé raxôu. Jozéfa rifôu a sáia. O ráio raxôu a rôxa. A xuva êxeu o rio. Vazia a rua se axava. A uva molhôu o xapéo.

6 — Modelo de um trecho para leitura. — "Claudino trouxe as frutas na fralda da blusa; a blusa era branca e muito clara; como está suja e negra. Crédo Claudino!" (Escola Brasileira — Método de leitura — CASTILHO).

1. Estudar o problema da percepção sincrética, em geral, e na aprendizagem da leitura.

2. Organizar esquemas que expliquem a atividade de aprender a ler, segundo os diversos autores citados.

3. Estudar a percepção sincrética no desenho infantil.

4. Estudar mediante observações nas classes primárias de 1º ano, o problema da fixação de palavras pelas crianças e os processos didáticos mais empregados para isso.

5. Estudar os fundamentos psico-pedagógicos do método analítico no ensino da leitura.

6. Discutir os fundamentos psico-pedagógicos do método fônico.

7. Expor as diferenças fundamentais entre o método analítico e o fônico.

8. Dizer quais os argumentos mais incisivos contra o método fônico?

9. Em que porção entra o método fônico no método analítico?

10. Qual a crítica desfavorável que poderíamos fazer ao método de Castilho?

11. Como poderia o método fônico ser aplicável à escola primária?

12. Qual a sua opinião sobre o método global?

13. A que os professores denominam método misto no ensino da leitura?

14. Além do aspecto fisiológico, em que outro poderá ser estudado o problema da leitura.

15. Estabelecer as linhas características que distinguem os métodos analíticos e os sintéticos, no ensino da leitura.

16. Estudar o chamado "método de contos" no ensino da leitura.

17. Estudar o papel do interesse na aprendizagem da leitura.

18. Estudar a orientação do ensino da leitura em nossos programas primários e em programas de outros Estados.

19. Observar em classe de 1º ano o método adotado no ensino da leitura.

20. Fazer um resumo dos diversos métodos empregados no ensino da leitura.

A preparação para a aprendizagem da leitura. — Recomendam em geral os didatas e a experiência aconselha que não se faça *ex-abrupto* a iniciação da criança nas aulas sistemáticas de leitura, mas que ela seja levada a essa aprendizagem por meio de atividades preparatórias, a fim de que o trabalho escolar se torne mais suave e agradável.

Problema sugerido pelo assunto. — Como preparar a criança para aprender a ler?

Algumas sugestões para a solução do problema:

a) Aulas de história contadas pelo professor, pelos alunos, inventadas por estes, por eles ilustradas e dramatizadas;

b) Modelagem de objetos cujos nomes podem constituir parte do vocabulário da leitura;

c) Desenhos variados, de imaginação, com elementos de conto que vai ser aproveitado na leitura;

d) Confeção de álbuns pelas crianças, com a colagem de figuras de animais, plantas, flores, crianças;

e) Verificação das imagens mentais que as crianças têm de coisas, animais e plantas. Mostrada uma figura ver a que corresponde no espírito infantil;

f) Mostrar às crianças livros ilustrados. Provocar o desejo de lê-los;

g) Escrever no quadro nomes de alunos e fazer a leitura deles. Escrever nomes de alunos em cartazes e entregá-los aos donos;

h) Nomear com pequenas etiquetas os objetos da classe. Trocar esses nomes e criar jogos para a colocação dos nomes certos dos objetos;

i) Organizar séries de figuras em fichas e adaptar-lhes os nomes. Organizar jogos de adaptação dos nomes às figuras;

j) Escrever pequenas ordens em cartas. Mostrá-las às crianças para que as cumpram;

l) Fazer uma folhinha para que as crianças leiam os nomes dos dias;

m) Organizar jogos com os nomes das crianças escritos em cartões. Depois de baralhar esses nomes, pedir que um aluno descubra os donos desses cartões;

n) Construir um círculo de madeira com um ponteiro giratório. Adaptar nêlo um círculo de cartolina com nomes diversos. Guiar o ponteiro para que a criança leia a palavra que ficar sob êle;

o) Cartazes grandes com figuras coladas. Colocar sob cada figura o nome correspondente;

p) Fazer um envelope cheio de cartõzinhos com palavras, outro cheio de figuras correspondentes às palavras. Fazer com que a criança ajuste o nome à figura;

q) Empregar desenhos de histórias mudas. As crianças organizarão a linguagem dessas histórias;

r) Exercícios de conversação sobre gravura, de histórias (*) de diversos tipos;

s) Artifícios diversos no quadro negro: escada de nomes, árvores cujas folhas têm nomes etc.;

t) Desenhos de objetos simples com os nomes por baixo.

OBSERVAÇÃO: O professor ou o praticante devem adestrar-se não só na prática dos exercícios enumerados, como também na de conversação com crianças, a fim de tornar flexível e desembaraçar sua linguagem.

Os primeiros exercícios de leitura — Apenas a título de sugestão aqui expomos e sugerimos a marcha de um trabalho realizado por uma turma de alunos praticantes, em 1934:

Escolher uma gravura bem sugestiva, de 0m,50 x 0m,40 mais ou menos. Colocá-la em lugar apropriado, junto ao quadro negro. Estabelecer uma conversação com as crianças sobre o assunto da gravura. Guiar a observação da criança no exame do quadro. Conseguir através da conversação estabelecida, cinco sentenças, escrevendo-as no quadro negro.

Observar nestas aulas o seguinte:

1 — Trazer para o quadro no máximo quinze crianças;

2 — Dispô-las em ordem para que não fiquem coladas ao quadro negro;

3 — Se possível, adaptar o quadro negro à altura tal que a criança possa usá-lo;

4 — Usar ponteiro para indicar as palavras ou sentenças escritas no quadro;

5 — Não escrever com letra irregular, no quadro, nem muito pequena, nem muito apagada;

6 — Não variar o tipo de letra empregado;

7 — Dar bom espaço entre as sentenças do quadro;

8 — Escrever uma à uma, as sentenças, sem silabá-las;

9 — Seriar as gravuras (8 ou 12) para todos os exercícios de leitura.

Sugestões para a feita das gravuras:

1ª GRAVURA (Para 3 ou 4 aulas) — Uma gaiola de porta aberta pendurada a uma árvore. Dois canarinhos fugindo.

2ª GRAVURA (Para 3 aulas) — A gaiola aberta, os canarinhos na árvore, um gato preto espreitando os passarinhos.

3ª GRAVURA (Para 2 aulas) — O gato preto apanha um dos canarinhos enquanto o outro foge. Um menino aparece ao longe.

4ª GRAVURA — O menino tenta salvar o canarinho e espantar o gato.

5ª GRAVURA — O gato abandona o canarinho, foge, enquanto o menino apanha êste do chão.

6ª GRAVURA — Em casa. O menino trata do canarinho com cuidado, arranja-lhe uma gaiolinha dourada e dá-lhe alpiste e água fresca.

7ª GRAVURA — O canarinho sai todos os dias e volta de novo para a sua gaiola. O menino alegra-se com essa volta.

8ª GRAVURA — Todas as manhãs o menino acorda com o canto do canarinho e vai para a escola.

9ª GRAVURA — A escola do bom menino. A professora e os colegas.

10ª GRAVURA — A professora explica que não devemos prender nem matar passarinhos.

11ª GRAVURA — O bom menino solta o canarinho, mas êste volta de novo à gaiola.

12ª E ÚLTIMA GRAVURA — Certa manhã o menino não ouviu o canto do canarinho. Foi ver o que havia acontecido e achou-o morto no fundo da gaiola.

NOTAS: 1 — A cada gravura podem corresponder duas ou mais aulas. Será aconselhável variar as gravuras logo que o interesse da classe, pelo quadro, haja desaparecido.

2 — Com a série de gravuras bem apresentadas e bem exploradas, com a atividade das crianças dramatizando ou desenhando as cenas que elas apresentam, como o vocabulário que surge espontâneo dessas cenas, não é difícil a aprendizagem da leitura.

3 — A aula de leitura não se desenvolve somente no quadro negro. Pode ser continuada no desenho, na modelagem, no canto, no recorte e nos trabalhos escolares em geral.

4 — O uso de giz de cor nos exercícios de leitura é de grande vantagem, bem como de palavras ou expressões onomatopáicas.

5 — O segredo do ensino da leitura está na gradual distribuição de exercícios. O seu fracasso está, muitas vezes, na pressa e no afobamento com que são dadas as aulas.

Vocabulário do plano apresentado e sugerido pelas gravuras. — No decorrer dos exercícios de leitura a que aludimos, foi aproveitado o seguinte vocabulário, surgido natural e espontaneamente nas conversações entre praticantes e crianças.

(*) Ver o capítulo de linguagem oral.

Árvore, canarinhos, amarelos, gato preto, Negrinho, gato mau, porta aberta, fugiram, gaiola, comer, de mansinho, pegar, pegou, malar, olha, menino, espantar, salvar, fugiu, pássaro, mão, casa, trata, cuidado, dourada, alpiste, água fresca, volta, sai, dias, para, manhã, acorda, canto, escola, colegas, professora, prender, sempre, morto, fundo, brincar, etc.

Com êste conjunto de palavras e expressões não foi difícil o aproveitamento das palavras chaves, ou típicas para a alfabetização da classe: casa, come, cedo, etc.

Exercícios para a fixação de palavras. — A aprendizagem da leitura só se realiza pela retenção de um conjunto de palavras ou de expressões de tal forma que, reaparecendo essas palavras ou expressões isoladas ou entre muitas no quadro ou no livro, sabe a criança reconhecê-las. (*) À vista da dificuldade que esta fase do ensino oferece aos professores e aos praticantes de escolas normais, sugerimos a prática das seguintes atividades para a fixação, pela criança, do vocabulário de leitura.

Artifícios no quadro negro. — 1 — procurar certas palavras nas sentenças dadas; 2 — procurar quantas vezes determinada palavra aparece no quadro; 3 — procurar nomes, no quadro; 4 — prender certas palavras dentro de círculo; 5 — sublinhar determinadas palavras; 6 — apagar palavras designadas pelo professor; 7 — colocar cartões sobre certas palavras pedidas pelo professor; 8 — estabelecer competições entre os alunos, organizando dois partidos, para a leitura de palavras; 9 — dar as costas para o quadro e dizer o maior número de palavras; 10 — ler as sentenças do quadro de baixo para cima, de cima para baixo, alternadas, etc.

Artifícios fora do quadro. — 1 — colocar sobre gravuras coladas em cartões os respectivos nomes escritos em tiras de cartolina; 2 — tirar de um envelope com cartões em cada um dos quais foi escrita uma palavra do vocabulário da leitura, uma determinar palavra; 3 — trocar palavras por gravuras correspondentes; 4 — desenhar figuras e escrever correspondentes, abaixo. 5 — organizar jogos educativos a serviço de leitura, etc.

Testes de verificação. — Além dos processos comuns de verificação do domínio de vocabulário por parte das crianças, podem ser freqüentemente empregados testes de verificação dêsse domínio. É bastante desenhar em folhas de papel, figuras como: um gato, um cachorro, uma gaiola, etc., e ao lado delas escrever três ou quatro palavras, correspondendo apenas uma à figura.

A criança deverá sublinhar a palavra que corresponde à figura.

Problemas para discussão.

- 1 — Que importância atribuir ao vocabulário no ensino da leitura?
- 2 — Êsse vocabulário deve ser sugerido pela criança ou pelo professor?
- 3 — Que palavras, de preferência, devem ser empregadas no ensino da leitura?
- 4 — É indiferente o emprego de qualquer vocabulário?
- 5 — Como ajustar à experiência infantil as palavras desconhecidas da lição?
- 6 — Que importância atribuir-se às rimas, na leitura?
- 7 — E às onomatopéias?
- 8 — E aos nomes sugestivos?
- 9 — E à novidade e originalidade no vocabulário?
- 10 — A todo vocábulo usado no ensino da leitura corresponde sempre uma imagem mental, no aluno?
- 11 — Que sentido atribuir à expressão: "As sentenças são veículos das palavras"?
- 12 — Que importância atribuir ao vocabulário, apresentado dentro de contos ou de história?

Uma investigação para servir de estudo na metodologia da leitura. — "De acordo com as investigações de Goldscheider, Müller e outros autores, em cada palavra e mesmo em cada frase curta, há certas letras determinantes que bastam para o reconhecimento do conjunto. Letras determinantes são comumente as iniciais, as consoantes de traços grandes e as formas características.

Também se demonstrou que a primeira metade de cada vocábulo é mais importante que a segunda e a metade superior de cada letra mais que a metade inferior." (Cf. AGUAYO).

(*) Ver a propósito dêste ponto a opinião de Lourenço Filho, no início do capítulo.

Os exercícios de revisão. — Condição essencial da aprendizagem da leitura é a memorização de vocabulário. Sem ela não haverá o domínio da técnica de ler.

A revisão do vocabulário de leitura é condição de bom êxito no ensino, e precisa ser feita, já para verificar o domínio de palavras pelo aluno, já para fixá-las em sua memória.

Recomenda-se para êsses exercícios o conjunto de artifícios conhecidos, que tornam a aula interessante e desejada e a prática de jogos que permitem a retenção de palavras pelas crianças.

Nesse trabalho, um dos mais importantes do ensino da leitura, o professor terá na lembrança a lição da psicologia da memorização, das pausas na fixação do aprendido, a lei do esquecimento, etc.

A questão dos jogos no ensino da leitura. Leitura. — Na aprendizagem da leitura o jogo tem desempenhado papel de alta importância. No sentido de meio e não de fim, seu valor precípuo está em criar situações de interesse no trabalho escolar, situações que fazem a criança esquecer que está aprendendo e, por isso, aprender melhor.

Além desse valor, o jogo coletivo oferece oportunidade para cooperação entre alunos e dirigido por eles mesmos como é de boa técnica, enseja o desenvolvimento de hábitos de governo, de domínio de situações diversas, facilitando ainda um treino social apreciável. Não cabe aqui expor a riqueza imensa de jogos a serviço da leitura, mesmo porque são frutos da iniciativa do professor, flexíveis e plásticos como a originalidade humana. O que merece insistência é o seu valor na fixação do vocabulário e no domínio das dificuldades da leitura, em geral.

A presente relação que apresentamos de jogos para o ensino de leitura é, evidentemente, pobre em relação ao número de outros que com facilidade o professor pode criar. Das sugestões aqui oferecidas muitas podem ser aproveitadas para a organização de uma série de curiosos jogos educativos.

JOGOS DE INICIAÇÃO NA APRENDIZAGEM DA LEITURA

1. *Nomes de objetos* — Caixa pendurada à parede, com vinte pequenos objetos. Em envelopes juntos, vinte cartõezinhos com os nomes desses objetos. O jogo consiste em juntar o nome ao objeto. Pode-se variar o tipo de exercício, misturando-se os cartõezinhos para que a criança descubra entre eles o nome do objeto que lhe é mostrado.
2. *Ordens escritas* — Em cartõezinhos ou cartazes escrever ordens simples. Exs.: *Abra a porta* — *Fechê a porta* — *Traga o livro* — *Abra o livro* — *Pegue o lápis* — *Guarde o lápis*, etc.
3. *Pequenas cenas* — Gravuras ou desenhos representando cenas simples. Exs.: *O cachorro corre* — *O gato olha o passarinho*, etc. A legenda é independente da figura e está escrita em tiras de cartolina. A criança deverá ajustar a legenda à figura.
4. *Figuras e palavras* — Cartão com seis divisões e em cada uma delas uma gravura: *gato*, *bule*, *xicara*, etc. Cada criança recebe o seu cartão assim dividido. O jogo consiste, como no de vispora, em ditar o professor palavras e o aluno assinalar as que tenha em seu cartão.

JOGOS PARA A FIXAÇÃO DE PALAVRAS

1. *Jogo das faltas* — O professor distribui à classe sentenças escritas em tiras de cartolina, com falta de uma palavra em cada uma. Em uma caixa há essas palavras. A criança procura aí a palavra que falta em sua sentença e colocá-la no lugar conveniente.
2. *Jogo das estações* — Quatro crianças ficam nos quatro cantos da sala, cada uma com uma palavra e devem lê-la. São as estações. As crianças do jogo, passando por elas, recebem um saquinho de palavras. Se o conseguem, ganham um ponto.
3. *Jogo da pesca* — Caixa com areia. Anzol improvisado. Na areia estão metidos peixinhos, cada um com uma palavra escrita. A criança deve pescar a palavra e lê-la.
4. *Jogo do vendedor* — Uma criança coloca em uma cestinha vários cartões representando frutos. No verso de cada, uma palavra escrita. Pergunta: "Quer comprar?" A criança que compra a "fruta" deve ler a palavra do verso. Lendo-a, apossa-se dela.
5. *Jogo do trem* — Cinco ou seis crianças representam as estações e têm uma coleção de palavras. As crianças passam e procuram ler as palavras que lhes são apresentadas. Lendo-as, podem passar adiante.
6. *Jogo de rimas* — Cartõezinhos com rimas. Cada criança procurará fazer uma coleção de cinco rimas.
7. *Jogo das côres* — Diversos cartões de diversas côres. A criança deve ajustar o nome da cor ao cartão que recebe. Para isso há uma coleção de cartõezinhos com nomes de côres.

8. *Jogo de colecionamento* — Escolher palavras de uma coleção e guardá-las em envelopes: envelopes de nomes de animais, de nomes de frutas, de flores, etc.

9. *Jogo da semelhança* — Cartões com desenhos ou gravuras de coisas ou animais com nomes parecidos: pato, rato, gato; janela, panela, etc. Ajustar a cada figura o nome correspondente.

10. *Jogo da procura* — Procurar no meio de cartões, cada um com uma palavra, 5 palavras pedidas pelo professor.

11. *Jogo das flores* — Gravuras representando flores e cartõezinhos com os nomes respectivos. Ajustar o nome à gravura.

12. *Jogo dos recortes* — Recortadas figurinhas em cartolina, com os nomes escritos, numa face, deve a criança ler a palavra. Depois, voltando a figurinha, conferir o nome com a representação.

13. *Jogo de combinações* — Desenhar um animal em cartão forte. Dividi-lo depois em vários pedaços e em cada um colocar uma palavra. A criança deverá recompor a figura, lendo ao mesmo tempo as palavras escritas.

14. — *Jogo do desenho* — Ordens do professor: "Façam um bule, um chapéu, uma garrafa!" — Venham buscar o nome dessas coisas. O professor terá preparado tirinhas com o nome dos objetos que mandar desenhar.

Ler e comentar êste plano de trabalho. "Como ensino a ler meus alunos". — Êste jogo permite a associação do ensino da leitura aos diferentes centros de interesse. A professora encontrará entre os cartões de que se compõem o jogo, séries que se relacionam com os seguintes centros de interesse: — *família*, *brinquedos*, *animais*, *alimentação*, *meios de transportes*, etc.

Para quem não adote os centros de interesse, a numeração dos cartões indicará a ordem a seguir. Essa numeração obedece, o mais rigorosamente possível, às predileções da criança, segundo observações feitas nas classes, onde êste processo tem sido empregado. A criança gostará de receber em primeiro lugar cartões com figuras de pessoas e coisas, com as quais ela conviveu até então. É natural pois que os primeiros cartões sejam os que representam: *papai* e *mamãe*.

É grande a alegria da criança ao receber êsses cartões e maior ainda, a de poder escrever êsses nomes. Devem-se dar dois ou três cartões, cada vez, à criança. Êsses cartões servirão de assunto à aula de linguagem oral; em seguida, a criança copiará a palavra escrita sob as figuras. Esse exercício será mais interessante se for feito no quadro negro, evitando-se, dêsse modo, que a criança adquira os vícios tão comuns na escrita: letras ao contrário e ligações erradas.

Sempre que forem distribuídos novos cartões, êstes exercícios se repetirão. Desenhar a figura que a interessa, colori-la e pôr o nome, é também, exercício que agrada muitíssimo às crianças.

Dados 10 cartões, passa-se à 2.^a fase do jogo, que consiste nos seguintes exercícios: 1.^o — A criança colocará sobre cada nome, um cartão com a palavra correspondente; 2.^o — Guardará as figuras e mostrará cartões iguais aos nomes que a professora escrever no quadro; 3.^o — A professora pedirá um nome, e cada criança mostrará o cartão com êsse nome; 4.^o — Mandar escrever no quadro negro, os nomes correspondentes às figuras recebidas.

Êstes exercícios deverão ser feitos, um dia, com cartões em letra de fôrma e outro, com os cartões em letra manuscrita, para que a criança se familiarize com os dois tipos de letra. Repetir êstes exercícios, sempre que forem dadas novas figuras às crianças.

Bem conhecidas pela criança, umas 15 palavras, começará a 3.^a fase do jogo. Esta é a mais movimentada e interessa enormemente, à criança: ela vai cortar os cartões para, com os elementos obtidos, formar novas palavras. Esta fase do jogo deverá ser precedida de uma demonstração feita pela professora, no quadro negro, para que a criança não corte mal, inutilizando os cartões. A professora fará a criança pronunciar a palavra, destacando as sílabas, para que reconheça de quantas partes ela se compõe: escreverá essa palavra no quadro, cortando-a, em seguida, para que a criança possa cortar o seu cartão, sem errar.

As palavras novas, deverão ser escritas pela criança, no seu caderninho de notas; essas palavras deverão ser usadas em sentenças, aparecendo, então, a oportunidade para a criança aprender os vocábulos que não se pode figurar, como por exemplo: *êste*, *não*, *meu*, etc., etc. Repetem-se as diferentes fases do jogo, até se acabarem os cartões.

O jogo está arranjado de modo que as palavras ficarão sempre, escritas nos dois tipos de letra, para que as crianças aprendam, simultaneamente, a ler e escrever.

A criança é levada, espontaneamente, a desenhar as figuras que mais a interessam, podendo a professora, levá-la a organizar uma cartilha que será ilustrada e escrita pela própria criança.

Cortadas todas as figuras, o jogo ficará transformado em jogo de paciência.

Cada cartão, tem no verso, a palavra já dividida em sílabas, e a criança virando os cartões e unindo uns pedaços aos outros, formará inúmeras palavras. Toda a vez que a criança errar ao formar uma palavra, deverá reconstituir a figura, ler o nome e corrigir o erro. O mesmo se fará relativamente à escrita. Os cartões trazem, no verso, 6 figuras cortadas para que a criança as reconstrua e leia os nomes.

As palavras dos cartões dão para formar 40 palavras.

Desde que a criança reconheça, de pronto um regular número de palavras, a professora poderá alternar o jogo com lições no quadro, e verá que a criança reconhecerá, por analogia, as pouquíssimas sílabas que não foi possível figurar.

Em vez de cortar as figuras, a criança poderá, também, cortar os cartõezinhos de palavra que acompanham o jogo. Neste caso, quando formar alguma palavra errada, corrigirá o erro, comparando a sílaba errada, com o nome escrito sob a figura.

40 palavras, que as crianças retêm facilmente, segundo a observação da professora.

- | | |
|----------------|--------------------------------|
| 1) Mamãe | 21) Navio |
| 2) Papai | 22) Abacaxi |
| 3) Vovó | 23) Xarope |
| 4) Titio | 24) Chuchu |
| 5) Moça | 25) Zebu |
| 6) Menina | 26) Repólho |
| 7) Moleque | 27) Livro |
| 8) Macaco | 28) Árvore |
| 9) Palhaço | 29) Urso |
| 10) Bola | 30) Fita |
| 11) Gato | 31) Faca |
| 12) Girafa | 32) Gêlo, gelado (ou gelatina) |
| 13) Guerra | 33) Esquadriha |
| 14) Gravata | 34) Sapato |
| 15) Chave | 35) Presunto |
| 16) Cobra | 36) Limão |
| 17) Hidroplano | 37) Balão |
| 18) Bicicleta | 38) Rato |
| 19) Cidade | 39) Porquinho |
| 20) Baratinha | 40) Janela |

(IRENE MUNIZ).

UM PLANO GLOBALIZADO DE LEITURA

Reproduzimos aqui o relatório de um plano de leitura globalizado levado a cabo numa classe da Escola Primária do extinto Instituto de Educação. (*)
A classe — 1ª ano C contava no início com 40 alunos, classificados entre 8 e 11 anos pelos testes A B C. Período de funcionamento pela manhã: 3 horas diárias de trabalho.

NOTA: Houve tempo em que o contar história fazia parte do programa escolar, com hora marcada nos horários da classe. Não consta, porém, que se servissem de uma dessas histórias para ensinar globalizando; quando muito delas se tiravam conclusões morais, tão elevadas que o envolvimento de maior parte do programa de 1º ano, como se verá.
Numa classe de 1º grau, um dos principais objetivos é a alfabetização. E para sua consecução, sem prejuízo do desenvolvimento intelectual do aluno, é mister que o projeto converta o ensino da leitura num trabalho que desperte interesse, que seja ameno, sugestivo, educativo e instrutivo.

Praticando o método analítico, início o ensino da leitura observando e explorando o gosto, a vontade, as manifestações afetivas de meus alunos, procurando um meio o mais natural e eficiente de fazê-los falar com naturalidade e expressão sobre um conto ou historietta, e aproveitamento em capítulos ou lições, em que todos os alunos colaborem com interesse, vivacidade e todas as minúcias úteis, com a associação de todas as outras disciplinas.

(*) A classe estava sob a direção de D. CECÍLIA BUENO DOS REIS.

Iniciei o meu conto com os "Ovos da Páscoa". Estávamos no tempo da Páscoa e as crianças traziam diariamente ovos de chocolate e de outras espécies que apareciam nessa ocasião. Procurei assim aproveitar o interesse do momento para o começo da história, que foi a seguinte:

Zezé ganha muitos ovos bonitos e enfeitados. Entre esses há um ovo de galinha, que a menina põe a chocar. Logo nasce um pintinho, objeto dos desvelos de Zezé. É um pintinho desobediente e ativo que fugindo da vigilância materna diz que vai conhecer o mundo.

Entra na horta, passa para o jardim e daí para o pomar, onde lhe cai em cima uma folha. — O céu caiu, grita ele, e corre a queixar-se ao rei, do ocorrido. Encontra o patinho, que o acompanha e o ajuda a atravessar um rio, carregando-o às costas. Adiante encontra o peru e juntos prosseguem apressadamente. Chegam a uma grande floresta, onde se perdem. Avistam um enorme lobo. Este, fingindo-se de amigo, propõe-se a ensinar-lhes o caminho, mas lá-los entrar em sua toca e os devora um a um.

A história foi finalizada por uma exaltação à mãe, demonstrando-se às crianças a prudência e o valor dos conselhos maternos.

Todas essas peripécias acima contadas foram nascendo aos poucos, de gravuras coloridas, desenhadas e de quadros de cartolina e que formaram gradativamente uma barra ao redor da classe.

Como se desenvolveu o plano — Apresentando cada quadro à classe, contava-se ao mesmo tempo o trecho correspondente da história.

E conversando com as crianças sobre ele e fazendo com que elas o dramatizassem, fácil foi obter com grande naturalidade as sentenças necessárias.

Essas sentenças eram lançadas no quadro negro e lidas pelas crianças. Depois, passadas para folhas de papel cartão, ilustrar com desenhos iguais aos da barra da sala, formaram aos poucos o livro da classe, que serviria para a recapitulação das lições.

Cada criança fez também o seu livrinho, escrito e ilustrado nas horas de linguagem escrita e desenho.

A vida do pintinho forneceu o tema dos versos para cantos na classe, bem como para dramatização.

Estes cantos figuram no livro, o primeiro quando o pintinho foge, o segundo quando lhe cai a folha em cima, o terceiro comparando a classe a uma ninhada de pintos e o último sobre a mãe — exaltando-a como um anjo protetor.

As fases da visita à horta, ao jardim e ao pomar, constituíram pequenos projetos à parte, que eram aproveitados para recapitular e firmar o aprendizado da leitura.

A princípio foram feitos ovos de Páscoa em recorte e modelagem e do mesmo modo, mais tarde, os legumes, as flores e os frutos, sempre acompanhados de nomes e de respectiva quantidade. O número nunca apareceu isoladamente para que se não perdesse o seu valor correspondente.

Modelando ovos conheceram as crianças a forma oval. Recordando-os, notaram a diferença entre superfície plana e superfície curva. Com os recortes fizeram as crianças uma barra de papel cartão com grupos de ovos.

Do modo de alimentação das aves, chegou-se a falar das plantas. Nessa ocasião fizeram as crianças uma visita à horta, onde se achava o pintinho.

E aí conheceram o hortelão. Examinaram as hortaliças, aprenderam seus nomes e utilidade. Fizeram cálculos e mais exercícios para o conhecimento dos números por grupos de hortaliças.

Aproveitando a oportunidade, conheceu-se a necessidade das verduras em nossa alimentação, com a apresentação dos nomes das mais importantes e recomendadas pelos médicos como portadoras de vitaminas.

Na horta as crianças travaram conhecimento com o sapo, animal útil. Fizeram então um álbum com figuras de animais úteis. Notaram que o sapo aparece também nos jardins, e nêles ficaram sabendo nome de flores, ao mesmo tempo que calculavam sobre o seu número.

Para melhorar esta passagem, foram feitos no quadro negro grupos de flores com os respectivos nomes e números. Como atividade manual as crianças fizeram flores de papel, ramalhetes de flores e por fim, por iniciativa dos próprios alunos, recortaram-se flores variadas para uma toalha de feltro com que cobrir a mesa da classe por ocasiões festivas.

Por associação, de flores se passou para a primavera, e desta para as demais estações do ano. De flores a transição aos frutos foi fácil. Ainda no pomar estudaram as crianças a colaboração das frutas na alimentação humana e conheceram a posição privilegiada da laranja nessa colaboração.

Digna de nota foi a manifestação de aptidões infantis no desenvolvimento do plano da leitura. Um aluno, por exemplo, fez difíceis trabalhos de modelagem representando a cena do patinho com o pintinho às costas. Nessa fase do trabalho o cálculo foi feito com frutos, isolados e agrupados.

Por transição natural das árvores frutíferas o interesse foi despertado para outras espécies de árvores, pondo-se em evidência a utilidade de cada uma. Falou-se da árvore da rua que além de contribuir para o embelezamento da cidade, colabora ainda na purificação do ar.

A folha foi estudada como órgão de respiração das plantas, destacando-se então os princípios de higiene da respiração, e a necessidade de ar renovado para a nossa saúde.

Do ar passou-se a falar de Deus como o Criador do mundo. Foi então aproveitada num cineminha da escola uma fita sobre a criação do mundo.

Criado por Deus apareceu o homem e tudo o que existe no mundo. Na criação do mundo apareceram os acidentes geográficos. O rio foi estudado em particular. Utilizou-se para isso do tabuleiro de areia e o rio entrou a participar da história do pintinho.

Por meio da projeções luminosas as crianças viram os principais rios de São Paulo e conheceram também a procedência da água que bebemos.

Para a formação de um álbum de recapitulação, desenharam e recortaram figuras. Rios, campos, florestas, tudo foi colecionado nas gravuras. E porque o pintinho se perdera na floresta, passou-se naturalmente para o estudo da orientação, ponto que despertou enorme interesse na classe.

Na floresta puderam as crianças conhecer os animais selvagens, tão diferentes daqueles que o pintinho já conhecia.

Novamente entrou em cena o cinema escolar com a passagem do filme: "Os animais selvagens". Com figuras de animais selvagens foi confeccionado mais um álbum.

Espectáculo dos mais curiosos foi o da inauguração do pequeno cinema escolar. Por essa ocasião, no quadro negro, surgiram como convidados todos os personagens da história, em trajes de gala.

Dias depois realizava-se a festa do livro, que as crianças receberam com a mais viva alegria.

Resultado do ensino feito de acordo com o plano:

- a) Feitura de uma cartilha pelos alunos;
- b) Feitura de diversos álbuns;
- c) Feitura de uma barra da classe;
- d) Colecionamento de figuras;
- e) Feitura da toalha de feltro;
- f) Feitura de flores;
- g) Trabalhos de modelagem: ovos, frutas, animais, etc.

O desenvolvimento do projeto durou 3 meses — de 23 de abril a 23 de junho. A entrega do livro foi feita a 28-8-36.

Um plano original. — Tentativa original constituiu a do ensino de leitura no 1.º ano experimental da Escola Primária do Ginásio Ipiranga, também por meio de cartazes. À proporção que estes iam sendo apresentados, organizavam as crianças a sua página de cartilha, procurando reproduzir nela a figura do cartaz. Ao fim de poucos meses de aprendizagem e com o conjunto de 8 cartazes estavam as crianças lendo perfeitamente.

Foi também explorada uma história no plano a que aludimos.

Exercícios de decomposição de palavras e de sílabas. — Quantas vezes atravessamos este difícil passo no ensino da leitura, tantas insistimos na sua importância junto aos alunos praticantes. E insistimos, principalmente, por se tratar de ato natural e espontâneo do espírito infantil o da análise mental, o da separação mental de partes da sentença como mais tarde o de separação de sílabas. A habilidade do professor faz que fácil seja esta fase da leitura, já pela sistemática repetição das mesmas palavras, já pelo relêvo em que ele as coloca, já pela revisão de lições.

Uma questão, porém, deve ser aqui especialmente considerada ainda uma vez: a importância da *função visual* na aprendizagem da leitura.

Como se realiza o trabalho mental de decomposição. — Para explicá-lo, SAMPAIO DÓRA apresenta duas leis a que chama leis de análise, a saber:

1.ª lei. — A uniformidade em coisas variadas que se observem, tende a ser objeto de consciência distinta.

2.ª lei. — As variações em coisas semelhantes que se observem, tende a ser objeto de consciência distinta.

NOTA: O professor de prática, por meio de exemplos e pelo exame de cartilha, levará o normalista à compreensão clara das leis reproduzidas.

O ato de ler. — O processo fisiológico da leitura foi estudado especialmente por JAVAL, MÜLLER, GRAY e outros. Até então maior importância fôra dada a outros aspectos dessa atividade.

Investigações realizadas no campo das atividades da leitura demonstraram coisas interessantes. Assim é que foi observado o trabalho dos olhos no ato de ler. Verificou-se que eles, no decorrer da leitura, não se movem de modo contínuo e regular na linha impressa, mas realizam um movimento de saltos e paradas, chamadas estas de pausas de fixação. É nelas que são percebidas as formas gráficas das palavras. É então que se lê. O leitor não experiente reage de modo particular à página impressa. Realiza pausas mais demoradas e mais movimentos regressivos que o leitor perito.

Das investigações acerca do assunto decorrem importantes conclusões para a prática escolar. GLADYS L. ANDERSON enumera as seguintes: (*)

(*) Cf. *Didática da Escola Nova*, pág. 308.

1 — "Os movimentos do olho durante a leitura são descontínuos, isto é, o olho, para ler, percorre a linha fazendo saltos e pausas".

2 — "A leitura se dá somente durante pausas de fixação do olho, durante cujos movimentos não há visão clara".

3 — "A pausa de fixação do olho gasta de 12 a 23-24, ou seja, praticamente, todo o tempo do movimento do olho ao longo da linha; as variações dentro desses limites dependem do indivíduo".

4 — "Essas pausas de fixação são irregulares quanto ao número e duração, e também quanto à sua sucessão ao longo da linha, não dependendo dessa irregularidade apenas do indivíduo e do texto lido e sim também do fim da leitura".

5 — "Cada indivíduo tende, depois de haver lido algumas linhas, a estabelecer um ritmo de movimentos oculares, que ele mantém página por página".

6 — "O olho lê por frases ou palavras, e não por letras ou sílabas".

7 — "Ao ler, o olho não utiliza a totalidade de seu campo de percepção".

O preparo de planos de aula. — Antes de determinar aos praticantes aulas de leitura, deve o professor de metodologia orientá-los na organização de pequenos planos de trabalho, que sejam, não planos uniformes, inflexíveis e escravizadores da atividade, porém, guias do trabalho, coordenadores das idéias e roteiros do método.

As observações dirigidas que em grande cópia apresentamos em um dos capítulos deste livro poderiam ter dado aos alunos normalistas suficientes esclarecimentos a respeito do assunto. Basta-nos aqui tornar à consideração de alguns pontos essenciais à boa marcha do trabalho docente nesses primeiros exercícios.

Antes de dar como definitivo o plano de aula que pretende seguir, deve o praticante ter conhecido:

- a) A sala em que vai dar aula, o material didático de que dispõe, o mobiliário, e as condições gerais de iluminação e de silêncio;
- b) A situação dos alunos na classe, a sua distribuição em seções, seu número, qual a seção *a*, qual a *b*, qual a *c*; a seleção desses alunos, e processo de seleção;
- c) O regente da classe, com quem deve trocar idéias a respeito do trabalho;
- d) Por um pequeno estágio a marcha geral das atividades da classe.

NOTA: Todas estas indicações têm por fim evitar sejam colocadas em classes primárias praticantes que não conhecem uma sala de aula e não têm qualquer experiência a respeito de graus de ensino e da marcha comum dos trabalhos escolares.

Considerando já o desenvolvimento da aula, deve o praticante ter bem assentado o seguinte, para evitar as improvisações perigosas:

- a) Objetivos definidos da aula, por exemplo: palavras novas, revisão de vocabulário, verificação de vocabulário memorizado, fixação de palavras, decomposição de sentenças, de palavras em sílabas etc.
- b) Meios para conseguir os objetivos pré-fixados: jogo de palavras, de sílabas, dramatização, uso do quadro negro etc.
- c) O meio por excelência para conseguir os objetivos é a atividade da criança provocada e guiada pelo professor.
- d) Mas o contato entre crianças e professor se realiza sobretudo pela linguagem. Observar, portanto, cuidadosamente as regras da conversação, para conseguir conversar com as crianças.
- e) Saber dispor as crianças para a aula de leitura. Se diante do quadro negro, colocá-las de tal forma que haja para o professor liberdade de movimentos.
- f) Observar se o quadro negro está colocado livre de reflexos luminosos e à altura do olhar infantil.
- g) Considerar que sempre existe na escola o problema da disciplina e que é preciso governar a atividade infantil.
- h) Observar que, ocupando uma seção da classe para o exercício de leitura, duas outras ficam desocupadas. É preciso ocupá-las.
- i) Ter em nome que o material, se o preparou, deve ser usado e que ele é sempre meio e não fim do ensino.
- j) Ter sempre à mão o material de que necessita e em quantidade suficiente.
- l) Observar que a aula corre sob sua responsabilidade e que o tempo da criança é precioso, não devendo por isso desbaratá-lo.

Na atividade propriamente docente, precisa o aluno praticante, conhecer o vocabulário da criança e estar de acordo com o trabalho do professor, regente da classe. No desenvolvimento de seu plano de aula deve observar:

- 1º) Que o interesse é a mola real do ensino;
- 2º) Que a boa higiene da leitura exige caracteres bem definidos, nítidos, espaçados convenientemente. Necessário portanto é escrever bem no quadro negro;
- 3º) Que a criança aprende a ler não só vendo, mas ouvindo. Daí a necessidade de boa pronúncia por parte do professor;

- 49) Que a seção chamada para a aula de leitura toda ela tem direito a ser ocupada nos exercícios. Evitar, por isso, chamar um ou outro aluno, exclusivamente;
- 50) Que nenhuma palavra deve ser apresentada à classe sem que o seu sentido esteja claro no espírito da criança;
- 60) Que a aula deve ser desenvolvida dentro de um tempo ótimo, para evitar pelo excesso, o aborrecimento da criança, e pela falta, o rendimento nulo;
- 70) Que o método do ensino deve prevalecer sobre todas as demais preocupações do praticante. Por isso o trabalho deve estar de acordo com as liúas fundamentais do método.

NOTA: Esta última observação fazemo-la à vista da tendência comum no aluno praticante, de dar suas aulas com material abundante, excessivo e mesmo embaraçante, mas sem qualquer preocupação de ensinar com método.

Algumas aulas de leitura no primeiro ano. — Facilitando o trabalho do professor de metodologia, damos uma relação de assunto para aulas de leitura no 1.º ano. O ajustamento dessas aulas à marcha do trabalho no curso primário deve ser feito cuidadosamente, sempre com a preocupação geral de não prejudicar o ensino nesse curso.

1. *Aula à vista de um cartaz* — O aluno confeccionará um cartaz de tamanho conveniente, que sirva de motivação para uma aula inicial de leitura. À vista dele deve conseguir algumas sentenças da criança.
2. *Aula com desenho* — Dar uma aula de leitura aproveitando os recursos do desenho pedagógico.
À vista de um desenho que o praticante vai executando no decorrer da aula, introduzir algumas palavras novas no vocabulário da classe.
3. *Aula de revisão* — Como seqüência da aula anterior, fazer uma revisão do vocabulário nela empregado e verificar a capacidade de retenção das crianças.
4. *Aula de historieta* — Desenhar antecipadamente à aula três cenas que formem uma historieta sugestiva. Cobri-las e ir passo a passo descobrindo-as, ao mesmo tempo que é dado no quadro negro um conjunto de cinco sentenças.
5. *Aula de verificação* — Aproveitar a aula anterior para conhecer a capacidade de memória lógica das crianças, na fixação da historieta contada. Empregar novamente o vocabulário da aula anterior.
6. *Aula com poesia* — Empregar uma poesia simples como motivo da aula e como veículo de vocabulário. Ilustrá-la no desenvolvimento do trabalho.
7. *Aula com rimas* — Escolher três palavras e derivar delas rimas diversas. Dar a aula, com integral atividade das crianças que irão fornecendo as rimas.
8. *Aula de verificação* — Conhecer o vocabulário empregado no ensino de leitura em classe de 1º grau. Fazer a verificação do domínio desse vocabulário pelas crianças. Empregar um jogo de palavras.
9. *Aula com canto* — Ensaiar com as crianças uma quadrinha musicada. Passá-la depois para o quadro negro. Exercitar as crianças em sua memorização.
10. *Aula dramatizada* — Escolher um pequeno conto e dramatizá-lo com as crianças. Transportar depois para o cartaz sentenças tiradas do conto. Dar uma aula de leitura com verificação do aprendizado.
11. *Aula de revisão* — Dar uma aula empregando o vocabulário da classe, na leitura. Indicar o dicionário da classe.
12. *Aula de fixação de vocabulário* — Verificar as palavras que os alunos ainda não dominaram. Empregar um artifício qualquer para conseguir essa fixação.
13. *Aula com objetos* — Aproveitar objetos da classe e dar uma aula com eles. Para a fixação do vocabulário empregado, juntar aos objetos os respectivos nomes por meio de cartazes.
14. *Aula de revisão* — Aproveitando os cartazes da aula anterior organizar um jogo de fixação de palavras.
15. *Aula com um jogo* — Fazer a revisão do vocabulário de leitura, da classe, empregando um jogo de palavras.
16. *Aula de análise* — Aproveitar palavras conhecidas pelas crianças e iniciar com elas a decomposição de sílabas. Derivar dessas sílabas outras, empregando vogais diversas.
17. *Aula com um objeto* — Dar uma aula com um objeto qualquer. Tirar da conversação cinco sentença com a repetição de palavras e orientar o exercício de escrita.
18. *Aula com história muda* — Aproveitar uma história muda de três quadros e dar uma aula de leitura, criando a linguagem das cenas.
19. *Aula com nomes* — Aproveitar nomes de alunos e dar com eles uma aula. Fazer esses cartazes.
20. *Aula com dicionário* — Organizar com o vocabulário da leitura, fichas, cada uma com uma palavra ilustrada pelo desenho correspondente. Inventar um jogo com essas fichas.
21. *Aula com ritmo* — Aproveitar um ritmo qualquer e dar com ele uma aula, procurando introduzir novas palavras no vocabulário infantil. Derivar da atividade um brinquedo para recreio.
22. *Aula de nomes* — Aproveitar gravuras de flores e dar uma aula. Confeccionar depois, com as palavras usadas um jogo de fixação de vocabulário.
23. *Aula de sílabas* — Dar uma aula levando a criança ao conhecimento do número de sílabas nas palavras. Dar mono, di e trissílabos. Criar um jogo com sílabas.
24. *Aula de composição de palavras* — Aproveitar as sílabas dominadas pela classe e dar uma aula com elas, organizando novas palavras.
25. *Aula de verificação* — Verificar as palavras dominadas pela classe e descobrir artifícios para a fixação das não dominadas.

26. *Aula de desinência* — Dar uma aula com palavras da mesma desinência.
27. *Aula de nomes* — Aproveitar gravuras de frutas e dar uma aula empregando seus nomes. Aproveitar o assunto em desenho e escrita.
28. *Aula de sílabas* — Ensinar a criança a separar sílabas na escrita. Aproveitar palavras que não ofereçam casos difíceis.
29. *Aula de palavras "chave"* — Empregar na aula três palavras "chave": *dado*, *chuva*, *mata*, e derivar delas outras palavras, mudando-lhes a vogal.
30. *Aula com desenho* — Introduzir no vocabulário das crianças novas palavras, auxiliando a fixação pelo desenho.
31. *Aula dramatizada* — Aproveitar um assunto escolar qualquer e dar por êle uma aula dramatizada, com canto.
32. *Aula de verificação* — Conhecer o vocabulário de leitura das crianças e verificar por meio de gravuras se esse vocabulário corresponde a imagens mentais precisas.
33. *Aula com exercício de compreensão* — Apresentar à classe diversas gravuras de objetos e verificar a que idéias correspondem essas gravuras.
34. *Aula de diminutivos* — Dar uma aula, empregando diminutivos. Ensinar depois os diminutivos no plural.
35. *Aula de alfabeto* — Escolher dez letras do alfabeto e dar com elas uma aula, empregando a letra em nomes de objetos. Inventar um jogo para o ensino do alfabeto.
36. *Aula com jogo* — Jogo de tómbola. Aproveitar a técnica desse jogo para um exercício de verificação do domínio de vocabulário.
37. *Aula com jogo* — Organizar tiras de cartolina com sentença e dirigir a atividade de separação das palavras, pelas crianças. Criar um jogo com êses elementos.
38. *Aula de sentencição* — Organizar para a seção A da classe uma página de carta, ilustrada, aproveitando uma história. Conseguir a fixação de vocabulário.
39. *Aula de palavras* — Construir um dado de cartolina, escrevendo em cada uma de suas faces uma palavra. Organizar um jogo com esse material.
40. *Aula de competição* — Dividir a seção da aula em dois partidos e organizar com êles uma competição de leitura. Conseguir o domínio de certas palavras.
41. *Aula relacionada* — Aproveitar um conto. Dramatizá-lo na classe. Tirar dele dez sentenças. Aproveitá-las na aula de desenho, caligrafia e linguagem.
42. *Aula de verificação* — Dar uma aula de leitura para verificar o sentido da lei de análise "Da variedade na unidade" (2ª lei).
43. *Aula de coletivos* — Escolher alguns coletivos e dar com êles uma aula. Aproveitar depois o assunto para aulas de desenho.
44. *Aula com uma barra decorativa* — Dar algumas aulas de leitura à vista de uma barra decorativa que confeccionou. A barra poderá representar cenas de uma história de animais. Organizar depois um pequeno livro de história com o assunto dessas aulas.
45. *Aula com fichas* — Organizar dez fichas ilustradas, e, com pequenas histórias (3 a 4 sentenças) organizar aulas de leitura com essas fichas.
46. *Aula de cores* — Com pedaços de papel ou de fazenda coloridos, dar uma aula de leitura sobre cores. Aproveitar o assunto no desenho e nos trabalhos manuais.
47. *Aula com sílabas* — Escolher palavras de letras dobradas: *carro*, *passarinho*, etc. e dar uma aula com elas. Fazer um pequeno dicionário com essas palavras.
48. *Aula com a letra x* — Aproveitar palavras com os diversos valores do x e dar uma aula com elas. Tratar especialmente de fixar a pronúncia dessas palavras.
49. *Aula de nomes próprios* — Escolher dez nomes próprios e dar uma aula de leitura. Fixar bem com as crianças o uso de letras maiúsculas.

A crítica de aulas práticas de leitura. — Aos alunos praticantes que assistem às aulas de seus colegas, deve caber a tarefa de crítica bem intencionada do que observaram, sem a preocupação de desvalorizar o trabalho alheio. Reunidos na sala de prática e o praticante e os assistentes, deve ser feito o exercício sistemático de autocritica e de crítica, exercício dirigido por um plano de que demos algumas sugestões. Nesse trabalho, de indiscutível valor para a formação do professor, tenha em vista o professor de prática que não se faz reunião de crítica para discussão de chinesices, mas para o debate de assuntos fundamentais no ensino e na organização escolar.

Munidos os alunos da ficha de orientação da crítica, em que deixamos larga margem para a manifestação da personalidade de cada um, deve o trabalho ser feito em ambiente de calma e de respeito, para o regular rendimento do trabalho.

A autocritica. — Excelente processo de auto-educação, a crítica da aula feita pelo próprio autor deve ser praticada com abundância. O hábito de dizer as dificuldades que observou na aula dada, o de confessar as suas deficiências, o de expor as suas próprias idéias, dão ao trabalho do praticante grande valor, pelos elementos educativos que encerra.

Terminada a aula o praticante deve expor com a maior liberdade tudo quanto lhe pareça a êle essencial ao esclarecimento do que visava, dos meios de que lançou mão ou pretendia lançar, dos erros cometidos, etc.

A crítica geral. — Sob a direção do professor e de planos de crítica, deve a classe apreciar o valor da aula a que assistiu, expondo cada aluno por sua vez, a sua opinião a respeito do trabalho. A prática sistemática da crítica oferece, geralmente, excelentes temas para debates educativos, ou gera problemas cuja solução pode ser procurada nas classes primárias, em exercícios subsequentes. E na solução de problemas assim conhecidos, o preparo do professor se faz com apoio na realidade e na experimentação. É escusado lembrar que para a formação de técnico no ensino, vale muito, não só o conhecimento teórico de problemas, mas e principalmente, a capacidade de resolvê-los.

Plano de crítica. — O professor de prática organizará com a colaboração de classe um plano de crítica, para orientar o aluno no exame das aulas a que assistir.

Da cartilha. — No capítulo dedicado ao livro didático e sua legislação, fazemos referências a respeito da cartilha. Aqui o assunto é considerado apenas num de seus aspectos — a organização da cartilha da classe. — E para guiar essa organização damos a seguir os itens diretores, para facilitar o trabalho do mestre.

Nome do livro

Autor

Método empregado

Número de lições

Originalidade: { no processo
na forma
na apresentação

Interesse: { no assunto
na ambientação
para meio rural
para meio urbano

Livro

Bases psicológicas

Seqüência lógica: { nos assuntos
nas sentenças
nas lições

Graduação de dificuldades:

número de sentenças

extensão das sentenças

aparecimento de palavras novas

dificuldade dessas palavras

Exercícios de fixação:

revisão

análise

artifícios

Unidade do assunto:

completa

parcial

Extensão das lições:

número de sentenças

extensão de sentenças

Ortografia

Correção da linguagem

Propriedade de expressão

Ilustrações

Observações

NOTA: Ler atentamente *Ler e brincar*, cartilha de JURACI SILVEIRA — Editora "A Noite", Rio, 1944 — especialmente a parte de exposição metodológica.

XIII

O ENSINO DA LEITURA

(2.^a Parte)

Leitura. — "O problema da educação popular já tem definido o seu objetivo supremo que não é outro senão este: ensinar o povo a ler para que ele tire da leitura o máximo proveito social e econômico. Não basta ensinar a ler. Isso seria simples instrução, nada mais do que uma ferramenta, cujo valor depende do seu acertado emprego." (FIRMINO COSTA).

Já tendo apresentado na primeira parte deste capítulo copiosas sugestões sobre a aprendizagem da leitura, nesta apenas estudamos uma série de outros problemas relacionados com a leitura nas classes adiantadas.

Do livro de leitura. — No capítulo intitulado — *O livro didático e sua legislação*, oferecemos aos estudiosos diversos tipos de fichas por que se pode julgar do valor desses auxiliares do ensino. Endereçando as linhas que seguem a normalistas e professores novatos, examinamos nelas questões de interesse relacionados com o livro.

Dos tipos de livros. — Observando, por exemplo, a relação de livros aprovados pelo Departamento de Educação de São Paulo, notamos que eles podem ser distribuídos em livros de:

- a) lições variadas, em formas de contos, historietas ou simples exposições e que constituem um conjunto de assuntos diferentes.
- b) lições coordenadas dentro de um enredo único, formando uma só narrativa.
- c) lições em verso (pequenas histórias) ou pequenos ensinamentos.

Dos títulos dos livros e das lições. — Não parece assunto de pequena importância a escolha de títulos para livros de leitura. A sua denominação com títulos expressivos, constitui atrativo para os pequenos leitores e muitas vezes títulos inexpressivos os afastam do livro.

A mesma coisa se dá com denominação das lições. Algumas há que trazem, sistematicamente, nomes sem colorido, que por si só não atraem a criança: A caridade, A bondade, A honradez; outros, de títulos adequados ao gosto infantil, constituem o encanto dos pequenos, pelas forças emocionais que despertam.

Das gravuras. — Há uma tendência muito acentuada hoje de enriquecer os livros de leitura ou de texto de gravuras elucidativas. Essa prática, porém, não pode ficar ao arbítrio dos autores, pois que deve subordinar-se a regras e a exigências pedagógicas e higiênicas, além de constituir assunto muito ligado à especialização dos ilustradores.

Gravuras escuras, manchadas e apagadas, entram nos livros como artificios inúteis e dispensáveis. As sugestivas, bem distribuídas e artísticas, constituem excelentes recursos para a visualização dos assuntos, para a diversão do espírito e para criar ou desenvolver o gosto do leitor.

A colocação de gravuras no texto deve obedecer a seguro conhecimento dos fenômenos da percepção visual e das causas que a condicionam ou prejudicam. A linha da página, cortada repentinamente por uma ilustração, é erro que não recomenda o livro. A disposição arbitrária de gravuras pelos cantos da página, quebrando irregularmente o quadro impresso, o excesso de ilustrações, criando desvios para a atenção do leitor, tudo isso são problemas que merecem estudo e solução adequada.

A gravura não entra no livro apenas como elemento artístico; ela representa, mormente no livro para crianças, papel de relêvo. Daí, exigência de adequar-se ao assunto, de servir para completar a inteligência do texto que a palavra escrita, por si só, não conseguiu dar.

Gravuras inestéticas, traçadas por crianças como desenhos escolares, figuras grotescas, disformes, são condenadas sobretudo em livros infantis, porque caem sob os olhos de crianças, cujo gosto, queremos justamente educar. É necessário dar importância aos elementos educativos que a ilustração do livro pode encerrar, porque através de gravuras e de cenas pode-se educar ou perverter o espírito infantil. Educam-no as cores, as proporções e o sentido das cenas; educam-no a distribuição harmoniosa de linhas e a evocação discreta de pensamentos puros e sadios; educam-no finalmente, os motivos cuidadosamente escolhidos, que falam da terra, da natureza, de Deus e da beleza.

Sugestões que as gravuras podem oferecer. — É certo que a gravura, pelos elementos educativos ou deseducativos que encerra, concorre poderosamente para promover ou prejudicar a obra da educação. De suas figuras, de suas cores, de seus tons, da harmonia de seus tons, pode apropriar-se o professor para a educação da criança. Pela ausência de elementos educativos pode prejudicar-se grandemente a obra da formação do menino, sobretudo porque as impressões de cena e quadros deseducativos persistem na lembrança indelévelmente.

Da linguagem dos livros. — A linguagem dos livros de leitura pode oferecer uma série de alternativas: ou é tocada de purismo exagerado e não serve ao fim a que se destina, ou é excessivamente solta e descuidada, sem predicados recomendáveis à educação infantil, ou é correta, mas dura e inadequada ao gosto da criança, ou é incorreta, evitada de galicismos e de calão.

Entre essas alternativas deve tomar posição o autor didático, mas considerar que só a boa linguagem não faz o livro de leitura. Ela deve ser o instrumento flexível, exato, claro, ajustado à exteriorização da emoção, dos ideais, dos pensamentos adequados à formação integral da criança.

Estes seriam, em resumo, os requisitos da linguagem a serviço da literatura infantil pura, sem ser artificial: nobre, elegante, tocada desse encanto que seduz o espírito infantil e o atrai, sem fadiga.

Problemas para alunos.

- 1 — Em que linguagem deve ser escrito o livro de leitura?
- 2 — Como graduar a linguagem, de modo a torná-la adequada a livros dos diversos graus escolares?
- 3 — A linguagem dos livros de leitura pode encerrar expressões da gíria ou termos corriqueiros?
- 4 — Deve conter modelos de linguagem roceiro?
- 5 — Deve ser linguagem puramente infantil?
- 6 — Qual a graduação de dificuldades que ela deve oferecer na relação das lições do livro?
- 7 — Como deve entrar o vocabulário novo nas lições do livro?
- 8 — Qual o melhor processo para a apresentação de sinônimos?
- 9 — Quais os requisitos essenciais que deve possuir a linguagem da literatura infantil?
- 10 — Que importância devemos atribuir ao título dos livros e das lições?
- 11 — Qual a função das gravuras nos livros?
- 12 — Quais os elementos educativos que uma gravura pode conter?
- 13 — Quais as indicações que regulam a disposição das gravuras no texto?
- 14 — A organização de livros de uma só história, num só enredo, constitui coisa vantajosa para a leitura?
- 15 — É partidário de livros de lições diversas, sem articulação entre si?

Dos assuntos — Temas para estudo.

- 1 — Como deve ser feita a escolha de assuntos para um livro didático?
- 2 — Como variar esses assuntos num livro para crianças?
- 3 — Como apresentar os assuntos?
- 4 — Que assuntos interessam realmente a criança?
- 5 — Como conciliar, no mesmo livro, a exigência de assuntos para a zona rural e a urbana?
- 6 — Como interessar com as lições, meninas e meninos?
- 7 — Como devem ser tratados nos livros os assuntos científicos?
- 8 — Como devem ser apreciados pelo professor os que apresentam desigualdades sociais acentuadas, de forma a gerar perigosas idéias no espírito da criança?

- 9 — Quanto de sentimentalismo deve ser tolerado num livro para criança?
- 10 — Que acha dos assuntos versados no *Cuore*, de De Amicis?
- 11 — Que acha do livro de Tales de Andrade — *Saudade*?
- 12 — Qual a sua opinião sobre as *Histórias de Nossa Terra*, de Júlia Lopes de Almeida?
- 13 — Que acha das poesias veiculando assuntos de lições?
- 14 — Que acha dos provérbios?

Leitura. — Ler e comentar a seguinte lição para 2.º ano, estudando principalmente o assunto nela desenvolvido.

A INSTRUÇÃO

1. *A instrução primária*, sendo indispensável a todos, deve ser considerada como uma obrigação decorrente das funções do Estado, que nela é tão interessado quanto os indivíduos. Estes, mergulhados na escuridão da ignorância e do analfabetismo, são forças eliminadas do organismo social; não são úteis nem a si mesmos nem à Pátria, e muitas vezes, por seu temperamento ou inclinações mal contidas, tornam-se fatores do crime e, portanto, elementos de perturbação para a ordem social.

2. Além da instrução primária a que todos têm direito e que devem procurar, ainda com os maiores sacrifícios, porque é o primeiro e o maior de todos os bens, a instituição do ensino público ou privado compreende também:

A instrução superior — que prepara os homens para certas profissões chamadas liberais, como o médico, o advogado, o engenheiro;

A instrução secundária — que ministra os conhecimentos necessários à compreensão dos cursos superiores;

A instrução profissional ou técnica — que prepara os indivíduos para certos ofícios mecânicos — SILVA MARQUES.

Dos personagens. — Não é estranho a ninguém o prestígio que exercem personagens de livros em nossa memória e na trama afetiva das recordações. Atitudes nossas há que traem essas lembranças e atos de bondade, de cavalheirismo ou de paciência de que praticamos têm, quem sabe, raízes nas leituras que fizemos, e na recordação de tipos que preencheram nossos ideais.

Os livros para infância e juventude, principalmente, devem considerar o papel que seus personagens exercem na alma dos leitores. Daí esta série de problemas para estudo nas escolas normais.

- 1 — Que influência exercem os personagens na estrutura do livro?
- 2 — Quais os predicados que eles devem apresentar para conseguir o agrado da criança?
- 3 — Quais os defeitos que eles não devem possuir?
- 4 — Que personagens devem ser escolhidos para um livro de crianças?
- 5 — No quadro de personagens devem entrar crianças, animais, fadas, bruxas, anões, etc.?
- 6 — Personagens do passado remoto exercem influência no valor das histórias?
- 7 — Personagens do círculo de relações da criança são apreciados?
- 8 — Qual a impressão que produzem no espírito infantil personagens artificiais, de predi-
cados exagerados?
- 9 — Que influência exerce na criança o aproveitamento dos pais, como personagens?
- 10 — Qual a sua opinião a respeito de personagens fabulosos, monstros e seres horripilantes?

Dos nomes de personagens. — Palavras há cujo conteúdo ideativo é despertador de lembranças e provocador de estados emotivos de exaltação, ternura ou mágoa. Nomes há, nas histórias infantis, que despertam sentimentos, atitudes e emoções e que permanecem na vida afetiva da criança com renovados encantos.

Problemas para estudo.

- 1 — Que influência exercem os nomes dos personagens de livros no espírito infantil?
- 2 — Que nomes de preferência agradam à criança?
- 3 — Qual a razão desse agrado?
- 4 — Quais os nomes universalmente aproveitados nas histórias infantis?
- 5 — Que relação poderia fazer de nomes apropriados para livros de crianças?

Gradação dos livros. — A técnica da leitura costuma ser exercitada, no curso primário, da cartilha ao livro de 4.º grau, passando pelas leituras intermediárias ou preparatórias o 2.º e 3.º livro. Do primeiro ao último deve haver gradação inteligente de assuntos, vocabulário, extensão das lições, tipos de letras, espaçamento de

linhas, variedade de temas, etc. Neste ponto poderíamos oferecer aos estudiosos a seguinte série de problemas para estudo:

- 1 — Como devemos graduar os livros para crianças?
 - a) quanto à extensão das lições;
 - b) quanto ao vocabulário;
 - c) quanto aos assuntos;
 - d) quanto aos tipos de letras;
 - e) quanto às noções apresentadas.
- 2 — Como poderíamos fixar os objetivos do ensino da leitura, em cada grau escolar, para que o livro pudesse oferecer elementos para a satisfação desses objetivos?
- 3 — Como graduar as dificuldades que os livros devem apresentar à criança?
 - a) quanto à organização das sentenças;
 - b) quanto à moralidade;
 - c) quanto à apresentação de conceitos.

Do livro em seu aspecto material. (*) — Além do aspecto pedagógico, o livro deve ser estudado em sua face material. Sobre gravuras já demos algumas noções elementares. Resta-nos, agora, considerá-lo no conjunto de outros elementos, a saber: papel, impressão, letra, etc. Há entre estes assuntos e o fenômeno da percepção visual estreitas relações.

O papel empregado na impressão do livro não deve ser áspero, nem transparente, nem brilhante. Qualquer desses defeitos torna o livro impróprio para a leitura.

As letras, para principiantes devem ser grandes, reduzindo-se à proporção que o grau escolar avança. "Os traços fundamentais dos tipos no tamanho de "Nove pontos" deve ter no mínimo, 0,25 mm de grossura; a largura da letra deve ser tal que no máximo correspondam sete letras num centímetro corrente; as linhas não devem exceder de 10 cm de longitude; a letra *n* deve ter aproximadamente 1,5 mm de altura; a distância entre as letras minúsculas que se encontram em duas linhas consecutivas sobrepostas, há de ser pelo menos de 2,5 mm." Estas regras foram estabelecidas por Cohn, e oferecem normas muito seguras para a impressão dos livros.

Esta deve ser em preto intenso, com contornos bem precisos.

OBSERVAÇÕES:

1 — A fim de orientar o professor a respeito da terminologia empregada na impressão de livros, vão abaixo algumas indicações de utilidade:

Asterisco — sinal * para assinalar notas.

Ante-rostro — 1ª página do livro, que só leva o título principal.

Cursivo — tipo imitando a letra manual.

Epigrafe — inscrição, título.

Fac-simile — reprodução exata de um desenho, de uma pintura.

Itálico — tipo inclinado também chamado grifo — escola.

Negrito — tipo caracterizado por traços mais grossos com o comum — escola.

Pastel — confusão de palavras de linhas ou de tipos.

Rosto — a parte da obra em que vai o título, o nome do autor ou tradutor

da oficina ou da casa editora.

Redondo — tipo comum — escola.

Versais — maiúsculas — ESCOLA.

Versaletes — tipos com o desenho das maiúsculas mas no tamanho das minús-
culas — ESCOLA.

Vinhetas — ornamentos tipográficos.

2 — As qualidades de papel: *opaco*, *transparente*, *acetinado* etc. também devem ser conhecidas assim como o comprimento das linhas, o seu número na página, as entrelinhas etc.

Do aproveitamento do livro de leitura. — O aproveitamento menos extenso que se tem feito desse livro é a leitura pelo aluno, depois de preparo preliminar, quase sempre defeituoso, formador de maus hábitos e culpado do nenhum interesse que a criança demonstra pelo livro da classe.

Para remediar esse fato, sugerimos que a aula de leitura, na escola, não seja para a criança um mero exercício obrigatório consignado no horário, mas exercício que vá ao encontro da natural inclinação da criança, de novas experiências, através da técnica

(*) O material que regula a questão das letras na impressão de livros, fornecido pelo Departamento de Educação, está de acordo com o modelo que publicamos apenas no tamanho das letras, não em sua espessura.